

234

6

FIGURAS DO IMPERIO
E OUTROS ENSAIOS

BIBLIOTHECA

PEDAGOGICA

• BRASILEIRA

SERIE: V — BRASILIANA

VOLUMES PUBLICADOS:

- I — **Baptista Pereira**: FIGURAS DO IMPERIO E OUTROS ENSAIOS (2.^a edição).
- II — **Pandá Calogeras**: O MARQUEZ DE BARBACENA (no prelo a 2.^a edição).
- III — **Aleides Gentil**: AS IDEAS DE ALBERTO TORRES (synthese com indice remissivo).
- IV — **Oliveira Vianna**: RAÇA E ASSIMILAÇÃO (no prelo a 2.^a edição).
- V — **Augusto de Saint-Hilaire**: SEGUNDA VIAGEM DO RIO DE JANEIRO a MINAS GERAES e a S. PAULO (1822) — Traducção e prefacio de Affonso de E. Taunay.
- VI — **Baptista Pereira**: VULTOS E EPISODIOS DO BRASIL.
- VII — **Baptista Pereira**: DIRECTRIZES DE RUY BARBOSA (segundo textos escolhidos).
- VIII — **Oliveira Vianna**: POPULAÇÕES MERIDIONAES DO BRASIL (3.^a edição).
- IX — **Nina Rodrigues**: OS AFRICANOS NO BRASIL (Revisão e prefacio de Homero Pires) — Profusamente illustrado.
- X — **Oliveira Vianna**: EVOLUÇÃO DO POVO BRASILEIRO (2.^a edição) — Profusamente illustrado.
- XI — **Luis da Camara Cascudo**: O CONDE D'EU (illustrado).
- XII — **Wanderley Pinho**: CARTAS DO IMPERADOR PEDRO II AO BARÃO DE COTEGIPE (illustrado).
- XIII — **Vicente Licínio Cardoso**: A' MARGEM DA HISTORIA DO BRASIL.
- XIV — **Pedro Calmon**: HISTORIA DA CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA.
- XV — **Pandá Calogeras**: DA REGENCIA A' QUEDA DE ROZAS (3.^o volume da serie: Relações Exteriores do Brasil).
- XVI — **Alberto Torres**: O PROBLEMA NACIONAL BRASILEIRO.
- XVII — **Alberto Torres**: A ORGANIZAÇÃO NACIONAL.
- XVIII — **Visconde de Taunay**: PEDRO II.
- XIX — **Affonso de E. Taunay**: VISITANTES DO BRASIL COLONIAL — Seculos XVI-XVIII).
- XX — **Alberto de Faria**: MAUA' (com tres illustrações fóra do texto).
- XXI — **Baptista Pereira**: PELO BRASIL MAIOR.
- XXII — **E. Roquette Pinto**: ENSAIOS DE ANTHROPOLOGIA BRASILIANA.
- XXIII — **Evaristo de Moraes**: A ESCRAVIDÃO AFRICANA NO BRASIL.
- XXIV — **Pandá Calogeras**: PROBLEMAS DE ADMINISTRAÇÃO.

BIBLIOTHECA PEDAGOGICA BRASILEIRA

SERIE V — BRASILIANA — VOL. I.º

BAPTISTA PEREIRA

FIGURAS DO IMPERIO E OUTROS ENSAIOS

2.ª EDIÇÃO



COMPANHIA EDITORA NACIONAL

Rua Gusmões, 28.28.30

1934

São Paulo



O ENSAIO, GENERO NOBRE

O volume que o sr. Baptista Pereira acaba de publicar, honrando as suas tradições e consolidando a sua nomeada, inicia um genero que, não sendo novo, é sempre actual, genero desprezado entre nós, tentado só ao acaso de vagas circumstancias e quasi sempre por imposição de uma attitude momentanea ou de um capricho insubsistente: o ensaio.

Ensaistas não os tivemos, ou só os tivemos menos como zeladores de um processo do que como forçados de uma necessidade. Foram polemistas, foram criticos, foram jornalistas — não foi nenhum, entretanto, da especie do ensaista que já se define atravez de typos a cuja elegante e tranquilla physionomia cabe com justeza o qualificativo — especifica.

E' um ensaista o dr. Baptista Pereira e não sei de outro que com elle se possa medir no alcance da propria perfeição.

Poderíamos notar, logo de inicio, que se trata do mais discreto dos nossos escriptores, temperamento todo especial, superior ás contingencias do meio e aos alardes da publicidade. "Principe do espirito", como se poderá dizer um dia de meia duzia — Búlac, Magalhães d'Azereido, Mario

de Alencar, Domicio, Raul de Leoni, poucos mais, não esquecendo a aristocracia medullar de Eduardo Prado e a fidalguia especiosa de Raul Pompeia.

Seleccionando o seu publico pela medida caprichosa dos seus gostos, conseguiu o sr. Baptista Pereira realizar o milagre do tempo, deixando de lado toda a ambição de popularidade e dividindo horas e obrigações com o chronometro subtil de um sybarita. De si mesmo nos dá, neste volume, o mais perfeito dos retratos, ao que pode presumir do modelo quem só conhece o escriptor. O nosce te ipsum, expressão eternizada do imperativo que, do alto do templo delfico, apontava ao visitante o primeiro degráo da verdade, possui no sr. Baptista Pereira o mais fiel discipulo que a atmosphaera tropical poderia gerar e conduzir. Conhece-se a si mesmo com requintada finura e sente-se que, como tinha de ser, lhe agrada a imagem bem focalizada no espelho rigorosamente justo e equilibrado, introspectivo e julgador da auto-analyse tranquilla.

E' uma excepção entre profissionaes do alarido. Preserva-se de certos contagios como quem procura disciplinar todas as formas de actividade e acumula idéas e sensações no fito exclusivo e summamente elegante de, um dia, publicar o armorial do seu espirito, o "livro de linhagem" de sua formação. Preferindo talvez a leitura á producção e trocando, com certeza, paginas que escreveria e seriam o nosso encanto por outras que lê e constituem a fibra estudiosa do historiador, methodizou, num egoismo de intellectual, o rumo de estudos diversos e comquanto se confessasse um quasi diletante do "jardim de Epicuro", prova-

nos a cada passo que esse diletantismo representa sobretudo uma attitude de esmerada educação mental.

Não conheço na historia das nossas letras figura assim. Lendo-o, imaginamos o seu retrato, um retrato feito por Columbano. E pelo retrato imaginado depreendemos predileções, reconstituímos uma existencia. Capaz do esforço pcciente de um beneditino — oh! as comparações religiosas nos assumptos profanos! — susceptivel de todos os exaggeros que a paixão da minucia provoca e conduz o sr. Baptista Pereira, o sr. Baptista Pereira terá sempre exigido que o conforto lhe emoldure o quadro em que trabalha, um amplo conforto de civilizado, capaz de repousar as proprias idéas, tornando-as simultaneamente ageis e voluptuosas...

Em Figuras do Imperio e outros ensaios, o ensaista forrado de historiador, sociologo e estheta, leva-nos, cicerone irreprehensivel, aos recantos mais íntimos do seu solar espiritual e sente-se no gosto com que encaminha e elucida o visitante a presença do mundano ao lado da do homem de letras, duas presenças reaes, duas realidades amaveis.

Todo verdadeiro ensaista é um cicerone e ha no sr. Baptista Pereira a vocação de um cicerone de especie superior. Para elle escrever é acompanhar; no bico da sua penna baila sempre a imagem de um leitor. Mas, como escolhe os seus leitores, não é qualquer o que lhe baila no bico da penna. Saber acompanhar com a segurança e o prestigio de um grand-seigneur pode ser uma ramificação das bellas-artes. O escriptor insigne de Figuras do Imperio sabe acompanhar, porque — paradoxo necessario — viaja sempre só.

E' necessario viajar só, na intimidade de nós mesmos, para falar aos outros como se a nós falassemos. Não mostramos: vemos e dizemos o que vemos, coisa muito diferente e mais interessante. Processa-se uma escolha quasi sensual ou de todo sensual no cinegramma das nossas imagens ou nas imagens do nosso universo.

A companhia transforma-se em accidente. Fala-se, conversa-se — mas sempre solitariamente. Viajamos sempre sós... Estamos sempre acompanhados...

Perfis de estadistas e rapidas annotações á margem da historia e da sociologia. Uma polemica — obra prima de dialectica e ao mesmo tempo compendio de civilidade que deixa a perder de vista os tratadistas, seja Mme. de Gencé, seja D. Antonio de Macedo Costa. Ruy Barbosa e Martens, Kipling e impressões do Rio.

A diversidade dos themas prova o feitio eclectico do escriptor. Aspira-se de pagina em pagina a mutabilidade dos perfumes. O espirito requer a variedade. Quando não, transforma-se em planta de estufa e morre á primeira aragem fria. O do sr. Baptista Pereira é dos que supportam qualquer temperatura. Estaria á vontade nos extremos thermicos dos polos e do Senegal.

Não, não posso seguir a uma e uma as suas miniaturas — faces severas tornadas leves como se o pincel fosse de Watteau e corresse sobre esmalte. Confesso que alguns me revelaram uma nova interpretação de psychologias quasi extranhas, suggestivas mesmo.

As sobrecasacas da investidura senatorial lembram, não raro, os tufos maneirosos que se agitavam nos salões de Versailles. Das cadeiras do parlamento ergue-se uma voz que nos surprehende — e attinge, como se vivesse. Zacarias, vemol-o na sua frieza calculada. Caxias — sentimol-o na sua especialização militarista. Ferraz — seguimol-o na sua actividade vigilante. Torres Homem, Rio Branco, Lafayette, Alencar, Silveira Martins — vivemos em cada qual um momento que o relógio da historia não havia marcado ou o fizera com atrazo e descaso...

Annotador minucioso do nosso passado, está sempre em dia com elle — perdoem-me o anachronismo — e conhece pessoalmente as datas, os homens e os factos. Assim, discordando do sr. Oliveira Vianna, é sempre original no encadeamento dos raciocinios.

Kipling, se lesse esta lingua que ninguem lê, assombrar-se-ia da graça forte e alada do retrato em que nos apparece real e humano, suggestivo e simples. Não haverá em lingua portugueza retratos mais firmes.

A interpretação é perfeita. Inuteis, talvez, as paginas consagradas ás bellezas naturaes do Rio... tão inuteis quanto curiosas as que mereceu do sr. Baptista Pereira a historia da cidade. Perdoe-me o escriptor notavel de Figuras do Imperio, mas neste passo, por uma inevitavel associação de idéas, zumbia-me aos ouvidos a toadilha monotona dos nossos periodicos, especie de "bolsa ou vida" lançado á surpresa dos viajantes illustres... E' o mais ingeruo dos patriotismos o que eternamente allude ás eternas bellezas naturaes. Ingenuo e prejudicial.

Insisto: este livro é uma excepção. No momento em

que a publicidade no Brasil attinge quantitativamente o inverosimil — alegra uma clareira de belleza como a que o sr. Baptista Pereira abriu, a golpe decidido, na fugacidade de timidos talentos contractados. O sr. Baptista Pereira preside, tambem, a uma academia. E nessa é elle o occupante unico de quarenta cadeiras insignes.

Jayme Cardoso

V A R I A S

Do nosso illustre collaborador sr. dr. Baptista Pereira recebemos a seguinte carta:

Rio de Janeiro, 1.º Janeiro, 1928
476, Marquez S. Vicente. Gavea.

"Senhor Redactor, creio pouco em rectificações. Ninguém as lê, ou pelo menos, ninguém lhes dá importancia. Por isso, nunca as peço ao jornal que me dá a honra da sua hospitalidade.

Desta vez, contudo, sou forçado a quebrar essa attitude, a proposito do meu estudo Perfis do Imperio, sahido na sua edição do Anno Bom.

Entre o material por mim preparado para um estudo que estou escrevendo, tenho, á espera da ultima demão, varios esboços de figuras politicas dos dois regimes. Um amigo dos que mais prezo escolheu quatro delles para desempenhar o meu compromisso para com a sua edição do Anno Bom, adiado por motivo de força maior. Não tive tempo de os escolher e reservei-me para fazel-o na revisão das provas.

Quando, porém, fui ao "Jornal do Commercio", sabado á tarde, já estava o artigo em pagina impressa e rodada. Tinha de sahir sem a minha ultima inspecção.

Verifico, entretanto, agora que uma confusão de notas e paginação fez-me emprestar a Torres Homem duas anedotas de Montezuma: a da mudança de voto no Senado e a do presente da Viscondessa. O erro é de marca. Ultrapassa os limites do desculpavel. Antes que se me venha á mão, quero penitenciar-me. Quem a esta hora deve estar com certeza rindo deliciado com a peça involuntaria que preguei ao seu collega Jequitinhonha é a sombra sarcastica e chocarreira de Inhomirim. A daquelle, a de Torres Homem, que me perdôe.

Seu att.º ami.º obr.º".

"Jornal do Commercio", 2 e 3 de janeiro, 1928.

FIGURAS DO IMPÉRIO

Francisco Gê Acayaba de Montezuma, visconde de Inhomirim e Francisco de Salles Torres Homem, visconde de Jequitinhonha, são duas figuras entre as quaes não é permissivel a confusão a quem quer que esteja um pouco familiarizado com os homens do Segundo Imperio. Não obstante, dictando ás pressas ao meu dactylografo algumas linhas sobre Torres Homem, attribui-lhe uma anedota que se passara com Montezuma. Ambos viscondes, ambos tratados pelo appellido familiar de Chico, ambos senadores é comprehensivel o equivoco, em um dictado de primeira mão, esboço informe de uma pagina em preparo.

Não achando de prompto o livro do Visconde de Tounay, donde extrahi o episodio, occorreu-me todavia ao espirito a possibilidade de um engano e marquei o trecho com um duplo ponto de interrogação.

Nada entrego á publicidade sem uma cuidadosa revisão, sem um minudente confronto com os textos informativos. Na pressa do improviso escapam faltas e senões que um repasse descobre e remove.

Não pensava publicar o bosquejo da figura de Jequitinhonha. Era um dos carvões destinados á galeria de estadistas e politicos que retratei no *Estadista da Republica*, obra que, para apanhar em cheio a evolução da Republica, analysa com a possível meticulosidade os acontecimentos do Segundo Imperio.

Occorreu, porém, que um amigo meu, seduzido por esses perfis, se lembrou de publicar alguns no *Jornal do Commercio*. Entregue a outros afazeres permiti-lhe forragear á vontade nas minhas notas e escolher as que achasse mais interessantes.

Dahi a publicação entre outros do rapido esboço de Torres Homem no *Jornal do Commercio*. Não o reli, antes de publicado. Não o revi em provas.

Mas no mesmo dia em que veio a lume fui o primeiro a dar pela confusão. Escrevi immediatamente uma rectificação, que foi publicada em *Varias*, entrelinhada, do grande orgam. E não pensei mais no caso.

Reunidos posteriormente em volume esses estudos, verifiquei nas provas typograficas que o erro não fôra sanado. Corrigi-o. Remetti as provas pelo Correio, que as

perdeu. Com surpresa minha, o volume de *Figuras do Imperio* appareceu com esse lamentavel equivoco.

Graças a Deus, porém, a primeira edição dessa obra esgotou-se tres mezes depois de dada a lume. O acolhimento publico permite-me nesta edição reparar o erro da primeira, cancellando a malfadada anecdota, motivo pelo qual deixo sem resposta as increpações que se me irrogaram a esse proposito.

Não me defendo. Os que me dão a honra de ler sabem que numa obra que já vae por uma dezena de volumes de tudo se me poderá taxar menos de inexacto, precipitado ou fantasioso. Nem seipre cito as fontes — verifico-as porem com um rigor que se me tornou uma segunda natureza.

Seria inutil esta explicação se desse descuido não houvesse quem lhe deduzisse a habitualidade para detrahir o credito do escriptor. Não acceto a coima. Ninguem se exime a um incidente destes. E a responsabilidade do escriptor desaparece quando elle foi o primeiro a rectificar o proprio erro.

A carta que escrevi ao *Jornal do Commercio* e que abaixo se transcreve prova que não precisei de advertencia alheia para restaurar a verdade.



Fui accusado tambem de attribuir erroneamente ao duque de Caxias a responsabilidade de um caso militar. E' exacto que lhe attribui e attribuo a queda do gabinete Zacarias. E' exacto que lhe attribuo ter posto em cheque o poder civil. Errei? Não me parece.

Resumamos o factó. Caxias, conservador e pro-homem no partido, accetara servir sob o ministerio liberal de Zacarias. Um bello dia estoira como uma bomba no Conselho de Estado o seu pedido de demissão, numa carta acre dirigida ao marquez de Paranaguá. O Conselho de Estado não dissimulou a gravidade do ultimatum. Passou-lhe recibo. Aceitou o dilemna: a queda de Zacarias e a conservação de Caxias, ou a permanencia de Zacarias e o afastamento do general em chefe das forças em operação no Paraguay. (Como quadraria aqui, para evitar um titulo tão grande, o nosso classico *caudilho*, que os espanhões empregam sem desdoiro para o seu d. João d'Austria e que nós queremos á força tornar pejorativo!)

Revestiu-se de excepcional solennidade a sessão do

* Conselho de Estado em que se tratou exclusivamente desse assumpto: ou o general ou o chefe do ministerio. Não houve euphemismos, nem circumloquios. Nenhum dos varões que compunham aquelle areopago reбуçou a gravidade da situação.

Ouvil-os é ouvir a mais clara confissão do caso militar. Nabuco de Araujo votou pela conservação de Caxias (e era liberal!) opinando porem que: "o precedente seria funesto para o regime". Pimenta Bueno, marquez de S. Vicente (e era conservador!) Pimenta Bueno, que passava por ser o oraculo de Caxias e realmente o era, votou contra este, votou pela conservação do gabinete Zacarias dizendo textualmente que "se o Partido Conservador subisse ao poder por aso dessa malquerença subiria, era claro, pelo prestigio da espada de Caxias, inaugurando-se assim o regime da caudilhagem, reforçado pela victoria com que o exercito regressaria do Paraguay".

Eis ahi. Nada mais claro. Nada mais evidente. E é a um escriptor que se firma em taes auctoridades que se accusa de ter "inventado uma questão militar durante o gabinete Zacarias!"



Tenho a consciencia de ter tratado com o mais profundo respeito a figura impar de Caxias, que considero sem favor o maior dos nossos generaes. Não me accommodo porém com amplificações. Sou avesso aos cultos totaes, exclusivos e cegas. Procuro não o typo que a lenda aureola de todas as perfeições mas a figura humana, tal qual foi, com o seu lastro de contingencias, com as peculiaridades de cultura e temperamento, que individuum, marcam e discriminam os caracteres.

Fiz restricções a Caxias. Mas como? No character? No coração? Na cultura e na dignidade militar? — Não. No tino politico, na envergadura de estadista.

Ninguem, na Inglaterra, até hoje, foi objecto de culto maior do que o celebre duque de ferro, o Iron Duke, a quem coube a gloria incomparavel de ser o vencedor de Napoleão. Pois bem. Ali ninguem o julga superior á critica. E ninguem acoima de demolidores os criticos que lhe recusam um genio encyclopedico. Inspirei-me nesse exemplo. Basta a transcripção de algumas linhas para proval-o.

"Esse grande character, esse grande coração não tinha, comtudo, grande cultura, seuão militar. Não seria nos compendios tacticos, nos campos de manobra ou nas expe-

dições, que lhe haviam absorvido os melhores dias de vida, que o nosso Bayard teria ido surprehender os segredos de administração ou as difficuldades da politica, a menos que fosse um genio e elle não o era. Delle se podia dizer sem menoscabo o que os inglezes, tão ciosos das suas glorias militares, de Wellington, a quem Burton, o celebre viajante, o comparou: não possuia nem a capacidade creadora nem a largueza de vistas necessarias aos estadistas de primeira ordem”.

Eis ahi como fiz restricções a Caxias. Comparando-o á mais pura gloria militar da Inglaterra.

S. Paulo, dia de Todos os Santos de 1932.

Baptista Peçeira



A QUEDA DE ZACARIAS



A Q U E D A D E Z A C A R I A S

ESTAVA em 1868, o partido liberal em pleno fastigio. Zacarias de Góes e Vasconcellos, á testa do gabinete, 3 de Agosto, presidia ao paiz com o pulso dum verdadeiro estadista. A época do conflicto internacional era propicia ás suas qualidades: energia, inflexibilidade, sciencia de mando, espirito de previsão e de ordem.

Já não animava a pasta da guerra a insuperavel capacidade de Angelo Moniz da Silva Ferraz, para Joaquim Nabuco, o mais completo dos políticos do Imperio: mas Paranaguá, seu successor, continuava sua obra, proseguindo no sulco rasgado pela sua genial actividade. Um moço de 29 annos, nas vespersas quasi desconhecido, Affonso Celso de Assis Figueiredo, dava á nossa marinha dias de Colbert. Improvisára navios e marinheiros. Curvára a turbulencia naval sob uma disciplina de ferro. Seu descortino attinge ás vezes as raias do prodigio. E' admiravel como pode affirmar em carta ao chefe da esquadra que com os tres monitores, de que então lhe annunciava a remessa, a nossa flotilha na subida das aguas vingaria as correntes e afrontaria as baterias do Passo

de Humaytá, que todas as informações technicas davam por intransponivel. A' testa das nossas forças, cercado da confiança nacional, destacava-se, nume tutelar do Imperio, a figura gloriosa de Caxias. E ao fundo do scenario, escondida pelos reposteiros côr de pecego de S. Christovão, mas attenta, vigilante e infatigavel, incarnando a patria e presidindo de longe ao evoluer dos acontecimentos, a sombra augusta do Monarcha.

O Brasil ainda sentia a impaciencia de um resultado decisivo, ainda hesitava ao embate de boatos e opiniões contradictorias, ainda temia imprevistos como sóe acontecer em toda a parte e em todas as campanhas. Mas os dirigentes do paiz já estavam certos de que a victoria era apenas uma questão de tempo e de que os seus destinos estavam confiados a capacidades de escól e a patriotas sem mancha.

Sentia-se que a resistencia de Lopez, já ferida na aorta em Humaytá, chegara ao paroxysmo. Navios nossos já haviam defrontado Assumpção, que só o nosso magnanimo respeito ao direito das gentes pouparia ao bombardeio. A esperanza da victoria dealbava em clarões visiveis. A politica parecia tranquilla. O gabinete sacrificara a sua maior figura — Ferraz, incompativel com Caxias, á necessidade de dar a este a chefia suprema das operações militares.

O ministerio Zacarias bem merecera da patria.

Eis senão quando, inopinadamente, como um trovão em céu sereno, estoirou a noticia da sua queda. O Imperador despedira o Ministerio que organizara a defesa nacional.

O assombro da opinião, afeita ao jogo regular dos partidos, em nome de reformas e principios, não teve limites. A ordem dos espantos se enriquecia de um novo exemplar: o da sideração collectiva.

Pouco importa que as alternativas de poder, no fundo, dependessem do alvedrio do Imperante. Este procurava quasi sempre revestil-as de apparencias constitucionaes. Desta vez, porém, em plena guerra, dir-se-ia que déra de mão a todos os escrupulos de legalidade, para proferir o fatidico "sic volo".

Assim o quiz. Assim o fez. Derrubou Zacarias e chamou ao poder os conservadores. A nação recebeu o seu acto como intoleravel arbitrariedade. Nem liberaes nem conservadores podiam allegar a verdadeira causa da mudança ministerial. Os liberaes, porque os enfraquecia, os conservadores, porque diminuia o prestigio da sua victoria.

Na época se disse, e Ruy o repetiu, que o Imperador sacrificara os liberaes á "rehabilitação de Timandro". Não só parecia verosimil, como até incontestavel. Todo os liberaes o affirmavam, ante a concordancia dos conservadores e o silencio do Imperador. Depois, este, esquecendo as injurias do *Libello do Povo*, parecia ter especial predi-

lecção pelo seu desabusado autor. Mas a verdade é outra. A razão verdadeira da queda dos liberaes em 1868 foi sempre dissimulada, como um golpe capaz de abalar as instituições.

E dado por quem! Pela mais gloriosa das nossas espadas, pela que fôra sempre a mais segura defesa da lei. Foi a espada de Caxias que apontou a Zacarias a escada pela qual se desce do poder. D. Pedro II encarou de frente a situação. Sentia-se desrespeitado. Mas o mais urgente era evitar um choque entre o chefe dos seus exercitos e o chefe do seu Governo. Este era menos indispensavel. Era substituível. Aquelle não. Consultou o Conselho de Estado e sacrificou o que menos falta fazia á Nação.

O CASO PARANHOS-TAMANDARÉ — CARTAS INEDITAS.

Não era a primeira vez que o Imperador immolava seus melindres de Chefe de Estado á necessidade de impedir que uma questão militar surgisse de improviso no tablado politico. Annos antes, Silva Paranhos, o primeiro Rio Branco, estava no Prata, acreditado em missão especial. Tamandaré commandava a nossa esquadra.

E' interessante acompanhar em documentos ineditos as relações do Ministro e do Almirante. Tenho ante os olhos a correspondencia, creio que

nunca publicada, de Rio Branco e Caxias. Rio Branco recebeu Tamandaré com receios. Mas esperava viver bem com elle. Confiava no seu tacto. Mas a 28 de Fevereiro de 1865 já a situação está clara: "O Sr. Tamandaré perdeu a cabeça com as fumaças que alguém (de que eu tenho pena e que muito me deve) lhe deu, de que um Vice-Almirante, ajudante de Campo e Vereador, é um principe, ainda que seja doudo e incapaz de tudo que fôr plano e ordem". A 7 de Março as queixas objectivam-se: "Entretanto, o Sr. Tamandaré, que era todo brandura emquanto pensou que o Almirante francez lhe traria o Villalba, deixando-me á margem, levantou commigo um escandaloso conflicto de competencia, depois exaggerou o facto da bandeira, collocando-o acima de tudo e arrufou-se até hoje. Eu sabia que o Sr. Joaquim Marques Lisbôa era um doudo, posto que bravo e honrado, mas não lhe conhecia a vaidade de que elle agora tem dado provas". Admira-se do Imperador ter-lhe entregado missão tão importante. Declara que só de viva voz poderá dizer ao seu amigo a desordem e o desconchavo de todos os movimentos do Almirante. Lamenta que Tamandaré tenha patenteado o conflicto ante Flores, o que o tornava irreparavel.

O conflicto a que se refere Rio Branco occorreu numa conferencia entre este, Tamandaré, o representantes de Villalba, chefe dos *colorados*, e Flo-

res. Tamandaré declarou-se o competente para tratar das negociações. Rio Branco por prevenção levava os seus plenos poderes. Mostrou-os. Levou, porém, a prudencia e a cortezia ao ponto de entregar a responsabilidade da negociação a Tamandaré, desde que este declarasse não se submeter aos seus plenos poderes. O Almirante cedeu.

Paranhos oppuzera-se ao bombardeio de Montevideo, que Tamandaré suppunha indispensavel para desaggravar a nossa bandeira, arrastada pela lama e queimada pelos partidarios de Aguirre. Quando Rio Branco lhe mostrou a inconveniencia desse acto, que iria ferir tanto amigos como inimigos, Tamandaré cedeu, mas insinuando falta de dignidade em Paranhos. A sua phrase foi esta: "Só um militar póde saber o que significa um insulto á bandeira".

Rio Branco suppunha o bombardeio, além de cruel e desnecessario, inefficiente. As nossas granadas fariam grande ruido, levariam a toda a parte a noticia de que estavamos arrazando uma capital civilizada, dariam aos *blancos* um grande argumento de ordem sentimental contra nós, e não nos trariam vantagem alguma. O nosso grande diplomata confiava mais na razão que na força: "Ainda hoje não estariamos preparados para atacar Montevideo, se as minhas balas de papel não dispensassem as de chumbo e ferro", diz elle a Caxias.

Tamandaré com o seu procedimento collocou o Governo ante este dilemma: "Ou elle ou eu". E o Imperador, dando como pretexto á retirada de Paranhos o Convenio de 20 de Setembro, mas, na realidade, cedendo a uma imposição, immolou Paranhos ás exigencias de Tamandaré.

Não subscrevo o libello do primeiro Rio Branco, contra uma das mais puras e heroicas tradições da nossa Marinha. O resentimento fel-o passar da medida taxando-o de louco. Tanto não o era que, cedendo aos seus argumentos, deixou de bombardear Montevidéo. Impetuoso e explosivo, habituado a transformar immediatamente o pensamento em acção, tão susceptivel em questões de dignidade nacional como da propria, a indignação do velho lobo do mar contra os *blancos*, que nos enxovalhavam o pavilhão e nos accusavam do fuzilamento de Leandro Gomez, espingardeado por D. Goyo Soares, era indiscutivelmente legitima. Não o era menos a sua reivindicação quanto á chefia das operações militares. O Governo commettera a imperdoavel falta de não lhe communicar que estava submettido a Paranhos. Quando este lhe mostrou os seus poderes, ao verificar-lhes a extensão, Tamandaré não coube em si de surpresa.

Não os conhecia. Estava vendido. Conhecera Paranhos guarda-marinha. Já era então uma figura respeitada entre os chefes navaes. O Governo, julgava elle, não o tratara com a consideração a que

tinham direito os seus serviços e a sua patente, preferindo-lhe, não um João-Ninguém, mas uma figura até então sem grande relevo. Pensava que da sua esquadra e da sua tropa só elle dispuzesse. Pensava que a jurisdicção do Ministro findasse em terra. Duramente desenganado, o seu coração rude, mas magnanimo, reconheceu a lisura de Paranhos. Separaram-se bem e de pleno accôrdo sobre o Convenio. Mas logo depois não faltaram Yagos para envenenar-lhe o amor proprio. A luta recrudesciu. E o Governo, culpado da falta de franqueza, o Governo, no fundo responsavel pelo incidente, deu-lhe como satisfação a retirada do plenipotenciario.

O caso Tamandaré tomou o aspecto dum golpe militar dos liberaes. O caso Caxias dum golpe militar dos conservadores. Houve quem dêsse ao segundo o caracter de uma desforra do primeiro. Póde ser. Por emquanto não me parece. No caso Caxias, a conspiração conservadora parece indubitavel. No de Tamandaré, por emquanto, ainda não vi senão um movimento de ordem pessoal, açulado por subordinados de bordo, sem ligações com os liberaes do Rio. Presumo ou antes admitto que as tivesse tido. Mas só me atreveria a affirmal-o diante de documentos.

Preciso responder antecipadamente á censura de definir os actos de Tamandaré e Caxias como golpes militares. Não fiz mais que seguir a tradição. Não sei que haja outra expressão para ca-

racteriza os conflictos pessoas provocados por Tamandaré e Caxias. Na minha preocupação da verdade, na minha ansia de exactidão, apprehendo a relatividade do termo. Não perco de vista que só a classe dos protagonistas reveste desse aspecto os incidentes que provocaram a demissão de Paranhos e a queda de Zacarias.

Sei que o pronunciamento militar tem um character objectivo, um timbre de desafio, ostensividade e pensamento collectivo, que falta de todo em todo, quer num, quer noutro caso. Reconheço-o. Mas a farda militariza os actos dos que a envergam e reveste-os de suprema gravidade. Sente-se nelles, quer queiram, quer não os que os praticam, a sombra da espada. Assim pensaram o Imperador, o Conselho de Estado e até os amigos de Caxias, cujo acto não foi mais grave que o de Tamandaré. Por isso equiparo as duas attitudes, a de Tamandaré e a de Caxias, limitando-as com tudo ao circulo individual em que evolveram.

No momento em que recebeu o officio que lhe annunciava a demissão, ia Paranhos presidir a um banquete em honra da Imperatriz, cujo anniversario se celebrava nesse dia. Mas não escondeu a sua demissão. Presidiu ao banquete com a mais absoluta das serenidades. Não articulou uma re- criminação. Confiava seu desaggravo ao futuro. Pensava que nesse conflicto entre o poder politico e a força militar, elle Rio Branco fôra o unico ven-

cido. Não sabia que D. Pedro II, no fundo, devia sentir-se tão attingido como elle pela imposição da espada. Suppunha que o Imperador fosse cúmplice de Tamandaré. Em carta de 15 de Março de 1865 dizia elle a seu grande amigo e compadre Caxias: "Venceram Sua Majestade e o seu Almirante, mas a victoria da razão ha de ser minha, espero em Deus!" Não se enganara. O seu celebre discurso das oito horas demonstrou, até á evidencia, a correcção e o tino dos seus actos.

Desembarcado na Côrte como um réo, no dia seguinte ao da sua defesa era um triumphador.

Passado o momento climaterico, o primeiro cuidado de D. Pedro II foi desaggraval-o. Deu-lhe em 1866 o Conselho de Estado, em 1868 a pasta de estrangeiros e em 1870, para que a reparação fosse total, nova missão no Prata. Esse incidente mostra de quão longe vem o militarismo no Brasil.

Quem estuda a nossa historia não o vê, comtudo, surgir senão no occaso do Imperio. Por que? Porque o Imperador, transigindo, cedendo, conciliando, impondo aos seus melindres sacrificios de toda a ordem, conseguiu sempre o milagre de salvar as apparencias, preferindo arcar elle proprio com as consequencias dos golpes desfechados pela espada.

A queda dos liberaes em 1868 foi um delles. Quem o recebeu, porém, não foi a nação, foi a dymnastia. O monarcha preferiu perder a popularidade a permittir que o Brasil aos olhos da

Europa se equiparasse a seus vizinhos de continente, então gafados pela lepra sul-americana dos pronunciamentos militares.

Todas as culpas imputaram-se ao Poder Pessoal. O Imperador tinha costas largas...

No protesto de José Bonifacio contra o acto dictatorio da Corôa, tenho a impressão de que se pôde encontrar o primeiro golpe de alvião na monarchia. Foi elle o vogal da revolta contra esse que na occasião passou por formidavel escandalo. A sua palavra foi a que mais contribuiu para congregar em torno dos liberaes as sympathias da opinião e as incompatibilidades de principios.

José Bonifacio começou. Nabuco de Araujo conciuu. Aquelle despertou as forças latentes da opinião; este organizou-as.

Reforma ou revolução foi o lemma da reacção liberal. Quem lho deu foi o mais sereno dos estadistas do Imperio: foi o primeiro Nabuco. A semente republicana ia encontrar terra lavrada e revolvida.

Uma visão de conjunto é indispensavel para recompôr a atmosphaera politica do 17 de Julho.

O paiz se achava dividido em tres partidos: — os progressistas, que estavam no governo, os liberaes historicos, ramo dissidente daquelle, e os conservadores. Os progressistas eram formados de conservadores moderados e liberaes. Seu programma, apresentado em 6 de Junho de 1864, no Se-

nado por Silveira da Motta, entre outros pontos pedia a reforma da Constituição, a eleição directa, a descentralização politica, a redacção do Codigo Civil. Os liberaes historicos tinham como organ a *Opinião Liberal*, e pediam a extincção do poder pessoal, a temporariedade do Senado, a substituição do trabalho escravo pelo livre, o suffragio universal, o ensino livre, as franquias provinciaes.

Para reconstituir a época é preciso estudar Ferraz, cuja sahida do Ministerio foi o prologo do drama; Zacarias, que encarnava a situação liberal, e Caxias que, contentando-se a principio com o sacrificio de Ferraz, acabou exigindo ou dando azo á queda do gabinete. Itaborahy só veio para recolher os despojos.

FERRAZ

Angelo Moniz da Silva Ferraz era uma figura que precisa passar da segunda para a primeira plana. Um simples episodio basta para definil-o. Rompera sósinho em opposição contra Honorio Hermeto. "Graças a Deus, disse um amigo a este, que não temos opposição. O Ferraz é um só!". "Um só mas que vale uma Camara", obtemperou o noderoso Paraná.

Ardente, impulsivo, com o coração na bocca, com elle estamos longe da fleugma de Zacarias,

de quem era o antipoda. Duma actividade incansavel, nunca soube o que era poupar-se. Não tinha horarios; mas não esquecia nada. Passava ás vezes uma semana, de vigilia total, trabalhando. Empregava os dias inspeccionando arsenaes, quartéis, almoxarifados. Entendia-se directamente com sirgueiros e fornecedores e fiscalizava-lhes todas as encommendas. Ia em pessoa a todas as repartições, por onde lhe corresse um papel, afim de que nenhuma dilação burocratica retardasse as providencias da guerra. Parecia ter o dom da ubiquidade. Entrava como um relampago no Thesouro e dahi a pouco estava na Praia Vermelha. Dir-se-ia que tinha os cem olhos de Argos e os cem braços de Briareu.

Quem nesse tempo passasse a deshoras por de frente do Ministerio da Guerra teria muitas vezes uma surpresa. No vasto casarão, todo ás escuras, apenas com meia porta aberta, guardada por duas sentinellas, ainda estava acceso o gabinete do ministro. O dia não lhe chegara para trabalhar. Estava despachando o expediente áquellas horas. E entrava pela madrugada.

O Imperador que de tudo sabia, e que lhe fizera accetar quasi que á viva força o Ministerio, que duas vezes recusara, por escripto e de viva voz, não podia comprehender essa resistencia physica. A's vezes perguntava attonito: "A que horas dormirá o Ferraz?"

Não lhe bastavam os proprios trabalhos. A's vezes intervinha nos alheios.

Saraiva queixava-se a Nabuco (e pedia-lhe que este lho fizesse sentir) de que Ferraz dava ordens directas ás repartições sob suas ordens.

Nabuco reclama em nome de Saraiva. Mas dahi a pouco é o proprio Nabuco que vê usurpadas as suas attribuições. Ferraz manda-lhe actos da pasta da Justiça, referendados por elle, no Rio Grande do Sul. Nabuco protesta. Mas a razão está com Ferraz, porque é o Imperador quem lho ordena.

Conta-se de S. Christovão que, não contente do vadeante que transportava aos hombros, inda ás vezes levava um barco a reboque. Dir-se-ia que Ferraz ás vezes imitava o bom gigante dos agiologios. Essa capacidade de trabalho originou um incidente de que muito se falou. Affonso Celso, ministro ha nove dias, remettêra forças para o Paraguay. Ferraz foi ao arsenal e, como era seu habito, começou a dirigir o embarque.

Affonso Celso, chegando, interrompeu-o, reclamando suas prerogativas, que tanto mais se sentia no dever de reivindicar, quanto era um ministro recente e muito joven. Ferraz respondeu sem as precauções que o character altaneiro do futuro visconde de Ouro Preto exigia. Altercaram. Cioso da sua autoridade, numa repartição que lhe era privativa, Celso chegou a ameaçal-o de prisão.

Ferraz teve o bom senso de ceder. Celso dali foi em direitura ao Paço contar o incidente ao Imperador, e pedir-lhe demissão. O Imperador riu-se. "E' o zelo do Ferraz!", disse-lhe. "Não lho leve a mal. Não lhe conhece o coração. Espere e verá". Ao regressar de São Christovão para casa, já ahi encontrou Ferraz conversando com sua esposa. Fôra desculpar-se. Celso comprehendeu-lhe, num relance, a grandeza dalma. E abraçaram-se commovidos.

Joaquim Nabuco considera-o o maior orador do seu tempo. Combatendo um gigante como Honório Hermeto, não lhe fica inferior e assume a posição central numa Camara de notabilidades. De todos os homens da Monarchia, diz, ainda Nabuco, que era o unico apto para occupar qualquer das pastas com a mesma proficiencia e mesmo todas a um tempo. Tinha excepcional capacidade administrativa. Deixara um rasto luminoso na pasta da Fazenda, onde reagiu contra o papel moeda e as emissões bancarias.

Ministro da Guerra do Paraguay, não podia agradar a Caxias, glorioso soldado, mas cultura subalterna, partidario apaixonado e politico secundario. Ferraz nunca soubera esconder a superioridade que lhe davam o talento, a eloquencia e o preparo sobre o victorioso cabo de guerra, com o qual lhe era forçoso conviver e tratar. Dahi a incompatibilidade que entre ambos se creou,

exacerbada por militarem em campos politicos oppostos e por ter Caxias derrubado o gabinete Ferraz de 1859.

Quem estuda o seu retrato na época, emmoldurado o rosto por uma barba sal e pimenta, bigode raspado, duas verrugas ao lado da narina direita, fronte espaçosa, longos cabellos grisalhos repar-tidos, vê que essa physionomia aberta, respirando intelligencia e franqueza, é a dum homem superior.

No cemiterio dos grandes estadistas do Imperio, ninguem merecia mais do que elle o mausoléo symbolico da columna truncada. Despejado da pasta da Guerra pela espada de Caxias, a sua carreira quebrou-se. Passara como um meteoro pela constellação dos grandes homens, prestando os maiores serviços ao paiz. Pouco durou depois do Ministerio. Estava escripto que sua vida seria curta como um trecho de epopéa. Sumiu-se do mundo num minuto inopinado e mysterioso. Os deuses da Illiada intervinham nos combates entre os homens, estendendo nuvens nos campos de batalha para proteger ou fulminar. Dir-se-ia que foi numa dessas nuvens que, vencido por Venus, desappareceu o grande lutador, que enfrentara Marte.

Tratando de Caxias, mostraremos alguns traços da incompatibilidade cavada entre ambos. Por emquanto, pensamos que se Ferraz não tivesse feito parte do gabinete 3 de Agosto, os amigos de Caxias

não o teriam derrubado. Zacarias no fundo era solidario com o companheiro. Tragara a sua demissão, mas não a digerira. Caxias não tinha illuções. Não precisava fazer este raciocinio: o amigo do meu inimigo meu inimigo é. Tambem era incompativel com Zacarias.

ZACARIAS

Zacarias era uma figura singular. Frio, austero, impeccavelmente raspado e vestido, tão escarolado por fóra de pó como por dentro de hesitações, era um caracter feito de rigidez e intransigencia.

Parecia-se com Guizot. Os contemporaneos accusavam-no de, não contente com a semelhança physica, imital-o no moral. Refractorio a effusões, orgulhoso, inaccessible a interesses, vivia para o seu partido, como um professo para a Ordem. Dahi o chamarem-lhe os inimigos de *jesuita de casaca*. Provedor da Misericordia, que não dava um ponto nas visitas diarias, tinha habitos invariaveis. Os burguezes de Koenigsberg sabiam que eram tres e meia pela chegada de Kant á Avenida das Tílias. Sabia-se que terminara a sessão do Senado pela sua apparição na rua do Ouvidor, caminho do escriptorio. Methodico e cuidadoso, mal chegava a este, trocava uma das trinta sobrecasacas que Cotegipe lhe imputava, por uma roupa de

brim, todos os dias mudada. Foi ahi que recebeu a primeira visita de Ruy, acompanhado de Manuel de Souza Dantas, que o ia apresentar em nome do Conselheiro Dantas, que estava na Bahia. "Menor ainda que o Pae!", foi a phrase do acolhimento.

Constancio Alves define o seu espirito de ordem e justiça em duas anedotas. Ninguem no seu jardim, nem elle proprio, podia colher uma rosa. O jardineiro tinha a responsabilidade das flores. Que ninguem lhe usurpasse as attribuições...

Dava ao cocheiro um tanto para conservação da sége e sustento das parelhas. A's vezes sobrava muito. O boleeiro restituia. Zacarias não accetava. Que beneficiasse do seu zelo e da sua economia.

Machado de Assis, no seu artigo o *Velho Senado*, evoca admiravelmente a sua figura no Parlamento.

"Zacariás fazia reviver o debate pelo sarcasmo e pela presteza e vigor dos golpes. Tinha a palavra cortante, fina e rapida, com uns effeitos de sons gutturaes, que a tornavam mais penetrante e irritante. Quando elle se erguia, era quasi certo que faria deitar sangue a alguém. Chegou até hoje a sua reputação de *debater*, como opposicionista, como ministro e chefe de gabinete. Tinha audacias, como a da *escolha não acertada*, que a nenhum outro acudiria, creio eu. Politicamente, era

uma natureza secca e sobranceira. Um livro que foi de seu uso, uma historia de Clarendon (*History of the rebellion and civil wars in England*), marcado em partes, a lapis encarnado, tem uma sublinha nas seguintes palavras (vol. I, pag. 44) attribuidas ao Conde de Oxford, em resposta ao Duque de Buckingham, "*que não buscava a sua amizade nem temia o seu odio*". E' arriscado ver sentimentos pessoaes nas simples notas ou lembranças postas em livros de estudo, mas aqui parece que o espirito de Zacarias achou o seu parceiro".

Nabuco caracteriza-o tambem como politico numa pagina immortal.

"Não havia nelle traço de sentimentalismo: nenhuma affeição, nenhuma fraqueza, nenhuma condescendencia intima projectavam a sua sombra sobre os actos, as palavras, o pensamento mesmo do politico. A sua posição lembra um navio de guerra, com os portalós fechados, o convez limpo, os fogos accesos, a equipagem a postos, solitario, inabordavel, prompto para a acção. A frieza do seu modo conservava os seus partidarios sempre á distancia; bem poucos foram os que, chegados ao pinaculo, elle tratou intellectualmente como seus eguaes".

Minucioso e vigilante, esquadrinhador de relatorios e jornaes, acompanhando os passos dos adversarios com um espirito inquisitorial, estes sabiam que lhes não perdoava nuga por minima que

fosse. Quando menos esperavam, lá vinha um facto esquecido, uma cincada, um cochilo exhumado sarcasticamente para confundir a victima. Com elle não havia a perempção do erro ou do descuido.

Duro e secco com os extranhos, não o era menos com os amigos, a poucos dos quaes dava confiança. A' Camara de 1868, que o apoiava por immensa maioria, não fez cerimonia de taxar de Camara de Pedintes. Erigia a desconfiança á altura de um principio: chamava-lhe a base do systema representativo. Mauá era seu correligionario, embora amigo pessoal de Rio Branco. Alberto Faria, no seu grande livro, deixa entrever que a dureza de Zacarias para com o excelso brasileiro orçou pela insensibilidade.

A sua mordacidade expunha ao ridiculo até os companheiros do Senado. Estava falando certo dia quando estacou de subito. Surpresa e interrogação no auditorio.

“Não é nada”, explicou serenamente, “estou esperando que os nobres barões acabem de se barbear”. Referia-se aos barões do Rio Grande e Pirapama, que, surdos, trocavam duas phrases rapidas sobre marcas de navalhas. Tratava aos collegas como um decurião aos alumnos. Um velho senador encanecido costumava escrever cartas durante as sessões. Zacarias da tribuna lamentou que o tempo destinado ao serviço da Nação fosse malbaratado em correspondencias particulares. O

culpado escondeu rapidamente os papeis na carteira, debaixo da hilaridade geral.

Foi esse homem autoritario e intransigente que pensou possivel a permanencia de Caxias sob suas ordens. O resultado do encontro não podia ser duvidoso. O choque era inevitavel. Nem um nem outro era homem para ceder. Mas estadistas como Zacarias havia muitos da mesma altura, senão maiores, e generaes como Caxias não havia nenhum. O resultado era fatal. Zacarias tinha de perder a partida.

Affirmar a primazia de Caxias, no meio de tantos generaes de primeira ordem, parecerá afoiteza minha. Mas não é. Se me quizerem pedir contas, enganam-se. A sua liquidação compete á intelligencia fina e subtil de Osorio, o bravo dos bravos, o primeiro não só nas cargas, como na adoração dos soldados, a quem se afigurava o Deus da guerra, expressão delles, nascida naquelles banhados do Paraguay, medidos pela sua lança lendaria.

Numa carta, que lhe revela toda a grandeza de coração, o centauro gaúcho pede a Caxias que venha assumir a direcção do exercito. E' claro que o julgava o mais capaz de todos. E conclue por estas palavras de modestia, que só servem para engrandecel-o: "conheço que por minhas poucas habilitações não sou o homem para este commando",

CAXIAS

A excepcional situação de Caxias vinha-lhe toda e tão sómente da competencia e da gloria militar. Nenhuma espada colhéra louros comparaveis aos seus. Todas as suas campanhas reflectiam um alto espirito de humanidade, moderação e justiça. Ninguém no Brasil teve mais que elle a consciencia de que a generosidade é a nobreza do uniforme, a ultima e a mais preciosa das suas divisas. Duma feita, perseguindo um official revoltoso, entrou no quarto onde o vencido se asylava. Fitou longamente nos olhos o prófugo Frias Villar, para quem a captura era o fuzilamento. Podia dar-lhe voz de prisão, se quizesse. Mas repugnou-lhe o papel de beleguim. Não lhe disse uma palavra. Desdenhou do heroismo facil de prendel-o. Fez que o não via. Tinha sentido instantaneamente que, tratando-se de vencidos, o dever militar confundia-se com a clemencia. Em Santa Luzia as suas forças aprisionaram entre os rebeldes Theophilo Ottoni e Antão Fernandes. Algemaram-n'o comboiando-os a pé para Ouro Preto. Caxias, quando o soube, revoltou-se. Alcançou-os a toda a brida, mandou tirar-lhes os ferros, dar-lhes montarias e tratá-los com toda consideração. Ao cabido de Mariana, que o convidava para um "Te-Deum" em honra da sua victoria, deu a lição de pedir um officio funebre em suffragio das victimas dos dois par-

tidos. No Rio Grande de tal modo se houve que sahiu de lá entre benções.

Esse grande character, esse grande coração, não tinha, comtudo, grande cultura, senão militar. Era natural. Não seria nos compendios tacticos, nos campos de manobra ou nas expedições, que lhe haviam absorvido os melhores dias da vida, que o nosso Bayard teria ido surprehender os segredos da administração ou as difficuldades da politica, a menos que fosse um genio e elle não o era. Delle se podia dizer sem menoscabo o mesmo que os inglezes, tão ciosos de seus homens, da maior das suas glorias militares, de Wellington, a quem Burton, o comparou: “não possuia nem a capacidade creadora nem a largueza de vistas necessarias aos estadistas de primeira ordem”.

A pasta da Guerra para que estava naturalmente indicado o benemerito pacificador de tantas provincias, foi o seu caminho para a politica. Filiado aos conservadores, não seria humano que elles prescindissem do seu immenso prestigio.

Fallecendo Paraná, em 1856, na presidencia do Conselho, quiz entretanto o Imperador que seus companheiros continuassem no Ministerio. Ia fazer-se a experiencia eleitoral da sua *lei dos circulos*.

O Imperador queria que “o *espírito* de Paraná presidisse a eleição”. Deu então a herança de Honorio Hermeto a Caxias, como ao mais proprio para fazer calar rivalidades e ambições.

Presidente do Conselho, a vida do seu gabinete não passou de constante agonia, numa phrase de Tavares de Lyra, que resume, num traço de mestre, a situação. A herança de Honório Hermeto era um peso superior ás suas forças. O largo espirito de Paraná, autor da *conciliação*, tudo enviava para não mostrar desigualdade entre os seus partidarios, de qualquer matiz que fossem. Confinado de nascença pelo espirito de classe, o partidario de Caxias, estreito como o dever militar, lhe apontava maiores deveres para com os conservadores intransigentes, ou puritanos que eram a sua familia politica, do que para com os seus novos alliados. Dahi os dissabores que lhe acarretou a successão de Paraná. Apesar desse fracasso, breve teria Caxias de subir de novo á presidencia do Conselho. O partido liberal crescia a olhos vistos. Theophilo Ottoni, a sua expressão mais energica, agigantava-se dia a dia na opinião. A sua eleição teve um character de desafio á Corôa. O seu celebre lenço branco era a bandeira das reivindicações populares.

O Imperador, talvez como uma resposta de ordem conservadora ao movimento liberal, em 1861, deu de novo a Caxias o gabinete. Para accentuar-lhe o character reaccionario deu a Inhauma, chefe de esquadra, a pasta da Marinha. Era um Ministerio do Exercito e da Armada. Mas nem a grande cabeça de Rio Branco pôde galvanizal-o. Zacarias

derrubou-o e succedeu-lhe, iniciando uma longa situação liberal, que manteve Caxias no ostracismo.

Politica e Exercito são duas entidades antagonicas e impassiveis. A ordem civil crêa o militar para a defesa da patria. No momento em que elle sáe da sua missão estricta, falha ao seu destino e pratica um abuso de confiança. Foch teve attritos com Clemenceau. O velho alumno da *École Centrale* de Paris era-lhe infinitamente superior em preparo technico, em visão tactica e em descortino. Mas Foch (e era, não um marechal de França, mas o *marechal da Europa!*), sempre cedeu ao velho tigre rabujento, sob cujo verniz parlamentar ainda estúa a violencia do barbaro gaullez. Por desfibratura? Por transigencia? Pelo que? Porque Foch comprehendeu que seria um abuso de confiança empregar a espada da França contra o chefe do seu governo, fossem quaes fossem as culpas do paisano para com o marechal que a empunhava. Dissimulava, contemporizava, transigia.

Caxias, porém, tem attenuantes. Nem o comparo a Foch, para esmagal-o. E' versão corrente entre os nossos estudiosos que os chefes conservadores daqui do Rio açulavam-no contra o governo. Se se pudesse descobrir as cartas que recebeu na época, teriamos o nome dos maiores responsaveis. Imaginemos esta phrase: "Vossa Excellen-

cia deve reclamar contra as offensas ao seu character que lhe faz um certo escriba inglez, estipendiado pelo governo. A disciplina militar é muito, mas acima della está a honra”.

Não era humano que o grande Caxias se deixasse levar pelo canto da sereia e suppuzesse do seu dever derrubar o gabinete?

Os conservadores ainda estavam estomagados com a inqualificavel demissão de Rio Branco em 1865. O golpe do almirante liberal ainda sangrava. A vingança é o prazer dos deuses. Derrubar os liberaes com a mesma arma de que elles se haviam servido devia parecer-lhes legitimo e justificavel.

Assediado por elles, em nome dos mais nobres sentimentos, Caxias talvez se suppuzesse obrigado a provar que a sua susceptibilidade não pedia méças á alheia. Pediu demissão. E' possivel que não pensasse que o seu acto poderia vir a ser traduzido como um golpe de Estado. Talvez mesmo que a modestia o impedisse de ver que era *unico e insubstituivel*. Talvez esperasse que lhe dariam a demissão, e que a carta a Paranaguá não transpiraria.

Certos actos têm dois aspectos. Um para os que o praticam. Outro para os que os julgam. Para Caxias, o pedido de demissão antolhava-se um dever. Para os que o recebiam, dada a impossibilidade de acceital-a, uma imposição. Deixo aos

que, mais felizes do que eu, encontrarem correspondencias intimas da época, a tarefa de medirem até que ponto elle podia prevêr as consequencias do seu procedimento. Eu, sem condemnal-o nem defendel-o, apenas guardando o respeito que merece, limito-me a consignal-o e a dal-o como motivo da queda de Zacarias. Involuntariamente ou não, o certo é que Caxias deu ensejo a um golpe de Estado. Para offerecer dados sobre a época, embora com perigo de redundancia, é mistér analysar as relações de Caxias, Ferraz e Zacarias.

ZACARIAS, FERRAZ E OUTROS

AS RELAÇÕES DOS TRES.

Zacarias errara, em Outubro de 1866, consentindo no sacrificio de Ferraz e em ficar no governo com Caxias no commando. O eixo politico se deslocara: o bastão da politica estava com o chefe do Exercito, conservador, e não com o chefe dos liberaes.

Zacarias, depois de convidar Caxias, disse-lhe: "Se a nossa presença no governo é um estorvo para que V. Ex. accete o encargo estamos promptos a renuncial-o". Podia ser uma prova de abnegação. Mas era um erro. Depois disso o Ministerio teria de viver da tolerancia do general. Zacarias por aquellas palavras acabava de abdicar e de transmittir-lhe o poder. Martinho Campos, na sessão de 15 de Junho de 1867, commentando

a nomeação do conservador Marquez de Caxias pelos liberaes, assim a profliga: "O partido politico que não tem homens seus para taes cargos, não póde com vantagem do serviço e sem quebra da dignidade e reputação, indispensaveis aos partidos como aos individuos, occupar com honra o poder".

Zacarias, já ultrajado na pessoa de Ferraz, não teve a sobranceria de cahir com o amigo, nem o atilamento de perceber que a transigencia de momento apenas lhe adiava a queda. Não o condemnemos, no emtanto, precipitadamente. Tenhamos sempre medo á logica simplista, inapplicavel á complexidade de certos caracteres e de certas situações. Não poderia elle suppor sinceramente que a sua queda seria desastrosa para o paiz? Apoiado pelo Imperador, não lhe seria licito acreditar que a offensiva dos amigos de Caxias ao menos se desarmasse ante o throno? Concedo que motivos nobres e a propria insistencia imperial, que o deixava bem sob o ponto de vista da dignidade, tenham feito Zacarias guardar o poder. Mas não lhe perdôo a falta de perspicacia no conhecer as disposições do general em chefe e da sua grei para com elle e com Ferraz. Comecemos por este.

CAXIAS-FERRAZ

Vinha de longe a incompatibilidade, na qual talvez entrasse um pouco de ciume. Caxias foi o

primeiro a prevêr a grande carreira reservada a Ferraz e a descobrir quão fundamente entrara o seu nome na admiração imperial. Quando se apresentou a lista senatorial ao Imperador, eram candidatos Pinheiro Vasconcellos e Ferraz. O velho Olinda, o Vice-Imperador, tinha como favas contadas a escolha do primeiro. Caxias, porém, vira melhor. A antipathia tem olhos de lynce. Apostou contra Olinda pela escolha de Ferraz.

Deu-se a reunião no gabinete. Apresentaram a lista ao Imperador, que não disse nada. Discutiram sobre outros assumptos. Quando todos se despediram, o Imperador voltou-se para o Ministro da Justiça, deu-lhe a lista e disse-lhe: "Mande lavrar a nomeação de Ferraz". E retirou-se.

Caxias ganhara a aposta...

Muito mais tarde, indo o Imperador com Ferraz, como Ministro da Guerra, para o Rio Grande do Sul, Caxias, que os acompanhou, sem outra função que a de consultor particular do Monarcha, queixava-se que o seu nome era adrede omittido dentre os da comitiva imperial, préviamente annunciados ás povoações por onde passariam os itinerantes. Doia-lhe essa desconsideração, maximé na provincia que pacificara e onde fôra tudo. Ferraz, que não contribuíra para a sua ida, commentou: "A culpa é delle. Por que consentiu em ser valete onde foi rei?"

Caxias quando soube desse commentario com certeza fez tambem o seu. "Elle que tome cuidado. Se o valete algum dia fôr de novo rei ha de cortar-lhe as vasas!".

Mais ainda. Depois de completado o assedio de Uruguayana, Ferraz convidou o Imperador a acompanhal-o num reconhecimento ás posições brasileiras e excluiu Caxias de tal inspecção.

Mais ainda. Caxias estava profundamente resentido dos liberaes que o tinham apeado do Ministerio, depois de feril-o cruelmente nas discussões parlamentares.

CAXIAS-ZACARIAS.

Ainda mais. Caxias nunca perdoara a Zacarias a sua defecção para os liberaes em 1862, durante o seu proprio Ministerio, que então derrubou e a que succedeu. E tanto menos lho perdoara, quando Zacarias, que até então fôra a mais alta esperanza do seu partido, o "mimoso" dos conservadores, como asseverava S. Lourenço no Senado, crivou-o, na sessão da sua queda, de allusões destas: "O gabinete *não está á altura da sua missão*"; e mais: "nota-se no gabinete a *ausencia das primeiras capacidades* do seu partido". Eram na apparença considerações sobre o Ministerio. Mas Caxias sentia que no fundo visavam apenas aquella mediocridade politica, que lhe apontavam como a

falha da couraça. E não as podia esquecer nem perdoar. As inimizades de Caxias na época tem gradações faceis de accentuar. Detestava Zacarias, mas apertava-lhe a mão e não se recusava a servir com elle. Quanto a Ferraz, alto lá! Não lhe falassem nesse nome. Era seu inimigo figadal. Execrava-o. Votava-lhe um rancor organico, como o de Deodoro, em quem o simples nome de Silveira Martins provocava dyspnéas de colera. Parece que se tratava duma dessas incompatibilidades visceraes mais fortes do que a razão. Muitos annos antes, quando ainda o dissidio não se envenenara, Ferraz discutia um assumpto da pasta da Guerra. Caxias, habitualmente cortez, vociferou-lhe a crueldade despreziva deste aparte: "Outro officio". De outra feita a discussão entre ambos, em que Ferraz levava a melhor, irritou-o tanto que o velho cabo de guerra não duvidou chegar ás extremas. Mandou desafial-o para um duello de morte, que foi acceito. E este, só não se realizou graças á intervenção de amigos, entre os quaes talvez o proprio Imperador.

O CONVITE A CAXIAS.

A forma de convite que Caxias exigiu para chefiar o Exercito tinha o character de uma humilhação para Zacarias. Caxias, indo elle á sua casa, escondeu-se para não recebê-lo. Allegou que ti-

nha sahido. Mas deixara á mão papel, tinteiro e penna para que a pessoa que recebesse a Zacarias o convidasse a deixar por escripto o motivo da sua visita. Era declarar que receava a adulteração do encontro, se fosse verbal. Zacarias não precisou da sua proverbial sagacidade, para comprehender a prova de desconfiança. Mas não se deu por achado. Passou sob as forcas caudinas.

Protocollizado o convite, como exigira, foi Caxias procurar o Ministerio. Tel-o-ia encontrado reunido e apontando para Ferraz, declarou:

“Não sirvo com este homem”. Deu curso a essa versão uma biographia de Caxias escripta em 1890. O facto não se deu. Ninguém mais ao par do que então se passou do que Ouro Preto, membro do Ministerio e amigo intimo de seus collegas. E Ouro Preto, do alto da sua inatacavel veracidade, contestou-o, apoiado por Paranaguá, varão de igual estatura moral, e por um neto do proprio Caxias.

Essa anecdota, comtudo, tem o seu valor, mesmo depois de cabalmente desmentida, desde que corre impressa. Serve para provar tanto o gráo de irritação e rancor com que Caxias olhava Ferraz, como que aos olhos dos seus amigos mais intimos era possivel a brutalidade sargentôa desse incidente.

PIQUINHAS DE ZACARIAS.

Zacarias teve de tragar a offensa do convite por escripto. A sua permanencia no Governo confundia-se aos seus olhos com o interesse nacional. Mas não quiz deixar Caxias sem o troco. Assignando a demissão de Ferraz, nomeou-o Conselheiro de Estado e agraciou-o com o titulo de Barão de Uruguayana. Esse titulo soava aos olhos de Caxias, como uma pungente irrisão. Lembrava-lhe os desaires de outr'ora, na propria cidade de que elle, Caxias, delinear a planta e fôra o fundador. Era um desafio do Ministerio: era o endosso ás impertinencias do Ministro da Guerra que na viagem Imperial o quizera reduzir ao papel de valete. Mas o valete já passara a rei...

Zacarias havia de pagar-lhe. Havia de tragar esse epigramma.

E' humano que desde ahi Caxias esperasse um pretexto para derrubal-o. Quando o teve é natural que não hesitasse.

A verdade sobre a sahida de Ferraz foi contada por Zacarias no Senado a 13 de Junho de 1868. Antes de ir á casa de Caxias convidal-o, Zacarias mandou dois amigos de inteira confiança, Souza Dantas e Martim Francisco, communicarem a Ferraz que era imprescindivel dar ao seu inimigo o commando supremo das forças do Prata. Ferraz respondeu: "Faça-se a nomeação, mas eu me retiro".

No Conselho de Ministros, a que compareceu, já sem a presença de Ferraz, tendo-lhe Zacarias dito que o Gabinete se retiraria se não lhe merecesse toda a confiança, Caxias retrucou: "A minha espada não tem partidos". E partiu para a guerra.

A CARTA.

Mas em Fevereiro de 1868 o Ministro da Guerra, Paranaguá, recebeu d'elle uma carta em que pedia demissão do commando, allegando officialmente molestia, mas não escondendo os verdadeiros motivos. Allegava ataques dos liberaes e do *Anglo-Brazilian Times*, subvencionado pelo Governo, cujo redactor, de nome Scully, apreciava tendenciosa e malevolamente toda a sua acção na guerra.

A carta foi considerada de tal gravidade, que o Imperador reuniu o Conselho de Estado para tomar conhecimento della. Formado na maioria de conservadores, este, comtudo, não hesitou. Não permittiu que o Ministerio se demittisse por essa imposição de espada. Era mistér, porém, uma sahida. Era mistér esconder que a vida do Ministerio dependia do beneplacito do Exercito. Encontrou-se a evasiva de dar a carta como não recebida, de não tomar conhecimento dos seus termos, visto como, dirigido a um amigo, como Para-

naguá o era de Caxias, tratava-se apenas de um documento particular.

O IMPERADOR E CAXIAS.

Zacarias, quando não poudo deixar de referir-se ao incidente da carta, declarou, com seu habitual desassombro, que fôra devolvida a Caxias. Sabia, porém, desde então, que estava sacrificado. Tratou de fazer as malas. Só lhe faltava a oportunidade para despedir-se. Veio offerecer-lha a escolha de Salles Torres Homem, cuja nomeação, podia elle allegar, viria enfraquecer o seu partido e robustecer o conservador, dando a este não só mais um representante, e dos de mais autoridade, no Senado, como ainda uma prova inilludivel de confiança da Corôa.

D. Pedro II, mais sacrificado ainda do que Zacarias, apesar do muito que prezava ao grande marquez e dos seus incomparaveis serviços, nunca lhe perdoou essa attitude. Deu-lhe, é verdade, quando voltou do Paraguay, coberto de louros, o titulo de Duque e a grã-cruz de Pedro Primeiro, distincções não concedidas a nenhum outro brasileiro. Mas não o foi visitar, como se annunciou e como desejava Caxias, maximé porque Zacarias, do Senado, commentou a falta da visita como um signal de censura á sua conducta. Não lhe creou tropeços á carreira politica: ainda o fez presiden-

te do Conselho, quando seu partido o designou para esse posto. Mas nunca mais foi o seu extremo amigo de outr'ora.

Pesa sobre os chefes liberaes da época a responsabilidade de atacarem o Imperador pela queda de Zacarias, quando sabiam que elle fôra tão derrotado como este. O grosso do partido, a opinião publica, podia falar em poder pessoal. Os chefes, os Nabucos, os Zacarias, os Ottonis, e tantos outros, não. Estes sabiam do que se passara nos bastidores.

O PRIMEIRO DISCURSO DE RUY.

A vida publica de Ruy é nesse anno de 1868 que se inicia com o seu discurso a José Bonifacio, em São Paulo. O grande liberal volvera ao berço, coberto das flôres de um immenso triumpho parlamentar.

O discurso de Ruy não podia ser senão o éco do pensamento nacional, repercutindo no Parlamento. Profligando "a violação acintosa das instituições", a "trahição á consciencia publica", o "desafio á soberania nacional" não faz mais que erguer sobre a queda de Zacarias a sombra de Timandro, e reflectir o ambiente politico, cuidadosamente entretido numa illusão que só prejudicava a corôa.

Comtudo, mesmo nesse esboço tacteante, vê-se

do que será capaz esse pensamento, que ainda não dispõe de todo o seu dynamismo. E' quando destaca a confraternização de todos os liberaes como o resultado maximo do 16 de Julho. Não se enganava. Assim foi. Dahi é que provirá mais tarde a victoria das suas idéas.

Esse *maiden speech*, que meio seculo mais tarde, em plena gloria, servirá para datar o seu jubileu, já é o indice do seu temperamento, um programma das suas idéas e o primeiro marco milliarario da sua longa carreira. Com a queda de Zacarias, cáem Saraiva e Dantas. E com elles João Barbosa, pae de Ruy. Começam então para aquelle as perseguições e para o filho dez annos de ostracismo, duramente curtidos, mas altivamente supportados e combatidos. Ruy não soube na occasião discernir a origem do golpe, coisa aliás, que teria de acontecer-lhe muitas vezes. Alheio aos segredos de bastidores, só muito mais tarde, ao ler o livro de Nabuco, é que lhe seria dado enxergar Caxias e os conservadores, onde até ahi só vira o Imperador.

Mobilizam-se em 1868, as forças contra o Partido Conservador, e o Poder Pessoal. Liberaes progressistas, historicos, reformistas, radicaes, republicanos, todos se fundem num pensamento commum: a guerra ao throno.

O 16 de Julho foi a nebulosa de origem. Em torno desse ponto nuclear um movimento cycloidal como o dos asteroides condensou o plasma

das opposições ignescentes. Consolidava-se o cometa cuja passagem viria trinta annos mais tarde.

A Academia de São Paulo torna-se o segundo foco da reacção nacional apenas excedido pelo Rio, onde se acham os chefes e os guias. A imprensa academica deflagra em campanhas que repercutem na opinião. O salão do Joaquim Elias, á rua Libero Badaró, então S. José, ás onze da manhã dos domingos, parece uma succursal do Parlamento. Mas não é a succursal; é o perestylo da Camara.

Theophilo Ottoni e Saldanha Marinho correspondem-se com os moços. Joaquim Nabuco tral-os em contacto com o pensamento do pae, o chefe real do movimento. Castro Alves, Luiz Gama, Sancho Pimentel, Salvador de Mendonça, Americo Braziliense, Americo de Campos, os irmãos Pamplona, Ruy, Martim Cabral e tantos outros, incorporam-se á reacção.

Estudar o periodo climaterico de 1868 é surprehender um phenomeno tellurico. E' assistir no berço á emersão plutoniana do rochedo de Cote-gipe. Quando este lhe denunciou a ameaça impen-dente aos destinos do throno, era tarde demais: os blocos dos cimos, desaggregados, pela erosão da propaganda liberal-republicana, já oscillavam. Já se ouvira o estalido precursor das catastrophes. Menos de dois annos depois da sua prophecia, em 1889, o rochedo rolou...

Tinha razão Constancio Alves dizendo que no 16 de Julho já se sentia o primeiro sôpro glacial do 15 de Novembro.

N O T A S

O 16 DE JULHO DE 1868

NA CAMARA.

Não ha em toda a Historia Parlamentar do Brasil uma sessão que exceda em interesse á em que o Gabinete Itaborahy se apresentou pela primeira vez ás Camaras. Quanto o Rio tinha de mais selecto, inclusivé o corpo diplomatico, senhoras e até senadores affluio ás tribunas da assembléa. A commoção produzida pela inesperada mudança, deu aos debates desse dia uma concorrência sem precedentes. Esperava-se uma luta de gigantes. E o foi.

Para maior solennidade, a Camara resolveu não principiar os trabalhos, antes da chegada do *gabinete bomba*. Quando esta se deu, fez-se profundo silencio. Martim Francisco tomou a palavra em nome do gabinete 3 de Agosto. Deu ao paiz a explicação de que o Ministerio se retirava por discordar da escolha de Salles Torres Homem para Senador pelo Rio Grande do Norte. Depois d'elle subiu á tribuna Itaborahy. Fez um discurso laco-

nico, cheio de moderação e dignidade, pedindo á Camara que não lhe recusasse as leis de meios de que precisava para governar o paiz.

No meio de profundo silencio e da mais recolhida attenção, surgiu então na tribuna José Bonifacio. Rendendo respeitosa justiça a Itaborahy pelo seu character e pelos seus serviços, passa a estudar a situação: de um lado um gabinete cahido sem que se soubesse porque, do outro um gabinete emergido das sombras sem que se soubesse como, e no centro, estupefacto, contemplando a mutação sem saber o que significa a inopinada mudança, attonito de assombro, o paiz. Revolta-se ante a idéa de que o gabinete 16 de Julho possa esperar apoio da Camara em qualquer terreno.

E quando diz que todos os seus companheiros estão unidos em torno de um grande principio, que todos reclamam o governo do paiz pelo paiz, é obrigado a parar pelas acclamações e palmas.

A eloquencia de José Bonifacio não era declamatoria. Tinha o arranque e o surto das grandes sensibilidades poeticas. Mas nutria-se de realidades. Tinha o senso objectivo da oportunidade e sabia sublinhal-a com um traço caricatural. Era um grande orador em toda a extensão da palavra. Era impossivel caracterizar melhor o novo Ministerio que entrava na Camara hostile para pedir-lhe apoio do que nestas palavras: "Hoje

surdem os nobres Ministros como hospedes importunos que batem fóra de horas e pedem agasalho em casa desconhecida". Era impossivel definir com mais energia a politica que gerara o Ministerio do que chamar-lhe: "O começo da dictadura". E termina apresentando uma moção de desconfiança ao governo, moção que iria reunir 85 votos nominaes.

A José Bonifacio responde Rio Branco, frisando que o gabinete nunca pensara em obter da Camara um voto de confiança politica: limitava-se a appellar para o seu patriotismo num terreno superior aos partidos: o do credito e o da defesa nacional. Seu discurso é admiravel de equilibrio, habilidade e cordura. "Estaes no vosso direito dizendo ao Ministerio actual: não tendes por vós a opinião publica. Mas não podeis negar os meios indispensaveis ao governo sem que erreis no vosso patriotismo". Depois de Rio Branco fala Saldanha Marinho. Seu discurso de phrases curtas e vehementes classifica o 16 de Julho como a "revolução que vem do alto". E termina protestando contra aquelle *estellionato politico*.

Depois de Saldanha Marinho fala Sayão Lobato, accusando Zacarias de se ter retirado por uma questão relativamente de pouca monta, como a escolha de um senador, e de não ter querido indicar o novo Ministerio. Defende o acto da Corôa chamando os conservadores, visto que os liberaes

recusavam o poder. Enaltece Itaborahy. Verbera a attitude da Camara, disposta a negar leis de meios. E diz que o gabinete achará dentro da Constituição recursos para governar sem dictadura. Depois de Sayão Lobato, fala de novo Itaborahy para explicar o sentido de certas palavras de seu discurso de apresentação. Diz que só pediu á Camara recursos, sem lhe fazer a injuria de pedir um voto de confiança. Cita o exemplo da Inglaterra, onde Ministerios em minoria pediam creditos ás Camaras que iam dissolver, declarando-o, sem que estas nunca lhos negassem. E termina pedindo que a moção de José Bonifacio seja mais explicita, para que o governo faça o que entender do seu dever.

Toma a palavra Christiano Ottoni. Mostra que a confiança da Corôa no gabinete Zacarias não se abalou nos dias do incidente Caxias. Não comprehende porque veio a perdel-a depois. Faz allusões ao *mysterio* que envolve o facto. Declara que se a Camara não fôr dissolvida o seu voto será sempre negando ao gabinete pão e agua e, que, se pudesse, chegaria a negar-lhe luz e ar para a respiração. Toma emfim a palavra Rio Branco, dizendo que acceta a moção de José Bonifacio, visto como ella importa no mesmo que queria Itaborahy: uma incompatibilidade de vida entre o Ministerio e a Camara. O gabinete retira-se e dá-se a votação, que o derrota.

Toma então a palavra Silveira Lobo. Opina que a Camara deve continuar seus trabalhos e ter fé nas instituições. Pensa que a Corôa evitará o recurso extremo da dissolução. Espera que o gabinete resigne ou que o Imperador reconsidere seu acto. E' o ultimo dos grandes discursos do dia.

Eganara-se Silveira Lobo.

A queda dos liberaes era um facto consummado.

No SENADO.

No Senado a subida de Itaborahy não produziu menor impressão.

Nabuco, sua primeira figura, aquelle de quem Zacarias se subscrive, "seu vassalo", incita logo a união dos opposicionistas. E' a recomposição dos liberaes, separados até ha pouco por dissidios, que assoma no horizonte, com o seu lemma de *Reforma ou Revolução*.

O seu discurso desse dia é o celebre discurso da *sorites*, ou da *sorita*, como elle dizia. O Imperador nomeia o Ministerio; o Ministerio faz a eleição; a eleição faz a maioria. Em ultima analyse o Imperador faz a maioria e isto é o que é o systema representativo no Brasil. Nabuco não usou da palavra Imperador, dissimulou-a no synonymo constitucional de Poder Moderador. E conclue pela illegalidade do gabinete Itaborahy, terminando seu discurso, com a forma singela dos seus pareceres de jurisconsulto: "esta é a minha opinião".

Responde a Nabuco o Barão de São Lourenço, com excellentes discurso, mostrando que a Corôa não tinha outro caminho senão recorrer aos conservadores. Depois d'elle, fala Paranhos em nome do gabinete, manifestando surpresa pelo ataque de Nabuco ao novo Ministerio, quando, pouco antes, se conservara silencioso em questões politicas de egual gravidade. Reivindica os direitos do Poder Modelador contra as maiorias occasionaes da Camara. O seu discurso é nobre, respeitoso, medido. Está á altura de Nabuco.

Fala depois Jequitinhonha.

Seu discurso revela um parlamentar consummado. Quando parecia que o assumpto estava esgotado por tantos e tão grandes oradores, vem elle descobrir-lhe aspectos e argumentos inéditos. Assim é que seus antecessores não se tinham lembrado de analysar o programma Itaborahy. Elle o faz, apontando-lhe logares communs e fórmulas tabelliôas, como: "haverá justiça para todos", e "serão respeitados os direitos de cada um", sobre as quaes se encarniça com desapiadada ironia.

Depois interpella o gabinete sobre a sua attitudo ante a questão do elemento servil acerca da qual ha um compromisso solenne entre o governo do Brasil e o mundo civilizado. E termina indagando qual a sua orientação acerca da questão sobre todas momentosa do Paraguay, a respeito da qual Itaborahy opinava pela paz a todo o transe.

Os discursos de Paranhos, São Lourenço e Sepúlveda são, porém, méros incidentes. Como todos os discursos da Camara reflectem o ambiente e illuminam os factos á luz das paixões.

Toda a actividade parlamentar do dia se resume no discurso de Nabuco: elle responde á queda de Zacarias com a *sorita*. Dá á reacção liberal o mais formidavel dos seus argumentos: o que descobre a Corôa e vae obrigar-a a sentar-se no banco dos réos da opinião.

Do discurso de Nabuco, nasce a Conciliação, da conciliação o grito de reforma e deste o movimento liberal republicano que vae desfechar no Quinze de Novembro.

ZACARIAS E O SARCASMO

Eis como o Visconde de Taunay conta uma das suas impiedosas pilherias:

“Noutra occasião, deu-se um caso muito engraçado e que nos foi contado em roda de amigos, numa das quintas-feiras da rua Senador Vergueiro, pelo Barão de Cotegipe — e quanto chiste tinha o espirituoso estadista! Nos dias de bom humor não proferia, para assim dizer, uma palavra, não fazia um gesto, destituídos de inimitavel graça.

Neste Senado, observava Zacarias, acenando com o seu lapis sempre em punho, vemos coisas

bem curiosas; por exemplo um collega que, mal chega á sua cadeira, tira as botinas, fica de meias e pega logo no somno”.

Referia-se ao Senador Cruz Jobim, cujo commodismo era proverbial, homem, aliás, de bons serviços á nação, chistoso por seu lado e muito inimigo das irmãs de caridade, que Zacarias, provedor da Santa Casa de Misericordia, protegia com todas as forças, entregando-lhes sem reserva a direcção daquelle estabelecimento e do Hospicio de Pedro II.

Voltaram-se os olhos para quem tão immediatamente incorria no reparo.

Ahi Teixeira Junior, depois Visconde do Cruzeiro, tocou no cotovello do companheiro ao lado e maldosamente lhe assoprou: “O Zacarias está affirmando que V. Ex., em outros tempos, defendeu calorosamente as irmãs de caridade”.

O outro, todo estremunhado e logo enfurecido, bradou: “Não é exacto! Prove V. Ex. o que avança! Venham as provas!”

— “Os seus collegas de bancada que attestem se digo ou não a verdade!”

— “Assevera elle”, avisou rapido outro senador, “que V. Ex. tirou as botinas e está só de meias”.

— “Com a breca”, concordou o interpellado, encolhendo-se todo e calçando-se ás pressas, — “lá isso é facto. Que malvado de homem!”

Incidentes dessa natureza grangearam-lhe a reputação de crueldade que os inimigos proverbializavam: “A malvadez do Zacarias”, “o malvado Zacarias”. O Imperador considerava-o, mas nunca lhe deu como a Bom Retiro, a São Vicente ou a Rio Branco entrada no coração.

A verdade sobre a pouca sympathia do Imperador por elle parece outra. Zacarias na emancipação sempre *deu para traz*. Não sentia como o Imperador que considerações subalternas não deviam deter a marcha da grande idéa. Não interpretava o recondito do pensamento augusto, francamente abolicionista, mas não querendo nem podendo descobrir-se. Transmittiu ao Conselho de Estado a ordem de occupar-se com o problema. Mas fel-o seccamente, sem alvoroço, nem enthusiasmo, de má vontade.

A sua vida parlamentar está cheia de incidentes pittorescos, em que nem sempre levou a melhor. José de Alencar foi certo tempo o seu duende. Cotegipe certa vez comparou-o a um condôr. Zacarias deixou de lado o adversario, e voltou-se para *Erasmus*. “Se eu fosse um condôr de verdade, agarrava num certo *fanadinho* e deixava-o cahir dos ares para rebentar-se nas pedras”.

José de Alencar, ministro, comparecendo ao Senado, referiu-se ao *Pall-Mall*, de Londres, pronunciando *pél-mél*. Zacarias increpou-o de erro. “O A antes de dois ll pronuncia-se O em inglez”,

sentenciou. Alencar argumentou com a excepção. Não havia o dictionario de Webster na casa. No dia seguinte Alencar trouxe-o para confusão de Zacarias. Este sahio-se com a allegação de que nem todo o mundo podia ter professores de inglez em casa. Alludia á senhora de Alencar, filha de inglezes, descendente de Cochrane.

Não gostava de Cotegipe, a quem comtudo admirava. Dizia que era a mais bella intelligencia do Brasil, mas estragada pelo voltarete e a chalaça.

Deram-se entre ambos incidentes picantes como este narrado ainda por Taunay.

“Analysava, certo dia, Zacarias os actos e até a vida particular de Cotegipe, então Ministro da Marinha no Gabinete 16 de Julho.

— “S. Ex.”, declara peremptoriamente, “não tem tempo material sequer para despachar o simples expediente da sua pasta. Senão vejamos. O nobre Ministro levanta-se tarde, mais ou menos ás 10 horas da manhã; faz a sua toilette com apuro, o que lhe leva bem uma hora; almoça ás 11, palestra com os amigos no Senado ás 12; vae á Camara ou responde aqui pelos desacertos do gabinete; fica livre ás 4; acha a casa cheia de gente; torna a palestrar com os intimos; janta ás 7 e meia; joga a sua indefectivel partida de voltarete; vae ao theatro ás 10, sae delle ás 11, passeia por ahi, etc., etc., e afinal recolhe-se depois de meia-noite, se não mais tarde!” No dia seguinte respondia-lhe o aggreddido ao pé da letra.

— “Sinto, Sr. Presidente, disse elle, não ter podido ouvir o minucioso relatório que o nobre senador apresentou sobre a minha vida diaria, pois houvera rectificado varias inexactidões. Até certo ponto, porém, foi conveniente, porquanto tive o ensejo de proceder a conscienciosas indagações e estou agora habilitado, do meu lado, para indicar ao Senado o modo por que S. Ex. reparte as horas do seu dia.

“Levanta-se cedo, ás 6 da manhã, toma o seu banho frio, bebe café com leite e come um pratinho de torradas. Depois, estuda os relatórios e as materias da ordem do dia até ás 9. Ahi, almoça e vae vestir-se, no que gasta algum tempo, por isso que prova varias sobrecasacas, a ver a que melhor lhe assenta. (Era com effeito uma das preoccupações de Zacarias andar com roupas severas, mas muito bem ajustadas e elegantes). Vem para o Senado e até ás 4 horas da tarde leva a causticar todo o mundo. Volta á casa na sua caleça; janta ás 5 e palita os dentes. A’s 6 e meia sae para a Misericordia; ás 8 encerra-se com as irmãs de caridade e com ellas conversa até ás 9 e meia; recolhe-se ás 10 e deita-se, dormindo somno de beato por ter bem cumprido com todas as suas obrigações”.

Tudo isto, já se sabe, pontuado por boas gargalhadas dos deliciados senadores. Deu Zacarias de-veras o cavaco e foi ter com o contendor.

— “Collega”, propoz todo dogmatico e imperioso, “nas provas tachygraphicas vou tirar aquelles maliciosos etcoetera, etcoetera... V. Ex., por sua parte, ha de eliminar a “tal historia de irmãs de caridade, ouviu?”

— “Riscarei tudo quanto V. Ex. quizer”, replicou o outro; “mas não consinto, isto nunca, que deixem de apparecer os taes etcoetera, etcoetera de V. Ex. Esses são meus e vão dar-me muita força moral. Se os supprimir, reclamo-os da tribuna, fique certo”.

Cotegipe doutra feita interpellara-o sobre a fala do Throno e como de costume crivara-o de remouques. Zacarias respondeu-lhe no mesmo tom. Valendo duma critica real ou suppositicia de José Feliciano de Castilho a Montalverne, conveio que poderia ter evitado certa locução:

“Eu poderia ter evitado a par da dedicação”.

Todo o mundo sentiu que a *parda* dedicação visava o estadista bahiano.

Seria curioso estudar o sarcasmo, no Parlamento Imperial. Desde Montezuma com a autoridade, que lhe dava uma longa carreira, iniciada na aurora do regime, e cuja imperiosa causticidade queimava como um vesicatorio, até Martinho Campos, passando por Zacarias, Cotegipe, Alencar, Silveira Martins e Lafayette, quanta gradação, quanta diversidade, quanta riqueza nos intuitos,

nos effeitos, nos caracteres! Não é facil definil-os. Montezuma parece ter sido o maior de todos. Tinha todas as cordas: a mobilidade de physionomia e a intelligencia de Cotegipe, a autoridade de Zacarias, o veneno de Alencar, a perfidia de Lafayette, a trovoada de Gaspar, o chiste de Martinho. Era um tragi-comediante como Novelli. Não poupava nem o silencio do adversario. Numa interpellação atacava Souza Franco. Este calou-se para deixar passar o temporal. Mas esboçou um riso contrafeito. Bastou esse pretexto a Montezuma. "Recolha o riso, nobre senador". E com esse estribilho, dizendo porque Souza Franco devia recolher o riso deu ao Senado um espectaculo de viviseccão.

Zacarias estudava o ponto fraco do adversario e desfechava-lhe a flexa. Dahi o dizer-se que preparava de vespera as suas perfidias. Mas estas voavam certas ao ponto vulneravel: só procuravam em cada Achilles o calcanhar.

Cotegipe era a intelligencia viva, irradiante e captante. Apprehendia as situações num relampago. E improvisava a réplica com a rapidez com que certos *virtuoses* de theatro escarvoam uma caricatura ou uma scena. A sua agilidade de espirito tornava-o inapprehensivel e inaccessible. Para prostral-o era preciso a trama retiarria de uma calumnia, com o *Caso das Popelines*, ou uma eversão cataclysmica como o Manifesto Pelotas.

Alencar, tendo tudo contra si, debilidade de voz, fraqueza physica e hostilidade de auditorio, só de uma vantagem dispunha: da sua supremacia litteraria. Valia-se desta. Preparava as suas phrases com o cuidado que os indigenas dão á manipulação do curare. E fez-se temer e respeitar. Podia demorar o troco dos golpes. Mas vinha e infallivel. Não respeitava o proprio Imperante. E' d'elle a descoberta do *lapis fatidico* com que no seu modo de vêr o Imperador assignava os nomes votados a eterno ostracismo. E' d'elle o *ecce iterum Crispinus*. E na sua bocca esse *iterum* não tinha só a significação latina de outra vez. Ampliava-se o conceito iterativo até á perpetuidade. Ainda e sempre. Ainda e sempre, *elle*, o poder pessoal, o Imperador.

Lafayette, o formidavel, tinha o sarcasmo mais profundo que todos. Como Sainte Beuve dir-se-ia que tinha um laboratorio de venenos. Procurava essas toxinas organicas, essas ptomainas perto das quaes a lethalidade do acido prussico desaparece, e que destroem num relampago o equilibrio physiologico.

Grave, austero, frio, implacavel, o espirito nelle era uma necessidade de temperamento. Era um meio de combate. Era uma arma de guerra. Perto d'elle as piadas de Martinho eram como um trabuco de *pederneira* perto dos poderosos Smith & Wesson, que no tempo do seu maximo esplendor,

começaram a apparecer e de que o primeiro exemplar foi mandado ao Imperador em 1866.

Gaspar tinha o espirito arrazador. Teria graça se a tromba e o tornado pudessem ter graça. As suas phrases de combate não picavam, não confundiam, não sangravam. Esmagavam. Na sua optica humoristica não cabia senão o immenso. Como o personagem de Rabelais, que usava sinos como campainhas, elle tomava de boa fé lanças por alfinetes. Quando retesava o arco gigantesco para desfechar uma flecha, tirava do carcaz um tronco de massaranduba ou de mata-cavallo. Um padre ousou dar-lhe um aparte na Camara. "O nobre deputado quer comer-me. Pensa que eu sou feno".

Martinho Campos era a falsa ingenuidade simploria do caboclo, a espontaneidade confidencial, o chiste matuto, todo um complexo de qualidades innatas e refinadas num molde original e generoso. Para definir o General Polydoro, autoritario e imperativo, tratando a todos como um cabo ás praças de pret, encolhia-se, confessava que se sentia *arrepiado* á sua presença e tremia como varas verdes. As suas graças doiam mas passavam. A sua graça vinha mais d'elle mesmo do que do assumpto ou da pessoa em questão. Como as creanças que tiram dum pouco de sabão uma esphera irisada, de um pouco de nada elle fazia uma scena comica. Chamou a Ruy de menino malcreado. Era um pouco de nada, uma bolha de sabão. Mas nessa

bolha de sabão havia as côres do ambiente, o reflexo da situação de ambos, do velho e experiente Martinho Campos e do noviço Ruy Barbosa. Toda a Camara riu ás gargalhadas. No dia seguinte, quando quiz saber porque, ficou pasma: a bolha de sabão desfizera-se.

PERFIS DO IMPERIO



QUEM era o homem, a quem se dizia que o Imperador sacrificara o gabinete Zacarias? Os principios da sua vida são pouco conhecidos. Filho duma quitandeira, deve ter tido comtudo do lado paterno uma assistencia vigilante nos primeiros annos. Será parente por linhas naturaes de Evaristo da Veiga, mais velho que elle apenas onze annos? Fal-o crer o facto de que foi Evaristo que o mandou para a Europa ajudando-o pecuniariamente nessa viagem e nos estudos. E' verdade que tinha o logar de addido á Legação de Paris. Mas é indubitavel que Evaristo o auxiliou.

Collaborou na *Aurora Fluminense* mas sem continuidade. Trouxe dos estudos em Paris uma grande bagagem litteraria e politica. Foi com esses elementos que redigiu o celebre *Libello do Povo*, sob o pseudonymo de Timandro. Desde ahi que foi uma personalidade. Seu livro foi um acontecimento que o collocou desde logo na primeira plana das summidades intellectuaes.

O *Libello do Povo* era bem um libello no sentido juridico da palavra. Não poupava a familia Imperial. Arrastava-lhe os antepassados, mesmo os

mais proximos, pela rua da Amargura. Os Bourbons de Napoles, familia da Imperatriz, esses eram os mais impiedosamente tratados.

O Imperador resentiu-se profundamente desses ataques. Só a sua magnanimidade poderia perdoal-os. Mas elle proprio não poderia nem admitir essa hypothese, a menos dum milagre. O milagre deu-se. Salles Torres Homem, especializando-se em assumptos financeiros, mostrou tal superioridade e tão grandes mestria que o Imperador lhe deu uma pasta de ministro para executar as suas idéas. Honorio Hermeto approvou-lhe a resolução, não é exacto que a ditasse. O Imperador escreveu uma vez: "o Honorio não se curva". Honorio podia inverter-lhe a phrase.

Do seu primeiro encontro com o Imperador tem havido varias versões e varios desmentidos. E' inexacto que elle se tivesse ajoelhado. Mas a verdade é que proferiu a celebre phrase: "Senhor, para os grandes crimes as grandes expiações. Esmagado pela generosidade de Vossa Majestade, forçado a retractar-me dos erros de uma mocidade petulante, a expiação do meu orgulho não podia ser maior".

O Imperador perdoou. Não assim a Imperatriz. Quando Torres Homem partindo para a Europa foi ao Paço despedir-se, D. Pedro II acolheu-o affavelmente. Timandro rehabilitado sentiu-se com coragem para pedir-lhe permissão de apresentar

à Imperatriz as suas homenagens de profundo respeito.

O Imperador atalhou-o. "Não, não, Sr. Salles, não pense nisso. Eu sou homem e posso esquecer e perdoar. Depois não só posso como devo. Sou brasileiro e o Brasil precisa de homens como o Senhor. Mas a Imperatriz é mulher e não esquece. Demais, embora brasileira, hoje, ella não esquece que é Bourbon e nasceu na Italia. Não se despeça da Imperatriz. Eu buscarei que com o tempo ella lhe perdôe".

O grande periodo do Salles (assim lhe chamavam os contemporaneos) foi o da questão financeira, o da luta com Souza Franco, partidario e realizador da pluralidade bancaria.

Os desastres da politica financeira de Souza Franco deram-lhe razão ponto por ponto. Tornou-se o grande financeiro do Imperio na opinião geral. Não chegou a ter o conceito externo de Itaboraahy e talvez lhe faltasse a capacidade de execução deste. Mas superava-o no talento e na instantaneidade de visão.

Retratemol-o physicamente. Baixo, gordo, pernicurto, pesadão, labios grossos, oculos de ouro sobre os olhos esbugalhados, tinha um aspecto fechado, convencido e solenne. A côr de cera da tez e a longa cabelleira postiça attenuavam-lhe o mascavo da raça. Não tinha um deslize no trajar: pensava que não se deve deixar aos tolos a superioridade de andar bem vestido. Tinha sége e

“coupé” particular, com trintanario. Andava sempre de luvas, não na mão, como Quintino Bocayuva, mas calçadas. Variava diariamente de gravatas e alfinetes, de que tinha verdadeiro sortimento, comprazendo-se nas varias combinações com que quebrava a monotonia da eterna sobrecasaca. Acreditava nas propriedades das pedras préciosas e dava-lhes preferencia segundo os dias da semana e a feição da atmospherá.

Nabuco de Araujo, referindo-se ao seu orgulho e á sua fealdade, dizia: “Se elle não tivesse tanto talento, poderiam chamar-lhe perú de roda. Pavão é que nunca. Para pavão, falta-lhe algum tanto de belleza...”

Bom humanista, como os seus grandes contemporaneos, sabia latim como um padre e trazia Lucrecio de cór. Falava francez como um parisiense, sem o minimo sotaque. Seus escriptores preferidos foram Chateaubriand, Benjamin Constant, Paul Louis Courier e Cormenin.

Grande orador, dos maiores de seu tempo, era simples e magnifico. Não ha na historia parlamentar da Monarchia dia mais memoravel do que o em que respondeu a Zacarias que atacava o projecto Rio Branco sobre a emancipação dos nascituros (5 de Setembro de 1871).

A asthma, de origem cardiaca, que o devia fulminar pouco tempo depois em Paris, já lhe difficultava a respiração e o uso da palavra.

Zacarias fôra, além de mordaz, eloquente. Dera

o maximo contra essa reforma, a que attribuia, e com razão, a perda da *sympathia imperial*. Salles não quiz deixar a outrem a honra e o perigo do revide. Os contemporaneos, quando elle começou a falar, interrompido por espasmos, assistiam a uma scena quasi tragica: a luta do espirito querendo alar-se contra a materia, buscando cortar-lhe o vôo.

Mas a vontade venceu. Salles conseguiu domar a machina rebelde. E continuou a falar. O seu discurso, a que Nabuco, aliás, preferiu o de Octaviano sobre o mesmo assumpto, é uma peça maravilhosa. Eclipsa não só o de Octaviano, como ainda o de Nabuco de Araujo, e talvez seja por isso que Joaquim Nabuco não o transcreve nem o analisa devidamente. Ha nelle gritos do coração e imprecações que tocam as raias do sublime. Enquanto este não fôr proscripto do pensamento, como incompativel com a grosseria ambiente, será lido com emoção o discurso de Salles.

Principia elle chamando á banca dos réos o escravismo. O habito de parlamentarizar os discursos, espontando-os de todos os espinhos que pudessem arranhar a etiqueta, edulcorou nos *Annaes* a amarguidão dessa figura. Mas a verdade é que elle chamou o escravismo á barra do Tribunal, como um criminoso, e que desde ahí o seu discurso começou a causar sensação.

O grande argumento dos escravocratas era o direito de propriedade, era o *partus sequitur ven-*

trem dos semoventes. A humanidade do escravo desaparecia: elle era animalizado como um bicho qualquer de que o dono tem direito ás crias.

Salles Torres Homem combate esse argumento em nome da humanidade e da religião:

“Não será no recinto augusto do Senado, onde, a par de tantas luzes e experiencias, dominam os mais elevados sentimentos, que virei provar que creaturas intelligentes e dotadas como nós dos mesmos attributos e dos mesmos destinos não podem ser equiparadas, no ponto de vista da propriedade, ao potro, ao novilho, ao fruto das arvores e aos objectos inanimados da natureza, submettidos á dominação do homem. Doutrina absurda e execravel!

“Aquelles sêres não vivem ainda; a poeira de que seus corpos serão organizados inda fluctua dispersa sobre a terra, a alma immortal que os deve animar ainda repousa no seio do poder creador serena e livre e já o impio escravagista os condemna, os reclama como propriedade sua, já os reivindica do dominio de Deus para o inferno da escravidão”.

O Imperador buscava á viva força esconder a sua responsabilidade na emancipação. Torres Homem entreabre respeitosamente o reposteiro côr de pecego da sala dos Ministros em S. Christovão, atrás do qual se queria occultar D. Pedro II. Não nega a interferencia directa da Corôa, allegada por Zacarias como capitulo de accusação.

Antes deixa entrevel-a para reivindicar-a como uma gloria.

“Se o Imperador, como homem e christão, se associou a esse voto da sua patria e da humanidade com o ardor de uma consciencia piedosa; e, como rei, o amparou com os prestigios da sua posição excelsa, sem sahir da orbita constitucional, bastaria esse factó, só por si, para immortalizar o seu reinado”.

Verberando a escravização dos nascituros, mostra como a sua monstruosidade é incompativel com a familia e a religião. “Esperam-se ás portas da entrada da vida as creaturas novas que apraz á Providencia enviar a este mundo e ahi são recrutadas para o captiveiro, embora nascidas no mesmo solo, junto do lar da familia, em frente ao templo do mesmo Deus e no meio dos espectaculos da liberdade, que tornam mais sensiveis a sua degradação e miseria”.

E, alterando o tom de voz numa phrase que resume o seu pensamento e causa prolongada sensação, ajunta:

“E’, senhores, a pirataria exercida á roda dos berços, nas aguas da jurisdicção divina e debaixo das vistas immediatas de um povo christão!”

RIO BRANCO foi sob certos aspectos o mais completo estadista dos ultimos tempos da monarchia. Ninguem teve o seu conjunto de qualidades.

Os que o excediam numa faculdade, não tinham outra ou outras de que elle dispunha. E' assim que, sem ter a actividade e a competencia omnimoda de Angelo Ferraz, a lucidez chammejante de Torres Homem, a profundeza luminosa de Nabuco de Araujo, a autoridade pragmatica de Zacarias, a linha pontifical de Paulino, a erudição e o humanismo de Lafayette, o dom gregario de João Alfredo, o tino administrativo e a energia de Ouro Preto, a intelligencia e a visão de Cotegipe, sem competir com os grandes oradores no preparo, na dialectica e na eloquencia, nem com os grandes estadistas no descortino e na audacia, nem por isso deixou de exceder a todos, graças a uma somma de qualidades médias que no conjunto produziam um coefficiente tão alto que nenhum dos outros, sommadas as suas qualidades e lacunas e tirada a média geral, o pode attingir.

Angelo Ferraz, Nabuco e Cotegipe, por exem-

plo, eram gráo 10, o primeiro na competencia administrativa, o segundo no Direito e o terceiro na Politica. Paranhos apenas era gráo 9 nisso tudo. Mas Angelo Ferraz no tacto conciliatorio, que resolve os antagonismos antes que se tornem insolúveis, Nabuco, na actividade pessoal, que crêa situações inexpugnaveis, e Cotegipe no preparo, que desdenha elidir uma difficuldade por um dito cho-carreiro, merecem apenas gráo 5. A média era favoravel a Paranhos.

Esse calculo escolar é o que mais claramente me dá a sentir Paranhos. Quasi optimo em tudo, o que é muito mais difficil do que ser optimo numa só coisa. E tanto isso é verdade que quem se volta para o passado e evoca a sua figura não a vê destacar-se por nenhum caracteristico avultado.

Esse equilibrio de qualidades é o mais precioso requisito no ministro duma monarchia, onde existe o Poder Moderador. O trato com este exige uma plasticidade que não seja dobrez e uma energia que não seja obstinação. Paranhos na sua linha moral sabia melhor que ninguem alliar a plasticidade e a energia. Não o souberam Paraná, Euzebio e Alencar, pela altaneria. Quantos, de que não vale a pena falar, o ignoraram por excessiva flexibilidade!

O Imperador que conhecia os homens do seu reinado como ninguem, quando um ministro estrangeiro, aqui acreditado numa ausencia de Para-

nhos, se lhe mostrou pasmo pelo valor dos nossos estadistas, respondeu-lhe: "E o senhor ainda não conhece o Paranhos!" Dava a entender-lhe nessa phrase, que reservasse o maximo de admiração para o *primus inter pares*.

Tudo concorria para o seu triumpho na vida, até a belleza physica, carta de credito pessoal dos melhores, em que a ninguem pediu meças. Alto, esbelto, robusto, elegante, pela gravidade de aspecto, pelo erecto do porte, pela fronte descampada, illuminada por um olhar cheio de franqueza, quem o visse, mesmo sem o conhecer, tinha logo a impressão de que estava diante de *alguem*. E mesmo quando o rosto se lhe abria num sorriso chão e benevolo, ninguem se enganava, ninguem ousava transpôr a linha de respeito que o seu aspecto insensivelmente impunha.

A gravura e a photographia guardam a perfeição numismatica das linhas, mas a irradiação pessoal não se deixa fixar.

Porém o testemunho dos contemporaneos ainda está vivo. Em casa tenho um dos melhores. A viuva Ruy Barbosa viu-o por duas vezes. A primeira em sua casa quando Rio Branco foi visitar o joven casal que chegava da Bahia. A segunda num baile, em casa do Conselheiro Dantas. A sua impressão é a de que Rio Branco foi o mais bello homem que jámais viu. Nada tinha de efeminado, de artificial, de philaucioso. Carregava a sua elei-

ção physica como se lhe não soubesse da existencia.

O Imperador, com quem conviveu longos annos (o seu gabinete foi o de mais longa duração na monarchia) não devia escapar á fascinação que d'elle irradiava, consolidada por maneiras de rara doçura, embora sempre limitada pela correcção dum *gentleman*. Com elle sentia-se tranquillo, a coberto de perigos, livre dos attritos da vaidade, do orgulho ou da indelicadeza. Dizia-lhe tudo, sem receio de ser mal comprehendido. Mas em compensação ouvia-lhe tudo, sem o temor de ser desrespeitado. A ninguem o Imperador quiz tanto como a Paranhos, se exceptuarmos Bom Retiro. Mas a este ligava-o sentimento differente. D. Pedro II queria-lhe como a um irmão que fosse ao mesmo tempo um santo.

Com os amigos e partidarios, o seu encanto pessoal exercia-se ainda em maior escala. Não tinha a *politica dos abraços*. Mas mesmo guardando a linha de uma affectuosa distancia, foi immenso o numero de dedicações que fez e conservou mesmo depois da morte. João Mendes, seu braço direito na Imprensa, durante a campanha da emancipação, e Taunay, seu dedicado e fiel amigo, votavam-lhe verdadeiro culto. Nunca prometteu que não cumprisse. Nunca se disse amigo, sem que o fosse, e sem que provasse que o era. Nunca se abaixou numa inverdade, numa fraqueza, numa transigencia cobarde.

Certos caracteres com apparencia de inteiriços são de facto malleaveis. Uma simples pellicula de papel prateado reveste-os por fóra da apparencia da platina, ao passo que o intimo é de miolo de sabugueiro. Paranhos era o contrario. Sob o velludo das maneiras havia o aço duma vontade inteiriça. Foi essa vontade que lhe assegurou o triumpho.

A carreira de Rio Branco deveu-a elle aos proprios esforços e a mais ninguem. Estudante pobre, lecionou para formar-se. A Imprensa inda era a porta para a politica. Entrou na Imprensa. Fez-se conhecido no *Novo Tempo*. Consolidou o nome no *Jornal do Commercio*, bem ou mal, e apesar dos erros inevitaveis, já naquelle tempo, o nosso *Times*, era a maior força de opinião no paiz. Honorio Hermeto, nem de vista o conhecia. Um dia, porém, entrou pelo *Jornal do Commercio*, durante o dia, numa dessas horas mortas, que precedem ás tarefas da tarde e da noite, e pediu para falar ao Sr. Paranhos. Imagine-se o alvoroço da redacção, quando o poderoso Paraná, o autoritario Vice-Rei, lhe appareceu inopinadamente! Paranhos, inquieto e desconfiado, enfiou ás pressas o paletot e recebeu-o numa saleta, lateral á sala de redacção. Honorio Hermeto demorou-se dez minutos. Quando sahiu, Paranhos não poudo satisfazer a ansiedade dos companheiros. Disse que o presidente do Conselho quizera oriental-o sobre a nossa politica externa.

A verdade é que fôra convidado para ir para o Rio da Prata, como secretario particular de Honório Hermeto. Ousara perguntar a este ao que devia a tão alta distincção. “A ninguém, respondeu o altaneiro estadista. Não consultei a ninguém para nomeal-o. O que influiu no meu espirito foi o seu merecimento, apreciado por mim. Espero que o senhor me prove que acertei”.

A visita de Honório e o convite não constam do *Jornal do Commercio*. Mas o Barão do Rio Branco a ouviu do pae e inda estão vivas varias pessoas que lha ouviram narrar como eu.

Desde essa missão, Paranhos começou a subir. Em breve está ministro no Prata. Pouco depois assignava o Convenio de 20 de Fevereiro, seu Calvario na occasião, seu Thabor depois. E desde ahi, desde o discurso das 8 horas no Senado, em que defendeu a sua attitude assignando aquelle convenio, não houve no Brasil Imperio figura maior.

MARTINHO CAMPOS era uma figura original, capaz de caber em tres traços caricaturas como um heróe de Dickens. Alto, magro, completamente glabro, não transigia com a moda. Lá ia para a Camara com as mesmas botinas de elastico e as mesmissimas calças de riscado que um compadre mascate lhe vendera em Minas. E' verdade, porém, que adepto intransigente dos usos e praticas inglezes, ajambrava essa indumentaria nacional com o adminiculo parlamentar de uma sobrecasaca...

Quem o encontrasse descendo a rua do Ouvidor, tomal-o-ia por um sitiante recém-chegado, caminho da rua das Violas, em busca do seu commissario de café ou carne de porco. Engano. Debaixo daquelle aspecto de matutice pelluda escondia-se uma das primeiras figuras da Camara, o seu mais terrivel derrubador de Ministerios, o celebre, o temido, o excentrico, o paradoxal, o anecdotico Martinho Campos.

Minas, apesar de não ter academias, foi durante decennios a provincia onde melhor se ensinavam humanidades no Brasil. Martinho Campos, que se

formou em medicina, teve o enrocamento grânico dessa aprendizagem. Sobre ella facil lhe foi erigir uma cultura de emergencia, mas que abrangia todos os departamentos juridicos que entendem com a politica. Aprendeu do Direito Constitucional e Administrativo o quanto lhe bastava para bandarilhar de farpas incendiarias o cachaco dos projectos adversarios. Andrade Figueira, formidable estratege, *doctor eximius* das guerrilhas parlamentares, não lhe levava lampas na sciencia das nugas e recursos regimentaes. E quando um ponto intrincado de direito agitava a casa, e Martinho intervinha, e Martinho sophismava, e Martinho gesticulava, e Martinho citava Bolingbroke e Chatham, a sua naturalidade era tal, achava-se tão á vontade, falava com tanta clareza, empregava tanto talento, dispendia tanto chiste, que ninguem se escandalizava de ver aquelle caipira picando fumo com a espada de Themis.

Dava-se com Martinho o milagre das consciencias inteiriças: impunha-se pelo magnetismo da propria irradiação. Escravocrata, ninguem se lembrou de accusal-o por isso.

Possuidor de escravos, se alguem se lembrasse de os alforriar, elles, "os meus negrinhos", como lhes chamava Martinho, seriam os primeiros a recusar a liberdade. Martinho não lhes era um senhor, mas um pae. Certa occasião passando a cavallo na fazenda viu que um delles, tendo ás costas um cesto de café roubado, queria esconder-

se-lhe. Não lho consentiu. E aproximou-se-lhe. “Olha, disse-lhe, mette-te no cafezal e vae para onde tens de ir. O feitor vem ahi, e se te pega nem eu te salvo do bacalhão”.

Ainda o da França não derrubara nenhum Ministerio e já o nosso Clemenceau roceiro derrubara varios. O logar que elle creou para si na politica da Monarchia foi invenção sua: foi o de *fiscal do poder*. E não poupava os proprios amigos quando se desviavam do rumo certo.

Em todos os gabinetes era o oitavo ministro: o ministro sem pasta da opinião publica. Ao proprio Imperador não poupava. E’ delle esta dura propheta: “Lembre-se Vossa Majestade que a barra por onde o Senhor Seu Pae sahiu em 1831 ainda está aberta e bem aberta!”

A graça borbulhava do seu todo, do seu physico, dos seus modos, das suas palavras como a agua da fonte. Realizava o milagre de fazer-se respeitar fazendo rir. Conseguiu impor-se á Camara por um conjunto raro de qualidades: a independencia, a integridade, a desambição, o lealismo partidario, o mais ardente dos patriotismos. Foi o chefe da patrulha liberal que em 1872 fazia opposição a Rio Branco, e que se compunha de Gaspar Martins, Conde de Porto Alegre, Florencio de Abreu, Luiz Flores, Araujo Brusque e Mauá, este pouco depois separado do grupo.

Rio Branco destacara um joven pernambucano, de quem se diziam maravilhas, para medir-se com

Gaspar. Eis como Taunay descreve a attitude de Martinho, ante o *maiden speech* de Gusmão Lobo:

— “Appellidado á tribuna”, dissera o orador, “embora...”

— “Sim, senhor, appellidado”, observou logo o terrivel deputado mineiro... “é isso mesmo... *appellidado*...”

— “Se não agrada a V. Ex. o termo, direi *avocado* ou chamado á tribuna ..”

— “Avocado tambem é bom, mas *appellidado* é meu, sim, senhor... apoiado... muito bem... melhor... não dispenso mais este *appellidado*...”

O orador, ainda que estreante, ficou de posse de todo o sangue frio e foi por diante, auxiliado logo valentemente pelos companheiros da maioria, enquanto continuavam as variações do apartista sobre aquella palavra.

— “Mal formado o gabinete”, disse Gusmão Lobo em certo trecho, “iniciou logo...”

— “Apoiado, apoiadissimo”, estrondeou Martinho Campos, “*mal formado*... pessimamente formado”.

— “V. Ex. bem comprehende o que eu quiz dizer...” “Apenas formado...”

— “Não, senhor, *mal formado* é que deve ser... Pessimamente... *mal formado*... nem podia ser peor...”

— “Mas...”

— “Qual mais! O senhor falou pela bocca de um anjo... sim, senhor, pela bocca de um anjo...”

O paiz é que soffre as consequencias dessa detestavel organização ministerial”.

E ao passo que o outro seguia além, verboso, excitado na fibra oratoria, vendo com perspicacia que o fim unico era perturbal-o, fazer-lhe perder as estribeiras, continuava Martinho de Campos mil commentarios sobre o tal mal formado, em voz alta e sardonica.

— “Fala bem, não ha duvida”, concordava elle, “mas até agora só disse uma verdade... o que é ser moço e abrir o coração... sim, senhor! abrir o coração!”

A sua graça não era a que os francezes chamam espirito, que como a rosa tem aromas e espinhos para embalsamar ou ferir. Era antes o *humour* saxonio que se nutre de excentricidade, e que por isso mesmo nasceu no paraizo dos excentricos.

O espirito francez é principalmente auricular: dahi o trocadilho. O *humour* inglez, principalmente visual, é um espelho concavo ou convexo onde se vê a realidade augmentada ou diminuida, mas se vê a realidade. Martinho tinha o condão de apresentar aos seus ouvintes esse duplo espelho.

Apresentando á Camara o seu programma de Presidente do Conselho elle não teme confessar-se “mais habituado a derrubar governos do que a pensar em ser governo”. Leva a sinceridade ao ponto de dizer “que sabia um pouco do officio de opposicionista”, mas que “de governo não tinha

nenhuma pratica". Vae mais longe. Confessa que "o papel de opposicionista é muito mais patriotico do que o de governo".

Produzem hilaridade essas declarações. O publico que affluira para ver como Martinho *descalçava a bota*, não perdeu tempo. Martinho mostrou-lhe o Presidente do Conselho, deformado no espelho humoristico do mesmo opposicionista impenitente, que o paiz conhecia. Mas o seu discurso é tão nobre e tão repassado de elevação, apesar de feito sem plano, que aquelles trechos de humorismo são como as flores das encostas, que vão ficando para traz do viajante na subida da montanha.

São dessa época outras phrases, que o pintam. "Mal me acho no governo já estou com saudades da opposição!" "Quanto eu não daria para poder metter desde já as botas no governo!" "Decididamente não nasci para aguentar cangalha!" Mas foi mais longe. Presidente do Conselho, apresentou ao Senado um requerimento em que pedia informações sobre o pessimo serviço do Correio. E explicava: "ali tem *caveira de burro*, como disse o Cotegipe. E' preciso tiral-a! Não quero demittir ninguem. O pessoal do Correio, sabendo do meu pedido de informações, melhora. E é o que quero". E retirou o requerimento. Quando cahiu do Poder, onde se achava como um peixe fóra d'agua, commentava ironicamente: "perdi o emprego!"

O publico das galerias assenhoreava-se dos seus ditos e popularizava-os.

“A todos tratarei (falava dos adversarios) não como a filhos mas como a sobrinhos”. “Podemos viver todos na mesma canôa”. Essas imagens fizeram época. No Carnaval appareceu a *Canôa do Tio Martinho*, com gatos e cachorros, escoltados por uma vistosa guarda de honra, cujas mascaras, por expressa autorização sua, reproduziam-lhe fielmente os traços. Presidente do Conselho, dava com isso uma prova de liberalismo e tolerancia.

L A F A Y E T T E

ALTO, forte, anguloso, estrabico, nariz adunco, armado de grandes oculos, physionomia caracteristicamente semitica, começavam-lhe as antinomias na apparencia.

Parecia á primeira vista um judeu. Mas quem o observasse attentamente veria que a sua expressão contemporanea dos pergaminhos, cujo trato eram as suas delicias, era menos judaica do que monastica. Não vinha do Ghetto, vinha de São Mauro. Tinha a mascara dos primeiros humanistas que exhumaram, colligiram e salvaram os fragmentos das letras antigas. Curvado o tronco pelas grandes leituras que distendem e vergam os musculos dos hombros, parecia pedir o pincel de Durer: a cella, os escabellos de páo, a tabua de parapeito, as prateleiras de *in-folios* de corrente. Não amealhava dinheiro como os syndicos de corporação e os banqueiros de synagoga que o seu perfil involuntariamente evocava e de que á primeira vista se diria descender. Enthesourava idéas, imagens e livros.

Mas a antinomia continua. Esse beneditino das letras não se contentava em ser o mais profundo

dos nossos humanistas. Era ainda o maior dos nossos jurisconsultos.

Quando assim me enuncio, não penso quer em Nabuco de Araujo, o mestre dos mestres, a “cabeça quasi divina”, quer em Teixeira de Freitas, o cerebro de tanta luz, que lhe não pode supportar o calor. Mas tirante os dois, que aliás não conseguiram dar toda a medida do que valiam, Lafayette como jurisconsulto é maior que todos os outros. Para garantir-lhe esse lugar bastariam o *Direito das Coisas* e o *Direito de Familia*, primores vernaculos inda não egualados, joias de estylo, arrancadas aos veios mais fundos da disciplina juridica.

A face da sua personalidade que mais irradiou na arena parlamentar foi a do polemista, dialecta e *debater*. Aquelle beneditino, que tinha Juvenal por breviario, e que poderia morar no mosteiro onde Rabelais escreveu o “Pantagruel”, fabricava epigrammas de dynamite. As suas granadas satíricas tinham os clarões sulfureos do Inferno. Todos os contemporaneos o sabiam. Ninguem mais temido que elle. Era o *Grande Sarcasta* do Imperio. Era preciso mais que coragem, estoicismo para enfrental-o. Incomparavel presença de espirito, grande poder caricatural, senso instantaneo da oportunidade servidos por uma erudição bebida nas fontes mais puras do humanismo, enchiam-lhe o carcaz de flechas, que produziam ferimentos incuraveis como as de Philotecto. Não

é facil analysar-lhe as peculiaridades da intelligencia. De um lado, o amoralismo politico que lhe dita maximas destas: "o fim justifica os meios" — "a politica não tem entranhas", entroncava-o na linhagem de Machiavel. Do outro, a ferina dicacidade, que chama ao deputado Anisio Salathiel de companheiro do leão da fabula e a insensibilidade com que despede um ministro como um lacaio, apparentam-no a Tayllerand. Devia ser do impassivel diplomata, que assistira com o mesmo sorriso ironico á Revolução, ao Imperio, ao Cem Dias e á Restauração, que se lembrava Felicio dos Santos ao chamar-lhe "animal de sangue frio". E o proprio autor da maxima de que a palavra foi dada ao homem para esconder o pensamento, de certo lhe invejaria a celebre resposta: "póde ser que sim, póde ser que não".

A erudição de Lafayette era assombrosa. Nabuco de Araujo em Pernambuco lia o repertorio juridico de Dalloz como quem lê um romance. Só muito mais tarde é que amenizou a aridez das leituras juridicas com o convivio das letras. Lafayette foi o contrario. Desde adolescente que rasteou as letras latinas com afinco e paixão. E ia ás fontes das fontes. Possuo alguns livros que lhe pertenceram. Alguns versam pontos de acuidade linguistica como *Laurentius Valla* e *Sancti*: elegancias e difficuldades lexicas e syntacticas do latim. Dir-se-ia que elle sujeitava os vocabulos ao

microscopio dos laboratorios. Foi nesses estudos que adquiriu a pureza, a transparencia, a concisão da lingua em que eternizou a sua obra juridica. Nesta inda hoje está sózinho como um cimo de montanha isolada. E' com certeza dos pontos visiveis o mais alto do nosso direito civil. "E Ruy onde fica?" perguntarão. A resposta é facil. Ruy excede-o em volume orographico. Está para elle como a cordilheira para a montanha. A sua immensa obra, sahindo do territorio juridico, vae plantar os ultimos espigões e erigir as mais altas agulhas no planalto central dos nossos destinos. Só daqui a cem annos é que essas regiões da politica e do direito constitucional, cujo travamento com o *jus constituendi* internacional inda não está feito e cujos contrafortes dão hoje para o desconhecido, serão alcançadas pelos altímetros da historia.

Lafayette já está medido. Ruy inda não.

C O T E G I P E

COTEGIPE ao nascer foi lavado numa bacia de ouro.

Do lado paterno sabe-se que era limpo de sangue. Que não tinha costella judaica, que era estreme de mescla "da nação", como diziam as pesquisas da Inquisição, parece fóra de duvida. Que fosse de pura origem caucasica não o tenho por averiguado. A tradição lhe aponta algumas gotas africanas nas veias. Tel-as-ia, ou não. Se não as teve, tanto melhor para a sua prosapia. Se as teve, não sei porque desmereceria por isso. O preconceito da raça tem por limites o valor do individuo. Se fosse uma mancha a de não descender directamente e sem mesclas dos antepassados do sr. Conde de Gobineau, o genial romancista que pregava a superioridade das raças, e que morreu como pensador para sobreviver como artista, Cotegipe se teria purificado dessa escoria nas chammas do talento. Ser-me-ia grato passar em silencio por essa futil questão, se ella não fosse levantada sempre como arma de ataque e recurso de ironia contra o gigantesco campeão dos conservadores. Zacarias, por elle interpellado

sobre o voto de graças, retorquiui-lhe: "Sim, o voto tem falhas de construcção. Poderíamos ter evitado esta: a *par* da dedicação... etc."

Ruy vae mais longe. Classificando os escravocratas, quando fala nos mulatos envergonhados, é a elle que allude. E o auditorio da Confederação Abolicionista, que por isso applaude e delira, sabe bem que "o circassiano de lusco-fusco", "o desertor da rainha Pomaré, que suppõe filiar-se á Teutonia, azular o sangue e jaspear a tez alugando-se aos senhores de seus paes como algóz de seus parentes", é elle, é o inimigo, é o chefe do gabinete, é o formidavel Wanderley.

João Mauricio Mariani Wanderley era o seu nome de baptismo. Os Marianis são uma velha e numerosa estirpe de senhores de engenho e fazendas.

Casou-se Cotegipe com a mais rica herdeira da Bahia: a filha dos Condes de Passé. Não ligava importancia ao dinheiro; mas fel-o trabalhar na consolidação do seu prestigio politico e social.

Sua casa (hoje à Legação Argentina, rua Senador Vergueiro) era a que melhor recebia. Seu tratamento primoroso. Seu estado principesco.

Morny tinha feito e fazia uma profunda impressão nos seus contemporaneos. Dir-se-ia que Cotegipe lhe copiava as maneiras, a elegancia, a medida, a urbanidade.

Ninguem se tratou mais, ninguem teve mais cuidado comsigo que Cotegipe. Vestia-se a primor.

Seu banho era perfumado. Sua roupa branca das mais finas: não teve nunca senão seda em contacto com a pelle. Só fumava charutos de Havana e dos melhores.

Era naturalmente grão senhor e distincto. Não tinha affectações. Mas em tudo, no minimo gesto, revelava-se o fidalgo. Numa futilidade, no accender do charuto, no tomal-o entre os dedos, no leval-o á bocca adivinhava-se e sentia-se o homem que tomara chá em pequeno.

Jogava. Mas jogava para divertir-se, sem espirito de lucro, por mera distensão nervosa. O jogo é muitas vezes um sedativo, além de ser uma expressão de sociabilidade, um elemento de convivencia. Assim o entendia Cotegipe, assim o praticava, entregando-se ao mais fino e intelligente dos jogos — ao voltarete, delicia dos nossos avós, ao voltarete, jogo tão nobre que as Ordenações do Reino legitimavam e tornavam cobráveis as suas dividas.

Tinha a aristocracia da actividade, que os futeis confundem com a bohemia. Capaz de grandes esforços, quando era preciso, pouco se lhe dava de revestil-os dessa publicidade de perseverança e coordenação, tão facil aos mediocres e cabotinos, e sem a qual na opinião delles é impossivel a superioridade.

Guardava-se para as occasiões. Dotado de um incomparavel poder de synthese, reduzira a theoremas as grandes equações contemporaneas.

O calculo mathematico simplifica-se por tabellas e tabuas, que dão a chave de todas as soluções. O calculo sociologico muito mais complexo não tem formulas com que se resolvam os seus problemas, que são os destinos dos povos.

As difficuldades de que elle se reveste, ao traçar a curva das parabolâs historicas, são instaveis e moveðiças como a volubilidadê das idéas, das paixões e dos imprevistos, forças de componentes instantaneas, que são a incognita dessas equações. Para resolvel-as não basta fazer a volta dos homens e das opiniões, e conhecêl-os ou presumir conhecêl-os sob todos os aspectos. E' preciso num relampago abranger o que se vê e o que não se vê com uma especie de intuição prophetica. E' preciso ainda uma receptividade especial, uma perspicuidade tão subtil como a dos instrumentos que á distancia captam forças mysteriosas, transformam em pensamento emissões de geradores distantes e registram a ondulação remota dos cataclysmos. Cotegipe tinha uma dessas receptividades. Ninguem a teve maior.

A Argentina na celebração da Paz com o Paraguay queria tirar a sardinha com a mão do gato, e reconstituir o Vice-Reinado do Prata com o nosso apoio. Cotegipe viu o golpe e assignou a paz em separado.

Na questão militar elle viu as suas consequencias todas antes que ninguem,

Na Abolição, quando a Princesa junto a uma janella que dava para o mar, lhe communicou ao subir o Ministerio João Alfredo, que estava disposta a realizal-a e perguntou-lhe o que pensava, respondeu: "A mim só me resta isto". E apontava a porta. "E a Vossa Alteza aquillo". E apontava a barra. A 14 de Maio de 1888 a Princesa lhe disse: "Então ganhei ou não ganhei a partida?" "Ganhou", retorquiu elle, "mas perdeu a Corôa".

Era assim Cotegipe.

F E R R E I R A V I A N N A

FERREIRA VIANNA, atheniense de Pelotas, foi uma grande expressão de atticismo. Traçava o pensamento em linhas finas e sobrias, sem prejudicar-lhe a energia e a precisão. Tinha o dom da synthese. Pintava em dois traços um estado social, uma quadra politica. Jurisconsulto e humanista dos maiores, familiar com todas as sciencias a que o levava incansavel curiosidade, foi com certeza pela complexidade e riqueza intellectual a mais curiosa figura da época,

Em 1864, depois de ter defendido quatro desembargadores, aposentados sem processo, e o presidente do Supremo Tribunal, que se recusara a applicar os decretos inconstitucionaes, o povo do Rio offereceu-lhe uma corôa de ouro. Começa-lhe então na Côrte uma popularidade que, em dado momento, não tem rival.

Em 1868, á frente do *Correio Mercantil* e do *Diario do Rio* quando o seu partido, o Conservador, foi chamado ao poder, foi eleito ao mesmo tempo deputado geral e presidente da Camara. Então, como o Duque de Beaufort, nos tempos da

Fronza que era o rei de Paris, delle se podia dizer que era o rei do Rio.

Tinha cella no Mosteiro de Santo Antonio, onde passava extensas temporadas, no convivio dos livros e dos frades. Havia um quê de ascetico na sua physionomia e elle gostava de accentual-o. O seu retrato por um pintor allemão figura-o com o habito de franciscano, numa postura extatica.

Ferreira Vianna na sessão legislativa de 1882 foi o orador maximo. Os seus discursos sobre a passagem de Venus são incomparaveis na finura do humorismo e da ironia. Lênt-se inda hoje com prazer. Lembram as melhores paginas de Machado de Assis pelo castiço da lingua. Mas ha qualquer coisa de pessoal e unico nesse raro talento: um *quid* indefinivel que o singulariza e destaca. A sua cultura não cedia á de ninguem: na variedade e na riqueza talvez excedesse a de todos os contemporaneos. A sua voz tinha todas as gammas. A sua gravidade um tanto monastica, a sua austera apparencia, e o senso innato da medida preservavam a sua autoridade da *capitis diminutio* do seu humorismo.

Uma especie de irradiação luminosa tonaliza de azul a sua atmospherá espirital. Na familia dos grandes humoristas tinha um departamento á parte. Deixava a causticidade a Zacarias, o sarcasmo a Lafayette, o chiste a Cotegipe. Bastava-lhe a ironia. Tinha a aristocracia da luta. Feria

às vezes e feria a fundo. Mas o seu punhal, cizelado por Cellini, estava a vinte leguas da navalha do capadocio. Lutava como um florentino da Renascença.

O caso de Venus merece ser lembrado. O Imperador pedira um credito de 60 contos para mandar observar a passagem desse planeta pelo disco do sol. Rodolpho Souza Dantas era o ministro do Imperio. São conhecidas as predilecções astronomicas do monarcha. Ferreira Vianna oppõe-se ao credito, em varios discursos dos quaes o principal é o de 22 de Março de 1882.

Vêde as flechas de ouro de que elle criva o manto imperial:

“Juliano, apostata, imperador, homem de letras, de saber profundo, e sublime astrologo, escreveu um tratado sobre o sol, em que lhe chama de rei, e portanto, seu irmão. (Hilaridade).

Era um grande admirador do sol e dizia: de lá vem a vida, vem a alma, porque os adivinhos antigos davam alma aos astros; (no que não estou muito longe de concordar até certo ponto, á vista de doutrinas que ouço). De lá, dizia Juliano, vem a vida, vem a alma, vem a força, a majestade, o calor, a verdade.

Ora, senhores, ha alguem que possa contestar que d'elle ou do sol, seu irmão, vinha a vida, a alma, o calor, a sabedoria e a verdade?” (Hilaridade).

.....

“E temos outro resultado dessa sciencia que é inevitavel: ainda sempre conjunta com quasi todas as sciencias, mas primeiramente com esta: a astronomia. (Hilaridade).

“E por curiosidade, pois só de curiosidade é que vivo ao lado dos livros (riso), li alguma coisa sobre astronomia na Arabia e é, sr. presidente, ponto averiguado, certo: todos os Sultões e todos os Califas são protectores decididos da astronomia. (Riso). Era sciencia divina, sciencia politica, e religiosa.

Lá na minha terra, no Rio Grande, entre os guascas... eu posso dizer esta phrase, porque sou filho do logar...

O sr. Camargo. — Sem duvida e nos honra muito.

O sr. Ferreira Vianna. — (Depois de pequena pausa). — Ah! Sr. presidente, estou soffrendo muito da memoria. (Riso).

Lá na minha terra tambem ha observadores; o territorio da Arabia se parece muito com o do Rio Grande, com aquellas planicies immensas, por onde o pensamento se estende e só acabam com o horizonte.

Admira-se a grandeza da alma daquelle povo, a franqueza, a lealdade, estes grandes principios, porque ali não ha nada que interrompa o pensamento humano. Elles estudam os astros com facilidade. E' uma propensão natural de todos os povos, que habitam terrenos semelhantes. Entre-

tanto, a minha terra não tem um observatorio astronomico!”

Em que posição ficava o pobre Imperador diante desta tirada:

“Autorizar, porém, a Camara, o Ministerio a contrahir um emprestimo, a fazer operações de credito para observar Venus na passagem do disco solar! Como justificar esta despesa e este emprestimo diante do mundo e principalmente diante do nosso pobre contribuinte?”

Desejava ver e ouvir o mais qualificado de todos os cidadãos brasileiros pelo seu prestigio, pela sua eloquencia e pelas suas virtudes demonstrar ao nosso contribuinte a necessidade de calcular a paralaxe do sol á custa de sua algibeira! (Riso). Quem ganha dinheiro com o seu suor, tem direito de o gastar em beneficio seu”.

Sobre a compra do equatorial:

“São coisas, sr. presidente, mesmo de astrologia; se dissesse, V. Ex. poderia talvez soffrer como eu soffri, quasi tive uma syncope, quando soube que ha ali um vidro a que chamam objectiva e custou 20:000\$000!!! (Riso).

Finalmente, apparecem pessoas de muita lição nesse assumpto; começou a ser frequentada a astronomia mesmo por quem antes lhe era inteiramente extranho (riso) como aconteceu a Lourenço de Medicis, denominado o Magnifico; magnifico, porque com o luxo perdeu o seu paiz. (Riso).

Este Lourenço... (riso) empenhou-se em proteger as artes (continúa a hilaridade) e a sua protecção accendeu o furor pela arte ainda nas almas sem o raio do genio. (Riso).

Sobre o Mecenato dos despotas:

“Dahi, o conceito que li em uma obra artistica, a *Historia das Artes na Italia*, escripta por um homem de espirito liberal, que assevera que as artes liberaes, a astronomia, a astrologia, não pódem crescer e prosperar senão nos governos absolutos.

A arte moderna, por exemplo, tem exemplares compativeis com os exemplares dos Medicis? Não. Por que? Porque a antiga tinha protectores sem orçamentos e sem camaras e a arte moderna tem orçamentos e tem camaras, camaras inexoraveis, orçamentos pautados por necessidades rigorosas.

O artista em geral, sr. presidente, é um vadio sublime (risadas); precisa ser sustentado annos para dar o ultimo retoque na estatua primorosa de sua concepção. Leonardo da Vinci levou mais de quatro annos, apesar das reprimendas do guardião do Convento da Grazia, para fazer a cabeça de Judas que afinal realizou tomando a do guardião por modelo. (Hilaridade).

As artes liberaes e estas sciencias superiores, a astronomia, a astrologia, precisam de protecções vigorosas, destas protecções bysantinas, orientaes”.

.....

“A nação brasileira é uma nação atrasada, não toma parte em congressos, não figura nas grandes representações das sciencias, não está em fim de binoculo em punho a ver astros”. (Hilaridade).

A impressão dos seus discursos no publico era extraordinaria. No trecho acima elle pinta a nação de binoculo em punho. Não lhe consentiu a reverencia (e tanto como ella a lei, que prohibia allusões á pessoa imperial) referir-se claramente ao Imperador. Mas todos o viram escondido sob aquelle claro euphemismo.

O Carnaval de 1883 apresentou um carro allegorico com o Imperador olhando o céu por um telescopio. Era o resultado da opposição de Ferreira Vianna, o commentario popular dos seus discursos. Foi o *clou* do prestito.

Raras vezes Ferreira Vianna transigiu com a violencia, trocando a leveza da ironia pelo peso do sarcasmo.

O Imperador foi a sua maior victima. No fundo havia um resentimento pessoal. Só este seria capaz de inspirar-lhe durezas destas, que são do Ferreira Vianna da maneira inferior:

“Quarenta annos de reinado, quarenta annos de mentiras, de perfidias, de prepotencias e de usurpações! Principe conspirador, Cesar caricato!”.

Cada vez que se annunciava a formação de novo gabinete, perguntava: “Inda houve quem quizesse ser ministro de Sua Majestade Imperial

o Senhor D. Pedro Segundo? Louvado seja Nosso Senhor Jesus Christo!"

Nada pôde resumir melhor o Ferreira Vianna jurisconsulto e orador do que a sua defesa do bispo do Grão Pará, chamado á barra dos tribunaes, na chamada *Questão religiosa*. O promotor publico capitulara-o de incurso em varios artigos do Codigo. Ferreira Vianna na sua peroração mostra o perigo dessa comminação "pelo acaso", reivindica para o Bispo o dominio do terreno espiritual, e termina por uma exhortação ao Imperador, que é um primor de sentimento e de eloquencia.

"Senhor! A experiencia tem provado a inconveniencia de semelhantes disposições, que, em vez de prevenir, parece que antes provocam os conflictos, perturbando a consciencia dos fieis e a paz das familias e das nações. O nosso legislador adiantou muito sobre o seu tempo. A tendencia dos bons espiritos é para manter em toda a sua integridade a independencia do Poder Espiritual. Entretanto, não se deve desconhecer que, ainda oppressivas as leis citadas, *são preferiveis ao arbitrio de tomar ao acaso um artigo do Codigo* e applical-o a um facto tão especial. Já não era pequena vantagem, no governo absoluto do Imperador Napoleão, saber o cidadão sob que lei vivia!

Como, portanto, tolerará Vossa Majestade Imperial, que contra a torrente dos principios de

direito penal, e apesar das leis de justiça e humanidade, para corrigir uma supposta violencia, se pratique uma violencia ainda maior, a de applicar uma pena cruel e infamante a um Bispo, gloria da Igreja e da Patria por suas letras e virtudes?

Nós todos, que o saudamos, que o veneramos, que lhe beijamos as mãos, que de joelhos recebemos sua consoladora e protectora benção, somos todos cúmplices, senão réos do supposto crime.

Senhor! Não ha pena quando não ha crime, e não ha crime quando não apparece e nem se prova a intenção criminosa. Os recorrentes na petição do recurso confessam o seguinte: "O Bispo, na inabalavel crença de que a maçonaria é contraria á religião catholica, cuja ruina e extincção ella machina; e bem que veja muitas de suas ovelhas serem a um tempo maçons e fervorosos servos de Jesus Christo; cansado porventura dessa luta esteril da tribuna sagrada e de artigos de jornaes, por outros jornaes contestados, entendeu que era tempo de desfechar o golpe tremendo e fulminar de morte o inimigo, cujas cabeças renasciam como as da hydra da fabula". Se o inimigo não se dobrava ás admoestações e conselhos do seu pastor, se cerrava os ouvidos para não ouvir a sua palavra; se, em vez de obedecer, contestava, tornando-se contumaz; se a hydra multi-

plicava as suas cabeças; o que devêra fazer o Bispo, depositario da fé e defensor do seu rebanho? — Punir.

Senhor! Os perigos da guerra publicam os talentos e a coragem do general; as tempestades do mar a intrepidez do navegador; as provanças por que passa o veneravel Bispo o fervor pela fé e a grandeza de sua alma.

Em vós, Senhor, deve fulgurar, sobre as gemas de vossa Corôa, o poder com que sabeis dominar as paixões, que mais uma vez exigem o sacrificio do innocente. Quantas benções não cahiriam sobre vós, se, illuminado pela justiça, permittissemos que celebrassemos com transportes de alegria e jubilo a festa santa da libertação do heroico Bispo do Grão Pará! Restitui, Senhor! a cabeça ao corpo, o pastor ás ovelhas, o mestre aos discipulos, aos orphãos pobres que choram sua ausencia e seu captiveiro, o bemfeitor infatigavel, o grande sacerdote aos sacerdotes, e a lampada ao santuario!”

E' preciso não esquecer que Ferreira Vianna dispunha de uma mimica excepcional. Representava, vivia os seus discursos. Fingia-se ora de ingenuo, ora de esquecido. Fazia pausas e interrogações para salientar os pontos principaes do discurso. A permanencia num Mosteiro, onde passava semanas e semanas, a alta integridade, a pureza de costumes, a catalyse ascetica vestiam-

lhe invisivelmente o habito franciscano em que immortalizou a sua figura. Mas debaixo daquella estamenha, daquella mansuetude, daquella gravidade, havia um grande artista do gesto e da palavra. Aquelle S. Francisco escondia um Novelli.

NABUCO DE ARAUJO

NABUCO DE ARAUJO foi um como Sacerdote Magnus no Imperio. As maiores figuras lhe reconheciam o ascendente. A erecta figura de Zacarias curvava-se num gesto de carinho para chamar-lhe "meu rei". Dir-se-ia que com essa expressão de vassalagem o mais orgulhoso dos nossos estadistas queria mostrar a impersonalidade do seu preito á suprema hierarchia do saber.

O caracteristico do talento de Nabuco era a facilidade. Como a Leonardo da Vinci, nada lhe custava. Seu olhar abrangia tudo num relance, revelando na analyse a mesma lucidez que na synthese. Era capaz, sorrindo, dos esforços mentaes que prostraram a razão de Teixeira de Freitas.

Apesar da sua despreocupaçào habitual, irradiava do seu aspecto, do seu equilibrio, das suas palavras e até do seu physico a impressào goethiana do Olympismo.

Moço, ignorava o mysterioso dom de lapidar o pensamento e revelar-lhe as scintillações. Estreitamente adstricto aos estudos de jurista, nunca teve tempo de cuidar da harmonia, da inflexão,

do magnetismo da phrase. Não conhecia a belleza. Bastava-lhe apenas a verdade.

Promotor publico, juiz, advogado, politico militante, cercado de autos e leis, a hermeneutica fechava-lhe o mappa intellectual com os limites da Logica Juridica.

Mas quando começa a envelhecer e vem residir no Flamengo, seu pensamento, até ahi duma transparencia nitida mas rigida, ganha em côr e elasticidade. As janellas do gabinete onde passa os dias estudando e escrevendo, rasgam-se sobre a praia então sem quebra-mar e orlada de pedrouços esparsos, lavados de espumas. Dir-se-ia que ahi se lhe synchroniza o espirito com a magnificencia do scenario. Dir-se-ia que o Flamengo lhe traz a Visitação da Eurythmia. E Nabuco escreve os discursos da *Ponte de Ouro*, do *Uti Possidetis*, do *Sorites*, onde imagens raras e sobrias se elevam sobre a riqueza da argumentação como as palmeiras isoladas dos costões marinhos sobre a corôa alpestre dos penedos.

Nabuco de Araujo lutou a vida inteira com um inimigo invisivel: a pobreza. Mais do que com a pobreza: com a sua encarnação torcionaria: a divida.

Imagine-se que de tragedias intimas não custava ao ministro de Estado, ao senador do Imperio, ao chefe do Partido, a necessidade de pedir a um fornecedor que esperasse o pagamento duma conta!

O filho, no livro que lhe dedica, e que é o maior monumento da nossa historia politica, não tem a coragem de tocar nesse assumpto. Teme que as fibras do coração paterno inda estremeçam ao tocar-se nessa ferida. Mas o tempo tem os direitos da verdade, maximé quando o que então magoou só engrandece.

Nabuco de Araujo mais de uma vez confessa na sua correspondencia particular que não acceita a presidencia do Conselho ou uma pasta de ministro, porque não tem recursos senão os da advocacia, e que no governo as dividas lhe crescem. Ha uma resignação evangelica nas suas palavras. Timon de Athenas deblatera e ruge contra a pobreza. Nabuco de Araujo esconde o cilicio, sorri, senta-se á mesa do trabalho, toma da penna e escreve razões e pareceres.

E' tradição da época que Nabuco se fornecia no Carcellér, onde tinha credito illimitado. O dono, seu amigo, nunca o incommodava. Quando era ministro a conta crescia. Duma feita ultrapassou vinte contos. Quando deixava o poder, reabria a banca de advogado e podia pagar. Mais de uma vez a preocupação de saldar a conta do Carcellér barrou-lhe a porta dos ministerios.

A civilização do Norte tinha um seculo de avanço sobre a do Sul. A Serra de Santos, erguida como barreira entre o exterior e Piratininga, é a grande responsavel desse atrazo, que teve entretanto um lado bom: o de preservar intangivel por

muito tempo, até a construcção da *Ingleza*, o característico da raça, com seus defeitos, mas também com as suas qualidades.

Nabuco de Araujo era um padrão, um typo representativo da cultura do Norte. Casa sempre aberta, diariamente aberta, mesa franca, que de sacrificios não lhe custava manter esse pé de distincção e conforto que, sem ser o luxo, é quasi tão caro como elle!

Nabuco de Araujo fôra educado, crescera e fizera-se homem no Recife. Os pernambucanos tinham o desprezo e o pudor do dinheiro. Senhores de engenho, habituados á fortuna, quem lidava com o vil metal eram os empregados e correspondentes ou commissarios. Nabuco de Araujo não pode eximir-se á influencia do meio. Dahi as suas crueis decepções.

Seus amigos mais intimos eram Paes Barreto, o discipulo querido de Olinda, Rego Barros e Maciel Monteiro, os chamados *leões do Norte*, cujo ponto de reunião era a sua casa e a de Abrantes.

Uma grande curiosidade da casa de Nabuco era um mulato que assobiava operas inteiras. Era um verdadeiro prodigio, um Inaudi da musica. Bastava-lhe ouvir uma vez uma partitura para guardal-a toda de cór. Nabuco divertia-se com esse talento.

Mandava dar-lhe torrinhas em todos os lyricos. Quiz fazel-o estudar. Mas não dava para o estudo. Era um phonographo e mais nada. Mas um ma-

ravilhoso phonographo humano. Uma das senhoras mais respeitaveis da nossa sociedade, a senhora Eumenia Hime, foi que me forneceu essa informação. Seu pae, o velho Harper, figura tradicional no Rio, era vizinho de Nabuco. D.^a Eumenia, então galante menina, pela familia de Nabuco era considerada como pessoa de casa. Muitas vezes presenciou o mulato prodigio assobiar operas inteiras.

*
**

Nabuco foi sem contestação a mais alta figura do seu tempo: parecia plainar acima das misérias contemporaneas.

A sua serenidade parecia ter resolvido o problema da *luz fria*: illuminava sem queimar. E' preciso repetir: havia nelle qualquer coisa de goethiano.

J O S É D E A L E N C A R

A NATUREZA não lhe foi prodiga senão nos dons do espirito. Pequeno e franzino, feições miudas, afogadas por uma grande barba, não tinha porte, larynge nem temperamento. Faltava-lhe a electricidade communicativa, o arroubo, a vibração que a homens pequenos como Tavares Bastos e Ruy Barbosa ás vezes transfigura e dá a sensação material do agigantamento na tribuna. Mas era uma grande cabeça e uma grande vontade. Na sua estréa vaticinou um dos vultos do Imperio: "Não tem geito para isso. Devia voltar ás suas literaturas. Tem menos geito que o pae." Anos depois, annos de afinco e tenacidade, a propheta estava desmentida. O organ vocal não se transformara. Mas Alencar aprendera o segredo de empregar-o, de *collocar a voz* como se diz em dicção, de poupar-a e flexibilizal-a.

Lento mas claro, frio mas methodico, sem surto mas sem quedas, implacavel como uma lamina operatoria, logico mesmo quando apaixonado, sereno exteriormente, mesmo quando refervendo por baixo, sem contemplações, sem contemporizações, sem restricções, sabendo que entre elle e o Imperador

havia um vallo mais intransponível que o de Timandro, e não se lhe dando de alargal-o cada vez mais, Alencar em certo tempo foi a figura central da opposição, e como tal era respeitado e temido.

Tambem não lhe poupavam a pelle. Em politica ninguem é malho sem ser bigorna. E nem lhe faltou essa glorificação. Foi a incude mais martelada do seu tempo.

O traço mais indiscutível da sua superioridade era o literario. Podia apontar no *Guarany* o seu Austerlitz. Nenhum escriptor vivo podia disputar-lhe o bastão da celebridade. Foi por ahi mesmo que a politica procurou atacal-o. Franklin Tavora e José Feliciano de Castilho foram-se a elle como Santiago aos mouros. Não lhe déram treguas nem quartel. A crel-os Alencar era um escriptor de segunda classe, ignorante da lingua, falsificador da historia, deturpador de usos e costumes, plagiario e philaucioso. O autor da *Iracemà* respondia. Mas a campanha incessante, tenaz e diuturna não cessava. Que dias amargos não viveu o pobre e grande Alencar, com o figado ingurgitado por essas toxinas moraes que lhe envenenavam o sangue, embora o orgulho não lhe permitisse confessal-o!

José de Alencar entrou na evidencia politica pelas *Cartas de Erasmo* em 1864. Dizendo ao Imperador grandes verdades, não o fazia comtudo sem tratal-o com affecto e carinho. E' a esse tom respeitoso e admirativo que se referia mais tarde

D. Manuel de Assis Mascarenhas dizendo: “V. Ex. com as *Cartas de Erasmo* mostrou como sabia fabricar o doce mel da lisonja.”

Com a situação Itaborahy subiu ao ministerio, cabendo-lhe a honra de acabar com as degradantes scenas do Vallongo, o mercado de escravos.

Pouco tempo teve elle as delicias do poder, onde aliás se revelou grande trabalhador e grande competencia. Era sabido até que o Imperador o honrava entre os collegas com indissimulavel predilecção. Escutava-o mais e senão com maior deferencia com mais assiduidade que aos outros. Quedava-se longas horas em sua companhia em palestras literarias.

Alencar parece que não soube esperar. Pelo menos é o que pensam uns. Aham que o Imperador, cioso da sua imparcialidade, não queria ser accusado de predilecção especial pelo autor do *Guarany*.

Deu-se uma vaga senatorial pelo Ceará. Alencar communicou ao Imperador que se apresentaria. Este lhe aconselhou que não: “No seu caso não me apresentava agora; o senhor é muito moço...” Alencar contestou: “Se prevalecesse esse motivo, Vossa Majestade devia ter devolvido o acto que o declarou maior aos quinze annos.” Dizem que amaciou a dureza da phrase com esta restrictiva: “entretanto ninguem até hoje deu mais lustre ao governo.” O Imperador allegou que obedecera a uma razão de Estado. Cotegipe com a

sua fina sensibilidade veria que errara o golpe e ficaria calado. Alencar quiz ter a ultima palavra. "E' tambem para um politico uma razão de Estado defender o seu direito." O Imperador terminou o dialogo, dizendo-lhe: "Dei apenas uma opinião. Faça o que entender". Alencar commentou: "Opinião que vale uma sentença." Mas talvez acreditasse no seu fôro intimo que a sentença fosse revogavel...

Na eleição senatorial de 1869 fôra eleito Saldanha Marinho. Os conservadores annullaram-na, apesar da clara reprovação do Imperador. Procedendo-se a novo escrutinio Alencar apresentou-se. Era realmente um *ôte-toi de là, que j'y me mette*.

Vimos o dialogo entre o Imperador e Alencar. Este, porém, não o deve ter analysado devidamente. Se houvesse medido bem o alcance da palavra *augusta*, não se teria exposto a um fracasso. Confiava no prestigio do seu nome, no numero de votos que traria e na obscuridade dos concorrentes e talvez mais que tudo na fascinação da sua intelligencia sobre o monarcha, fascinação que á ultima hora devia inclinar a balança do seu lado.

Apuradas as eleições de 12 de Dezembro de 1869, e vindo Alencar como primeiro da lista, a 9 de Janeiro seguinte foi este ao Paço e apresentou a sua demissão de Ministro do Imperador, para dar-lhe plena liberdade de escolha.

O Imperador não gostou do pedido. Mas teve de ceder. Commentou com certa ironia: "O seu

acto está conforme o que o Senhor expendeu em relação ao Poder Moderador.”

Alencar ainda não acreditou na possibilidade da sua preterição. A 27 de Abril, porém, foi publicada a escolha. O Imperador usando do seu privativo direito escolhera o segundo e o quinto da lista sextupla: Domingos Jaguaribe e Figueira de Mello.

A surpresa foi immensa. Nunca até ahi uma candidatura ministerial fôra rejeitada.

Depois, o nome de Alencar, que era grande no poder, tornava-se immenso no ostracismo. Ao que se diz a maior das surpresas foi a do proprio Alencar.

No dia seguinte estava elle na opposição. A 14 de Junho, a proposito da questão do elemento servil, deu razões da sua sahida do gabinete, escondendo, porém, a principal: a questão senatorial. Cotegipe respondeu-lhe com grande vantagem. Confessou que sempre se julgara incompativel com Alencar, devido ao caso do Ceará. Narrou que, antes de Alencar, pedira sua demissão a Itabora-hy. Encheu-o de allusões mordazes ás suas letras, aos seus livros e á pressão inevitavel de um candidato ministro. Teve por si a sympathia da Camara. E Alencar, rompendo com os liberaes e com o seu proprio partido, achou-se dum momento para o outro sózinho.

Começou para José de Alencar a eminencia tribunicia. Tornou-se o campeão dos anti-emancipadores, elle que era de coração abolicionista. Foi

o adversario que mais trabalho deu ao gabinete Rio Branco. Apesar dos ataques de José Feliciano de Castilho, numa série de cartas assignadas *Cincinnati* e nas *Questões do Dia*, especie de revista semanal, quasi que exclusivamente votada ao ataque de Alencar, tinha por si a sympathia do maior numero, afeita a volver-se para a opposição, e dos interesses escravistas, os de maior peso no momento. Mas foi esmagado. Se ainda voltou á Camara foi devido ao respeito e ao espirito de justiça de Rio Branco e Caxias, empenhados em não deixar prosciever da politica o seu antigo e glorioso companheiro de lutas.

GASPAR é o pampa. A sua extensão territorial é immensa; mas todo o seu horizonte cabe na retina. O seu territorio mental não tem montanhas: é todo de coxilhas. A sua cultura não attingia os cimos luminosos onde se movia o seu concunhado Lafayette.

Mas Gaspar não era só o pampa. Era tambem o pampeiro. Quizessem medir-lhe as coxilhas! A sua eloquencia de tufão desencadeava sobre o atrevido ás tempestades de Eólo. A coxilha sumia-se, transfigurada numa dessas montanhas de ferro magnetico, onde é impossivel contar a successão dos raios. Serenados, porém, os horizontes, a montanha sumia-se. Um magico da palavra creara a miragem da montanha. As descargas da electricidade verbal tinham produzido a hypnose. Calado o thaumaturgo, tudo desapparecia.

Lidos os discursos de Gaspar, fóra da atmosphera em que vibraram, difficilmente se póde comprehender a fascinação que exerciam. São escasos de idéas e despídos de fórmula. A palavra precisa do marmore para durar. E o entalhe dos blocos, que a eternizam, requer tempo e paciencia.

Gaspar desdenhava do cinzel. Pensavam os antigos que os vulcões são gigantes soterrados, que falam pela voz das lavas. Gaspar pensava e falava por lavas. No momento de erupção, fogo vivo. Resfriadas, *pozzolanas*.

Alto, massiço, entroncado, gigantesco, quando os olhos lhe fuzilavam na tribuna, accendendo-lhe áscuas nos oculos, e a inspiração lhe demudava o rosto emmoldurado duma espessa barba, e os cabellos se lhe agitavam como uma juba leonina, a sua palavra, rugida numa voz que fazia tremer as vidraças, dava a sensação de um phenomeno telurico.

O visconde de Taunay, em cujo limpido estylo se espelham tantos e tão curiosos episodios parlamentares, de que foi testemunha ocular, narra a estréa de Gaspar a 27 de Dezembro de 1872.

E' preciso que a leiam, principalmente os que não tiveram a fortuna de *ouvir rugir o monstro*, para comprehenderem a impressão daquelle amigo de Affonso Celso, que indo á Europa, e ouvindo os maiores oradores da França e Inglaterra, concluia na volta: "Mas nenhum vale o nosso Gaspar!"

Ouçam Taunay:

"Mal abriu a bocca, e logo romperam os mais violentos apartes e protestos. Era devéras formidavel o gladiador que saltara na arena!

— Aqui, disse com gesto largo imperiosamente apontando para os companheiros liberaes, somos

poucos, apenas seis; mas aqui é que se acham os verdadeiros representantes da nação!

E que voz! como retumbava naquelle local, repentinamente despertado das mellifluidades de discussões, mais ou menos aduçoçadas! Sentiam-se nella os impetos de uma natureza agreste, violenta, capaz de perigosos arrastamentos, cheia porém de vida, de força e de possança; nota calorosa, ardente, vibrante, acre, injusta, demasiado exaggerada, mas de irresistivel imposição e attrahimento.

E dali por diante não descambou um só instante da sua tonalidade quente, vigorosa, sustentando-se no mais elevado diapasão até o fim, nada menos de duas horas seguida!

Que larynge e que pulmões de ferro! E nunca aspera essa voz, dura e gritadora nas maiores explosões; de continuo antes harmoniosa e subjugadora, tempestade que urra e atrôa, mas não desafina, repassada em todas as multiplas entonações de um accento de sinceridade e energia de convicção capaz de abalar os mais indifferentes e fazel-os sahir de calculada calma.

Não ha duvida, quem dispõe de organ assim ha de sempre impôr a sua imperiosidade intellectual ás assembléas deliberativas e massas populares.

Quantos outros dotes tribunicios, aliás, não concorriam na pessoa de Silveira Martins!

Nesse primeiro discurso foi elle méramente sensacional, visando objectivos que plenamente attingiu, conquistar de roldão um dos mais preeminen-

tes logares no parlamento; mas nessa mesma sessão legislativa pronunciou outros da maior erudição e mais cerrada e bem deduzida dialectica, que mostraram novas faces da sua incontestavel preeminencia.

Lá ia elle, porém, provocando para assim dizer a cada proposição um temporal de apartes. Gritavam os membros da maioria e abalavam-se as galerias mal contidas pela força moral de Teixeira Junior; mas os golpes succediam-se um após outros, servindo qualquer ponto ou pretexto de accusação para irresistivel effeito.

No meio dos freneticos apoiados dos companheiros de bancada, o orador, quando recebia um aparte mais saliente, esmagava a quem buscava deter-lhe o passo.

— *Pas trop de zèle*, estrondeou elle, voltando-se para o velho Henriques; o zelo excessivo compromette as melhores causas e deshonra a quem o pratica!

E todos a bradarem — “Retire o insulto; retire o insulto!”

Qual! lá seguia elle por diante.

A Pereira dos Santos, intelligente deputado mineiro, alcunhado, desde os tempos da Academia, Pereira *triste*, que lhe perguntou donde provinha tamanha segurança em si, tão extranhavel empenho em desconsiderar os seus collegas representantes da nação, como elle, respondeu com pungente e sardonica irreflexão:

“Vós, representantes da nação? Não passaes de *illustres desconhecidos!* Consultae a vossa consciencia. Todos ficarão *tristes* como sempre foi V. Excia.”

E a gargalhada geral mais afundou o imprudente apartista.

— Se a dissolução da Camara a 16 de Julho de 1868, continuou Silveira Martins, fôra falta de patriotismo por parte da Corôa, a de 22 de Maio de 1882 constituia um dos maiores attentados politicos commettidos no paiz.

E a despejar metralha que a ninguem poupava, envolvidos todos no mesmo rôl de *illustres desconhecidos*; rebatendo constante saraivada de apertes, que afinal foi, a mais e mais diminuindo; obrigando os sete ministros, cada qual por seu turno, a pedir a palavra; atacando directamente o Imperador; esmiuçando, por modo desapiedado, um innocente officio do conde d’Eu ao ministro da Guerra Junqueira — que por signal, desde esse discurso, nunca mais quiz historias com o ardente e terivel tribuno e procurou quando possivel contental-o nas exigencias riograndenses — ridicularizando, trecho por trecho, os artigos do *Movimento*, com effeito, demasiado encomiasticos do gabinete; provocando hilaridade homerica com as peripecias da compra do archivo Mello Moraes para lhe agarrarem o voto na questão do ventre livre trazia suspenso aos seus labios e offegante o auditorio e o agitava como mar revolto.

— “Aos mercenários do poder”, clamou elle no fim de duas horas, com metal de voz tão possante e fresco como quando começara, “custa pouco a baixa e vil adulação, comtanto que lhes aproveite. A gratidão que lhes enche o peito é filha da venalidade e directamente procede do thesouro publico!”

E apurando cada vez mais o tom chegou á conclusão:

— “Os homens passam, as dynastias desaparecem num turbilhão; as nações, porém, vivem seculos, a liberdade é imperecível como a alma humana. Basta, para consolo dos que sustentam a causa da liberdade, saberem que ella é a causa do futuro, é a causa da democracia, é a causa da America!”

A estas palavras, um tanto banaes, força é convir, e que ao proprio que as proferiu não devem hoje suscitar senão desconsolado sorriso de uma cruel desillusão, levantaram-se as galerias e tal clamor de bravos, palmas, vivas, gritos, legitimas ululações de enthusiasmos se ergueu, muito agarrados como loucos aos balaustres, quasi a se precipitarem no salão, que parecia dever vir abaixo o carunchoso edificio. Scena indescriptivel, que durou alguns minutos e os Annaes, na dulcificação official, appellidaram manifestação de agrado, mas que, de facto, consagrou um dos maiores e mais espontaneos triumphos presenciados no seio do parlamento brasileiro.

De prompto comprehendeu o visconde do Rio Branco o alcance da impressão causada e só a sua presença immediata na tribuna foi que restituiu ao recinto alguma calma e fez voltar a maioria desorientada da conturbação em que cahira.

— Felizmente, exclamou com voz nervosa e forte o prestigioso presidente do Conselho, felizmente acima do juizo do nobre deputado está o da Camara e o da Nação que ella tão dignamente representa!

E os repetidos fervorosos apoiados de todos quantos acabavam de ser tão malferidos significaram o primeiro suspiro de allivio e de consolo.

.....

Tal foi em breve escorso e descoradas tintas a estréa parlamentar de Silveira Martins.”

Gaspar não conversava. Não sabia escutar. Nasceu com a lesão do dialogo. Em casa de Dantas e de Ouro Preto, quando depois do jantar, já se sabia que ninguem mais falava. Discorria longa e exhaustivamente sobre o assumpto do dia. Dir-se-ia que se suppunha na Assembléa: retumbava para uma duzia de pessôas como para um auditorio parlamentar. Os assistentes se embeveciam na eloquencia daquelle monologo trovejante.

O homem de Estado que mais se lhe assemelhou foi Lassale, o paradoxal allemão que conseguiu desarmar a germanophobia de Henri Heine e conquistar a admiração de Humboldt. Ambos

eram herculeos e ostentorios, ambos falavam em tom oratorio, ambos tinham a capacidade de dominar e arrastar as massas. A coragem pessoal, que levou Lassale a morrer num duello estúpido, não era menor em Gaspar.

O seu traço principal era a capacidade de projecção interior. Dir-se-ia ás vezes que atirava no recinto o proprio coração. Lembrava os grandes tragicos: João Caetano, Novelli, Emanuel. Tinha o grito shakespeareano. Attingia sem esforço o maximo de intensidade passional. A Duse ouviu-o uma vez na tribuna: "Dio mio! Che non serebbe quest'uomo nel Othello!"

O povo gosta desses temperamentos. Elle sente obscuramente que não ha orador completo sem uma certa dóse de energia animal. Depois os espiritos simplistas exigem affirmações. Nada de nuanças, restricções ou raciocinios demorados. Ou preto, ou branco. Gaspar era um affirmativo. "Amo mais a minha patria do que o negro", dizia combatendo a Abolição. "Aqui", dizia elle, falando da bancada liberal e apontando para os companheiros, — "aqui é que estão os verdadeiros representantes da nação." "O poder é o poder", bradou quando subiu o seu partido.

Com esses dotes e com esses meios de seducção foi o mais popular dos oradores do Imperio. Chefe do partido, governando o Rio Grande do Sul, mesmo na opposição, não teve adeptos, e sim fanaticos. Irradiava o proselytismo dum desses illumi-

nados, que arrastam multidões. Creou um partido que até hoje, tres decennios depois da sua morte, sempre coheso e sempre de pé, vive das suas glorias e não se teme de desfraldar a sua bandeira aos ventos do ostracismo.

O orgulho de Gaspar excedia todos os limites.

Veja-se a consciencia que elle tinha da sua força:

“Jequitibá da floresta, o machado que me derribou ha de ficar quebrado!”

Veja-se como elle se desvanecia dos seus serviços á sua Provincia:

“Decretei todos os melhoramentos publicos que aquella provincia póde apresentar. A agua que se bebe nas cidades, a luz que as alumia, as estradas de ferro que se estão a fazer, tudo, tudo devem á minha iniciativa ou ao meu concurso.”

Veja-se como elle se ensoberbecia da sua gloria:

“A gloria militar é herança tradicional no Rio Grande do Sul. O que lhe faltava foi o que eu lhe dei: defesa dos seus direitos, com o mesmo esplendor com que a lamina dos seus filhos brilha no campo de batalha.”

Apesar de suas lacunas, Gaspar, na minha opinião, é o maior dos rio-grandenses.

O IDEALISMO DA CONSTITUIÇÃO



DO PONTO DE VISTA DE SIRIUS

(OLIVEIRA VIANNA. *O Idealismo da Constituição*)

O SR. Oliveira Vianna já é um grande nome entre nós. Uma série de ensaios de psychologia social (creio que é assim que elle traduz a Sociologia de Augusto Comte) deram-lhe fóros de pensador. Isento de superstições pragmaticas ou sectarias, informado, tolerante, escondendo sob uma apparente displicencia, uma real mestria da palavra, a sua apparição nas letras deu-me a impressão de um levante estellar. Fui dos primeiros, e não me arrependo, a comprazer-me das suas victorias. Soffro como poucos a hypnose do talento. Sem invejas, sem aspirações, sem rivalidades, sempre bati palmas ao Sr. Oliveira Vianna, a quem, aliás, nem de vista conheço. A sua independencia, a sua franqueza, a sua elevação, a sua acuidade seduziram-me.

Amigos dos que mais prezo informaram-me, depois de escriptas estas paginas, em que ousou contradictal-o nalguns pontos, da sua compostura, da sua modestia, de um raro conjunto de qualidades. Estive a pique de sacrificar o meu trabalho para não desgostal-o. Não mo consentiram. Allega-

ram-me os direitos da verdade, a que não podia renunciar. Falaram-me em nome do interesse colectivo. Convenceram-me de que tratei do assumpto com tanta elevação que o Sr. Oliveira Vianna, a menos de ter a intolerancia dum Torquemada, o que parece incompativel com a eminencia do seu espirito, não se poderia magoar com as minhas discordancias.

Tive de conformar-me. Proceedi a uma rigorosa revisão do que escrevera para ver se me fugira palavra menos cortez, intenção mesmo de longe capaz de ferir a mais delicada sensibilidade. Não a encontrei. Se me tiver escapado na pressa dos dois dias em que foi redigido, e dos outros dois em que foi revisto este trabalho, retracto-me de ante-mão sinceramente.

Agora se da analyse das idéas do Sr. Oliveira Vianna resultar que fique um tanto diminuido o seu halo de pensador, tão merecidamente conquistado, a culpa não é minha. Queixe-se da sua propria precipitação no avançar certos conceitos. Procure corrigir-se. Nada lhe falta para ser, além do grande escriptor que já é, uma autoridade como a de Rodolpho Garcia, cuja palavra historica tem a fé publica duma escriptura. Com mais cuidado nas generalizações, e menos açodamento nas conclusões, poderá reconquistar a sua aureola com todos os raios. Tenho a certeza intima de que o meu trabalho, onde não ha laivos de detracção, animado todo elle da mais viva e sincera sympathja, cha-

mando-o ao terreno dos factos, e convencendo-o do erro das generalizações, ha de contribuir para que o brilho do seu nome não tenha mais intermitencias noutros estudos. E então só terei que felicitar-me da critica, que ora faço com um constrangimento que se explica pela alta admiração que realmente lhe consagro.

Fascinado pela artistica simplicidade do Sr. Oliveira Vianna, a minha confiança abria-lhe um credito illimitado de autoridade. Da transparencia do estylo e da lucidez do pensamento, deduzia-lhe a rigorosa investigação das origens. Não me dava ao trabalho de verificar as suas premissas. Nunca me ocorreu que o ouro batido pelo seu martelo pudesse não ser de dezoito quilates. Trazia o seu contraste? Bastava-me.

Mas... (que pena tenho eu desse *mas!*...) mas tive de estudar a situação Zacarias, a que elle dedica varias paginas no *Occaso da Monarchia*. Abri esse livro, ansioso pela exegese dos factos reaes, dos episodios de bastidores que provocaram a queda do Gabinete 3 de Agosto. Tive a primeira desillusão. Nem uma palavra sobre a causa real. Em vez disso, a repetição do erro, hoje indesculpavel, de dar-lhe, como motivo, a escolha senatorial de Torres Homem, simples pretexto de que o altivo Presidente do Conselho se serviu para cobrir a Corôa, resguardar a propria dignidade, e — escondendo a attitude de Caxias ou de seu partido — forrar o paiz ao escandalo de uma im-

posição militar. Desde ahí puz-me em guarda. Não. O Sr. Oliveira Vianna, apesar do seu scintillante talento, não é sempre o guia seguro que eu pensava. Não dispensa verificações. Generaliza com excessiva facilidade. Não vae ás fontes. Con-tenta-se ás vezes com exterioridades.

A QUEDA DE ZACARIAS

Quando o vi attribuir a quèda de Zacarias á escolha de Torres Homem desilludi-me. Nabuco, no seu grande livro, *Um estadista do Imperio*, tendo ante os olhos a acta da sessão em que o Conselho de Estado tratou do conflicto entre o general em chefe das nossas forças e o Ministerio, já deixara definitivamente provado que este cahiu devido ao que elle chama a questão Caxias. O Sr. Wanderley Pinho recentemente publicou documentos do archivo de Cotegipe, que ainda elucidam mais particularidades do caso.

Resumamos a questão Caxias.

Caxias, conservador, commandava nossas forças no Paraguay sob o Gabinete liberal de Zacarias. Em dado momento, quando nada o faria prevêr, eis que dirige a Paranaguá, Ministro da Guerra (aliás seu amigo particular), uma carta, pedindo demissão por falta de saúde, mas declarando os motivos reaes do seu acto. Responsabi-

lizava o Ministerio pelos ataques de certos jornaes. Declarava nestes termos a sua incompatibilidade com a situação liberal: “a meu respeito e da guerra que sustentamos não existe no Gabinete a indispensavel solidariedade”.

E explode nesta terrivel objurgatoria:

“Talhado para a luta, eu nunca a provoquei, mas tambem nunca a temi, nem temo, quando franca e descoberta; tive, porém, sempre grande asco á simulação e a essa pequena guerra chamada de alfinetes.”

Dadas as condições do momento, Caxias impunha a demissão do Ministerio. Era já em 1868 a espada transformada em eixo politico. Era a subversão das instituições. Nabuco de Araujo no Conselho de Estado não dissimula ante a gravidade do pronunciamento: “dados os precedentes do nobre Marquez, penso que ali houve *allucinação*”.

O Conselho de Estado resolveu não tomar conhecimento da carta de Caxias a Paranaguá, por ser um documento particular de amigo a amigo, e a missiva foi devolvida ao irritado marquez. Para salvar as apparencias, deu-se o incidente como não occorrido. Mas, de facto, o Conselho decidira que a retirada do Gabinete era menos prejudicial aos maximos interesses da Nação que a de Caxias. Com este pensamento se conformara o Imperador, desde Fevereiro de 1868. O Gabinete estava morto. A escolha de Torres Homem foi o pretexto que se lhe deparou para cair com decencia.

Como póde o Sr. Oliveira Vianna confundir o pretexto com a causa?

*
**

A historia não se contenta com a histologia. No corpo do acontecimento não lhe basta a formação e a disposição dos tecidos organicos. Estuda tambem a força psysiológica donde irradiam. Se eu não tivesse medo de um simile arrojado, diria que a historia tem a sua neurologia. Quer de origem individual, quer de origem collectiva, os factos historicos, em ultima analyse nascem do fluido nervoso, motor da intelligencia e da vontade. Fixar a zona das suas localizações, descorticar certas lesões, descobrir certos reflexos, ir até á medulla das origens, é a sua difficuldade e o seu encanto. Exige uma intuição psiquiatrica dos centros de enervação, da sua rêde, dos seus phenomenos. Sem a faculdade de identificar centros de motilidade, que variam de instante a instante, os acontecimentos só apresentam a linha normal da mathematica e fica inexplicada toda uma série de movimentos desordenados.

Explico o meu pensamento pelo caso Caxias. Zacarias allegou que deixara o poder por achar *desacertada a escolha imperial* de Torres Homem. Essa versão atravessou os tempos. Quem estudasse

a época pelas apparencias, pelo clamor que levantou esse acto do *Poder Pessoal*, teria de acceital-a. Todos os elementos do phenomeno estavam em ordem: o Imperador, com a sua nomeação de Inhomirim. Zacarias com a sua recusa de referendal-a. José Bonifacio com o seu discurso de 16 de Julho contra o *Poder Pessoal*. Os liberaes com a sua revolta. Os conservadores com a sua victoria. Os republicanos com a sua alegria. A opinião publica com o seu espanto ou a sua indignação. E' o que revela o estudo histologico do facto.

Cada orgam está no lugar onde exerce a função especifica. A actividade do organismo politico devia se ter exercido dentro da mais rigorosa normalidade. Os testemunhos contemporaneos confirmam essa analyse. Zacarias e os chefes liberaes, que dissimulam por altivez; os conservadores, que não blazonam, por vergonha e talvez remorso; o Imperador que silencia, por patriotismo; a opinião publica, que blatera, por mal informada; tudo contribue para esconder a causa real da queda do Gabinete...

Passam-se os tempos. Nabuco escreve a vida do Pae. Não se contenta com as explicações comuns. Não lhe bastam as apparencias de normalidade. Não lhe basta estudar um a um os elementos organicos do phenomeno. Vae mais longe. Busca-lhe a causa primaria. Sonda-lhe as origens. Desdenha a *posição*. Pesquisa a *irradiação*. Vae aos centros nervosos.

Donde veio a energia que accionou todos os elementos do 1 de Julho?

Conhecida a sessão do Conselho de Estado, conhecida a carta do nosso general em chefe no Paraguay ao Ministerio da Guerra, a resposta só pôde ser uma: — de Caxias. De Caxias partiu o acto que movimentou todo o organismo nacional. O seu dedo distante apertou o botão que pôz em movimento o dynamo conservador.

Os historiadores que procederam Nabuco, fizeram a histologia do facto. As suas conclusões anatomicas satisfaziam: estavam de accôrdo com as leis funcçionaes dos orgams, e com a realidade conhecida. Nabuco, porém, não se contentou. Applicou ao facto a visão do neurologo. Descobriu, descorticou, identificou o centro nervoso. Poude explicar o facto em suas origens. Remontou a Caxias, como um neurologo a um lobulo cerebral, e descobriu a origem da carphologia politica de 1868. E' essa a comprehensão da historia que se sente em Varnhagen, Rio Branco, Capistrano, o maior de todos, e Nabuco. Não se contentam com as apparencias. Vão ás explorações anatomicas. Sondam as fontes mesmas da vida.

E' essa a grandeza que a apparição do Sr. Oliveira Vianna nos promettia, e de que o seu livro, *O Idealismo da Constituição*, nos veio, espero que momentaneamente, desilludir.

INSUSPEIÇÃO

Vou falar com absoluta isenção de espirito. Como pensador, não tenho preferencias monarchistas ou republicanas. No Imperio o meu ideal politico seria o meio termo, um Evaristo-Bernardo, capaz de insurgir-se contra todas as usurpações quer do arbitrio quer da demagogia. Seria, ora conservador, com o grande mineiro, para defender o rei contra a nação, ora liberal, com o grande fluminense para defender a nação contra o rei. Nas lutas periodicas entre a Liberdade e a Autoridade, os dois pratos da balança politica, estaria eu ora por uma, ora por outra, do lado daquella cujo equilibrio a outra tivesse rompido, ou ameaçasse romper.

A Republica não tem no Brasil ninguem que se lhe opponha. A orthodoxia do barrete phrygio chama de *sebastianistas* aos que, apontando-lhe os erros, confrontam-na com o Imperio. Essa intolerancia parece que é necessaria para esquarterar brazões de civismo. Não a tema de mim o Sr. Oliveira Vianna. Sondo os quatro pontos cardeaes. Não vejo em nenhum delles, nem remotamente, a ameaça da bandeira imperial. Por que procural-a no quinto, o dos moinhos de vento de Cervantes? Lembro-me do: "*Surtout, pas trop de zèle!*" de Talleyrand. E sigo o meu caminho, applaudindo muitas vezes a justiça que faz á Monarchia.

A Republica é hoje o ar que respiramos. E', pelo

menos, esdruxulo tecer lôas, mais ou menos épicas, ao oxygenio. Se ser republicano é crer impossivel a volta da Monarchia e não desejal-a ainda que possivel, republicano serei. Mas se para o ser é preciso detrahir systematicamente da Monarchia, não está nas minhas forças chegar a essa perfeição do illuminismo democratico.

Para mim, Brasil Imperio e Brasil Republica são uma e a mesma coisa. São periodos de crescimento do mesmo individuo. Não ha antithese entre ambos: ha a differenciação natural do tempo. Maldizer do Imperio, só porque foi Imperio, parece-me tão sensato como na maturidade detrahir da juventude.

Accresce que, não sei se é daltonismo... sou capaz de confundir os papos de tucano do manto imperial com a farda ou a casaca de certos Cesares quatriennaes, que temos tido...

Suspeito poderia eu ser de idéas monarchistas.

Discipulo de Eduardo Prado e Rio Branco, antes de o ser de Ruy Barbosa, fôra natural que eu soffresse a influencia dos dois primeiros. Ao terceiro, eram indifferentes fórmãs de governo, desde que garantissem a lei e a liberdade. Cansou de repetil-o no Imperio. Mas sempre julgou impossivel a restauração da monarchia. Eduardo, nos seus applausos a Nabuco, quando este, felizmente para ella, acceitou servir a republica, bateu-lhe palmas. Os que vivemos na sua intimidade, como Theodoro Sampaio, Paulo Prado e eu, sabemos

que faria outro tanto. A Ruy Barbosa, em pleno parlamento imperial, Joaquim Nabuco já chamava de republicano, sem lhe provocar protestos. Crie-me nessa atmospheria intellectual, que põe o amor da patria acima de rotulos.

Cabe-me defender os constituintes republicanos e dizer algumas verdades sobre os constituintes imperiaes. A minha formação mental isenta-me da suspeita de fetichismo republicano. A minha convicção da necessidade da republica forra-me á increpação de *saudosismo* monarchista. Graças a Deus. Sinto-me mais á vontade.

Não posso ser acoimado de parcial. Posso reclamar tanto contra certas injustiças que o autor do *Idealismo da Constituição* faz ao novo regime e aos seus homens, como contra certos elogios exaggerados á monarchia e seus epigones.

Leva-me neste trabalho apenas a preocupação da justiça. Não penso como Varnhagem que a verdade é a musa da Historia. Penso que a Verdade é a propria Historia.

Rendo aos Andradas o preito que os seus vultos gigantescos merecem. Em varios episodios da vida nacional sou por elles contra os seus adversarios. Na Constituinte, porém, sou pelo Imperador, que preservou contra as suas ambições a unidade nacional.

Foi nesse estado de espirito que abri o recente

ensaio de Oliveira Vianna: *O idealismo da Constituição*. Vamos ver até que ponto me enganei.

GRANDEZA DOS CONSTITUINTES IMPERIAES

O Sr. Oliveira Vianna não segue o conselho do *Simão de Nantua*, ingenuo manual de bom senso, que fez a delicia dos nossos maiores. Medindo os homens, não desconta a altura do pedestal em que se acham. Esquece-se de que o tempo, principalmente o dos grandes acontecimentos, é o maior dos suppedaneos. E deixa-se levar por essa illusão de optica, perdoavel no romancista ou no poeta, mas inadmissivel no historiador. Olha os Constituintes imperiaes sem descontar as alturas da Independencia e a perspectiva da gloria que os transfiguram. Julga-os em bloco, sem discriminação, sem restricção. Tinhamos o direito de esperar de tão alto espirito uma critica que pela nota humana, pelo senso objectivo, pela acuidade, não descambasse no julgamento simplista. Puro engano! Para o Sr. Oliveira Vianna os constituintes imperiaes são quasi semi-deuses.

Ouçamol-o:

“Estava muito longe da grandeza épica da Constituição Imperial a Constituição Republicana.

Na Constituinte Imperial os nomes que nella

concorriam eram os maiores do paiz pelo prestigio da cultura, da intelligencia, do character, ou da situação social. Os *grandes estadistas* que consolidaram o Imperio e construíram o poder politico da nação, sahiram della ou nella estavam, com excepção de Feijó e Bernardo de Vasconcellos. Elles tinham, ao demais, a immensa autoridade de um *mandato verdadeiramente nacional, pois eram real e não ficticiamente "representantes da nação."* Embora na sua *totalidade, fluctuando nos intermundios do utopismo doutrinario*, eram espiritos fortemente compenetrados das suas idéas; todos fundamentalmente empenhados numa grande tarefa, aos seus olhos sagrada, de construcção nacional; todos repassados daquelle "*Tremendous sense of personal responsibility*", de que fala Dyke. Erraram largamente; mas, dos seus erros se póde dizer o que dos erros dos japonezes disse alguém — que foram "erros de força e não erros de fraqueza".

Não concordo que estivessem na Constituinte os estadistas que consolidaram o poder politico da Nação, com excepção de Feijó e Bernardo.

Os Andradas, gloriosos na Independencia, ahi fecharam tristemente o cyclo de serviços, que depois não augmentaram. Nem Carneiro de Campos, a meu vêr, a maior figura da época, o espirito que presidiu á dissolução da Constituinte, nem os seus companheiros fizeram mais do que remover os perigos demagogicos naquelle momento encarnados nos Andradas. Foi um grande serviço á Nação.

Mas não foi a consolidação definitiva do poder politico.

A Monarchia procurou sempre engrandecer os autores da Constituição. Fel-os todos marquezes. Os marquezados de Paranaguá, Olinda, Queluz, Nazareth, Sabará, Inhambupe, Santo Amaro, Bae-pendy e Caravellas nasceram dessa preocupação. Mas a verdade é que nenhum delles, nem o proprio Caravellas, poude collocar o paiz na linha dos seus destinos.

Um grande temperamento critico, a quem as nossas letras historicas devem os maiores serviços, traça este quadro dos homens que na opinião do Sr. Oliveira Vianna consolidaram o poder politico da nação:

“O poder legislativo de 1826 a 1831, sem escola, composto na sua maioria de homens noviços na arte de legislar, bisonhos no regime constitucional, laureados alguns na vetusta Coimbra do Marquez de Pombal, e aureolados outros com a passagem nas côrtes constituintes de Lisboa, cujas praticas se invocaram respeitosaente, repartia-se pela Camara dos Deputados — humilhada e desprezada pelo monarcha que ás vezes a despedia com quatro palavras seccas e brutaes como a serviçal negligente — e pelo Senado — timido, aulico e suspeito, constituido em grande parte por ennobrecidos de ultima hora, fornadas ridiculas de titulares, com que Pedro I pretendeu adornar a sua côrte tosca e desmoralizada — ambos sem prestigio e sem au-

toridade para reunir e encarnar as aspirações do povo que ia surgir”.

Não era a esses homens na grande maioria noviços e bisonhos, não era a esses remanescentes da Constituinte que estava reservada a tarefa da nossa integração. A politica imperial com elles continuava a trancos e barrancos. Eis senão quando apparece no scenario historico a formidavel figura de Evaristo. Comprehendendo que estava finda a missão do Primeiro Imperador, suspeito pelas suas ligações e preferencias portuguezas, que os Andradas abjurando a Independencia reforçavam, abriu elle na *Aurora Fluminense* a campanha pela politica nacional, sem excessos mas sem transigencias. Secundou-o no Senado, noutro plano, o gigantesco Bernardo, que já em 1828 se preparava para ser quem foi. Vergueiro, tão esquecido pelo Sr. Oliveira Vianna como Evaristo, encabeçava a propaganda brasileira. Surge por ultimo, como resultante logica de Evaristo, Bernardo e Vergueiro, o vulto que vae dominar o scenario politico pela capacidade de realização e pela energia, a figura de Feijó, que nessa época encarna para Euclides da Cunha o typo do heróe providencial de Carlyle.

Destes, sim, póde-se dizer que consolidaram o poder politico da nação. Mas nenhum delles esteve na Constituinte, excepto Vergueiro, então pallida sombra do que tinha de ser.

LEGITIMIDADE DO MANDATO

Vamos vêr a “pureza absoluta” desse “*mandato verdadeiramente nacional*”. A convocação da Constituinte, embora redigida por Lédo, cuja precedencia aos Andradas na Independencia o livro do Sr. Tobias Monteiro acaba de provar, inda fala na *manutenção da monarchia portugueza*. José Bonifacio *conformou-se* (a palavra textual) com essa convocação. Convinha-lhe mais um regime pombalino: uma sombra de rei e elle o ministro de ferro. Recebeu com mal escondida hostilidade a iniciativa de Lédo. Não chegou a “enforçar todos os constituintes na Praça da Constituição”, como ameaçava, mas o convocador da Constituinte pagou caro a ousadia de querer cercear-lhe a omnipotencia. Para salvar a vida, posta a premio, teve de disfarçar-se de negra mina para tomar um bote, atravessar a bahia e ir asyalar-se na casa do consul Westin em Nictheroy, donde fugiu para Buenos Aires.

Quanto á verdade dos escrutinios, bem sabe o Sr. Oliveira Vianna quão summariamente as coisas se passavam. Bem sabe, por exemplo, a insignificancia de votos que elegeu Azeredo Coutinho e Lédo procuradores do Rio, para representarem a D. Pedro sobre a necessidade da Constituinte. Bem sabe que uma derrubada de Juizes tinha pouco antes enfeixado todas as forças politicas nas mãos do

governo. Bem sabe que a Assembléa Constituinte foi filha dum simulacro, e que nunca a burla eleitoral, que o Sr. Luiz Betim ha pouco em notavel conferencia assignalou como regra geral dos pleitos, teve maior confirmação que ahi.

A eleição da Constituinte, com o seu systema de dois grãos, não foi diversa das outras. Não encontrei, nem sei se existem, as suas actas eleitoraes. Tenho, porém, um ponto de referencia. Na Capital de São Paulo houve grande abstenção. Os Andradas não tinham conseguido dominar os adversarios. O prestigio de Joaquim Ignacio e Costa Carvalho resistira indemne aos seus manejos. Comtudo a ainda recente devassa sobre a *Bernarda* lhes tinha mostrado o que era contrariar os Andradas. Abstiveram-se.

Mas no resto da Provincia a machina eleitoral estava montada *manu militari*. Paula Souza, de Itú, transformada em praça de guerra artilhada e governada pelo tenente-coronel Brito Caminha, assegurava um nucleo de cidades confederadas. Porto Feliz, sob a direcção do major José Custodio. Campinas sob a direcção do capitão-mór José Francisco, Santos e o litoral entregues ao Marechal Candido Xavier, e o valle do Parahyba dominado pelo Marechal Arouche, inspector geral de Milicias, mostravam a nú o pensamento eleitoral dos Andradas, confessado por Antonio Carlos em 1840: que o governo tinha o direito de intervir nas eleições. Quanto á verificação de poderes e reco-

nhecimento, duas commissões, uma de cinco, outra de tres membros, cada uma com um Andrada, effectuaram-n'os summariamente.

Se o Sr. Oliveira Vianna quizer ser imparcial terá de reconhecer que o investimento dos Constituintes não foi senão a simples chancellia do poder de D. Pedro, e de seu ministro. Este não indicou todos os deputados. D. Pedro, talvez por um movimento inconsciente de defesa, não deixou ao grupo andradista a unanimidade. Mas fechou a porta á maioria dos seus adversarios. Foi, em ultima analyse, o grande eleitor.

Se como dissemos, os Andradas não fizeram sua toda a Constituinte porque D. Pedro lhes oppôz embargos, não consentindo que esmagassem os adversarios, nem por isso é menos certo que o seu dominio nella foi immenso. Emquanto elles não foram vencidos, a Assembléa foi como elles intolerante, aggressiva, absorvente, despotica, revolucionaria. Quiz tornar-se o poder dos poderes, para delegar toda a sua autoridade em José Bonifacio e permittir-lhe realizar a sua divisa politica, proclamada no *Elogio de D. Maria Primeira*: "E' preciso que um só mande."

Onde viu, pois, o Sr. Oliveira Vianna que os Constituintes de 1824, "*real e não ficticiamente representavam a nação?*" Donde lhes veio autoridade tão pura? A indicação, o processo eleitoral, e a nomeação foram escoimados de partidario

e pressão? Os candidatos representavam correntes de opinião, que vingassem apesar do governo? O que allegamos prova exactamente o contrario.

INTERMUNDIOS DO UTOPISMO

Depois não sei conciliar a "*grandeza épica*" desses "*grandes estadistas*" com a affirmação de que "*elles fluctuavam nos intermundios do utopismo doutrinario*". Note-se que o conceito aristophanico do Sr. Oliveira Vianna não exceptua ninguem. Nenhum dos *grandes estadistas* lhe escapa. E' a "*totalidade*" desses gigantes que fluctua nos taes *intermundios*. Se os intermundios são povoados de nuvens, *nephelês* em grego, o leitor, desorientado, fica sem saber se taes super-homens são na verdade estadistas, ou *nephelibatas* políticos. Mais uma vez sou forçado a discordar do Sr. Oliveira Vianna. Nem tanto, nem tão pouco. Nem estadistas de uma *grandeza épica*, nem *utopistas*. Um grupo de homens como sempre os teve o Brasil, entre os quaes, algumas cabeças de primeira ordem. Mas nunca maiores do que Hyppolito, Léo, Barbacena, Evaristo, Bernardo Vasconcellos, Feijó e Honorio Hermeto, os integradores do pensamento e da consciencia nacional.

Diz o Sr. Oliveira Vianna:

"Na Constituinte Republicana, nada disto. Já as proprias fontes da sua autoridade não eram de

pureza absoluta: o mandato que receberam não lhes vinha de uma delegação nacional, comparavel á de que resultára a Constituinte Imperial; mas, sim, de um *embuste formidavel*, conscientemente preparado atravez do famoso “regulamento Alvim”, com o fito declarado de abafar qualquer manifestação do povo contraria á idéa republicana. *Emanando de fontes tão suspeitas*, a Constituinte Republicana não podia ter, de certo, grande autoridade moral sobre o paiz — e, realmente, não a teve: o seu Presidente, Prudente de Moraes, homem austero e digno, confessara, ao encerral-a, que a Constituinte fôra recebida “com muito desfavor e muita prevenção pela opinião publica”.

Depois dos factos e provas que apresentei vou applicar as palavras do Sr. Oliveira Vianna á Constituinte Imperial:

1.º — A Constituinte de 1824 foi um “embuste formidavel”.

2.º — O seu mandato nasceu de “fontes suspeitas”.

3.º — Foi “nenhuma a sua autoridade sobre o paiz”.

Foi um embuste formidavel porque não fez a Constituição. Nasceu de fontes suspeitas porque a eleição não passou de um simulacro e deu-se de baixo de maxima pressão. Foi nenhuma a sua autoridade sobre o paiz, porque empregou seu tempo

até ser dissolvida em excitar paixões. E a conclusão do que allego é que a Constituição Monarchica de 1824 não teve origens mais puras que a Republicana de 1891.

ARMITAGE "VERSUS" VIANNA

A verdade é muito outra do que allega o Sr. Oliveira Vianna. A affirmação de *Armitage* de que a maioria da Constituinte se compunha de homens de pequena cultura e mediano valor, é mais accetavel do que a contraria. Exceptuados os Andradas, Silva Lisboa, Vergueiro e poucos mais, nenhum até ali se revelara. Os poucos merccimentos reaes que teve a Constituinte só depois se fizeram. Mesmo porque a orgulhosa intolerancia e o mandonismo dos Andradas servia de abafadouro aos homens de valor. Que o diga Carneiro da Cunha, agredido physicamente por Antonio Carlos, em plena sessão, pela blasphemia de discordar da sagrada Trimurti.

Ha quem queira resumir a Constituinte nos Andradas. Desde que a Constituição de 1824 é obra de Antonio Carlos, retocada por Carneiro Campos, a idéa não é de todo inaccetavel. Mas nessa época o papel dos Andradas "arbitrarios no poder e facciosos na opposição", não resiste á analyse. Reconheço-lhes o grande valor, mas nem por isso me julgo obrigado a esconder-lhes os defeitos. Para

chamar-lhes gigantes na Constituinte é preciso fechar os olhos a uma serie de factos que lhes mostram a nú fraquezas indesculpaveis, sobre as quaes dia a dia se confirma a luminosa sentença de Evaristo da Veiga. E' preciso esquecer as maltas de desordeiros, capitaneados pelos *Sete Orelhas*, *Miquelinas* e *Porto-Seguros*, com que enscenavam movimentos populares em seu favor. E' preciso esquecer a claque da patuléa com que enchiam o recinto legislativo. E' preciso esquecer a perseguição de Léo. E' preciso esquecer a criação do primeiro *caucus*. E' preciso esquecer que queriam fazer da Assembléa a succursal do *Apostolado*. E' preciso esquecer o *Tamoyo* e a *Sentinella da Praia Grande*, e a atmospheria de Terror que derramaram no paiz. E' preciso esquecer que semearam no Brasil uma tal animosidade contra o Primeiro Imperador, que este esteve a pique de ser assassinado. E' preciso esquecer por ultimo que chegaram a conspirar contra o 7 de Setembro e, se é que não a promoveram, a concordar com a recolonização do Brasil.

Mas deixemos os Andradas de parte.

A CONSTITUIÇÃO IMPERIAL

A verdade é que a Constituinte nem a Constituição nos deu: só a discutiu, e mal, até o art. 24. Foi o Conselho de Estado, nomeado pelo decreto de 13 de Novembro, que redigiu de afogadilho, em menos

de um mez, a Lei Organica da Nacionalidade. Quem a ratificou foram as Camaras Municipaes. Não foi submettida ao Corpo Legislativo. Tres dos seus membros não pertenciam á Assembléa. “Foi uma liberalidade do Monarcha e não a expressão da vontade popular.” E’ essa a Constituição de “*pureza absoluta*”. E’ essa a obra “*dum mandato verdadeiramente nacional...*”

Antonio Carlos moldára sobre a Constituição Portugueza um projecto cuja unica originalidade era a criação do Poder Moderador, lição de Benjamin Constant, inda não adoptada em paiz algum. Carneiro de Campos e os companheiros retocaram e completaram o rascunho de Antonio Carlos. Com esses elementos se elaborou a velha Constituição, muito mais inspirada na lição estrangeira do que a republicana, cujo exotismo o Sr. Oliveira Vianna tão sem cerimonia condemna.

Foi uma obra de sabedoria? Agradeça-se tanto ao modelo portuguez, e a Benjamin Constant, como a Antonio Carlos e Caravellas. Acho, todavia, exaggerados os toques semi-divinos que lhe attribuem. Não vejo por onde tenha correspondido mais ás necessidades contemporaneas do que a republicana.

Não pense o Sr. Oliveira Vianna que estou isolado nessa opinião. O proprio Antonio Carlos era mais severo no julgal-a. Bem pouco do seu rascunho deve ter sido aproveitado para elle fazer esta confissão:

“Senhores, a Constituição foi feita ás carreiras; quanto mais nella medito, mais me convenço que quem a fez não entendia o que fazia.”

Diante dessa confissão, o Sr. Oliveira Vianna ha de confessar que foi mais realista que o rei.

Quem ler com attenção os *Annaes da Constituinte* verá que o seu *gongorismo* não é menor do que o do *Manifesto de 70*. Antonio Carlos não trepidava em amerengar a sua eloquencia com assucarilhos destes: “A Assembléa reconhece com *ternura* a generosidade e grandeza dalma de Sua Majestade.” “Quando o Sr. Deputado Costa Barros se nutria com a *deliciosa* idéa de que o seu patriotismo era reconhecido”, etc.

O grande tribuno não se embaraça por meras contradicções. O Senado da Camara vae visitar a Assembléa. Discute-se se esta deve recebê-lo no recinto. Antonio Carlos protesta que não, que o recinto é sagrado, que só o Imperador poderá ter ingresso a elle. Prevalece o seu voto. Passam-se dias. Transbordam as galerias de partidarios dos Andradas. Antonio Carlos abre-lhes o recinto. “Todas as vezes que houver povo que não caiba nas galerias, sou de voto que se admitta a ouvir junto de nós”, exclama. Embalde Maciel da Costa discute com o regimento nas mãos. Embalde inda está viva a lembrança do que se fizera com o Senado da Camara. Embalde o “motim era tal que ninguem se entendia” na phrase do Presidente, cansado de chamar á ordem e de tanger a campai-

na. Antonio Carlos queria... O povo invadiu o recinto.

Não foi essa a unica das contradicções de Antonio Carlos.

Luiz Antonio May fôra espancado em condições muito graves. Semi-morto quando soccorrido, ficou para sempre aleijado. Seu caso foi levado ao conhecimento da Assembléa. Esta, Antonio Carlos á frente, remetteu-o ao juizo competente, considerando fôra da sua alçada conhecer dum delicto commum.

Tempos depois rebenta o celebre caso Pamplona. Um official portuguez, que se batera pela nossa independencia, fôra chamado trahidor por um jornalista que se assignava *brasileiro resolutos*. Ao passar pelo largo da Carioca disseram-lhe que Pamplona era o seu insultador. Deu-lhe duas bengaladas de que resultou um ferimento numa orelha e um vergão num braço.

Pamplona era portuguez. Mas era preciso dar a esse conflicto o character de uma desfeita ao Brasil. Levado o caso á Assembléa esta se occupou d'elle, e não descurou de pôr mais lenha na fogueira, apesar de consciencias como a de Rodrigues de Carvalho, Deputado pelo Ceará, reduzirem o caso ás justas proporções. No caso de May tratava-se dum inimigo e duma victima de José Bonifacio. Era preciso silencio. No de Pamplona tratava-se

dum amigo dos Andradas. Era preciso o escandalo.

Foi essa a Constituinte dum *grandeza épica* na opinião de Oliveira Vianna.

A GRANDE FIGURA DA CONSTITUINTE

Na Constituinte, afastada a lenda e posto de lado o amor proprio nacional, a grande figura foi a de D. Pedro I. Foi o que, menos de um decennio depois dos acontecimentos, declarou da tribuna, vivos ainda os maiores vultos da época, o grande Feijó. Os Andradas transformaram a assembléa na Convenção franceza. Dos deputados, imprensados nas suas cadeiras pela escoria das ruas, que intervinha com apartes e manifestações, só se faziam ouvir os oradores que a lisonjeavam. O presidente da Constituinte chegou a declarar que não podia ouvir as discussões pela intervenção do publico. E nessa atmospherá electrizada pelo talento de Antonio Carlos, queria este que se decretasse de esfusiote o banimento de todos os portuguezes, naturalizados ou não, que estivessem no Brasil!

D. Pedro se oppoz á insania dessa medida a que se seguiria de certo a do confisco, tambem claramente acenada. Nacionalidade que começava, não podiamos prescindir dos elementos de riqueza e progresso da parte por ventura mais opulenta e conservadora do paiz. D. Pedro, vendo que a Constituinte empolgada do delirio de Antonio Carlos,

queria absorver a autoridade imperial, dissolveu-a. Não inquiri dos motivos que o levaram a essa resolução. Concedo que fosse exclusivamente o interesse. Mesmo nesse caso temos de agradecer-lhe.

O nosso interesse coincidiu com o seu. Nota commica: logo que se soube da dissolução, as galerias, o recinto e as immediações da Assembléa ficaram vazias de patriotas e berradores.

O que foram os Andradas na época, devemos procural-o nos documentos contemporaneos e em autoridades como Armitage, Evaristo da Veiga, Varnhagem e Rio Branco. O mais é lenda e confusão. Lenda de perfeição absoluta. Confusão dos Andradas da Independencia com os da Constituinte.

Não é dos menos paradoxaes o meu juizo neste conflicto. Entre o coroadado marialva, que só foi grande devido a todas as conspirações benignas do destino e o velho sabio, que, antes de entrar na politica, já era o maior vulto do Brasil, tenho de ser por aquelle. Paciencia. Não posso corrigir a Providencia que para a realização da nossa unidade nacional preferiu o estoira-vergas de gineta e alcova ao luminoso naturalista.

José Bonifacio foi realmente o Patriarcha da Independencia. Lédo antecipou-se-lhe. Não duvido que pelos direitos de procedencia seja o Precursor da Independencia. Mas só José Bonifacio podia ter e teve o prestigio de arrancar do espirito de D. Pedro as ultimas hesitações e fazel-o romper com o throno de que era herdeiro. Se hesitou, se demo-

rou, se deixou outros lhe tomarem a dianteira na propaganda, foi porque, conhecendo a versatilidade do Principe, não quiz arriscar um passo em falso. Logo que os acontecimentos atiraram o Principe nos braços do Brasil, incompatibilizando-o com a metropole, José Bonifacio soube tirar do dissidio todo o partido possivel. Já se apossara do espirito da Imperatriz. O desaso das Côrtes entregou-lhe o do Regente. Tinha nas mãos a alavanca que lhe faltava. Fez a Independencia. Parece-me que isso é o bastante para a grandeza de um homem. Mas dahi não se segue a obrigação de esconder os seus erros.

D. Pedro era apenas uma figura secundaria. Impulsivo, mal educado, de habitos e linguagem palafraneiros, o seu valor pessoal era muito relativo. Mas os seus actos na Constituinte são de legitima defesa. Sei bem quem era o principesco peão, cujo orgulho eram as 36 quedas de cavallo e as nove costellas quebradas. Reconheço-lhe o estouvamento, que tão fielmente se retrata a bordo da *Warspite*, quando blatera contra Vilela Barbosa, escarnece de Rio Melhor, desconsidera a propria mulher e atira a Barbacena, á guiza de resposta á carta mais altiva que jamais rei recebera de ministro, a calumnia de ladrão, tunica de Nesso, de que só recentemente a justiça historica conseguiu livrar o grande brasileiro que foi o Mauá da Independencia.

Creio que só o episodio a bordo da náó que o vae levar desthronado proporciona elementos para um desses diagnosticos retrospectivos em que se especializou Cabanes. Se nos falhassem outros, bastaria esse symptoma. Aquella inconsciencia profunda e medullar aberra da normalidade; é um indice psychiatrico. Isso, quanto ao seu equilibrio mental. Quanto á sua ignorancia, sei que elle proprio era o primeiro a confessal-a, quando ao deixar o filho no Brasil recommendava: "Eduquem bom o meu filho. Quero que eu e o Miguel sejamos os ultimos ignorantes da familia."

Quem quizer ser justo não poderá ser mais severo. Dahi, porém, a negar os serviços que lhe devemos na Independencia e na Constituinte vae toda a distancia que separa a imparcialidade da paixão. A verdade é que, lutando contra a Assembléa e dissolvendo-a, D. Pedro defendeu a tranquillidade, a paz, e o futuro do Brasil. As miserias do homem ahi desaparecem. Certas investiduras revestem os seus titulares da sua predestinação. A corôa do Brasil ungiu D. Pedro I da majestade que faltava ao amigo de cama e pucarinho do Placido e do Chalaça.

Nenhum dos nossos historiadores tem elevado mais os Andradas do que Basilio de Magalhães, nome que dia a dia cresce em nossas letras. Vejam-se as restricções que elle faz ao Patriarcha. São mais ou menos as minhas.

“A nossa Independencia deveu-se, incontestavelmente, a José Bonifacio de Andrada e Silva. Pouco importa o *despotismo que poz de manifesto, quando no poder*. Pouco importa a *demagogia que revelou, quando jornalista, capitaneador de opposição*; pouco importa, emfim, a *participação em bernardas*, quando tutor dos filhos de D. Pedro I, no interregno regencial.

Nada disso poderá marear-lhe a inclita e immorredoura memoria, pois honrou no mundo cultural a terra do berço e foi irrefragavelmente quem a transformou de colonia em nação soberana.”

MINORIA REPUBLICANA

Continuemos a seguir o seu livro. O parenthesis do assumpto não é nosso. E' da ordem seguida pelo Autor. A' pagina 21 se escreve:

“O grupo republicano, por occasião do movimento de 1889, era, realmente, uma minoria relativamente insignificante, disseminada pelo paiz, tendo como centros de maior actividade o Rio e S. Paulo. O grosso da massa politicante se distribuia entre duas facções tradicionaes: a liberal e a conservadora.”

Não haverá ahi uma questão de palavras? Quando se fez a Republica, o Partido republicano *arregimentado*, não ha duvida, era menor que os ou-

tros. Mas o não arregimentado, o volante, o franco atirador insinuara-se por elles e constituiria-se a maioria real em ambos. Os liberaes tinham no seu programma quasi todas as idéas do novo regime. Já eram na maioria republicanos de facto. Só lhes faltava o baptismo. Os conservadores, cahidos de repente, receberam a Republica como uma desforra. No intimo applaudiram-na. Os republicanos *encapotados* formavam legião. E a rapidez com que liberaes e conservadores adheriram ao novo credo não se originou tanto de moveis subalternos, como se allegou, quanto de que de ha muito o Brasil se tinha convencido da impossibilidade da continuação da Monarchia.

Fragmentados os velhos partidos, tendo por si a mocidade das escolas e o exercito, o partido republicano era a 15 de Novembro o maior do Imperio. Mais do que isso. Pode-se afiançar que a monarchia já tinha sido deposta. Quando os militares se reuniram no *Polytheama* em 1887 e declararam avocar a si a defesa da Patria, cujo governo declaravam acephalo, as velhas instituições foram virtualmente derrubadas. Duas visões propheticas annunciaram-no em campos oppostos: Cotegipe e Ruy Barbosa. Embalde a energia, a capacidade e a visão de Ouro Preto quizeram galvanizal-a: a monarchia era uma fachada de papelão. O primeiro vento dos quartéis desmoronou-a.

Pouco importa que o grupo officialmente repu-

blicano fosse diminuto e que dispuzesse de poucos jornaes. A idéa tinha vencido. E uma vez vencedora podia contar com o sequito de todos os partidos triumphantes.

O PENSAMENTO DOS CONSTITUINTES IMPERIAES

O Sr. Oliveira Vianna tem certos parallellos injustos.

“Os Constituintes do Imperio eram homens animados de altos ideaes politicos: como já vimos, todos se uniam no ardente e claro pensamento de construir uma patria. Na Constituinte da Republica, o pensamento politico que a animou, *não tinha, no espirito da maioria, a clareza e a intensidade do ideal*, que inspiraram os constituintes imperiaes.” (pag. 23).

Não ha duvida que os Constituintes pensavam em edificar uma Patria. O destino os collocára diante dessa necessidade. O seu ideal era claro e circumscripto. Era o problema sem cuja solução não podiam enfrentar nenhum outro. Era a questão de vida e de morte. Se não constituissem a Nação, como governal-a? Mas o Sr. Oliveira Vianna confunde a *clareza do problema* com a clareza dos chamados a estudal-o. Nenhum problema mais claro: a fundação do Brasil constitucional. Como

o tratou a Constituinte? Relegou-o a um segundo plano. Esqueceu-o, deu o primeiro ao da sua pretensa supremacia sobre o Executivo. Foi discutindo essa questão que os Andradas quasi precipitaram o paiz numa guerra civil. Veio depois a commissão extra-constituente dos Caravellas, Olindas e Cayurús. Estes apesar do seu merecimento ainda deixaram á *Lei de Interpretação* e ao *Acto Addicional* a missão de attender ás grandes realidades nacionaes, a que a Constituição não satisfazia. Os constituintes republicanos tiveram ante si um problema de transformação, mais ingrato, mais delicado, mais complexo, menos nitido, menos accessivel, apparentemente menos glorioso.

IMMATURIDADE DOS CONSTITUENTES REPUBLICANOS

Analysando os constituintes de 1891, diz o Sr. Oliveira Vianna que “o pensamento republicano” ainda não tinha “atingido plena maturidade”. Quero discutir de boa-fé. Quero praticar o *fair play* dos inglezes. Quero conceder que se não tivesse referido aos epigonos do novo regime, e sim aos seus discipulos. Concedo que se tenha referido aos grupos mais jovens e pugnazes da Constituinte, os que representavam o positivismo, ou o jacobinismo francez.

Mas mesmo a esses é injusto negar-lhes a maturidade de idéas. Que muitos, talvez a maioria, fossem culturas mediocres, embebidas nos figurinos oratorios e nas declamações democraticas da Revolução Franceza, concederei. Mas eram sinceros e patriotas, ninguem os póde negar. E a intelligencia e a cultura da maioria delles tinham se crystallizado de modo a não poder mais se transformar, salvo pequenas lapidações de conhecimento e experiencia. O Campos Salles, o Prudente de Moraes, o Julio de Castilhos e o Assis Brasil da Constituinte, seriam no governo do Rio Grande, de S. Paulo e da Republica, ou na opposição, muitos annos depois, os mesmos homens de 91, com a mesma cultura e a mesma formação intellectual.

Que a nação não estivesse madura para a republica, inda é acceitavel. Mas como affirmação de um estagio da cultura geral. Não estava tambem para a Monarchia.

E não estava nas forças nem duma nem doutra fazel-o desaparecer de repente. Desse atrazo politico é licito deduzir que os nossos estadistas *sensatos*, como unico regime compativel com o nosso atrazo, deviam decretar a dictadura no Brasil?

BONS RAPAZES

Diz adiante o Sr. Oliveira Vianna:

“*Bons rapazes*”, que se haviam adestrado em

atirar pedras no governo, colhidos de surpresa para a grave missão de estadistas, tiveram que improvisar ás pressas um programma de construcção. *Preoccupados, desde 70, em fazer opposição ao poder* (como se costuma fazer opposição entre nós) elles realmente não haviam pensado nisto até 14 de Novembro de 89, e, quando, a 16 do mesmo mez e anno, foram forçados a pensar nisto, sentiram-se visivelmente 'embaraçados.' (pag. 23-24).

Suppunha eu ha pouco que, referindo-se á immaturidade republicana tivesse o autor em vista a cultura geral ou a patrulha mais joven da Constituição. O trecho acima transcripto desengana-me. Nesses *bons rapazes* que se entretinham em atirar pedras no governo, estão comprehendidos os graves patriarchas de 1870, os signatarios do Manifesto e seus companheiros da propaganda: os Saldanhas, os Quintinos, os Prudentes, os Rangel Pestanas, os Campos Salles.

Saldanha tinha 73 annos. Rangel Pestana mais de sessenta. Quintino dobrara meio seculo. Prudente, Campos Salles e Bernardino beiravam os cincoenta. Não comprehendo esses *bons rapazes*... Terão sido os precursores do *Jardim da Infancia* de Carlos Peixoto?

Os pensadores politicos têm ás vezes o genio da caricatura. O Sr. Oliveira Vianna tomou o lapis de Angelo Agostini, na *Revista Illustrada*: um grupo de fedelhos de fralda de fóra e pés no chão,

entretendo-se em atirar pedras numa arvore. Essa garotada travessa tem na mão esquerda o *Manifesto* de 70 e traz nos corpinhos franzinos as caras dos Saldanhas, Quintinos, Prudentes, etc.

Continúa o impiedoso censor:

“Elles se haviam contentado até então com um vago programma de aspirações vagas formulado em frases: os “immortacs principios”, o “regime da opinião”, a “soberania do povo”, a “organização federativa”, o “principio da liberdade”, a “democracia”, a “republica”, etc. O Manifesto de 70 é um magnifico exemplo desse culto das generalidades sonoras, que constitue o fundo da mentalidade dos republicanos de propaganda. Quando, vinte annos depois, se apossaram do governo do paiz, essa mentalidade não se havia modificado um apice no seu effeito literario, declamador e doutrinario”.

Concordo em genero, numero e caso com o reparo literario. Ha ali certas chapas. Ha certas *generalidades sonoras* de um fundo romantico e gongorico.

Mas é injusto, é mais do que injusto, iniquo, silenciar sobre o fundo, que é pensamento, para fulminar a fórmula que é transitoria e soffre o influxo das correntes de estylo contemporaneo. Como esquecer as grandes e generosas idéas do *Manifesto*

de 1870? A separação da Igreja e do Estado? A extinção da vitaliciedade do Senado? A idéa federativa, emfim, para só falar nas principaes?

ATTESTADO DE INFANTILIDADE

Diz mais adiante o Sr. Oliveira Vianna, que, para esses sonhadores “pôr uma idéa em letra de fôrma era o mesmo que realizal-a”. Conheço de ha muito esse pensamento. E’ a *illusão graphica* de Eduardo Prado.

Mas applicada como! Fóra do terreno polemista, onde se legitima. Dentro do terreno da historia, onde destôa pelo carregado do traço.

Oliveira Vianna vae até onde Eduardo nunca foi. Para elle os Constituintes Republicanos já não são intelligencias immaturas.

São mentalidades infantis.

Só garotos de sete ou oito annos, e dos atrazados, é que tomam uma casa de papelão por um palacio, uma boneca por uma pessôa. O homem que confunde o enunciado da idéa com a sua realização, se não é demente, é pelo menos um debil mental. A *illusão graphica* de Eduardo Prado não ia tão longe. Era uma beliscadura na vaidade dos neo-legisladores. O prodigioso polygrapho, a quem o culto da monarchia não impediu de sentir profundamente o Brasil e de incorporar-se entre

os maiores patriotas que temos tido, contentava-se com essa alfinetada, irmã da *politica syllogistica* de Nabuco, tambem por este applicada com as devidas reservas.

O Sr. Oliveira Vianna, não. Sem tirtes nem guartes embioca-se na sotaina de Inquisidor. Asenta no pôtro a Republica, mette os garrochos nas oito partes e vae dando voltas até se quebrarem os calabres. Não tenho o fanatismo republicano, já o disse. O meu senso critico é incompativel com a superstição. Mas não me soffre a paciencia supportar a injustiça desse attentado de insufficiencia mental passado a homens que até a presidencia da Republica vieram a exercer!

Accusa o Sr. Vianna os republicanos historicos de pensarem que podiam mover uma roda, tendo diante dos olhos um estudo sobre a theoria do movimento, coisa que Ihering diz impossivel. Não era preciso que Ihering o dissesse. O simples bom senso o demonstra.

Mas tambem nem tanto horror aos principios. Sem elles os milagres da pratica são impossiveis. Como desenhar um projecto de locomotiva sem saber mecanica?

Como executar um programma politico, sem tel-o estudado, e circumscripto nos limites e campo de acção?

Longe iriamos no estudo do espirito dos Constituintes Republicanos. Mas que não foi o que o

Sr. Oliveira Vianna prevenidamente assignala, bastam para proval-o os trechos que assignalámos tão falhos de senso critico e espirito de justiça. E se o fosse, inda assim não teria razão o illustre sociologo. Uma simples pergunta o convencerá do seu engano. Esse estado de espirito, assignalado no seu livro, foi o que predominou na redacção definitiva da Constituição?

A CONSTITUIÇÃO DE 1891

Não é tão má, como diz o Sr. Oliveira Vianna, a Constituição de 1891. Affirma elle que ella nunca foi posta em pratica. Como sabe então que não presta? Se o fosse continuaria a não prestar? Mas em que e por que é ella uma pura ideologia? Que lhe falta? Quaes os seus defeitos? Era isto que o Sr. Oliveira Vianna devia dizer e não condemnal-a sem os considerandos do Juiz. Falhou na tutela dos direitos individuaes? Claudicou nos freios do regime? Falliu no seu papel de vinculo federativo e carta da soberania do povo? A nenhuma dessas interrogações responde o livro do Sr. Oliveira Vianna.

Contenta-se o notavel pensador em fulminal-a com a increpação de ser uma *mistura um tanto internacional e por isso mesma heterogenea do democracismo francez, do liberalismo inglez e do federalismo americano.*

Milagre dos milagres!

O notavel sociologo chamou grandes aos estadistas do Imperio, que copiaram a Constituição portugueza de 1822, e o Poder Real de Clermont-Tonnerre e Benjamin Constant. A adaptação e a enxertia eram então legitimas. Mas fulmina os estadistas republicanos que se inspiraram na Constituição Americana, tão grande pelos principios como pelo senso pratico, "o maior monumento da sabedoria humana", na opinião de Gladstone.

A ARIA DA IMITAÇÃO

O Sr. Oliveira Vianna tinha talento para arranjar coisa melhor e não repetir esse desacreditado logar-commum, que, nos primordios da Republica, foi a principal lenga-lenga dos monarchistas contra as novas instituições. Essa aria do peregrinismo constitucional foi moida em todos os realejos da opposição, em todos os tons, desde o joco-serio até o épico. Mas era uma arma de combate e nada mais. O principal autor da Constituição foi Ruy Barbosa. Era preciso demolil-o. Dahi os monarchistas e jacobinos empenharem-se em desmoronar a obra para soterrar o operario.

O realejo é um dos mais irresistiveis engenhos de guerra. O Sr. Oliveira Vianna conheceu de certo Martim Francisco, o original humorista, a cujo espirito, graças a um longo contacto, Lucia-

no de Samosata communicou a sua radiescencia. Martim teve em Santos um vizinho que lhe perturbava as horas de trabalho pela incessante marteladação de um piano. Martim alugou um realejo e pôl-o na colla do inimigo. Em casa, no bonde, no restaurante, na Bolsa, nos bancos, onde estivesse o zangão da praça, que lhe cahira na quisilia, lá estava o realejo. O homem arriou bandeira. Deu-se por vencido.

O plano de Martim Francisco era bom para vencer um homem. Mas para demolir a Constituição seria, como foi, innocuo. Os ruidos da machina de moer musica, mesmo quando a manivela estava nas mãos augustas dum Lafayette, com o seu *scherzo* do Bey de Tunis, morriam com os sorrisos que despertavam. Se eu não tivesse medo de me alcandorar nos cimos românticos do velho Hugo, diria que taes ruidos chegavam aos ouvidos da augusta padroeira do novo regime como "o rumor das azas de um insecto".

Conhece o Sr. Oliveira Vianna a anecdotia do Bey de Tunis? Eil-a, em estylo telegraphico e sem os ingredientes picantes com que a graça inimitavel de Lafayette a apimentava:

Em Paris o regulo africano ouviu a orchestra da *Guarda Republicana* e extasiou-se. Deu ordens ao seu vizir que comprasse todos os instrumentos que produziam aquelles maravilhosos effeitos de harmonia. Levou-os para o seu sultanato.

Lá os distribuiu entre os pifareiros, flautistas, trombonistas e bumbeiros da terra. Cacophonia infernal. Moralidade: não basta o instrumento, é preciso saber tocar-o. A Constituição eram os instrumentos. Nós os indígenas de Tunis.

PLAGIO JURIDICO

A critica que Lafayette fez com o engenho da sua luminosa mordacidade abastardou-se com o Sr. Vianna numa frivola e serodia articulação. Ha na Constituição vestigios de legislações estrangeiras... Fresca accusação! Qual o Codigo que não recorre ao subsidio dos mais adiantados? Em que paiz civilizado a cegueira vae ao ponto de desprezar a legislação comparada? Desde quando se póde chamar de plagio o recurso ao direito estrangeiro? Desde quando um instituto juridico não póde ser adoptado porque nascido ou melhorado noutra paiz? Por que abrir mão das vantagens da experiencia? Pois o razoavel e o sensato não será justamente o contrario? Não será aproveitar o que tem de bom e evitar o que ha de máo na pratica forasteira? O direito, que é a physiologia social, não póde ter menos intelligencia do que a medicina. Proibir-lhe que adopte os especificos cujo effeito benefico a experiencia comprovou é uma insania. A nossa medicina pediu a asepsia de Lister á Inglaterra, a vaccina de Pasteur á França, o

antiluetico de Oerlich á Allemanha, sem que fôsse accusada de plagiaria.

Por que contrasenso é vedado ao direito pedir com os aperfeiçoamentos de que os revestem a experiencia e o tino juridico, o *habeas-corpus*, o *home stead*, a lei Torrens, a ampliação dos direitos pessoas á Inglaterra, á America do Norte, ao Direito Canonico, ao Direito Romano? Cada uma dessas instituições preserva direitos tão indispensaveis e sagrados como os da vida humana. Palmas aos emprestimos peregrinos da medicina! Anathema ás inspirações forasteiras do Direito!

O CATACLYSMA AGRICOLA

Pinta o Sr. Oliveira Vianna o Brasil agricola subvertido pelo advento abolicionista como por um cataclysmo. Não ha tal. Os prejuizos que a Abolição deu á lavoura, terão sido realmente tão grandes como se disse? Em São Paulo onde Antonio Prado, seguindo os passos de Vergueiro, organizou o trabalho livre, pouco, muito pouco se sentiu. O tino politico dos paulistas (como o senso pratico cabe dentro da grande politica!) já lhes ensinara que a base do nosso problema economico era a immigração, idéa que tem inspirado aos seus maiores estadistas e firmado a grandeza da poderosa unidade federativa, que é hoje o coração nacional.

Prejuizos individuaes de certo que os houve em quasi todo o Brasil. Mas a propriedade agricola, mesmo desamparada do braço negro, quando valia alguma coisa, passava a outros donos que a exploravam. Tanto isso é exacto que a Republica em breve tinha enchido o Brasil de intensa actividade. As primeiras emissões do Governo Provisorio permittiram a abertura, em grande escala, dos cafezaes de S. Paulo e lançaram com isso as bases da prosperidade da Nação.

Desviado do seu curso, adulterado o programma financeiro da dictadura, sobrevieram os males que conhecemos e que a palavra Encilhamento tristemente evoca. Mas bastam os cafezaes de São Paulo para redimir quaesquer culpas, não só do Governo Provisorio, que aliás, a meu ver, se defendeu cabalmente, como até dos que se lhe seguiram immediatamente depois.

Penso como Calogeras que os effeitos da Abolição foram menos economicos do que sociaes. Os valores agricolas não desapareceram. Mudando de mãos, como assignalei, empobreceram familias tradicionaes, que ás vezes davam ao paiz excellentes elementos conservadores. Mas mesmo ahi não houve cataclysmo. As novas instituições inda não tinham logar para esse elemento, cheio de raizes no passado; a fatalidade creara uma situação de *presente* e de *futuro*, incompativel, por suas origens e paixões, com os elementos estaticos da nacionalidade.

Mais de uma vez tem o Sr. Oliveira Vianna attribuido á Abolição a principal responsabilidade na ruina total da lavoura do Estado do Rio, cuja principal columna era o café. Outro engano: a 13 de Maio de 1888 já a lavoura fluminense estava irremissivelmente arruinada. No artigo com que o Sr. Carlos Conceição contribuiu para o formidavel numero do *Jornal* especialmente dedicado ao Centenario do Café, encontrei a razão do facto que já conhecia, sem lhe ter descoberto, porém, a causa immediata. Desde 1891 que o *meloidogine exigue* de Golde, o verme nematoide com séde nas nodisidades pathologicas das raizes do caféeiro, devastou a lavoura fluminense, chegando a exterminal-a em certas zonas. Esse bupreste anegrado vingou o captivoiro dos negros. Precursor do *stephanoderes* paulista, foi mais feliz que este. Não encontrou pela frente um Arthur Neiva, sob cuja direcção o descortino paulista collocou governos e fazendeiros. Reduziu solares a ruinas, culturas a baldios, opulencias a desolações. Contribuiu mais do que a exaustação das terras para transformar em taperas as grandes propriedades agricolas que constituiam o orgulho dos fluminenses.

Não avanço sem provar. Dou a palavra a uma alta autoridade, ao Assistente Technico do Instituto de Fomento e Economia Agricola do Estado do Rio.

Diz o Sr. Carlos Conceição:

“ O mal terrivel e apavorante appareceu pela primeira vez em 1861, no norte do Parahyba, nas proximidades de S. Fidelis, na Fazenda Pureza, cujo morticinio foi tão grande que os seus proprietarios, Major João Fonseca Marinho & Irmãos, tiveram de abandonar a cultura e substituil-a pela da canna.

Do ponto inicial alastrou-se a endemia pelos Municipios de Magdalena, Santo Antonio de Pdua, Santa Rita, Cantagallo e todo o valle norte em direcção a Espirito Santo.

Foi estudada primeiramente pelo Professor Dr. Clemente Jobert, em 1876, nas fazendas Siberia e Serraria.

Em 1886 o flagello tomou proporções tão inquietadoras que o Imperio convidou o eminente biologista Dr. Emilio Golde, que identificou o character da praga e estudou todo o seu cyclo evolutivo, tanto do ponto de vista da sua biologia, como da sua propaganda geographica, apontando ao mesmo tempo os meios prophylaticos de combate, no seu notavel relatorio dirigido ao Ministerio da Agricultura e publicado, como materia unica, na Revista Agricola do Imperial Instituto Fluminense de Agricultura, em 1888”.

Aristides Caire (citado pelo Sr. Carlos Conceição) assim desvenda o lugubre quadro da decadencia:

“E’ preciso ter visto com seus proprios olhos o

triste estado de paralytia de certas estradas de ferro, na zona em questão, a decadencia actual de certas cidades, a principio florescentes, é preciso saber quantos lavradores, pequenos e importantes, desesperaram de seus cafezaes e abandonaram as ditas regiões para mais longe residir na provincia de Espirito Santo, e saber quanto ficaram desgostosos com as desgraças da cultura do café aquelles que permaneceram e fervorosamente abraçaram a cultura da canna — para apreciar em sua verdadeira extensão os effeitos do flagello sob as condições agricolas da provincia do Rio”.

E' ainda de Caire um quadro comparativo em que se vêem duas fazendas de producção de 14 a 16 mil arrobas (deviam ter sido 350 ou 400 mil pés), chegarem a dar apenas 700 arrobas annuaes, producção que em certas regiões de São Paulo e norte do Paraná, corresponde a 3.500 pés de café.

Que diz a isto o Sr. Oliveira Vianna? Quem arruinou os fazendeiros de café do Rio? A Abolição ou a praga?

Conheço de ha muito a lavoura do Rio, por tradições de familia. Em Rezende, minha familia materna possuia a grande fazenda da Figueira, herdada não sei se de Simão da Rocha, meu bisavô, ou de algum collateral. Teve de abandonal-a pela praga do café. E o abandono foi tal que ella passou á mão de occupantes extranhos. Creio que nenhum dos seus legitimos herdeiros sabe nem mesmo o logar onde ella foi.

Outra razão que provavelmente influiu para os effeitos da Abolição serem mais graves no Estado do Rio que alhures, deve ter sido o extremo rigor dos seus fazendeiros para com os escravos. Esse rigor, ou que melhor nome tenha, se desenhava nas alcunhas d'alguns delles, entre as quaes a de *Mata Gente* era proverbial. O Estado do Rio disputava a Campinas o privilegio da severidade. "Deixa-te estar, negro, que eu te vendo para o *Mata Gente!* Deixa-te estar, negro, que eu te vendo para Campinas!" — eram ameaças communs de certos senhores a seus escravos. Sei nessas coisas quanto ha de exaggero. Conheço typos fidalgos, quer dum, quer doutro local, incapazes de crueldade. Mas a lenda tem um fundo de verdade: alguns typos representativos eram-lhe origem.

EMPREGOMANIA, PRAGA REPUBLICANA

O Sr. Oliveira Vianna acha que o brasileiro da Republica "*fez do emprego publico o polo das suas aspirações.*" Quem o lêr dirá que na Monarchia se dava o opposto... Mas o Sr. Oliveira Vianna abre os olhos e não vê!... Não sabe elle que recebemos da herança portugueza a tara da burocracia? O Brasil colonia e o Brasil Imperio eram porventura menos sitiados pela sêde do emprego publico? Depois, como nos descartarmos de um

vicio de origem? Lembrou-me Afranio Peixoto que o Brasil nasceu com um pedido de emprego na bocca. A nossa certidão de baptismo é a carta de Pero Vaz de Caminha. Termina com um pedido de emprego: “não se esqueça Vossa Majestade de meu genro que está nas ilhas, dê-lhe um logar na metropole”.

Calogeras, infatigavel minerador da nossa historia, ouviu de Nabuco certa anecdota, que vem a pêlo: “Voltava da Europa e chegava a Lisboa. Portugal, affirmam, não é Europa (a phrase é de Nabuco). Desembarcaram numa fragata. Nabuco perguntou ao mestre do barco as novidades. “Nada, quasi nada. *Gente a pedir emprego, c umas bandalheritas do governo*” — responde o maritimo. Accrescenta Nabuco: “Logo comprehendi que estava na terra dos meus avós portuguezes”.

Nabuco resume nesse episodio muitos escriptores lusos que assignalam essa propensão como um caracteristico ethnico. Mal se fechou o cyclo das aventuras maritimas, Portugal cahiu na empregomania. No Brasil ella é ainda ‘mais facil de explicar. Paiz novo, sem credito organizado, pobre, inculto, sem iniciativas, com o commercio monopolizado pelos portuguezes, verdadeira maçonaria que fazia da concessão até dos minimos empregos uma questão de raça, que restava ao pobre do brasileiro? A lei do minimo esforço levava-o para o

emprego publico. Precisava viver. Buscava o estipendio do Estado. Onde o mal? Por que increpal-o? Onde empregar a actividade?

COMER, DIVISA DA REPUBLICA

Não é exacto que *comer* se tenha feito imperativo categorico das novas instituições. O abuso é de ordem humana. Mas a Republica, apesar dos seus erros e não são poucos, não erigiu o *comer* em divisa. Custa crêr como um espirito de tão alto quilate como o Sr. Oliveira Vianna incida no peccado dessa chulice. “O Comidas, meu santo!” das revistas comicas destôa da sua habitual gravidade. Custa crêr que se ouse affirmar que a Republica fez do comer “*um verdadeiro dever*” e que todos — “uma bôa parte dos “historicos”, os post-historicos na sua totalidade” (oh manes de Rio Branco, Affonso Penna, Rodrigues Alves e Ruy Barbosa!) e mesmo alguns “*pre-historicos* cumpriram como o negro personagem *shakespeareano* o dever de comer “gostosamente”.

E é isto a sociologia brasileira em 1927!

No quarto capitulo do seu livro assevera o Sr. Oliveira Vianna: “*o idealismo falhou dest’arte*”, etc. *Dest’arte* como? O Sr. Oliveira Vianna não citou um facto, não trouxe á baila um episodio, uma prova, e conclue sentenciosamente, condemnando: *post hoc, propter hoc*. Depois do seu ra-

ciocinio: por causa do seu raciocinio. Mais nada. Nem a apparencia de um exemplo por onde se visse a fallencia da Constituição. *Magister dixit*. Falhou porque falhou.

Repito. Não tenho superstições. Não tenho a da Constituição; embora pense que está de accôrdo com as nossas necessidades e que os seus beneficios dependem apenas da sua interpretação. Não tenho a da Republica, embora não conceba outra fórmula de governo possivel hoje no paiz. Mas não posso deixar de defendel-as de ataques tão intempestivos quão injustos.

INNOCENCIA REPUBLICANA

Veja-se até onde póde ir a crueldade de um pensador:

“Como já vimos, os republicanos viviam então na crença do poder transfigurador das fórmulas escriptas. Todos elles acreditavam que se um dia o Congresso decretasse que todos os brasileiros, mesmo as creanças de peito, se tornassem para logo patriotas perfeitos e abnegados, para logo todo o Brasil se cobriria de abnegados e perfeitos patriotas; ou se a Constituição declarasse, num dos seus lapidares artigos, que todos os politicos que — no Estado, nos Municipios e na União — estavam actualmente felicitando o paiz, passassem a

possuir o genio politico de um Washington ou de um Bismarck, para logo repullularia, na União, nos Estados e nos Municipios, toda uma floração miraculosa de genios politicos, quando não maiores, ao menos eguaes a Bismarck ou Washington”.

Mas, meu Deus! Abro a *Decada Republicana*, iniciada em pleno referver de paixão politica. As grandes pennas do extinto regime, os Lafayettes, os Figueiras, os Ouro Pretos, os Laets, todos estes corações ainda mal-feridos, todos esses combatentes ainda sangrando pelos intersticios da cou-raça, extremavam-se ás vezes em represalias ter-riveis. São todas pallidas, ao lado das imputações, serenas na apparencia, do Sr. Oliveira Vianna.

Que imbecis esses Quintinos, Prudentes e Cam-pos Salles em acreditarem que creanças de peito por decreto se tornariam estadistas perfeitos! Que mentecaptos esses Constituintes que suppunham na Constituição a força mirifica de improvisar Washington e Bismarck do primeiro mamóte!

OPINIÃO PUBLICA

Estamos em meio do opusculo e até agora nem uma linha nos levanta a ponta do véo em que o Sr. Oliveira Vianna occulta as suas idéas sobre a *realidade nacional*. Um pouco adiante, porém, entra a aurorescer. Parece que a pallidez dos ho-

rizontes se vae rosear ao contacto dos dedos mythologicos. O Sr. Oliveira Vianna deixa entrever que a realidade nacional é a opinião publica, ou antes, *tem de ser*, porque tal entidade no seu modo de sentir nunca o Brasil a conheceu.

Fraca memoria a do grande philosopho! Esquece-lhe, sem ir muito longe, a Abolição. Esquece-lhe o grande abalo sismico com que se propagou pelo paiz inteiro, numa campanha politica sem paralelo na vida politica de Inglaterra ou dos Estados Unidos, o Movimento Civilista!

Como é que não ha opinião no Brasil?

E' impossivel explorar mesmo a vôo de passaro todas as questões que ventila o Sr. Oliveira Vianna, tal a sua multiplicidade.

Sei bem que ha muito que fazer para alargar, educar e organizar a opinião. Conheço os perigos que a ameaçam: a unanimidade dos parlamentos e, quando não esta, a improficuidade dos debates, que podem esclarecer, e persuadir, mas não mudam os votos; a monopolização da imprensa pelas grandes empresas de industriaes e negociastas; o silencio e abdicação das capacidades, desanimadas de se fazerem ouvir; a diminuição progressiva das élites intellectuaes; o desalento dos valores reaes, preteridos pelos habeis e pelos intrigantes e consciuos de que no regime só ha logar para os mediocres.

Mas isto é tomar a opinião num periodo de tal

ou qual adiantamento a que inda não attingiu se não parte escassa da nossa população. A outra, a infinitamente maior, está no periodo embryonario. Tres quartos dos brasileiros não sabem lêr. Temos de começar por ahí.

PODER ASSOCIATIVO

Quizera o Sr. Oliveira Vianna que tivéssemos o espirito associativo dos inglezes, e a formidavel organização que no Reino Unido torna os orgams do poder obedientes ás suas imposições. Mas só na Inglaterra é que ha opinião? E na França? — pergunto eu. E na Allemanha? E na Suissa? Não ha lá opinião? E são porventura saxonias?

Diz mais o Sr. Vianna que aqui os centros agricolas e industriaes não exercem influencia sobre o governo. Não póde ser tão categorica a affirmação. Bastariam as sociedades agricolas de São Paulo, onde se estudam os problemas do café e da valorização e o Centro Industrial do Rio, onde se debatem os interesses da classe, para inquirar de exaggerada a sua affirmativa.

EXEMPLO E OPINIÃO

Muito influe a indole. Muito o atavismo. Muito o temperamento. Mas inda ha o que influe

mais. E' o exemplo. No mundo politico, então, toca ás raias do mimetismo. O Chefe de Estado molda á sua imagem e semelhança os que se lhe acercam. Quando *Auguste boit, toute la Pologne est ivre*, diziam do principe da Saxonia, eleito rei polaco. Assim nas democracias. Demonstral-o seria longo. Mas é evidente. D. Pedro II modelou á sua imagem uma longa theoria de homens publicos, reflexos fieis dos seus habitos, maneiras, sentimentos e até predilecções. Ponha a Republica, no primeiro posto e nos immediatos, servidores diligentes, probos, incapazes de uma indelicadeza, inacessiveis á corrupção e não só os subordinados destes os acompanharão, como toda a Nação se formará á sua imagem e semelhança.

Conclue o joven mestre o quinto capitulo, achando que no Brasil o regime de opinião, á *maneira saxonica*, é impossivel. Ninguem aqui faz questão desta ou daquella *maneira*.

Os constituintes republicanos, "victimas inconscientes de uma grande illusão", não merecem pedras por terem almejado o melhor. Mais vale pedir muito, para ter pouco, do que pedir pouco para não ter nada.

Quem pede o maximo de bondade ou belleza, mostra ao menos que as comprehende. O esquimão não pediria o *habeas-corpus*.

Mas não. O Sr. Oliveira Vianna é radical e peremptorio. Os constituintes republicanos não

fizeram nada... Os da Constituinte Imperial, esses, sim, é que eram verdadeiros estadistas...

“O edificio que construíram, de tão majestosa fachada, não se assenta, como se vê, sobre alicerces de realidade: assenta-se sobre ficções — e nada mais.”

O MAR MORTO

Censurando a indiferença politica da Nação, que é, aliás, menor do que elle a pinta, diz o Sr. Oliveira Vianna:

“A Nação espera na omnisciencia do governo, na omnisciencia do poder, na omnisciencia do presidente.”

A julgar por essas palavras a opinião no Brasil é um Mar Morto. Nada menos exacto. Nada em mais berrante desaccôrdo com os factos. Qual o presidente que não teve contra si, encapelladas, irosas e tumultuarias, resacas de opinião que ás vezes duraram annos? Deodoro, não teve a reacção legislativa? Floriano, a Revolta da Armada? Prudente, as conspirações jacobinas? Campos Salles, a desordem das ruas? Rodrigues Alves, a sublevação da Escola Militar? Affonso Penna, a imposição militar? Nilo Peçanha e Hermes, o civilismo? Borges de Medeiros, a gloriosa campanha contra as suas reeleições? Arthur Bernardes, a Revolta Isidoro? Não valem allegações contra a natureza, importancia e justiça desses movimen-

tos. Não os legitimo nem julgo. Enuncio-os apenas. Bons ou máos, legitimos ou illegaes, importantes ou desvaliosos, foram movimentos de opinião. Os seus promotores e os seus comparsas não ficaram fakirizados aos pés do Poder.

Creio, ao contrario, que somos um paiz superiormente vibratil. Sempre que se appella para a consciencia nacional ella responde. A questão é saber appellar.

Volto ao civilismo. Sabe bem o Sr. Oliveira Vianna que elle venceu nas urnas e que a victoria lhe foi sonogada. Nesse exemplo de improficuidade de esforços não ha motivo para desalento? Mas de quem foi a culpa dessa espoliação da vontade nacional? Do povo, das leis, da Constituição? Não. Apenas dos politicos. Mais uma prova de que não ha leis boas, quando os homens não as cumprem.

Crer no governo, esperar na omnisciencia do governo...

Se o Sr. Oliveira Vianna attribue á apathia geral essa confiança no governo, engana-se. Só não temos as iniciativas que não podemos ter por superiores ás nossas forças. Se a attribue á perspicacia instinctiva da nossa gente, estamos de accôrdo. Ella sabe que neste regime o governo é tudo e póde tudo. Dahi crêr na sua superioridade.

Agora, se attribue a motivos de reverencia essa attitude brasileira, permittir-me-á que lhe conte uma historia.

D'Orbigny fala-nos dos Juracares, tribu india, habitando os contrafortes andinos entre S. Cruz de la Sierra e Cochabamba, que não respeitam nenhuma divindade. E' caracteristico detestar os deuses, em cuja entidade acreditam. Pergunta-se-lhes qual o seu nome tutellar. Respondem mostrando o arco e as flechas. Cada um acredita apenas em si mesmo. Crêm em entidades superiores, mas apenas maleficas. Não é o apologo do brasileiro com os governos? Não está habituado o brasileiro em attribuir todos os males hereditarios, accumulados e inevitaveis, aos governos?

A THERAPEUTICA DO SR. OLIVEIRA VIANNA

Emfim!

Depois dos males, o remedio. Depois do temporal, a bonança. Vae o Sr. Oliveira Vianna darnos os *meios não politicos* da reforma politica, o salvaterio das instituições, o contra-veneno do idealismo da Constituição. Citemol-o:

“O grosso de nossa massa eleitoral não tem, portanto, independencia de opinião. Ora, os meios mais efficazes para assegurar essa independencia não serão, por certo, o “suffragio universal”, nem a “eleição directa”, nem o “voto secreto”, nem o “*self-government local*”; mas sim outros meios de natureza economica e social: o estabelecimento da “pequena propriedade”; um systema

de “arrendamento a longo prazo” ou um “regime de caracter emphyteutico”; a diffusão do “espirito corporativo” e das “instituições de solidariedade social”; uma “organização judiciaria expedita, prompta e efficaz”; uma “magistratura autonoma”, com força moral e material para dominar o arbitrio dos mandões locais, etc.”.

Bellas coisas, não ha duvida. Mas por que o Sr. Oliveira Vianna não começou do principio? Antes do *regime de caracter emphyteutico*, antes da diffusão do *espirito corporativo* não ha nada a fazer?

Ha sim. E o alfabeto, desconhecido á maioria dos nossos patricios? E a instrucção? E a educação? Querer que elle toque as matinas do progresso sem conhecer o abecedario, é pedir voz ás pedras. Tanto como de educação precisamos de hygiene; ou talvez mais: a luta contra as verminoses e o impaludismo é um problema bem mais urgente do que os apontados pelo Sr. Oliveira Vianna. Os nossos sertanejos não têm escola nem medico. Os governos deixam-n’os entregues a si mesmos, isto é, ao instincto e á ignorancia. Só reclamam quando o cangaço e o fanatismo os engajam e transformam em bandoleiros e jagunços.

Miguel Pereira e Belisario Penna em cruzadas memoraveis reclamaram providencias praticas e accessiveis para curar e melhorar a raça, quando não em nome do patriotismo, ao menos em nome da caridade. O Sr. Oliveira Vianna fica tão mudo

sobre essa urgente necessidade como sobre a da instrução. E quanto não lhe ficaríamos devendo se, tendo diante dos olhos a figura de Oswaldo Cruz, o grande re-descobridor do Brasil, a sua penna autorizada pugnassem pela continuação e generalização da sua campanha.

Sôam pois como irrisão as palavras em que reclama tanta medida adiantada para o nosso caboclo, esquecendo as elementares: a cartilha, o vermicida e o quinino.

Ouçam estas palavras:

“Nenhuma dessas reformas tem qualquer caracter politico ou constitucional; mas, sómente ellas serão capazes de dar á nossa plebe rural, base do eleitorado nacional, esses indispensaveis attributos de independencia e altivez, sem os quaes a famosa “soberania do povo” não tem significação alguma.”

Coitado do nosso Jeca Tatú! Não lhe ensinam a lêr, não lhe curam a tremedeira e o amarellão e exigem-lhe os “indispensaveis attributos de independencia e altivez”, para, á moda ingleza, dar significação á “famosa soberania do povo”.

Não me parece depois desses excerptos que o Sr. Oliveira Vianna disponha do *sensu objectivo* da *realidade*, que tão redondamente nega aos nossos politicos.

Na sua faina de censor, acha os nosos legisladores capazes de fazer para um *kraal* de hottentotes a mesma Constituição que para nós. E' uma

offensa gratuita á nossa cultura. Por mais valor que tenha o Sr. Oliveira Vianna não lhe é licito dar diplomas de pacovios e bolonios a uma geração onde se encontram os maiores nomes do regime.

Diz o Sr. Oliveira Vianna que a Inglaterra é o contrario disso. Mas a Inglaterra tem seculos de educação politica. E' um paiz opulento. Não tem analphabetos. Não tem distancias. Todo o Reino Unido é menor que o Estado de S. Paulo. As opiniões lá tocam-se pelos cotovellos. A densidade de população produz a intensidade de pensamento. Querer que tenhamos a força e a energia da opinião ingleza é uma utopia, mais desmarcada do que todas que o Sr. Oliveira Vianna imputa aos "poetas lyricos" da Constituinte.

GOVERNOS PATRIOTICOS

Affirma o Sr. Vianna:

"Não ha governos patrioticos, — isto é, governos que sejam patrioticos *espontaneamente*".

Por que? Porque todo o governo é de partido, e todo o governo de partido é máo governo, diz elle.

O que a historia ensina é differente. Washington, apesar de pertencer a um partido, foi um governo patriotico não só espontaneamente, mas, o que é mais, resistindo a esse partido. A pressão

popular e os proprios amigos lhe exigiam que declarasse guerra aos inglezes. Elle resistiu sósinho, salvando seu paiz a um embate a que, na época, era quasi certo que não resistiria. Fez um governo patriótico á força?

Accusa o Sr. Vianna os nossos estadistas de pensarem que “uma reforma politica só é possível por meios politicos”. Passaram lustros sobre lustros, decennios sobre decennios. Surgiram e desapareceram os Bernardos Vasconcellos, os Honorios Hermeto, os Angelos Ferraz, os Torres Homem, os Paulinos, os Itaborahys, os Paranhos, os Nabucos de Araujo, os Tavares Bastos, os Ouro Pretos, os Prudentes, os Campos Salles, os Rodrigues Alves, os Pennas, os Ruys. Ninguem viu isto... Ninguem se occupou disso... Foi preciso que viesse o Sr. Oliveira Vianna para descobri-lo.

Está enganado. Não é preciso attingir á altura daquelles homens para enxergar o que salta aos olhos de um calouro mediocre. Todos sabem que as leis não podem transformar os homens, cujo aperfeiçoamento exige esforços lentos, tenazes e continuos. Leia com mais attenção a nossa historia para ver que não tem o privilegio do senso pratico. Ha alguma coisa mais pratica do que a educação? E quantas campanhas não se têm feito por ella! Não é privilegio do Sr. Vianna saber que para melhorar a politica é preciso primeiramente crear os homens.

PARIAS ELEITORAES

Debuxa o Sr. Vianna em traços vivos o quadro da nossa inferioridade eleitoral. Tem razão. Não é possível dissimular o rudimentario dos nossos costumes eleitoraes.

Mas somos um paiz infante. Temos apenas cento e poucos annos de autonomia e vida constitucional. Estamos atrazados varios seculos da Inglaterra na vida juridica e na liberdade. Apesar desse avanço a Inglaterra nem sempre foi o paraizo da verdade eleitoral. Sel-o-ia com certeza, se no calculo das probabilidades humanas o factor instavel por excellencia — o homem — não perturbasse todas as previsões. Já no reinado de Elizabeth em 1588 votavam-se leis severas contra a corrupção dos escrutinos. Mas ainda em 1882 e 1884, quasi trezentos annos depois, a terra da lei sentia-se na obrigação de editar disposições severas contra a fraude eleitoral.

E os annos da Graça de 1882 e 1884 para a Inglaterra, dada a idade das suas instituições e da sua cultura, devem equivaler aos annos de 2082 ou 2084 para o Brasil.

O Sr. Oliveira Vianna bem conhece os *rotten boroughs*, os burgos podres do Reino Unido. Eram feudos eleitoraes, com privilegio de representação legislativa, que se vendiam, trocavam e alugavam com a maior naturalidade do mundo.

Num delles, o de Bute, na Escossia, numa eleição, compareceu um só eleitor. O *sheriff* fiscalizou o escrutinio com um ajudante, que lhe servia de escrivão. O eleitor presidiu a eleição, chamou o unico eleitor que era elle mesmo, deu o seu voto a si mesmo e a si mesmo se elegeu.

Na historia eleitoral da Inglaterra inda ha escandalos mais berrantes. Já não quero falar na meia duzia de altos barões, cada um dos quaes ás vezes enfeixava nas mãos uma duzia de burgos podres. Inda ha mais. Na Inglaterra chegaram-se a vender logares na Camara por annuncios!

A eleição ali se traduziu por sîmulacros apenas concebiveis. Um burgo podre, composto de uma duzia de fogos, foi tragado pelo mar. Pois bem. Na data das eleições um escaler tripulado por tres ou quatro pessôas se dirigia para o sitio onde se presumia ter existido o povoado. Fazia-se a eleição maritima, mais ou menos como a terrestre em Bute. E dahi a pouco, o eleito pelo villarejo desaparecido dava entrada na Camara dos Comuns, como representante da Nação.

Em toda a nossa historia eleitoral não ha um só factó que lembre esses nem de longe. Portanto, um pouco mais de indulgencia para com o nosso atrazo em verdade eleitoral.

Os nossos chefetes são modelos de senso pratico. O censo pratico é a victoria nas urnas...

Se os cabos eleitoraes têm essa mentalidade, qual não será a da grége votante, maximé a dos

filhos do extremo sertão, onde não ha escolas nem estrada de ferro? Essa pobre gente, creada á lei da natureza, sem nunca ter ouvido falar em Magna Carta, em franquias, em *habeas-corporis* como os felizes filhos da Grã-Bretanha, como poderá ter da Patria, da politica ou das instituições, outra representação visivel senão a do coronel, a do delegado de policia, e muito longinquamente a do Deputado da zona?

O PRECONCEITO DO SENSO PRATICO

Bem sabe o Sr. Oliveira Vianna que o preconceito da supremacia do senso pratico é uma bertoldice, inventada para fugir das difficuldades do pensamento pelos incapazes de vencel-as. Lembra os themas de certas discussões byzantinas.

Que é mais importante? Os olhos ou os ouvidos? Os pés ou as mãos? O estomago ou os pulmões? Os rins ou o figado? Cada um delles poderia allegar com bons fundamentos o seu predomínio. Mas a verdade é que todos se harmonizam para crear a entidade superior que é o homem. Todos, inclusive o motor physiologico, o coração, em ultima analyse, dependem da parte invisivel, do poder espirital, da alma.

E' uma profunda injustiça acoimar todos os estadistas e pensadores do Brasil de falhos de senso pratico. Como se fôsem todos lunaticos! Como se fôsem compostos só de cabeça, á feição dos

habitantes de certos planetas, na imaginação dos romancistas!

Senso pratico, sim. Ninguem lhe desconhece a necessidade. Mas antes d'elle, senso politico para crear o meio em que o senso pratico evolva, sendo juridico, para crear os apparatus que lhe preservem e assegurem a actividade. Antes d'elle, linhas e directrizes para tornal-o possivel e fecundo. Que vale o navio sem a bussola?

A obra da sciencia pura, da sciencia theorica, da sciencia que por ahi se costuma chamar com desdem de idealista, é a moda real do chamado senso pratico. O pensador descobre e crêa no terreno desinteressado da idéa (e ás vezes morre de fome). O realizador applica no terreno da utilidade (e quasi sempre prospera).

O senso pratico é o *profiteur* da intelligencia. Quantas cabeças illuminadas da faisca divina não passam por sonhadores e idealistas, quando estão a tratar do que, na estricta realidade, ha de mais pratico?

Suas obras ás vezes escondem investigações theoricas, que consomem vidas inteiras, sob titulos esdruxulos e carregadamente technicos. Ninguem diria o que trazem no bojo. Reduzidas á pratica são matrizes de milagres.

Alguns exemplos, tomados ao acaso, elucidarão nosso pensamento. D'Ocagne tem um livro intitulado *Nemographie*. Trata dos abacos. O titulo e o assumpto são chinez para a grande maioria.

Pois bem. A esse livro houve quem attribuisse a victoria da França na Grande Guerra. Por que? Por uma coisa muito simples. Porque a applicação dos abacos aos calculos de tiro permittiu aos artilheiros francezes rectificar quasi instantaneamente o ponto de mira e dar uma certeza mathematica aos disparos de canhão. Vêm dahi, tanto como da distribuição dos projectis, os milagres do 75 francez. E diga-se que o idealista d'Ocagne não tinha senso pratico...

Thomas, metallurgista inglez, inventou um forno, o Bessemer basico, que permittia utilizar os minerios de ferro phosphorosos. Esse minerio de ferro foi um dos mais altos factores da grandeza da Belgica e da Allemanha.

Esse homem tão desinteressado que fez a opulencia de um paiz rival do seu e que deixou toda a sua fortuna a instituições de beneficencia não teria tido senso pratico?

Martin, francez, descobriu o forno Martin-Siemen que permittia utilizar o ferro velho. Quem mais aproveitou do seu invento foi a Inglaterra cujas sucatas têm proporções immensas. A obra de Martin valeu mais para o Reino Unido do que a annexação das Falkland.

Que pensariam os homens praticos chamados a julgar de Thomas, Martin e D'Ocagne, diante das folhas de papel, cobertas de numeros e signaes cabalisticos, em que lançavam seus calculos e operações? — Que se entregavam a occupações abstra-

ctas de idealistas. Mas essas garatujas, que logo após se traduziam em experiencias, fizeram mais pela utilidade do que todo o senso pratico, habituado a desenhá-las.

Nas crêações juridicas e constitucionaes dá-se mais ou menos o mesmo. O senso pratico está escondido nas fórmulas. O tempo se encarrega de revelá-lo.

I D E A L I S M O

Perdoe-me o Jupiter Tonante que soterrou os constituintes republicanos sob o Pelion e o Ossa. O idealismo não merece os raios de um pensador da sua categoria. Deixe essa tarefa innocua aos recrutas da milicia em que já é marechal. Sem o ideal, o senso pratico seria apenas o réles tapalhos das alimarias "*O ideal é a maior das realidades humanas.*"

Elle abrange a experiencia e a utilidade, como o todo abrange as partes. Condemnal-o seria condemnar todos os nossos homens de Estado, mesmo esses que o Sr. Oliveira Vianna aponta como semi-deuses. Os politicos dotados apenas do senso pratico, bem pouco contribuem para o thesouro collectivo da Humanidade. Comprehende-se que o engenheiro, o mecanico, o biologista, o banqueiro, o commerciante, o agricultor cinjam-se ao campo das suas construcções, dos seus engenhos, dos seus laboratorios, das suas operações, dos seus nego-

cios, das suas culturas. O senso pratico é a razão e o limite das suas actividades. Mas o que nelles é virtude é defeito nos estadistas. Estes precisam ser idealistas, para descobrir no fundo invisivel das consciencias o rochedo sobre que se erigem as construcções que desafiam o tempo. Os fundadores de religiões e nacionalidades, á primeira vista, não tinham senso pratico. Mas as suas obras ahi estão. E todo o estadista digno de nome precisa ter uma centelha daquelles precursores.

VIA DOLOROSA

Mas não nos enganemos. Uma epidemia, tão disseminada como a gripe pneumonica de 1918, está grassando pelo mundo. Um pan-materialismo, nuns feito de renuncia, descrença ou atonia e noutros de interesse, egoismo ou baixeza, está devastando os espiritos. Sem o saber, os maiores soffrem-lhe as investidas. Felizes daquelles, em que estas não passam de ligeiro accesso febril, sem forças para attingir as fontes vivas da intelligencia!

As tentativas de fazer regredir a humanidade são patentes. Notam-se em tudo. O sophisma campeia soberano, deturpando o gosto e o criterio, aturdindo a razão, misturando as noções do inculto e do polido, do barbaro e do civilizado, da liberdade e da licença, da autoridade e do arbitrio, do bem e do mal. Inverte as noções da verdade e da

belleza. Descobre a mediocridade no genio e o genio na mediocridade. Prefere o instante á intelligencia. Proscreeve Becthoven. Mas applaude o batuque. Taxa Leonardo de fóssil. Mas boqueabre-se á barbarie africana na pintura e na musica. Não se contenta de tirar da primitividade o que tenha de bom, de inédito, de sedativo a uma geração cansada de grandes esforços atavicos. Decreta os seus direitos exclusivos á admiração.

Essa escola, contra cujos excessos precisamos defender o que tenha de bom o patrimonio dos seculos, tem os seus dogmas. Em lingua é pelo cassange; em poesia pela bala de estalo; em pintura pela cacochromia; em raciocinio pelo paradoxo; em esthetica pelo disparate.

Essa geração que se inculca de simplista, futurista, cubista, dadaista, suggestionista e outros *istas*, e que no fundo não é senão primitivista, involuindo ao nivel infantil do homem das cavernas, reflecte como um espelho a desordem mental e a anarchia moral de um tempo em que a cultura reside na apedeutica, a philosophia no proveito, a politica na força, a sociologia no pedantismo, a religião no eu.

O cassange desses simplistas merece um dictionario em papel pardo *ad usum coquinarum*. Póde-se rastear o preciosismo do Hotel Rambouillet nas comedias de Molière. O destes Mascarillos do Parnaso será mais difficil. Estragam-se tanto os

cadernos de compras das cozinheiras! E' tão ardua de conservar a syntaxe das servilhetas e dos capadocios!

A poesia desses futuristas, as mais das vezes, é o mistiforio porque ninguem a decifra e é mystificação porque ninguem a entende. O genial é ás vezes incomprehensivel. Dahi a sua regra:

O incomprehensivel é sempre genial.

Quando é clara, é futil, e quando é futil, é futillissima. As quadras das folhinhas têm mais feitio e mais conceito. Servem ao menos para as creanças. Quando esses passaros bisnaus ás vezes tentam levantar-se desse nivel:

*"Même quand l'oiseau vole on sent qu'il a...
des pattes."*

A pintura desses cubistas é feita dos retalhos e losangos de Arlequim. Mas descosidos. Um trapo vermelho aqui. Um farrapo amarelo acolá. E um titulo sonoro por baixo. Já vi um painel esdruxulo, que, virado dos pés para a cabeça, provocara extases de admiração e era dado como a ultima palavra do genio. Nunca pude descobrir de que se trata. Só se distinguem na orgia das côres os tubos dum encanamento.

O raciocinio desses dadaistas desthrona a belleza e sagra a utilidade. Compara dísparidades. Sustenta imperturbavelmente que ha num automo-

vel mais linha do que no Parthenon. Rejeita os canones de Phidias. Prefere á Venus de Milo a Venus Hottentote.

A esthetica desses suggestionistas póde-se definir, com a clareza de que elles usam, como a introversão sitophilica dos mesoclastos, ou a retroversão asymptotica das encliticas paralaxaes. Tem mysterios eleusinos e canones osiricos. O mysterio do vacuo, os canones da teratologia verbal.

Alguns dos mais medrados na admiração dos pascacios deslocam o ideal da natureza para a officina. Victimias de um novo romantismo, do romantismo mecanico, pensam que trazem novidades trocando o lago Elvira e a sensação do infinito pela chaminé, pela ponte e pela sensação do embolo ou piston.

Se se pudesse achar um nexos que ligasse todos esses romanticos ás avessas, seria o da incapacidade de abstracção dos regredidos que só lhes permite admirações concretas.

Eis por que negam a cultura, proscvem o idealismo e riem da liberdade.

Um espirito aristocratico como o do Sr. Oliveira Vianna tem em si mesmo a immunização contra esse flagello. Mas não devia esquecer que o grito de guerra dos novos vandalos é a morte ao idealismo e á liberdade, e que o seu papel é resistir-lhes e não reforçal-os, ainda que indirectamente.

Que immensa contribuição não lhes vae levar inadvertidamente o Sr. Oliveira Vianna, condemnando o idealismo da Constituição e dos seus artifices!

LIBERDADE E IDEALISMO

E' graças a um mal entendido utilitarismo que o mundo contemporaneo está assistindo pasmo ao eclipse da liberdade. A autocracia tenta uma das suas sortidas periodicas contra o regime impessoal do direito. E' dever dos espiritos fortes não descre'r da liberdade, não tomar o collapso pela morte do sol.

As palavras de Nabuco de Araujo, a 3 de Agosto de 1869, ainda têm a mesma actualidade: "O liberalismo não é uma excommunhão, mas uma necessidade das nossas sociedades modernas." E' claro que está implicita no pensamento do grande liberal esta restricção: "desde que não invada o dominio da autoridade legalmente constituida".

As victorias da autocracia não nos devem abalar. A escuridão dos eclipses é passageira. Não é preciso alarido de atabaques e tambores para cessar. As apparencias do progresso material e ordem com que as dictaduras se procuram legitimar não illudem mais aos que se habituaram a velas cahir quando se julgam mais seguras. Onde não ha liberdade nada póde subsistir de estavel e duradouro. Não creio na força creadora do poder

pessoal, embora encarnado em genios. O arbitrio, quanto á sua durabilidade, tem a philosophia do páo ferro (se é que se póde emprestar ao seu lenho infrangivel o sentimento da propria rizeja). Pensa que o machado que o derrubar ficará quebrado. Engana-se. Nem é preciso machado. Páo-ferro cortado no quarto-crescente das violencias que ensanguentam o disco da liberdade, traz em si mesmo o influxo maldito que lhe ha de apodrecer as fibras, sem o concurso de qualquer factor externo.

Cesar Borgia, o heróe perfeito de Machiavel, foi o modelo dos administradores. Que deixou além da sua execrada memoria? Outros, como elle, têm governado entre os applausos dos fracos. Tambem passarão, como as theorias cynicas e utilitarias do escriba florentino.

Que é a liberdade? Um conceito e nada mais. Mas essa abstracção tem uma existencia real. Os milagres que o Sr. Oliveira Vianna aponta na opinião publica da Inglaterra são seus filhos. Ella tem feito mais pela grandeza do Imperio Britanico do que toda a hulha do seu sub-sólo.

A sua essencia intima é invisivel: pertence á familia irradiante do radium. Mas nem por isso é menos pratica, nem menos *material*. Os seus effeitos sentem-se no sensorio colectivo que fórma e para o qual se dirigem todos os que precisam da sua energia, como a limalha de ferro para o campo magnetico.

E' ella que constitue a abobada invisivel, tecida por fios mais fortes que o aço da sua metallurgia, sob que se abrigam os destinos da Inglaterra.

A liberdade é filha do idealismo, é obra dos idealistas. Os Constituintes republicanos quizeram abroquelar o Brasil com a couraça dessa atmospherá synergica, tanto mais necessaria pela immensa extensão que déram ao Poder Executivo. Não o conseguiram logo. Faltou-lhes a collaboração da raça, ainda inexperiente, a emissão dynámicá que a consciéncia de cada um leva á energia collectiva, que não póde provir senão da somma das inducções individuaes.

Que os maldigam porque a raça ainda não podia contribuir para a defesa commum! Que os acoi-mem de sonhadores infantis, que os levem ás fogueiras da Inquisição com a carocha e o sambenito de "poetas lyricos!"

E que seja um Oliveira Vianna que o faça!

Longe vae este. E' tempo de acabar. Não, Sr. Oliveira Vianna, o *Idealismo da Constituição* não morreu. Nem morrerá. Durará enquanto durarem o ideal e a liberdade. Foi precipitado o seu *de profundis*.

Considere melhor. Não tenha um enthusiasmo tão excessivo pelos Constituintes Imperiaes. E faça mais justiça aos estadistas da Republica.

A PASSAGEM DE SIRIUS

EM data de 10 do corrente dirigi ao illustre Sr. Oliveira Vianna a carta que se vae seguir. Da sua leitura se infere o estado de espirito em que a escrevi. Bem mais que o intuito de defesa, a necessidade de accusar-me eu proprio de certas inexactidões involuntarias obrigou-me a volver a publico. Sem o intuito de polemica. Animando as minhas palavras do espirito de um méro colloquio que, se não tiver como resultado tornar amigos os dois interlocutores, não será por minha culpa.

Não vejo que numa divergencia de opiniões tenha de haver necessariamente um vencedor e um vencido. A menos que se trate de um choque de rancores que exija o fogo de barragem voltariano, auxiliado na expugnação das ultimas trincheiras pelas granadas de mão de Camillo.

A exploração sincera do pensamento tem o desinteresse e a impersonalidade das pesquisas de laboratorio. Exige collaboradores e não rivaes. E' como penso. Mas se me equivoco, se fôsse força conceder á galeria o direito de transformal-a numa justa verbal, num jogo de cannas e argolinhas ou

em cavalhadas, com proezas de equitação e conquista de premios, affirmo em sã consciencia que não duvidaria em acceitar para mim o papel dos mantenedores mouros, sempre vencidos. Pouco se me daria que a opinião, a alta e poderosa dona que preside a esses torneios, conferisse ao meu antagonista a prenda symbolica — luva, anel, lenço ou flôr — mandando-lhe do alto da sua varanda, enfeitada de colchas de Macau carmezim, o mais lindo dos sorrisos que jámais afloraram aos labios de uma dama dos pensamentos. Vel-o-ia sem ciumes apresilhar o suspirado galardão na virola da lança. Certas derrotas não desluzem: valem mais do que muitas victorias.

Uma certeza me conforta: a de que timbrei em tratar escriptor e homem a quem tanto admiro com a consideração que elle merece a quantos lhe acompanham com sympathia e admiração a laboriosa e radiante carreira. Se nalguma coisa puz empenho foi em vencel-o em serenidade. Estas linhas, finaes e definitivas, só se poderão afastar desse proposito se a penna me trahir a intenção.

Eis a carta, para cuja publicação solicitei prévia autorização ao seu preclaro destinatario:

“Gavea, 10-11-927 — 476, Marquez de São Vicente.

Senhor Oliveira Vianna — Acabo de lêr a resposta com que me honrou pelo *Jornal do Commercio* de hontem. Mais uma vez se comprovou por um exemplo illustre o pensamento do velho Vau-

venargues de que a verdadeira polidez nasce do coração.

Do meu, para louval-o, não foi preciso senão abril-o e deixal-o falar. Quem o conhece de perto sabe que é assim que vibra, pulsa, respira e pensa. Do seu, para tolerar-me, foi preciso muito mais: — vencer o agastamento do pontifice surprehendido pelo schisma da primeira heterodoxia. Neste debate de idéas, portanto, o merito da generosidade é todo seu. O meu será, quando muito, o de reconhecê-lo.

Deixe-me dizer que sinto toda a sua resposta mysteriosamente embebida duma irradiação de sympathia, que é para mim o melhor resultado desta discussão.

Tenho antennas para apprehendê-lo e para receber na limpidez original as ondas radio-activas do seu pensamento. Um que outro deslize, inevitáveis na pugnacidade de uma resposta, não conseguem perturbar o campo sideral vibratilizado pela sonoridade de um grande coração. São poeiras que bailam nos raios do sol, sem conseguir desvial-os.

Estão longe das descargas tempestuosas com que o amor proprio zébra de relampagos a atmosphera das suas emissões. Louvado seja Deus, a minha intenção foi comprehendida pela sua peregrina intelligencia.

A celebre experiencia de Lissajous conseguiu reproduzir os equivalentes geometricos do som.

Não é das menores curiosidades da sciencia essa traducção linear da escala chromatica, manancial eterno em que se encontram todos os matizes, todas as *fórmats-typos* do desenho, reservatorio de motivos para toda uma renovação esthetica. A vibração acustica e a sua resultante graphica estão sempre na mais rigorosa das relações mathematicas. Põe-se a gente a pensar nos mysterios pythagoricos dos numeros e a admittir que descobrir-lhes todas as relações seria achar a chave de todos os enigmas. Por que maravilhoso mysterio as vibrações da acustica têm as propriedades do pincel do desenho?

A intuição chega ás vezes aos mesmos resultados sem instrumentos. Pelo seu simples diapasão, Sr. Oliveira Vianna, cheguei ao debuxo do seu typo moral, embebido de generosidade. Não precisei das laminas sonoras, dos espelhos, do fóco luminoso e do *écran* de Lissajous para traçar com o timbre da sua voz o schema da sua aristocracia mental. Não me enganei. A resonancia intima do seu espirito, transportada ao campo visual, havia de traduzir-se por força em linhas de maravilhosa pureza. E traduziu-se.

Quando nada mais se salvasse da troca de idéas em que nos empenhámos, uma coisa tenho a certeza que ficaria de pé: a cortezia de que alcançamos revestir os nossos pontos de vista. Congratulo-me com esse exemplo, tão util á polemica des-

tes Brasis, cujo dicionario pôde averbar antagonismo e apôdo na mesma synonymia. Creio que elle ficará na nossa historia literaria como um traço de evolução, como um exemplo de cultura e cavalheirismo, onde as gerações que vêm vindo poderão aprender a divergir sem detrahir e a não alongar a elipse da discordancia pela parabola da diatribe.

Fui bem inspirado em dar á nossa discussão um signo propiciatorio bem distante das miserias da terra. A *Passagem de Sirius* será medida por todas as equinociaes, que se occuparem com a parallaxe do seu talento. O seu nome se confundirá com o desse astro de primeira grandeza. Não reivindico a honra de tel-o descoberto. Mas identifiquei-lhe o coronio da aureola, o halo espiritual, que é a sympathia humana, que sobredoira hoje em dia a fulguração do pensador.

Tenho a impressão de que, daqui a muitos deccennios, quando nós ambos, Sr. Oliveira Vianna, tivermos restituído á terra mãe o pó ephemero que ella nos emprestou, o amigo do passado que se debruçar sobre a collecção do *Jornal do Commercio*, quando chegar á nossa polemica, terá insensivelmente de parar. Sentindo evolar-se das suas folhas, como de um velho frasco de essencia, esquecido num movel antigo, a emanação de duas almas que o pensamento embalsamou do mais raro dos seus perfumes — a serenidade — talvez que o

seduzam, mais os nossos corações do que as nossas intelligencias, mesmo a sua, já então na plena consagração da immortalidade.

Não ha nestas palavras a vaidade de um nome que tenha a certeza de sobreviver-se. Mas essa confiança no futuro explica-se. Certos fragmentos meteoricos, uranolithos ou bólides, que gravitam em torno de corpos estellares, acabam por incorporar-se ao seu nucleo, para augmentar-lhes a intensidade do brilho. Contento-me em ser uma dessas particulas cosmicas. E' o que me permite essa certeza de sobrevivencia.

Queria encerrar com esta carta a *Passagem de Sirius*. Não mo consente o cavalheirismo. Tenho de dar-lhe razão nalguns pontos. Preciso reconstituir a pureza do meu pensamento noutros. E desta segunda necessidade abriria eu mão facilmente, se a primeira não fosse indeclinavel.

Calar-me quando devo confessar-me em falta seria ficar-lhe áquem em lealdade, unico ponto em que lhe peço licença para não sentir-me inferior a ninguem.

Tenha, pois, a paciencia de lêr-me ainda uma vez. Tudo envidarei para que ao cabo dessa leitura, não recuse a mão amiga que se lhe offerece com uma sympathia que nada desmentirá. — O sincero admirador *Baptista Pereira*."

CONFITEUR, E RECTIFICAÇÕES

Duas considerações movem estas palavras. Acusar-me e defender-me.

Tem razão o Sr. Oliveira Vianna, dizendo que me enganei quando lhe attribui o ter dado á Abolição a principal responsabilidade na ruina da lavoura cafeeira do Rio. E' claro que não o iria inventar. Li-o de certo nalguma pagina, de que perdi o verbete. Mas mesmo que o encontre e que possa vir a provar que o Sr. Oliveira Vianna assim pensou, não o farei. A questão perde de importancia, desde que o Sr. Olivéira Vianna, num livro que está escrevendo, vae reconhecer, dando-lhe o primeiro logar, a importancia do factor-praga naquella ruina.

Outro engano meu. Verifiquei que o senhor Wanderley Pinho publicou documentos definitivos sobre a queda do gabinete Itaborahy e não do ministerio Zacharias. Não tendo á mão a *Revista do Brasil* em que foi publicado o seu estudo e não me permittindo a urgencia compulsar-lhe a collecção, bem que o meu velho amigo Basilio de Magalhães me tivesse posto á disposição, recorri á memoria de dois mestres da nossa historia. Suggestionados talvez por mim, ambos, como eu, pensaram que os documentos do talentoso neto de Cotegipe (que á do avô illustre reune a tradição intellectual do pae), tinham chegado até Zacharias. O Sr. Oli-

veira Vianna não notou esse engano que, como vê, é triplice. Mas não seria leal de minha parte escondel-o. Estendo a mão a bolos. Escondo a dos cumplices, porque são tão illustres que seria irreverencia palmatoal-os.

Entoando o *mea-culpa*, passemos a ligeiras rectificações.

Diz o Sr. Oliveira Vianna que o quero julgar pelo *Idealismo da Constituição*, obra de polemica. Não ha tal. Não tive o intuito de fazer o escorso critico da sua individualidade, realmente muito maior do que esse pamphleto. Propuz-me apenas a contradictar-lhe certas asserções. Nada mais.

Diz o Sr. Oliveira Vianna que lhe emprestei gratuitamente desdem pelo idealismo e que o sup-puz capaz de preferir o senso pratico.

Pareceu-me que, condemnando o idealismo da Constituição, o corollario logico seria que preconiza o senso pratico da Constituição. Se ha erro de interpretação não me parece meu.

O Sr. Oliveira Vianna diz que, para defender os constituintes republicanos, fiz-me advogado, "attitude mental incompativel com o ponto de vista de Sirius", que o seu bello talento define: "o ponto de vista do pensador, da imparcialidade, da justiça, da verdade pura".

Admittamos, comtudo, que a suspeição importa em parcialidade. O advogado, que propugna por uma causa de evidente razão, não está fóra do

ponto de vista de Sirius, se este é o da justiça, e não o da indiferença.

O juiz, que sentenciava, reproduz muita vez, nos fundamentos dos seus arestos, as razões e a dialectica de um dos causidicos. E desde que seja justo seria insensato acoimal-o de parcial. A menos que Sirius seja um globo apagado, rolando ás escuras nos espaços sem fim da insensibilidade moral.

Admittamos comtudo que a suspensão seja sempre inherente ao papel do advogado. E' uma regra sem excepções. Mas como? O proprio Sr. Oliveira Vianna não reconhece que Nabuco nunca perdia o ponto de vista de Sirius: "E' o ponto de vista predilecto de Nabuco, tão insito á sua natureza maravilhosa, que elle não o perdia nunca, nem mesmo quando, em *O abolicionismo*, se faz o grande advogado de uma causa?"

Abroquelo-me nesse exemplo para provar que a defesa de uma nobre causa não é incompativel com o ponto de vista da mais limpida elevação. Dir-me-á o Sr. Oliveira Vianna, que o exemplo é illustre de mais para mim. Mas são esses justamente os exemplos que se devem seguir. E seguil-os não coima de immodestia.

PERFIL DUM CURIOSO

Agora um pequeno hiato para conversarmos um pouco. Faça de conta que me recebe no seu sitio

fluminense, onde conto ter a honra de visitá-lo em companhia do nosso commum amigo Sampaio Corrêa, e que chalramos á sombra amiga dos seus arvoredos.

Tenho o bom gosto de querer poupar-lhe uma desillusão. Não quero que, arranhando o verniz, que supponho me empresta, de micrographista, de exegeta e exumador de archivos, mande-me despir na praça a indumentaria de quem o alheio veste. Nada disto. Sou apenas uma grande e ousada curiosidade, em que a paixão atavica dos livros sempre resistiu ás delicias esterilizadoras da bohemia conversadora e do *bridge*, tão irresistiveis ás naturezas gregarias, quando não absorvidas em preocupações superiores.

Tenho circumnavegado todos os continentes do pensamento. Mas pelas praias, com agua nos tornozelos, apresso-me a confessal-o. Em raras angras me aventuro a nadar de braçada. Em mais raras ainda a mergulhar.

Como todos os que se occupam com o mundo espiritual, tambem paguei o tributo de aventurar-me no golfão do Incognoscivel. Darwin, Buchner, Spencer e tantos outros, já lhes pedi os seus escaphandros. Mas em cada uma dessas descidas ao fundo dos problemas do Além — tanto mais angustiado pela pressão da duvida quanto mais alongado da superficie — só encontrei o silencio, o silencio, sempre o silencio. E sob a sua paralytia

acustica a immensidade granítica e indifferente do Nada.

Quando vejo outros (às vezes com tanto talento!) precipitarem-se de cabeça nesses mergulhos, como se fossem buscar a perola da verdade, fico á praia, tranquillo, contente com o meu S. Thomaz lido com os olhos da exegése moderna, sabendo que não trarão nada de novo. Volverão á praia quasi todos escorrendo salsugem da bocca e das narinas, precisando tracções rythmicas da lingua e massagens. Recuperando a voz não deixarão de gargantear maravilhas: o salitre que o sol lhes crystalliza na pelle é a poeira das perolas que descobriram, mas não puderam trazer.

Os criticos, que exigem como unico baptismo da superioridade, esses mergulhos oceanoscopicos no indevassavel, lembram-me a experiencia de Knivet que, na ilha da Lage, tentou sondar o fundo de nossa bahia dentro de um tosco apparelho feito de couro de boi, para amarrar um cabo á argola de canhões sumergidos e salvar-os. Chamado á tona pela enorme cabeça, cheia de bexigas de boi, onde fizera um oculo, puxado para o fundo pela pedra que atara aos pés, teve de cortar a corda para não morrer.

Salvaram-no quasi examine. Durante um mez ficou atordoado. Não vale a pena exprofundar canhões philosophicos por tal preço.

Boi por boi, entre o que emprestou o couro para ser alcatroado na experiencia segredada a Knivet,

por um certo André Tower, e outros, prefiro São Thomaz, a quem os condiscipulos chamavam de "boi silencioso da Sicilia", o que lhe não impediu de conciliar Aristoteles e a religião, o methodo experimental e a fé. O seu passo, tardo como o das carretas que foram o automovel dos reis merovingios, abriu ha sete seculos caminhos que, tirados do velho abandono e cylindrados de novo pela critica, são tão bons como os de Bacon, Descartes e Comte.

Viver a explorar terrenos que só se podem balar por meio de conjecturas é um direito de todo o mundo, depende de certo feitio espirital, a que não nego certa elevação. Mas exigir dos outros que se entreguem ás mesmas operações especulativas, que são um nunca acabar, parece-me iniquidade tão grande como affirmar que a religião é necessariamente involutiva. Taxar de atrazado um credo que todos os dias se renova, e que só exila a duvida, mãe da sciencia, das regiões extra-terrenas do Dogma, se não é leviandade é pelo menos a prova da ignorancia dessa renovação. A idéa fixa da philosophia, quando toma o estigma ambulatorio, inquieta, impaciente, envinagra as suas victimas depois de encher-lhes de fel a tolerancia e de enubrar-lhes muita vez a razão.

Temos bem perto de nós Felicio dos Santos, Carlos de Laet e Ramiz Galvão, tres velhices augustas, tres varões de São Martinho, cujas tardes

gloriosas se illuminam da magnificencia das auroras.

Fizeram os tres a volta das philosophias. Cada um ancorou a sua inquietação espiritual na angra que lhe pareceu mais segura, talvez que os tres na mesma. Seria justo julgal-os por omissão? Seria curial taxal-os de alheios aos problemas do destino, porque não citam Schopenhauer e Nietszche, Hegel e Bergson?

Eu de mim não gosto de perder tempo nesses parques, onde cada geração que chega mette o machado nas arvores plantadas pelas anteriores.

Estas linhas, se visassem o Sr. Oliveira Vianna, seriam da mais refinada perfidia e da mais completa injustiça. Justamente uma das razões do encanto que tenho por elle reside em nunca tel-o encontrado revestido dessa crosta de intolerancia e pedantismo philosophico. No seu campo conjectural cabem verdades circumscriptas e verificaveis. Elle que me perdôe se para caracterizar a minha attitude mental alonguei-me em demasia, com um calor suspeito aos que não tiverem acompanhado certos estribilhos da critica indigena, que daqui reduzo ás suas justas proporções de injustiça.

Volvendo a mim, dir-lhe-ei que tenho a tenacidade dos que não dissimulam com a propria ignorancia. Para não ficar *in albis* em certas leituras tive de recapitular,* já de cabellos começando a branquear, as minhas esquecidas mathematicas.

Só estou á espera de uma oportunidade feliz para aprofundal-as de modo a medir a grandeza, que presinto, de certo Souzinha que me parece ter sido ha cerca de meio seculo a edição Paula Brito de Henri Poincaré. Como vê, a minha mentalidade procura ter uma certa nobreza pelo desinteresse das suas preocupações. Tem esse ponto de contacto com a sua. No proprio livro que estou preparando sobre Ruy Barbosa, creio que se verá, na medida do possivel, essa nota de impersonalidade. Tenho, porém, que confessar que nada sei, porque em nada me especializei. Sou apenas uma natureza hygroscopica. A minha curiosidade é espongiaria. Absorve o orvalho de todos os climas, por onde se afoita, escoteira e silenciosa, mas incansavel. Numa peregrinação *pedestrissima*, como a de certo viajante inglez, mas que não respeita fronteiras.

Foi a pressa que matou a conversação. Esta precisa do tempo, que lhe sobrava no seculo XVIII, para as digressões, que são o seu alimento. Esqueçamos que nascemos no tempo dos telegraphos, da estrada de ferro, dos automoveis e dos aviões. Façamos como os prosadores dezoitocentistas. Não nos apressemos. Discreteemos de longada, como Rousseau e du Peyrou surprehendidos pela tempestade na cabana de um lenhador.

NOS JARDINS DE GOETHE

Não extranhe a imagem da esponja. Passei pela tentação de deixal-a mergulhada nestas paginas, como um anzol de baeta vermelha destinada a brincar com os lambarys da critica, que não deixariam de accorrer pressurosos sentindo a isca do plagio. Mas não vale a pena. Ficará para outra vez o chariz. A imagem da absorp o espongiaria não   só de Nabuco, que ninguem admira mais do que eu. Goethe já lhe havia aproveitado a justeza e a propriedade. Ha um direito de renova o, que legitima a expropria o por utilidade publica das bellezas esquecidas. Mas, já que temos tempo, paremos um pouco no jardim de Goethe. Encarnemos a phantasia de Nabuco e a minha em duas raparigas, a primeira com ares de princeza do espirito, que me rendou com Mme. Dudeffand e Horace Walpole, a segunda com a desenvoltura das creadinhas de Moli re. Encontraram-se as duas, violando o parque de Goethe. A *soubrette* e a patricia vinham de procedencia diversa. A idéa do furto as aproximou resabiadas uma de outra.

Paremos um minuto. O logar e a companhia valem a pena. Ainda por ali respiram echos da musica de Lulli e da prosa de Marivaux. Não   sempre que se apanha um trecho de comedia ao ar livre,   sombra de castanheiros bucolicos, que abrigaram do sol a cabeça veneravel do autor do Fausto.

O dono dos immensos jardins de Weimar, onde uma flor não faz falta, espia de longe, escondido atraz dum tronco de faia sanguinea, a fronte descoberta, na mão direita o grande chapelão de feltro branco que trouxe da Italia. Viu as manobras furtivas das duas intrusas. Mas delicia-se mais do que ellas proprias com a delicia que ambas encontram no peccadilho. Onde o vulgo enxerga infracção penal, o seu nobre espirito só vê bom gosto. Applaudé-as intimamente. Não lhes apparece para dizer que devastem á vontade os seus alegretes, só para não lhes tirar a illusão de clandestinidade. Tem a philosophia do patriarcha biblico. Na sua seara de Booz ha restólhos e sóbras para todas as Ruths, mesmo as que lhe não pertencem, ou venham a pertencer. E ri-se de contente. A gentil princeza, que aprendeu com Mme. Dudeffand a lingua das *Pensées Detachées*, agita embaraçada a flor que cortara do hastil. A sensação do primeiro furto corralhe as faces e dá-lhe o enleio do remorso. A outra compoz a touca ancillar com dois toques dos dedos, num gesto que lhe poz uma scintillação no brunido das unhas, e alisando o avental de bretanha segredou persuasiva: “Dê-me a flor. Fica mal a uma dama da sua linhagem... Commigo não tem importancia. Tudo é permittido a uma simples *soubrette*.” A fidalga enrubescida cedeu...

O rumor da conversa acordou um velho jardineiro, que estava aquecendo sol. Este chamou a

famulagem, que vem accorrendo sollicita. Está pres-tes a explodir o aqui-del-rey! do escandalo policial.

Mas Goethe apparece, junto á sua faixa, sorridente, o dedo nos labios. Os lacaios emmudecem e recuam. “Não teria proposito fazer barulho com duas moçoilas que se permittiram entrar no meu jardim!” diz aos creados.

Procurou as duas moçoilas, para beijal-as na face, com a liberdade do carinho patriarchal. Tinham se sumido como andorinhas assustadas. “Que tolas!” commenta Goethe. “Terem medo de mim!”

Mas alguém bate-lhe no hombro. Volta-se. E’ o velho Suetonio, na sua tunica romana. — “Ora esta, meu amigo Goethe! Não me tire o prazer de dar o que é meu. Fui o primeiro a usar da imagem. Fui o primeiro a lembrar que um homem podia ser uma esponja. Foi assim que caracterizei os contribuintes romanos, espremidos pelos exactores do fisco. A comparação era inedita. E’ minha e bem minha. Tinha até escapado aos evangelistas.”

— “Duvido, diz Goethe desapontado. Já li os seus “*Doze Cesares*” e por signal que não aproveitei grande coisa. Tem poucas idéas matrizes. Quanto á Biblia, isso é outro cantar. E’ lá que costume me abastecer de sementes para o meu jardim. Se obedeci a reminiscencias, lá a devemos achar. Mas é facil. Recebi de Paris a melhor *Concordancia Biblica*, a de Hugo Cardeal. Vamos verifical-o.”

Sentaram-se ambos num banco de pedra. Goethe mandou buscar o livro. Trouxeram-lhe um alentado volume em cujo frontespicio, a branco e vermelho, havia sob a vinheta veneravel da Fama, trazendo á mão um espelho, que reflecte um sol de cariz, a indicação do livreiro querida aos bibliophilos:

Lugdunl

*Apud Benedictum Bailly, in vico mercatorio
sub signo veritatis*

M. D. C. L. XXXVII

Cum privilegio regis

“Conheço essa rua, resmungo Suetonio. E’ perto do Mercado de Lyão. Comprei lá alguns livros de Erasmo, o homem que teve o bom senso de elogiar a loucura. Trago mesmo commigo, um, que estou lendo nos meus passeios. Mas lá não voltarei. Tresanda a alhos e cebolas. Prefiro a rua S. Jacques de Paris, onde as lojas de livros rescendem ao cheiro das hospedarias da vizinhança, cujos assados de espeto merecem a immortalidade”.

Goethe abriu o dictionario biblico. Foi direito ao vocabulo *spongia*. S. Marcos, S. Matheus e S. João, empregaram-no cada qual uma vez, mas sempre embebido do vinagre do martyrio. Ia confessar que se aproveitara mesmo da imagem de Suetonio. Mas este, absorvido até então no seu Erasmo, não lhe

deu tempo. Estrondeou numa gargalhada. "E esta! Olhe o que o demonio do hollandez escreveu neste livro! Parece mesmo feito para nós este pedacinho:

"Passemos uma esponja sobre esse negocio de esponjas."

Disse. E cahiu a noite nos jardins de Goethe.

FLUMINE LOQUI

Já não sei onde estava. Perdi o fio pela digressão. Quem me quizer ler tem que ser assim. E' um traço de familia. Quem herda não furta. Essa loquacidade, o Conde d'Eu, na sua *Viagem Militar*, fixou-a nos meus antepassados ha mais de meio seculo, quando estes tiveram a honra de hospeda-lo em sua estancia do Inhatium, dizendo que era gente que gostava muito de conversar.

A facundia daquelles velhos Pereiras e Borges Fortes (são a mesma familia) era tal que os imperiaes itinerantes recolheram-se depois de meia-noite, escandaloso desprazer para viajantes madrugadores. Para mim a observação do caceteado hospede de minha bisavó tem um cunho de penetração quasi genial. Explica-me na origem proxima o formoso talento analytico de D. Luiz d'Orleans, cujo livro *Sob o Cruzeiro do Sul* deve ser um dos nossos orgulhos. Lembra-me o *argute loqui* com que Cesar definiu ha tantos seculos o espirito fran-

cez. Com a differença que a sua observação só tem importancia para mim.

Traduzo-a *flumine loqui* para tirar a argucia e deixar a cachoeira atavica, que ainda respinga sobre os que têm a desventura de me ler.

Posto isto, voltemos ao assumpto.

CONSTITUIÇÃO ATRAZADA

Mas, chega, chega e chega. Juro aos meus deuses que não cahirei mais em nenhuma digressão.

Synthetiza o Sr. Oliveira Vianna a minha opinião sobre os Constituintes Republicanos, dizendo que lhes puz na frente coruscações de genio. Não o disse. Mas não levo a sua imputação á conta de má fé.

A nossa divergencia é quanto á Constituição Republicana. O ponto de vista do Sr. Oliveira Vianna é que o nosso estado politico rudimentar não comporta uma constituição adiantada; que o codigo de 24 de Fevereiro foi feito para cultura muito mais avançada. Dahi o seu corollario: a imprestabilidade dessa carta politica. Concordo quanto ao atrazo. Dahi infere o Sr. Oliveira Vianna que deve condemnar uma Constituição que, pelo seu adiantamento, é antipoda desse atrazo.

Dar-me-á o meu nobre interlocutor licença para raciocinar e tirar as deducções das suas premissas. Se não presta a Constituição, porque não reflecte

o nosso atrazo, segue-se que para prestar teria de reflectil-o.

Teria de ser uma Constituição atrazada. Seria o unico modo de não se desnivelar do meio. Veja o absurdo a que leva o seu raciocinio. A perfeição da Constituição estaria na imperfeição.

Os similes materiaes nem sempre se applicam com exactidão aos phenomenos subjectivos. Não sei como ainda os detractores da Constituição não disseram que os seus alfaiates cortaram para um corcunda um casaco sem bastante panno na giba. A imagem seria mais pitoresca do que muitas que por ahi andam, comquanto tão injusta.

A nossa Constituição não é roupa de francezes, como se dizia das andainas de adelo. Não teve pregões nem preconceitos de algibebe. Não se propoz a amoldar-se a todas as medidas, mesmo as da teratologia. Foi feita de trama bem mais resistente que as fatiotas de segunda mão, destinadas aos corpos de mendigos, que cabem em todas roupas. Não era um tecido: tinha de ser uma claridade para vestir toda a consciencia nacional, e cobrir toda a nossa superficie geographica. O dynamo que lhe forneceu a energia, o cabo que a transmitiu, o fóco onde se transformou em clarão, foi uma consciencia juridica que se embebeu no que a torrente dos seculos e da experiencia tinha de mais crystallino.

Censurar a Constituição pela sua luz é iniquidade tão grande como imputar ao sol a sua facul-

dade de decomposição, inseparavel da de aquecer e illuminar. E' confessar que preferimos á luz a treva. E' reduzir-nos á incompatibilidade solar dos peixes cegos, habitantes de itararés, sumidouros, itaquás e solepões, que o Sr. Miranda Ribeiro classificou e nomeou na região hydrographica de Iguape. E' trocar os olhos que Deus nos deu por pupillas artificiaes. E' praticar desnecessariamente a mais esdruxula das operações de iridenclise.

A synthese do meu pensamento é esta: nem por deficiente a nossa cultura dispensa uma Constituição avançada. A limitação intellectual do discipulo não exige necessariamente a limitação intellectual do mestre. Muito pelo contrario. Tanto mais ocluso o discente, tanto mais subtil e completo terá de ser o professor para descobrir-lhe as deficiencias e suppril-as ou remedial-as.

As nacionalidades, a meu ver, não se constróem de baixo para cima e sim de cima para baixo. São as elites que edificam as nações. Trinta ou quarenta familias fundaram a Inglaterra de hoje. E' sempre de um nucleo central que irradiam as energias creadoras. A collaboração das massas é indispensavel; mas quem lhe dá o impulso é meia duzia de capacidades, que formam o sensorio collectivo, o ponto de convergencia dos sentimentos nacionaes.

A Constituição deve ser encarada como a cartilha dos responsaveis pelo governo, como o roteiro maritimo que fica nas mãos do capitão e dos offi-

ciaes. A massa da tripulação não está na altura de comprehendel-a.

A mentalidade desta não pode melhorar antes de um trabalho secular, cuja lentidão lembra o alteamento das nossas praias atlanticas, que se sublevam millimetros por anno.

Grandes povos se têm governado sem Constituição, e mesmo sem leis escriptas. O direito, ali, apenas confiado á boa razão e ao costume, nem por isso tem sido menos bem preservado. E' que pôde haver senso juridico sem Constituição. O que não pôde haver é Constituição sem senso juridico.

Conta Victor Tissot na sua *Viagem ao Paiz dos Ciganos* que o Imperador José II, querendo melhorar-lhes as condições de existencia, mandou edificar varios nucleos de casas confortaveis, que lhes deu para moradia. Ficaram muito contentes. Celebraram a magnanimidade do Imperador em suas canções. Mas que fizeram? Puzeram o gado e a creação dentro das casas e continuaram a morar nas costumeiras barracas de viagem...

A politica brasileira tem abrigado os seus interesses á sombra da Constituição. Mas a consciencia quasi sempre se lhe tem abarracado nas tendas do nomadismo juridico.

Não é exacto que a Constituição tem sido sempre letra morta? Então, por que artes de berliques e berloques, dar-lhe a responsabilidade do que não praticou? Então, por que tretas de Satanaz, trans-

formal-a no hollandez do proverbio, que paga o mal que não fez? Outra, que porventura viesse a substituil-a, teria em si o condão, que ella não teve, de fazer-se obedecer?

INTEGRALIDADE PSYCHICA

O primeiro dever do Governo (e incluo nesse vocabulo os tres poderes do Estado) e dos órgãos da opinião (e incluo nesse vocabulo a imprensa e as opposições) é crearem certos sentimentos collectivos, certos pontos de referencia moral, que tenham a indiscutibilidade dos *tabús*.

Em tempo de guerra apagam-se as rivalidades interiores: o interesse da patria ameaçada congrega todas as dissensões. E' preciso que em tempos de paz os verdadeiros patriotas crêem em torno de certos principios a integralidade psychica dos tempos de guerra.

O homem só acredita nos deuses que crêa. Rejeita os que lhe são impostos. Os que educam os povos têm que manejar a persuasão e não o imperio. Têm de crear divindades, porque só a communhão de cultos abre esses recessos profundos do coração, que jámais a submissão e o interesse conseguiram devassar. A liberdade e a justiça são divindades creadas pelo homem. A este cabe sempre, pela fatalidade que o fez o unico senhor do universo, o papel do seu arbitro. E' preciso que

nunca dê a impressão de transformar-se em seu carcereiro, sob pena de só alcançar a obediencia, que é alguma coisa, falhando-lhe sempre a collaboração e a communhão de pensamentos, que é tudo.

Não sei se o *Genesis*, como quer Fabre d'Olivet, tem tres sentidos, sendo no esoterico o Codex orogenico da creação. Mas ha expressões cujo senso symbolico independem dos mysterios de Kabala. A palavra divina, precedendo a luz, o espirito de Deus, fluctuando sobre as aguas, representa os impulsos do alto que plasmam e crêam, realizam e transfiguram os mundos como os povos. E' a missão dos dirigentes orientar esses impulsos que se traduzem nas leis organicas. As leis encerram o *Fiat* dos livros sagrados.

Illumino o meu raciocinio com um exemplo. Para mostrar a possibilidade de crear o em que se acredita, basta ver o que fez D. Pedro II. Não tínhamos opinião; elle acreditou que a pudessemos ter e creou-a. Não tínhamos verdade eleitoral; elle acreditou que a pudessemos ter e creou-a, bem que momentaneamente com a Lei Saraiva, tornando possiveis eleições em que ministros eram derrotados. Pouco importam as vicissitudes por que passaram tanto a opinião como a pureza das urnas. A possibilidade da sua transformação por um só homem ficou demonstrada.

Imagino o Sr. Oliveira Vianna Presidente da Republica. (Por que não?) Dispõe apenas da

actual Constituição. Quem lhe impediria de crear a opinião organizada, que me parece ser o seu ideal politico?

Quem lhe vedaria estimular, congregar, e aproveitar as elites? Quem lhe poria obices á enthronização da liberdade e da justiça? Haveria forças para frustrar-lhe, quer as realizações de ordem pratica, quer as de ordem politica, de que as outras todas, mesmo as economicas e financeiras, essencialmente dependem?

A modestia provavelmente não permittirá ao Sr. Oliveira Vianna admittir de boamente a minha hypothese, que se não tem uma plausibilidade de realização pela sua falta de tirocinio politico e do investimento previo em grandes posições, nem por isso deixaria de se ligitar pelo seu merecimento. Mas, se a tomar a má parte, consinto de boamente que ma empreste, com a mesma, senão dobrada inverosimilhança.

Mas continuemos ainda com a liberdade conjectural da hypothese.

Presidente da Republica, o Sr. Oliveira Vianna podia governal-a optimamente com a Constituição, que temos. Poderia até governar sem ella, guiando-se pela razão e pelo costume como a Inglaterra. Como, pois, negar que se pode governar bem com a Constituição que ahi está?

Os que atacam a nossa Constituição esquecem quasi sempre que ella não foi observada. E' a mais

paradoxal das logicas. O doente tem á mão um remedio e não o toma. Morre. Se não morre, pelo menos continua enfermo. Quem o responsavel? O doente ou o remedio? A conclusão dos nossos antagonistas é que a culpa é do remedio, que não foi utilizado...

Se não me engano, se traduzo bem o pensamento do Sr. Oliveira Vianna, o nosso mal é a Constituição, "que creou um regime politico incompativel com as condições do nosso povo", "que tem tantas condições de vitalidade quantas teria uma cobaia dentro de uma campanula pneumatica". O Brasil é a cobaia, a campanula pneumatica a Constituição. Creio, depois dessas palavras, que não lhe tráio o pensamento, dizendo que aos seus olhos todo o nosso mal reside na Constituição.

Estou em pólo opposto: penso que está nos seus interpretes. São inconciliaveis os nossos pontos de vista. Guardemos cada qual o seu, e demos por encerrado o debate. Uma vez porém que busquei resumir as suas idéas, preciso synthetizar as minhas. Não me será possivel traduzil-as com perfeita clareza em linhas apressadas, mas dizendo o que penso da realidade brasileira e republicana de hoje, abro-lhe a cortina de um pensamento, que, como o seu, tambem ha muito se absorve no estudo de grandes problemas nacionaes. Fique, porém, bem claro que nas palavras que se vão seguir não lhe empresto

antagonismos commigo. Não o viso mais. Elucidome. E por muito feliz me darei se nalgum ponto concidirem as nossas idéas.

A TERRA

Direi da terra. Não penso como Eduardo Prado, nisso influenciado por Varnhagen, que seja pobre. Penso ao contrario do mestre querido que me iniciou no seu culto, que quando arrancarmos para os sertões, deixando de arranhar o litoral como caranguejos, na expressão de frei do Salvador, começará a nossa ascensão. Não teremos mais, talvez, a surpresa do sertanista que encontrou no casco ferido do cavallo a folheta de ouro que lhe revelava os thesouros de Cuyabá. Encontraremos, porém, centenas de riquezas mais ricas: as que dependem do trabalho e não do acaso, da iniciativa individual e não da fortuna. São os castanhaes; as seringueiras; os côcos, as plantas medicinaes; os peixes e as caças; o algodão, o trigo, o arroz, a canna, o café, o matte; as creações e as minas; as aguas thermaes e os climas; os oleos e as fibras; os lagos, os rios e o oceano. Tudo está por explorar no Brasil. Sentem-se as veias da riqueza latejando em todo o seu immenso organismo. A criação escreveu a mais extensa e a mais luminosa das suas paginas dentro das nossas fronteiras. Preserval-as para usofructo das futuras gerações foi a obra do Imperio. Bas-

tava esse serviço para que um coração brasileiro o respeitasse. A' Republica compete explorar o que o Imperio consolidou. E só ahi se saberá o que é o Brasil.

Temos tudo. Temos ferro e carvão. Nenhum paiz do mundo tem maiores reservas de hulha branca. Estou convencido de que o petroleo não póde tardar em jorrar, apesar de certas sondas sem tubulações, um tanto inexplicaveis, ao que dizem os competentes.

Não cabe nestas linhas a enumeração das nossas infinitas possibilidades. Tenho de resumil-as todas num pensamento. Não ha paiz potencialmente mais rico que o Brasil. Pouco importa que me acoimem de sonhador. Entrego afoitamente essa crença ao Brasil de 1960. Não é uma phrase de idealista; é a opinião de um brasileiro que tem gasto mais tempo do que se possa pensar, no estudo da nossa capacidade agricola, mineral, extractiva e pastoril. A nossa pobreza actual não me desmente a asserção. Quando as difficuldades de exploração fôrem removidas é que veremos o que somos. O avião, a estrada de rodagem, o melhoramento da communição fluvial ahi vêm vindo. O porvir dirá o que farão. No nosso futuro só vejo uma sombra — as tentações da nossa fraqueza, que desafia a cubiça dos momentaneamente mais fortes. Mas mesmo esta, tenho esperança que recue ante a consciencia juridica internacional, muralha de granito contra as usurpações, construcção para a qual não têm

sido dos menores os blocos com que temos contribuido.

Para elevar o homem não é preciso diminuir a terra. Não é verdade indiscutível que só sejam ricos os povos da hulha e do ferro. Nem Cuba, nem o Uruguay os possuem e quasi que são proporcionalmente as regiões mais opulentas do globo. Tenhamos dentro de nós vinte Cubas e quatro Uruguays (e elles cabem á vontade no nosso territorio) e mesmo sem as bacias carboniferas de Cardiff ou New Castle e os poços do Texas poderemos vir a ser tão ricos como a Inglaterra ou os Estados Unidos. O que não póde haver é progresso sem homem, riqueza sem braço para colhel-a. O deserto não crêa. Acabemos com elle. Povoemol-o. E a nossa apparente pobreza desaparecerá. Para mim o maior dos nossos problemas continua a ser o da immigração. Na sua solução está o segredo da grandeza brasileira, cujo diagramma de expansão ha de obedecer ás marés da onda forasteira, como tem obedecido a grandeza paulista.

Não receio o dominio estrangeiro, oriundo da desnacionalização pela onda immigratoria. A terra, mesmo á superficie, tem alguma coisa do calor central: funde as diversidades de origem numa especie de combustão ethnica que extingue os residuos estrangeiros e crêa, limpidas e renovadas, almas brasileiras tão puras como as nascidas de paes authochtones. O leite mamado nas tetas da

velha Cybele tem as virtudes da planta magica: faz esquecer o berço dos antepassados e crêa em cada recém-nascido um coração brasileiro.

O HOMEM

Direi do homem. E' vezo antigo deprimil-o tambem. No vejo por que. O que fizemos neste vasto pedaço de planeta, tanto tempo fechado ás incursões adventicias, é quasi inverosimil. Creamol-o em quatro seculos, um minuto da historia. O missionario, o bandeirante, o tropeiro, o minerador escreveram folha a folha a epopéa de Integração Geographica, que os nossos estadistas, de Alexandre de Gusmão a Rio Branco, encadernaram nas nossas fronteiras, como um livro cujas seixas e lombas fossem feitas dos pergaminhos dos nossos tratados.

O que fizemos desde o dia em que Pedr'Alvares nos descobriu!

A terra nubil sustinha as pômas estuantes de vida, como o peitoral das florestas, abrochado pela esmeralda da Serra do Mar. Deixava o recém-vindo, esfaimado de riquezas, recolher as migalhas que lhe rolavam aos pés pelas orlas do litoral. Mas embalde o aventureiro esperava que ella desatasse a petrina para o dessedentar no leite dos seios. Só depois de abrir o coração ao bandeirante é que poderia ter a fecundidade das mães...

Hostil e indevassavel á primeira vista, tivemos de domal-a, de abrandal-a, de esboçar caminhos até os seus recessos, em cujo fundo ainda não penetramos.

As regiões privilegiadas existem mas estão longe. A formação montanhosa difficulta o bracejamento do trilho, o halito da locomotiva que é o oxygenio do progresso. Tivemos de vencel-a e de crêar a nossa rêde ferroviaria em condições de inferioridade patente a outros paizes, onde basta atirar otrilho, sem necessidade de cortes, rampas, aterros e obras d'arte.

Ao passo que lutavamos contra a natureza, dividiamo-nos em lutas intimas e por vezes tivemos que arcar com o inimigo estrangeiro. Mas no meio de tantas difficuldades e vicissitudes, não nos esquecíamos de crear a maior cultura do Continente, instrumento capaz de registal-as, comprehendel-as e, se não de resolvel-as, pelo menos de entregal-as estudadas, a tempos mais felizes e capazes de o fazer. Essa obra ingente não é filha, quer dos archetypos nordicos, sonhados pelo Sr. Gobineau, grande romancista mas sociologo ineffavel, em cujas faces o conselheiro Saboia, num theatro, escondeu o calor da antipathia ao Brasil, em que sempre deveria arder, quer dos typos raciaes ideados pelas desmoralizadas prophecias de Lapouge.

E' filha do brasileiro caldeado no ponto branco desta incude de raças para o qual sempre caminha, sem perigo de regressão. E' filha do filho do ca-

boclo, do cabra, do mestiço, do creoulo, do negro e do indio. E' filha dos tres sangues que aqui se misturam: o caucasico, o africano e o indigena. Tirou do primeiro a intelligencia, do segundo a sensibilidade, do terceiro a acuidade dos sentidos. Nenhum brasileiro, capaz de attingir a finalidade da raça, póde julgar-se diminuido pelas particulas de cruzamento que tiver no sangue. A cultura poderá escoimal-as dos residuos, deixando o que tem de bom, inexpressivel doutra maneira, doutra maneira inattingivel, impossivel de adquirir fóra dos mysterios geradores da vida. As vicissitudes da nossa evolução ethnica são ephemeras. O futuro ha de reduzir-as todas a uma unidade superior que já se presente, capaz de desmentir as affirmações de Buckle e de Bryce quanto á nossa inferioridade.

Bem sei que temos defeitos. Não os dissimulo. Feito o balanço, porém, o credito é das qualidades. E quando nos comparamos aos outros não temos que nos envergonhar, se não de uma coisa: da nossa momentanea pobreza. Não divinizo. Critico. E a critica para ser justa não precisa ser sempre pejorativa.

O POLITICO

Disse do brasileiro em geral. Direi agora do politico uma vez que no fundo a origem destas linhas foi quasi que apenas politica.

Reconheço as suas deficiencias. Reconheço que o nivel da sua cultura bem podia ser mais elevado.

Reconheço que a proscricção das capacidades é maior que no Imperio, onde o grande eleitor, justiça lhe seja feita, tinha olhos de lynce para descobril-as e consciencia para não sonegal-as, pelo ostracismo, á consagração. Não creio, porém, que os outros paizes do mundo disponham de capital humano muito melhor. Prefiro ao de vinte e quatro o ouro de dezoito quilates. Tem um pouco de liga. Paciencia. E' mais parecido com a nossa natureza. E' nelle que os ourives talham as suas joias. Foi nelle que Celini cinzelou. Esse me basta.

Não detraio os homens da monarchia. Mas não me parece necessario elevál-os pela antithese, diminuindo os da republica.

Os nossos politicos, os Constituintes de 1891, como os de hoje, têm muitas falhas. Emquanto o homem não fôr feito da substancia radiescente dos anjos, não creio que se liberte do limo original de que nasceu. E emquanto se esperar por essa transformação para se fazer boa politica, boa politica não se ha de fazer.

Appetites, paixões, fragilidades e contingencias não ha que esperar desapareçam. Mas justamente ahi está a grandeza dos verdadeiros estadistas; erigir construcções duradouras com tão precario material; fazer com o máo senão o optimo, pelo menos o bom.

E' fazer as deficiencias individuaes desaparecerem na superioridade collectiva. "Os meus soldados, escrevia Frederico, o Grande, tomados um a um, são bem pouco interessantes; no pelotão são uma turma de bravos."

Os nossos politicos serão o que os fizerem, os governos, os órgãos de opinião, as opposições e os pensadores, entre os quaes o seu lugar é tão alto. Sr. Oliveira Vianna. Creio nelles. Sinto que, superior ás suas fraquezas, ás suas rivalidades, aos seus debates, seja qual fôr o campo em que se alistem, paira sempre nos seus corações a imagem augusta do Brasil.

A abnegação, a renuncia, o heroismo não são virtudes de todos os dias. Têm qualquer coisa de esporadico e imprevisto como as occasiões em que são mais necessarias. Nestas tenho visto certos politicos brasileiros não pedirem meças a ninguem, desentranhando-se em sacrificios de incalculavel extensão.

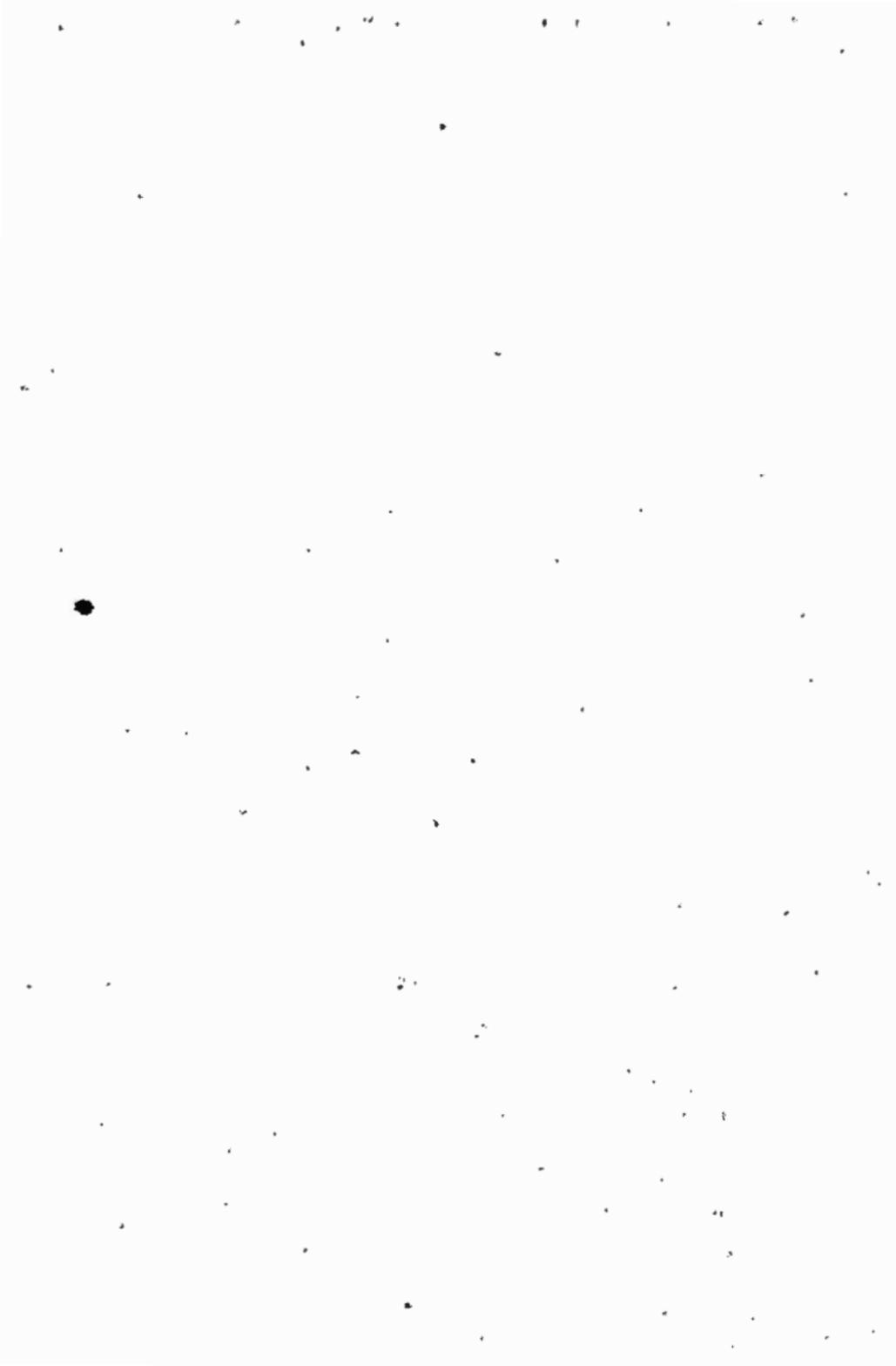
Não me accuse o Sr. Oliveira Vianna de defender quem elle não atacou. A mentalidade dos que hoje sustentam a Constituição de 24 de Fevereiro inda é, mais ou menos, a mesma dos que a assignaram. Defendendo a uns defendo aos outros.

Nas minhas peregrinações pela pedagogia encontrei um facto que me seduziu: a confiança. E', por assim dizer, e quanto caiba numa impressão, a base do methodo Montessori que, a meu ver, renovou a propedeutica infantil, e que era uma das

maiores preocupações da grande cabeça, apenas conhecidas de raros, de Francisco Escobar. Creanças de tenra idade em que se inculca o dever, em nome da confiança que nelles se deposita, correspondem a esse appello á sua dignidade infantil, com prodigios de dedicação, obediencia e boa vontade. O homem não passa de uma creança envelhecida. Se lhe applicardes a confiança, raras vezes vos arrependereis. Julgo que no terreno politico se dá a mesma coisa. A confiança é melhor que o scepticismo. E que, quando crermos nos nossos politicos, elles nos corresponderão melhor do que quando delles desdenharmos.

A fé transporta montanhas. Eu acredito.

E' assim que vejo o Brasil. Do ponto de vista de Sirius. Talvez. Mas também do meu. Com certeza.



RUY NA CONFERENCIA DE HAYA



O INCIDENTE DE MARTENS

*"L'humanité réalise lentement mais toujours
les rêves des sages."*

ESTAS palavras de Anatole France não encontram confirmação maior do que no terreno do Direito Internacional.

Muito longe, Grotius teve o sonho de humanizar a guerra e facilitar a paz. Kant, a razão pura, e Bentham, o utilitarismo, não se desdoiraram em partilhar esse ideal, que durante muito tempo parecia dealbar apenas no horizonte da Utopia. Mas a energia humana não desanimou. E o trabalho dos homens de boa fé continuou no silencio, como a germinação das sementes no seio mysterioso da terra. Quando em 1899 em Haya, no momento em que se abria a Primeira Conferencia, Grotius era glorificado, muitas das nações que se congregavam ao redor do seu monumento não viam que a sua presença significava a abjuração do culto da força, a que as arrastava a irresistibilidade do Direito. Não viam que se abria uma nova era. Não percebiam que ellas proprias lhe estavam abrindo portas, pelas quaes, uma vez abertas, a torrente dos outros

povos as obrigaría a entrar aos empurrões, sem poder retroceder.

A idéa da glorificação de Grotius partiu dos Estados Unidos, que sempre lhe deram discipulos dos maiores. Ladds foi o verdadeiro precursor da Liga das Nações. Quando escrevia, em 1840, já lhe traçava lineamentos quasi identicos aos em que ella se ia muito depois circumscrever. E não foi só essa a grande figura que os Estados Unidos deram á campanha da transformação do mundo pelo direito. Lieber póde ser considerado o precursor dos generosos idealistas que em Genebra fundaram a Cruz Vermelha, a maravilhosa instituição para a qual todos os canhões da terra foram forçados, pela consciencia humana, a inventar a mais solenne das conti-nencias: o emmudecimento.

▲ Segunda Conferencia da Paz foi promovida pelo presidente Roosevelt. Graças a elle toda a America Latina, com excepção do Mexico, já representado na Primeira, foi convocada a Segunda. A humanidade lhe deve esse grande serviço.

O AMBIENTE DE HAYA

A formação de um ambiente novo, para a guerra e para a paz, foi o escopo principal das grandes conferencias que se reuniram em Haya. O pugillo dos especialistas, que formaram a

Sociedade de Direito Internacional, em cujas sessões a maior parte dos problemas de Haya foram suscitados, não descansou enquanto não sahiu do campo da theoria para o da realização, obtendo o apoio dos governos para conferencias, que transformassem em leis os seus projectos. O Tsar da Russia, provavelmente solicitado por De Martens, seu subdito e amigo, convocou a primeira conferencia.

Para os apressados, nada conseguiu a Primeira Conferencia: o amadurecer das idéas, como o dos frutos, tem gradações que escapam aos olhos. Mas quando outro resultado não alcançasse, teria tornado possivel a segunda.

MA' VONTADE EUROPE'A

A Europa encarava sob um ponto de vista estreito a intervenção da America do Sul nos seus concilios. "Como ouvir os sul-americanos em questões que só a nós interessam?" — pensavam os estadistas do Velho Mundo.

Não viam o entrelaçamento mundial de interesses, não viam que a formação de uma consciencia universal era um phenomeno irresistivel, como um cyclone que havia de arrastar as folhas seccas das convenções, dos preconceitos de raças inferiores e raças superiores, dos mythos de soberanias indeclinaveis e de imperios inven-

civeis. Ao reunir-se a Segunda Conferencia de Haya, Nelidoff, seu presidente, propoz que se telegraphasse ao Tsar e á rainha da Hollanda, “depondo aos seus pés” as homenagens da Conferencia. Era a atmospheria do Congresso de Vienna. Nem uma palavra a Roosevelt, como que para accentuar bem que o Velho Mundo não pactuava com os ideaes do Novo. Metternich, em pleno reinado do direito divino, não acharia melhor formula do que essa omissão para reivindicar a vigencia da autocracia.

A mentalidade das potencias, que, graças a intervenção de Roosevelt, haviam admittido a America do Sul ao seu convivio, era a mesma de 1899, quando o conde de Munster considerava a idéa do arbitramento uma quasi offensa ao seu paiz. “Um paiz que possui o melhor exercito do mundo e póde mobilizal-o em dez dias não se sujeita ao arbitramento”, dizia elle a Andrew D. White, delegado dos Estados Unidos. Em 1907, Marshall von Bieberstein dizia-se partidario do arbitramento Mas votava sempre contra elle. Choate, fino humorista, dizia conhecer dois Marshall, um adepto, outro adversario do arbitramento, mas que este, em ultima analyse, era o unico verdadeiro. Mas Kriege, o outro delegado allemão, não tinha os mesmos circumloquios de Marshall: era contra o principio do arbitramento em toda a linha. Divergia de muitos outros delegados europeus

só num ponto; dizia alto o que pensava. Depois do discurso em que Kriege se lhe oppoz, Drago escreveu num papel, que passou a Brown Scott: "está morto o arbitramento". Estava realmente morto. Mas no terreno concreto. No terreno do direito, estava maior que nunca, ninguém tendo ousado recusar a sua legitimidade moral e jurídica.

O Direito Internacional continuava em 1907 em tão plena eclosão de evasivas, como em 1899, quando o representante da China, dando a medida do euphemismo europeu, pediu em plena Conferencia que lhe definissem o que era guerra. "Porque, commentava elle, destruíram a nossa esquadra, bombardearam as nossas cidades, mataram meus patricios e disseram-nos que não estavamos em guerra; que se tratava apenas duma expedição..."

O frio sarcasmo com que a ironia do Oriente vergastava a hypocrisia européa define uma época. Era para crear um espirito que a fizesse cessar, quanto possivel, que se reuniram as Conferencias.

OBJECTIVO DE HAYA

Nenhuma das nações que compareceram ao Congresso das Nações tinha o sonho de crear o arbitramento compulsorio e estabelecer o regi-

me da paz universal. Seu objectivo era mais immediato e mais pratico, comquanto muito menor. Queriam mais jurisdicção entre as relações de povo a povo. Queriam mais humanidade nas guerras. Queriam, na medida do possivel, substituir ao arbitrio o direito, á violencia a razão, á intolerancia a justiça. Não pensavam em aparrar as unhas aos leões; queriam amansal-os no seu proprio interesse, para que se não entredorrassem. Não eram sonhadores; eram estadistas, reconhecendo a inevitabilidade do mal, mas procurando extrahir da superficie por elle talada a maior somma possivel de bem. Assim o mineralogista que extrae de uma tonelada de pechblenda um milligrammo de radio.

Ruy Barbosa partiu para Haya convencido de que, entre o muito que se esperava e o pouco que se conseguiria, haveria logar para conquistas juridicas que melhorassem os destinos dos povos. Levava para lá o seu tino juridico, a sua experiencia de parlamentar, a sua cultura, a autoridade pessoal que lhe dava a sua insuperavel mestria em todos os ramos do direito, por elle explorados como jurisconsulto e codificador. Porém, mais do que tudo a sua fé. A sua fé no direito, na justiça, no bem, na marcha ascendente da Humanidade, não no caminho da Perfeição, que elle sabia inatingivel, mas no da menor imperfeição.

O que foi a sua jornada em Haya, todos o sabem.

Representante de um paiz tido como exotico, as suas primeiras intervenções foram recebidas com escarneo e desprezo. Mas elle teimou e venceu. E ao cabo da conferencia, nenhuma personalidade excedia a autoridade da sua e William Stead podia chamar-lhe sem favor o primeiro vulto da Conferencia.

Nem tudo foram flores na sua carreira em Haya.

Teve momentos bem amargos. E' um desses momentos, que vou descrever, como testemunha presencial, de accôrdo com algumas notas tomadas na occasião.

O INCIDENTE DE MARTENS

Chuviscava. Dia brusco e mal humorado, esse 12 de Julho de 1907.

Sahimos do Palace-Hotel de Scheveningen, o embaixador Ruy Barbosa e eu, no automovel a seu serviço mensal, inferior a qualquer taxi de Paris, mas em todo o caso apreciavel, visto como em Haya só havia mais dois de aluguel. Dobbert, seu sobrinho e secretario particular, ficara em casa, assoberbado pela maré de telegrammas do Barão, que tinha de decifrar.

Ruy não almoçara. Ficara-se no chá da ma-

nhã. Estava de mãos geladas. Calçou as luvas. Taciturno. Uma ou outra reflexão de desalento. A conferencia começara com o pé esquerdo.

Atravessámos a cidade, ilhada de pequenos villinos de nomes portuguezes, Villa Rosa, Villa Maria, trazidos pelos judeus de Portugal, e entrámos no Bosque de Scheveningen, a maravilha florestal da Hollanda, que leva de Haya a Amsterdam os seus carvalhos e faias sanguineas.

Ruy moita. Eu tambem. O silencio chumbava-me. Mas não me atrevia a rompê-lo.

A posição do Brasil era difficil. A hostilidade do ambiente contra o seu embaixador indissimulavel. Principalmente de grande parte dos latino-americanos. Muitos destes, quando Ruy começava a falar, abriam ostensivamente jornaes. William Stead mudara-lhe o nome para Dr. Verbosa. Queriam emmudecel-o. O scepticismo dominava. A consciencia juridica era importuna. Urgia conciliar os interesses de uma fórma que dêsse ao mundo a illusão de que se tinha feito alguma coisa de util; mas era preciso pedir o santo e a senha ás grandes potencias.

Sobre os hombros daquelle homem pequenino, curvados já de tanto se inclinarem sobre a mesa de estudo, pesava um mundo de constrangimento.

As sympathias de que gozava na Conferencia podiam-se contar, e eram de caracter pessoal. Mas o conde de Prozor, que o conhecia do Rio, e prevenira os "leaders" da Conferencia de que "Mr. Barbosa était un homme de la plus haute excepcionalité", o Marquez de Soveral, intimo de Penedo e Souza Correia, atravez dos quaes lhe soubera do valor, Drago, que lhe conhecia as obras, e que mais tarde me ajudaria a conquistar-lhe a amizade de Stead, D'Estournelle de Constant, Bourgeois, e poucos outros, não tinham autoridade para modificar um ambiente, formado pelas grandes potencias.

Não podiamos contar quanto aos nossos vizinhos do Prata senão com deferente reserva e esta, honra seja feita tanto a Saens Peña e a Larreta, como a Battle y Ordonez, nunca nos faltou nos dias tormentosos, transformando-se ao fim da Conferencia numa leal amizade.

Quanto aos outros latino-americanos, Perez Triana exercia sobre muitos uma ascendencia occulta, a que lhe davam direito uma longa permanencia na Europa, uma real cultura e grandes relações pessoaes.

Stead nunca mo quiz confessar, mas tenho por certo que o appellido de Dr. Verbosa foi obra de Triana.

Um dos grandes orgulhos da minha vida mental seria o de reivindicar a honra de ter previsto que o genio de Ruy venceria todos os ob-

staculos e sahiria como um triumphador de Haya. Nada mais facil e seductor do que campar de crente sem desfallecimentos. Natural mesmo seria que o fosse, dado o culto que sempre lhe consagrei.

Mas a primeira victima dessa improbidade intellectual seria eu mesmo. Idealizar a verdade, em beneficio duma attitude, pôde ser perdoado a um romancista. A um chronista, a um historiador, nunca, em seu proprio interesse. A deformação da realidade produz-lhe uma lesão medullar na sinceridade, cujos effeitos de ataxia, mais cedo ou mais tarde, tiram-lhe o des-empeno da attitude.

Eu não acreditava em Ruy. Nem elle mesmo acreditava em si proprio. A conspiração de interesses era tão grande que estava além de qualquer previsão razoavel pensar em vencel-a.

Todo o pessoal da embaixada participava da mesma impressão. Lamentavamos a ausencia de Rio Branco. Este, sim, pensavamos, com a sua fascinação, o seu prestigio, o seu dom de proselytismo, não deixaria o Brasil em desaire. Censuravamos a Ruy o viver isolado, o não angariar sympathias, o não fazer allianças, o não sacrificar systematicamente as horas de estudo á tyrannia dos habitos sociaes. Esta é a verdade.

Ninguém então podia prever que as suas qualidades negativas contribuiriam tanto como as po-

sitivas para fazel-o em breve curso a figura central da Conferencia.

Descemos no Ridderzaal. A' porta apparece-nos a figura de Carvalho Moreira, em cuja ruina physica um insulto cerebral respeitara a intelligencia, sobrevivente e irradiante na sympathy do sorriso. "Ruy, como vaes?" disse elle ao seu collega da turma de 1870. "O *Times* de hoje occupa-se de ti com boas palavras. Vi um telegramma com o resumo do artigo".

— "Pouco adianta, Arthur, amanhã mudará de opinião" — respondeu Ruy.

Entrámos no velho palacio dos Cavalleiros. Começava a sessão.

Presidia De Martens. Gottoso, usava muleta, do lado esquerdo. Cabeça branca, cutis de tijolo vermelho, com um que de tartaro, quem quizer imaginal-o olhe um retrato de Clemenceau. Os mesmos longes de phoca, no contorno do rosto, no bigode, no queixo redondo.

Ruy pediu a palavra e leu um discurso de meia hora sobre presas maritimas. De Martens ouviu-o de má vontade, a mão esquerda ao rosto, de lado, quasi de costas. A sala com raras excepções afinava por esse diapasão; dialogos travavam-se por toda a parte. Era, dado o ambiente diplomatico, uma verdadeira manifestação de desagrado.

Ruy terminou numa atmospherá glacial. De Martens só então voltou-se para elle e disse:

“O memorial do nobre embaixador do Brasil constará dos processos verbaes das nossas sessões; devo, porém, observar-lhe que a politica não é da alçada da Conferencia.”

Correu-me um frio na espinha. Era o tiro de misericordia, era a liquidação summaria, a decapitação do Brasil, em Haya. Sem saber como, achei-me atraz da cadeira de Ruy.

Ruy, sentado como um menino de collegio, não pestanejou. Uma onda de pallidez mais profunda empallideceu-lhe ainda a pallidez. Mas as narinas vibraram-lhe. Os vidros dos oculos lampejaram.

Foi ainda numa voz sumida que pronunciou as palavras sacramentaes:

“Je demande la parole”.

A emoção fez-lhe pronunciar parôle e não *parole*.

Tendo-a, levantou-se com um movimento como que mecanico. E começou, não como reza o seu livro de discursos publicado em Haya, mas com esta interrogação:

“Un mémoire? Et pourquoi pas un discours?”

Ninguém esperava o relampago do revide. Ninguém o acreditava capaz de tomar o pião á unha. Ninguém esperava a instantaneidade da erupção.

Era formidavel a posição de De Martens na Conferencia, cuja iniciativa real passava por ser mais sua do que ninguém. Ninguém representava com mais titulos o pensamento do incitador ostensivo do grande congresso, o Tsar de todas as

Russias. Chocar-se com elle era uma audacia de David e nem todos os David têm pedras na funda.

No grupo mais hostil a Ruy Barbosa o contentamento irrompia sem dissimulações. Ruy liquidava-se pelas proprias mãos, era o pensamento que se lhe lia nas physionomias.

Mas o orador começou. A voz mal segura de principio, firmou-se. E o fio maravilhoso dos raciocinios começou a envolver a assembléa na rêde da sua magia.

Foi primeiro a recordação de que havia muito presidia o Senado dum paiz que tinha sessenta annos de tradições parlamentares, allusão que não devia calhar muito ao subdito duma autocracia. Depois que seria incapaz de faltar ao regimento duma assembléa deliberante, subtil recurso para chamar á ordem um presidente desabrido. Depois, enfim, a luta, arca a arca, peito a peito, com o grande sophisma de De Martens: o de que a politica estava banida da Conferencia.

Nenhum internacionalista, nenhum mestre de direito, até aquella data, definira a politica vedada á Conferencia, e a permittida. Não se conhecia senão uma politica: e esta para prohibil-a. Ruy tomou o touro á unha. Distinguiu entre a politica pratica, immediata, concreta, que póde separar os povos, e a politica razão de Estado, a politica regra geral sem cuja exploração não se poderia conceber a propria Conferencia.

“Ha alguma coisa de mais eminentemente politico do que a soberania? — perguntou elle. E não estamos aqui para traçar regras que a restrinjam e delimitem? Como, pois, affirmar, sem distinguir, que a politica nos é vedada em todas as suas accepções?”

A’ enunciação desta verdade, em que ninguem tinha reflectido, ou que pelo menos ninguem até ahi enunciara, a sala toda teve um movimento de attenção.

Ruy estava á esquerda do hemicyclo, cujo centro era occupado pela mesa da Presidencia. A’ direita sentavam-se os delegados francezes, allemães e norte-americanos.

Leon Bourgeois conversava com Marshall de Bieberstein, que ficava numa cadeira bem atraz da sua. D’Estournelles de Constant, quando Ruy começou a definir a politica, chamou-lhe a attenção, puxando-lhe a manga do casaco.

Bieberstein, o homem mais gigantesco da Conferencia, o “elefas germanicus”, como lhe chamou Stead, numa designação que lhe definia a intelligencia e o volume, levantou-se com o passo bamboleante de pernas que tinham de aguentar mais de cem kilos e mais de sessenta janeiros e veio encostar-se ao lado direito da mesa presidencial para melhor ouvir. Bourgeois e D’Estournelles seguiram-no.

A maravilhosa oração continuou na mesma al-

tura de conceito, de conveniencia, de polidez, e de fórma. O grupo hostile, desarmado, ouvia com tanta attenção como os "leaders" da Conferencia. A palavra fizera um milagre. Sentia-se que do rochedo da hostilidade começara a emanar a lympha, quando não da sympathia, ao menos do respeito.

A PHILOSOPHIA DO INCIDENTE

Terminou a grande oração sem uma palma. Passado o minuto de encantamento, não se sabia o que viria a ser o ambiente. De Martens encerrou a sessão sem uma palavra de commentario.

Emquanto De Martens dava conta do expediente, antes de fechar os trabalhos, aproximei-me de D'Estournelles e de Bourgeois, ambos radiantes. "C'en est fait d'un malentendu primordial", commentava D'Estournelles, grande vida toda votada ao serviço da paz, referindo-se á definição da politica.

Bieberstein e Bourgeois conversavam de lado no mesmo sentido. Não lhes ouvi as palavras mas D'Estournelles, que se lhes aggregou ao grupo, me disse que ambos estavam attonitos.

Brown Scott, o elemento activo por excellencia dos americanos do norte, o delegado tecnico, o especialista em Direito Internacional dos Estados Unidos, commentava o discurso a Drago:

“Voilà le Nouveau-Monde qui se fait entendre du vieux”!

Ruy arranjara a pasta e com a sua habitual gravidade dirigia-se para escada, que levava ao buffet, caminho forçado de sahida. Acerquei-me e tomei-lhe a pasta. Por um longo meio minuto não lhe disse nada. Nem elle a mim.

Afinal não me contive. “Embaixador, perguntei, Vocencia sabe a impressão do seu discurso?”

— “Não, senhor. Tenho a impressão de um homem que vae ao fundo dagua e não sabe o que faz.”

— “Pois creio que Vocencia conquistou a Conferencia. Seus amigos D’Estournelles e Brown Scott lhe dirão por que o digo. Mas quero que Vocencia saiba desde já que Bourgeois e Bieberstein o ouviram com uma attenção que até hoje não dispensaram a ninguem. E Brown Scott foi mais longe: diz que a data de hoje marca com o seu discurso o advento da America do Sul nos destinos do mundo.”

— “O senhor me enche de alegria. Sinceramente não tenho a idéa da impressão que o meu discurso causou. Senti-me perdido e abri o coração.”

Disse e quiz ir-se embora. Não lh’o consenti. Não almoçara. Passara por uma grande emoção. Cotinuava a garoar e fazia frio. Tomasse pela primeira vez uma chicara de chá no balcão do escolhido buffet que a Rainha da Hollanda offercia aos congressistas.

Acquiesceu. Servia-se do chá quando De Martens se lhe aproximou. “Que se irá passar?” — começo a pensar, quando a expressão de De Martens me tranquilliza.

— “Senhor embaixador, não me leve a mal (ne prenez pas en mauvaise partie) as palavras de ha pouco. Já sabia, antes de conhecê-lo, quem o senhor era, pelo conde de Prozor. Mas agora faço questão de afirmar-lhe pessoalmente minha alta admiração e meu alto respeito. Numa assembléa destas as palavras ultrapassam muitas vezes as intenções. (Les mots outrent la pensée).

Não me queira mal. (Ne me gardez pas rancure).

Ruy escutou-o commovido. A tensão interior condensou-se-lhe, durante um segundo, numa infinita gratidão, que lhe marejou os olhos.

— “Querer-lhe mal, Sr. De Martens? Não pense nisso. Sempre o considerei um dos meus mestres. O senhor não me conhece o coração!” E abraçaram-se. Estava acabado o incidente De Martens.

Dias depois, Stead, convencido da grandeza de Ruy, dava contra-vapor á sua campanha e toda a imprensa européa collocava num dos logares primaciaes da Conferencia o embaixador do Brasil.

Ninguém resumiu melhor do que Brow Scott a philosophia desse incidente: “Voici le Nouveau-Monde qui se fait entendre du vieux”.

Ha dias conversavamos longamente no Gloria Hotel. Hoje, como outrora, hoje vinte annos depois, a sua impressão é a mesma: o incidente De Martens marca a entrada dos povos do futuro nos conselhos da Humanidade; foi elle que permittiu á Europa descobrir de novo a America.

RUDYARD KIPLING
E O RIO DE JANEIRO



O HOMEM DA INGLATERRA

"Dray wara yow dee" — os tres num só.

MINHA impressão á chegada do maior escritor inglez vivo, (e não sei por que não suprimo o "inglez") é a de pena. Pena de que não exista Ruy Barbosa para recebê-lo. Muito se enganarão os que pensarem que é o carinho que está falando. Não. Diante do Kipling chegado ao Brasil é outro o sentimento que me invade. É a saudade da perfeição. Ruy era uma cultura ingleza accumulada durante meio seculo de leituras assiduas. E foi nesse terreno furtado ao mar da politica como um "polder", que elle superpoz, bloco a bloco, á medida que se ia construindo, o monumento Kipliniano, cidade pelasgica, onde os tijolos são monolithos, e em cujo tampo se desfralda a "Union Jack", o symbolo da grandeza britannica.

Esse acompanhamento minucioso da evolução do genio de Kipling, de conto em conto, de fantasia em fantasia, de poema em poema, á medida que se publicavam, permitiria a Ruy fazer sobre elle o mesmo que sobre seus compatriotas Swift e Carlyle: um estudo equal, senão supe-

rior, ás melhores paginas de Macaulay e de Sainte Beuve, num estylo que funde a paixão do concreto do ultimo com a eloquencia e a vibração do primeiro. A critica tem o perigo da eloquencia: o genio de Macaulay não conseguiu evital-o tão completamente que se não sinta que a amplificação de vez em quando prejudica a analyse. Para temperal-a ha comtudo um meio: a observação minuciosa que fez o merito da Escola Flamenga: Sainte Beuve. Em Ruy co-existiam um Macaulay e um Sainte Beuve. Mas essa fusão era ainda transfigurada por um "quid" que faltava quer a um quer a outro: o senso de surprehender a natureza na gloria instantanea da luz, no esplendor fugitivo das claridades e das sombras, nos grandes paineis que a luz debuxa no horizonte com a palheta do sol, numa palavra o senso da natureza, reflectida na retina de um Turner. Vêde-o synthetizar Carlyle num periodo:

"Não quer isto dizer que a indole da obra de Carlyle seja contempladora e scismativa. A sua inflexivel sinceridade, o ingreme dos seus contrastes, o bravio das imagens que lhe povoam o estylo, a luta continua da sua originalidade com os preconceitos e as convenções sociaes, o seu entusiasmo pelas expressões heroicas da individualidade humana, o fragor das suas apostrophes, as mutações indefiniveis do seu humorismo, melancolico e ridente, austero e escar-

ninho, eloquente e brutal, a propria monotonia de certas correntes do seu pensamento, iterativas e periodicas como certos ventos em certos quadrantes do céo, dão a lembrar um panorama de penhascos escavados á borda das aguas azues, com o crystal das ondas franjando-se em espuma branca, a marulhada rebramindo contra os promontorios silenciosos, o vôo solitario das aves marinhas, e por cima, nas treguas da procella, quando as faiscas não esfusiam pelas arestas atrevidas, a eterna calma do firmamento: a força, o conflicto, a pureza, a eloquencia, a immortalidade.”

O periodo, pelo córte ciceronico, pelo “numero”, pelo rythmo, é Macaulay. Pela verdade das notações, cada uma das quaes é apanhada ao vivo, é Sainte Beuve. Mas o pensamento final se evade aos processos de qualquer delles, como o solitario da Ponte de Battersea se evadiu da companhia dos homens para melhor estudar o Sol, o grande inspirador da sua obra, e crear as suas visões extraordinarias, onde o espaço e a luz parecem libertos de todas as leis da materia. Essa fusão da arte, da vida e da natureza foi o que constituiu o milagre intellectual de Ruy Barbosa. Naquelle trecho ha a arte de Macaulay, a vida de Sainte Beuve e a visão de Turner. Os tres num só, “Dray wara yow dee”, para empregar a lingua de Kipling. Foi esse quem escreveu o Swift do prefacio ás “Viagens

de Gulliver” e o Carlyle das “Cartas de Inglaterra”. E’ esse que eu sinto que não tenha a honra de apresentar Rudyard Kipling ao Brasil. “Dray wara yow dee”.

THE LIGHT THAT FAILED

(A Luz que faltou)

Anatole France foi mais feliz do que o autor do “Jungle’s Book”, Ruy acolheu-o na Academia de Letras com um estudo maravilhoso, comquanto escripto de improviso, embebido de admiração incondicional pelo artista, mas lavado de longe em longe de finas e subtis restrições sobre o pensador. Anatole France recebeu esse ramalhete de rosas com o enlevo do conhecedor. Assim a colera de Julio II desfranziu as sobranceiras ante um trabalho de Cellini. Mas o “benedictin narquois” que com a sua “calotte rouge” e o seu chambre de seda brochada me lembrava realmente um Papa da Renascença, não quiz deixar sem recibo os espinhos. E passou-o com o espirito do parisiense: “On ne peut pas dire plus gentiment: “oui, vous êtes un grande artiste, mais ou fond un penseur comme ça...” E completando com o gesto o pensamento, atirava ao chão com os dedos da mão direita o “penseur comme ça.” Quando lhe levei

ao Hotel Rio Branco, em Laranjeiras, o primeiro exemplar do "Discours a Anatole France", composto na Imprensa Nacional, depois de discorrer com entusiasmo sobre esse primor typographico, de que levou para Paris alguns exemplares "pour faire enrager Pelletan", — disse-me elle com melancolia: "Les roses de Mr. Barbosa ont beaucoup d'épines." E depois duma pausa: "Cependant il faut convenir que c'est un chef-d'oeuvre. Je ne sache pas dans notre Academie que deux ou trois capables de l'écrire. Et encore..."

Ruy colheria as melhores rosas do seu jardim, para offerecer ao homem que encarna os ideaes daquelle que era a seus olhos o povo-rei. E' provavel que não lhes tirasse todos os espinhos. No imperialismo de Kipling, na sua maneira de encarar certos problemas, muito teria Ruy que restringir. E é bom não esquecer que o velho liberal, que se lhe houvessem dado a escolher teria nascido na Inglaterra, pertencia a uma geração que tinha assimilado no mais intimo do tecido cellular a profissão de fé duma época: "La liberté est une enclume qui usera tous les marteaux". Mas como não ter para com a obra desse homem que é ao mesmo tempo um Cellini e um Miguel Angelo os olhos de Julio II? Perdemos esse espectáculo unico: a maior expressão do genio latino estudando a maior expressão do genio saxonio. Ah! Por que não rea-

lizou Kipling quatro ou cinco annos atraz o seu velho sonho de vir ao Rio? Ruy dar-lhe-ia o inequalavel espectaculo de ver os quatro pontos cardeaes da sua obra batidos pelos braços de holo-phote, dum gigante da sua estatura. Por que só hoje se realiza o seu: "Roll dow to Rio?" Chegou tarde. "The Light Failed". E a luz que faltou é Ruy Barbosa.

A PROPHECIA DUM DIPLOMATA

O primeiro contacto que tive com Rudyard Kipling foi por intermedio da "Nuova Antologia". Tinha eu menos de vinte annos. A celebre revista romana, muito lida em São Paulo, trazia um artigo dum secretario de Legação, italiano de nome Bosdari, annunciando que dos prelos inglezes, entre a turba de escriptores nati-mortos, era "sorto ad un tratto un gigante". Guardei o aviso desse admiravel artigo, que ainda releio com saudade no mesmo exemplar de 1899. William F. Stead em 1907 e 1908 tambem falou-me de Kipling com o seu enthusiasmo de irlandez. E creio que estavam ambos de relações rôtas devido á guerra do Transwaal. O vaticinio do secretario de Legação, hoje embaixador em Washington, foi ultrapassado: a fama de Rudyard Klipping não é a de Dickens nem a de Thackeray: eclipsou-as. A Inglaterra só tem um nome para pôr em parallelo

com o seu Shakespeare. "Excusez du peu". Shakespeare, por que? Sinto esta pergunta em todos que me lerem. Exaggero latino? Falta de medida? Os que tiverem lido Kipling que o digam.

O H O M E M

Uma visão de microscopio, um ouvido de "Pelle Vermelha", uma intuição de vidente, um desenvolvimento invulgar da faculdade de atenção distinguem logo Rudyard Kipling entre todos os escriptores. Vê tudo: o botão que falta na farda de Mulvaney, uma restea de luz que passa entre o remo e o seu orificio de encaixe, a fita immovel da agua crescente, que antes de despenhar-se acairela-se immobilizada num plano superior, durante um fragmento de minuto, que parece um seculo; o raio de sol, que o jogo das aguas ora esconde ora revela. Ouve tudo: o som fôfo do punhal no tecido humano; o surdo mergulho dos embolos e pistons escorregadios, a circulação da seiva nas plantas. Recompõe estados d'alma com um dom que toca ás raias dos mysterios psychicos. O estudo do bateleiro grego é um caso de metempsychose, que não podia ter occorrido com o heróe do conto antes de se ter dado com o seu autor.

O ESCRIPTOR E A LINGUA

A faculdade de vêr, ouvir, adivinhar e evocar de Kipling é servida por um vocabulario da mais copiosa riqueza: o seu inglez é talvez o unico que se emparelha com o desse Shakespeare, que se é forçado a citar mais de uma vez quando se fala em Kipling. E não é só o inglez classico, o inglez de Webster ou da Encyclopedy. E' o inglez de todas as classes sociaes, desde o "slang" londrino até o vasconço do "Coolie", passando por todas as profissões, todas as technicas, todos os dialectos, até chegar ao neologismo Kipliniano, quebra-cabeças dos que como eu se aventuram nesse oceano de difficuldades sem o salva-vidas de uma longa permanencia na Inglaterra. Quereis vêr um exemplo.

"I never saw a jaguar
Not yet an armadillo
O dilloing in his armour."

Que significa esse "dilloing?" Não ha dictionario que o registre. Parece que se trata de um malabarismo verbal, e que de "armadillo" (tatu), Rudyard tirou a desinencia "dill", para formar um verbo novo. Teria cortado a palavra em duas e invertido a ordem: "dill" e "armour" (casca).

"o dilloing in his armour."

Traduzir-se-ia então essa facecia:

“Nunca vi um tatú,

“Tatuzando na sua casca.”

As suas figuras e transposições são curtas, energicas, ás vezes brutaes. A machinaria moderna não o assusta: ao contrario, empresta-lhe effeitos de surprehendente belleza. O cubismo e o futurismo com a sua glorificação de canos, tubos, valvulas e pistons talvez sejam sem saber seus filhos. Como um “gentleman” que viajando escoteiro o mundo está arriscado a deixar um filho nalguma viela escusa de Hong-Kong ou do Cairo, o germen de Kipling podia ter cahido em imaginações envenenadas de alcool e cocaina, engendrando esses monstros teratologicos.

O Urso da fabula que pilhou dormindo o caçador e quiz imital-o é a imagem de Kipling e do Futurismo. Vêde o effeito que elle tira do ascensor: “We lift the Southern Cross”. O Cruzeiro do Sul começou a subir como um ascensor. A notação é perfeita. Resume numa imagem mecanica o phenomeno que Heredia descrevia:

“Ils regardaient monter dans un ciel ignoré
Du fond de l’Ocean, des étoiles nouvelles.”

O NOVELLISTA

Excederia os limites dum artigo falar de longada, sobre um escriptor, cuja obra tem a vastidão da de Kipling. No conto elle é um Mau-

passar mais musculoso. E não sei de elogio maior. No romance propriamente dito penso que ainda não igualou Dickens, comquanto em conjunto seja muito maior do que elle. Não tem uma obra que se equipare a "Pickwick". Estou comparando egualdades, romance com romance. Considero o "Jungle's Book", o livro da Selva Hindú, um genero á parte, fabulario, ou que melhor nome tenha. Este sim, é uma pura maravilha. Posto num dos pratos da balança, fica no mesmo nivel que toda a obra de Dickens no outro.

"Pickwick", "Snodgrass", "O Conde de Smoritock", "Tupmann", "David Copperfield", "Dick" não têm mais vida, nem mais personalidade do que os bichos da Selva Hindú.

"JUNGLE'S BOOK"

Kipling differencia-se de Lafontaine fazendo os animaes falar como devem falar, se falarem, ou como deveriam falar, se falassem. Os bichos de Lafontaine falam como os cortezaos de Luiz XIV. A raposa da fabula: "Bonjour, monsieur le corbeau!" não empôa a cabelleira, nem veste "rhingrave", mas fala a linguagem e faz as medidas de Versalhes. Lafontaine deu almas de homens ao seu "zoo". Kipling escutou-lhe as vozes: são ani-

maes e apenas animaes, com o pensamento directo e rudimentar que se confunde com o instincto.

Mowgli, o homem creado pelas feras, Akela, o grande lobo solitario, Shere Khan, o tigre maneta como a casa de Ruy Barbosa, antes da operação orthopedica a que se está procedendo, Baloo, o urso pardo, Kaa, a sucury, ou sua avó immemorial, a Python, Bagheera, a panthera, Hogli, o velho elephante. Nestor de uma Illiada do mundo animal, são personagens tão encorporados ao "Who's" do pensamento como os personagens de Homero ou de Gøthe.

Não é possivel surprehender com mais veracidade uma attitude do que esta da panthera:

"Bagheera levantou a cabeça e bocejou — com minucia, demora e ostentação — como costumava bocejar insultando um equal. As franjas dos labios, afastando-se, repuxaram-se; a lingua vermelha encaracolou-se; o maxillar inferior desceu, desceu até mostrar a metade da guela fumegante. Os formidaveis caninos descobriram-se até a raiz das gengivas, antes de se fecharem, os de cima contra os de baixo, com o ruido metallico das linguetas de aço reentrando nos encaixes lateraes dos cofres de ferro".

Nos maravilhosos bronzes de Barye, o grande animalista francez, não ha um flagrante mais perfeito.

O P O E T A

Na poesia, Rudyard Kipling tem um lugar tão excepcional que a comparação com Homero já surgiu mais de uma vez na critica. A frescura, a novidade, a ingenuidade, no que esta palavra tem de sabor archaico, de certas descrições só encontram paralelo nas melhores estrophes do cantor de Ulysses. A Inglaterra tem nesse o seu poeta maximo. Suas glorias, suas conquistas, suas aspirações, suas lutas, suas navegações, seus naufragios, suas armas, seus canhões, seus fios telegraphicos, seus submarinos, toda a força, toda a energia, todas as molas da grandeza britannica, palpitam, sangram, trabalham, vivem no cosmosfera inegalavel dos seus poemas.

Ahi elle já não é o poeta. E' o vate, no sentido religioso da palavra onde ha o senso da prophecia, o poderoso condensador da vida nacional, espalhada pelos quatro cantos do Universo. E' o educador que deu á mocidade britannica a cartilha da virilidade que é o "If". E' o professor de energia que revelou as bellezas da luta e da victoria, da conquista e da prosa. E' o Pindaro que celebra nas cinco estrophes do "Recessional" o jubileu da "Viuva de Windsor" e se embriaga de orgulho e embriaga de orgulho os seus patricios, ante a procissão de reis e rajahs, principes e embaixadores que lhe vão render preito e homena-

gem como a expressão visível da grandeza do Império.

Tenho de despedir-me das obras de Kipling e sinto pena. Não cheguei a começar. Mas a intenção é clara e me desculpa: a de substituir no "O Jornal" a falta de algum dos nossos escriptores familiarizados com Kipling, que infelizmente não appareceu. Não quero, porém, terminar, sem dar aos que me fizeram a honra de lêr a minha impressão de conjunto desse autor maravilhoso.

Quereis vêr Rudyard Kipling? Vêde a India. Vêde o Ganges, ora manso e ensardinhado de corpos á hora das abluções rituaes, ora tempestuoso, ora arrastando corpos de colericos, ora derubando pontes, inundando cidades e leitos de estrada, como uma divindade offendida. Além do Ganges, a vida do Tommy Atkins, o soldado inglez, o vulto dos officiaes colonizadores, seus "mess", seus "flirts", suas férias, suas occupações, suas viagens, suas lutas; os engenheiros de pontes e estradas, os empreiteiros, os fornecedores; os nizans, os rajahs, os derviches; os panghats; as epidemias e as seccas; o choque de conflictos, ambições e vaidades; as tempestades de poeira, as caniculas, os temporaes; a selva, a selva hindú, a "jungle", os animaes, falando uma linguagem nova, como se o sonho de Brasseur de Bourbourg se tivesse realizado; os tumulos dos imperadores mongóes e os seus palacios, ante cujo esplendor empallidecem os do

Oriente; o fatalismo, os trinta e tres mil deuses; o rebanho decahido dos parias, cujo contacto desclassifica. Sahi dessa região e chegae aos contrafortes do Hymalaia. Estamos no araxá de Kashemir. Para galgal-o é preciso paradas. O coração e os pulmões não afrontam impune-mente as grandes alturas. Do alto do plateau de Kashemir tendes a India aos pés, e podeis dizer que a conheceis inteira. E' esta a obra de Rudyard Kipling: o desvendar-nos a India com o simples talismã da sua penna.

Pensaes que é tudo? Não é. Além da India, temos a Australia, e o Canadá, a Africa, a Nova Zelandia, a Terra Nova, e a mãe commum, a Grã Bretanha. E' a Inglaterra maior, o universo onde fluctua a "Union Jack". Pensaes que é tudo? Restam ainda os sete mares, os sete tentaculos com que o polvo inglez suga o corpo da Terra para alimentar a Ilha Sagrada. Pensaes que é tudo? Resta ainda depois do milagre material, o milagre do patriotismo: ahi tendes o novo Beaconsfield, proseguindo no seculo XX a consolidação do Imperio por este fundado no dezenove.

Para dar a conhecer esse trabalho formidavel não basta enumeral-o. Seria preciso um trabalho de sciencia subtil, de arte espontanea e intuitiva, para que me falta menos o tempo que a predes- tinação, que, num assumpto desses, é a unica das competencias reconheciveis. — "If".

Se ter a naturalidade de Homero.

Se ter o vocabulário de Shakespeare.

Se ser tão grande como Lafontaine e descobrir uma língua que elle ignorou.

Se resumir os defeitos e as qualidades de uma raça.

Se escrever a epopéa da mais poderosa das famílias humanas que existiram.

Se isso tudo vale alguma coisa, Rudyard Kipling pôde escutar de pé uma voz que vem dos seculos e lhe diz:

“Os differentes elementos que te formam estão tão bem combinados que a Natureza pôde dizer ousadamente: és um homem.” E’ Shakespeare quem fala. Mas a sua voz tem echo e a ilha da Grã-Bretanha, a concubina do oceano, a “Viuva do Continente”, lhe responde: “Enganas-te, meu filho. Elle é o que tu foste. Elle não é “um homem”. Elle é o “Homem”. Elle é o “Homem da Inglaterra.”

Gavea, 12 de fevereiro de 1927.

M A N H Ã D E K I P L I N G

At eight in the morning.

(Merchant of Venice)

SHAKESPEARE.

Rudyard Kipling telephonara-me de vespera que me esperava, não ás sete como se aprazara, mas ás oito da manhã.

A' noite, porém, cahiu um aguaceiro torrencial. Suppuz adiada a nossa excursão pelo Rio.

Cheguei, pois, ao Hotel Gloria, bem depois das oito, com o só intuito de deixar-lhe na portaria um livro que lhe promettera: o "Anatole France" de Ruy Barbosa, orgulho da arte typographica nacional, que Kipling já vira nas mãos de Sir Henry Lynch, por ocasião do jantar que elle lhe offereceu em sua magnifica chacara de São Clemente.

Com surpresa encontrei Kipling á minha espera, á porta do Hotel. Barbeara-se ás carreiras: dois ou tres córtes de Gillette sangravam-lhe ainda o queixo forte. Suppuzera que, passada a chuva, a leve garôa que inda restava não impediria o passeio, que o prazo dado estava de pé e que o meu atrazo era tão accidental como o seu. Estavamos longe da pontualidade ingleza.

Queria que eu lhe mostrasse o Rio na sua historia, na sua evolução, na sua chronica, na sua belleza, para dahi deprehender a alma da cidade.

A PONTA DO RUSSELL

Kipling está deslumbrado com a collocação do Hotel Gloria. Preferiu morar no oitavo andar para ter mais horizontes. E tanto elle como Mrs. Kipling, companheira inseparavel das suas viagens, confessam que cidade alguma offerece panorama igual. Meu senso religioso da Natureza deveu-lhes um grande prazer: o dessa impressão, que é a minha, e que já o era quando inda existia o velho solar dos Russell, já então propriedade de Alberto de Faria, donde muitas vezes, fui, o meu Ruskin na mão, contemplar o nascer e o pôr do sol. A vista de todos os pontos do Flamengo é deslumbrante; nenhuma porém, tem o descortino e a nitidez da desse local, que devia servir de principal meridiano á cosmographia do Bello. De nenhum se vêem com tanta clareza, quer as praias e morros de Nictheroy, a Boa Viagem e o Sacco de São Francisco, quer as agulhas da Serra dos Orgãos, recortadas no azul ao fundo do reconcavo.

Para dar a conhecer a Kipling a historia da cidade seria preciso revêr todos os autores e livros, que a estudam dispersamente; tirar uma infor-

mação daqui, outra dali, nas "Antigualhas" de Vieira Fazenda, na "Historia do Rio", de Felibello Freire, nos "Subsidios", de Morales de los Rios, no "Archivo do Districto Federal", sem falar nos antigos, nos Lerys, nos Thevets, nos Pizarros, nos Pererécas. Temos visto é verdade quem os guarda todos na cabeça, e sabe mais que todos juntos: o grande Capistrano de Abreu. Mas Capistrano é retrahido e caprichoso. Não me animei a violar o seu esplendido isolamento, pedindo-lhe que explicasse o Rio a Kipling.

Capistrano de certo lhe faria o historico da Ponta do Russell, que falta em todas aquellas obras. O mais que pude saber foi pelos cartographos Thevets e Vaux de la Claye: no lugar do Hotel havia um fortim com uma bateria.

Era natural que eu esperasse a pergunta que não falhou: "Que era outrora este lugar?" A' summa da minha resposta, acima feita, juntei alguns commentarios.

— Os historiadores da cidade não lhe dão papel de relevo. A vizinhança do Morro da Gloria tirou-lhe a importancia.

E' apenas o que os velhos cartographos o registram, sem mencionar nada de notavel. Parece que nunca passou de assento de uma bateria de canhões de segunda classe. No tempo de Villegaignon fazia parte da cidade franceza, da Henriville, cuja existencia, negada por Jean de Lery, por não achar a esse aggregado de casinholas os requisitos

de cidade, é no entanto confirmada pelos versos que se recitaram em Ruão, em 1550, na festa brasileira que os armadores daquela cidade ofereceram a Catharina de Medicis e Henrique II, soberanos da França.

Henriville, se existiu, desapareceu sem deixar vestígios. No lugar do Hotel Gloria a tradição do Rio só se lembra da velha casa construída por um inglês de nome Russell, fundador de illustre família.

A casa era edificada num promontório, defronte do qual havia um penedo, cujo acesso era por um passadiço.

VILLEGAIGNON

Defronte da Ponta do Russell está a ilha de Villegaignon. Ninguém tão calumniado como o grande navegador, que foi vice-almirante da Bretanha. Jean de Lery, que morou no Flamengo, movido pela paixão religiosa, foi o primeiro a calumniá-lo. Mas a verdade está com Mem de Sá, quando escrevia de Portugal que seguisse a brandura e a tolerância dos métodos de colonização do celebre aventureiro. Curiosa existência a deste semi-corsário, que poz sal na moleira dos ingleses, raptando Maria Stuart em Dumbarton, fazendo a volta pela costa Occidental da Escóssia para desembarcá-la em Morlaix, enquanto a esquadra

inimiga creava cabellos brancos á sua espera na Mancha, guerreando na Algeria, em Malta, e outros sitios mediterraneos e sendo acreditado embaixador em missão especial junto ao grão turco, na Hungria.

Era um gigante na estatura, mas mesmo nesse tempo a "Europa se curvou ante o Brasil".

Na ilha onde fundou o "Forte Coligny" encontrou a fôrma do pé. Deparou-se-lhe um indio de formidavel musculatura, que punha ao hombro uma colubrina, vergava o dorso, plantava os pés no chão como duas columnas de ferro e mandava atear fogo ao morrão. Era Cunhambebe, o Cacique tamoio, alliado dos francezes, que de uma feita, querendo obsequial-os, offereceu-lhes, assadas na brasa, uma perna e uma espadua de... Tupinambá. Esse facto deve ter occorrido naquella mesma ilha, donde mais tarde, batidos por Mem de Sá, fugiram para o litoral, nas pirogas indias os soldados que Villegaignon deixara tomando conta da "France Antarctique", sob o commando de um sobrinho.

Foi aquella ilha o centro das preoccupações de Nobrega e Anchieta, inspiradores da politica de Mem de Sá, e guias e sustentaculos de Estacio. Sem Nobrega e Anchieta (aquelle menor do que este em tudo, excepto na defesa do Rio contra os francezes, em que o superou), sem o apoio da Companhia de Jesus e da sua diplomacia, que rastreava ná Europa todos os passos de Villegai-

gnon para frustrar-lhe as diligencias, o Rio ou pertenceria aos francezes ou estaria inda hoje como Angra dos Reis.

Foi Nobrega quem viu a conveniencia de fundar no Rio um grande centro nacional. Foram os seus conselhos que guiaram Estacio de Sá. E foi o auxilio de Anchieta, enviado de Bertioga, sob a fórma de centenas de canôas de indigenas, que permitti a tomada do reducto protestante á escala vista.

O Rio foi fundado duas vezes. O berço da cidade, porém, conta-se da sua segunda fundação por Estacio de Sá. Não foi na praia da Saudade, não foi na Praia Vermelha, que Estacio levantou a tranqueira que constituia a muralha, dentro da qual durante dois annos esperou o momento propicio para bater o inimigo. Foi no Morro de São João, então ilha, separado do Pão de Asucar e da Urca, que formavam os dois outra ilha. No alto do Morro fez elle de taipa de pilão um fortim, ao mesmo tempo observatorio, donde divisava o mar alto, prenhe de corsarios e inimigos.

Foi, pois, numa ilha hoje península, que foi fundado o Rio, a Villa Velha, como era chamada. Escripturas antigas, publicadas por Morales de los Rios, a meu ver, liquidam a questão. A Estacio de Sá se deve a fundação politica e edilicia da cidade; foi elle quem mandou o meirinho Próost apregoar a toque de caixa que tomava conta da Guanabara para a rainha Dona Catharina, e quem

lhe transportou a séde para o Morro do Castello, onde morreu, tendo assistido aos seus ultimos momentos e á sua inhumação Anchieta e Nobrega, os dois grandes thaumaturgos da Terra do Cruzeiro.

Kipling tinha uma carta a registrar e esperava correspondencia na Posta Restante.

Fomos ao Correio Geral. Ahi, como não levava o passaporte, um velho empregado nem lhe pôde dizer se alguma coisa havia.

CORREIO GERAL

Kipling é um homem chão, alegre, descerimonioso, dotado de immensa vitalidade. Fala bem o francez. Conhece alguma coisa do castelhano, de modo que ás vezes nos surprehende entendendo e empregando palavras que nos são communs com o idioma da Hespanha. Sei o inglez. Mas só o sei bem com os olhos. A falta de pratica me enferruja a lingua e empedra os ouvidos. Mas ao cabo de algum tempo, quando me capacito da necessidade indeclinavel de ouvil-o e falal-o, a inibição, toda feita de receio e indolencia, dissipa-se. E arranjo-me com a prata de casa, como Deus é servido, fazendo repetir uma outra palavra: "Please", mas comprehendendo e fazendo-me comprehender.

Foi nessa lingua mixta, nesse inglez abordoado ao francez, como um cego ao páo de arrimo, que servi de cornaca a Kipling, nesse passeio que foi o seu primeiro contacto com a alma do Rio.

N O M E R C A D O

Do Correio, quiz Kipling ir ao Mercado. Desce-mos defronte do "Garoto", cuja primazia no peixe lhe attestei. Kipling foi á amurada do cães e quiz saber o nome dos barcos, o que traziam, como eram equipados, se eram movidos a vela ou remos, se tinham "mascottes" em forma de cães ou de gatos. Soube que a maior parte eram faluas, que afrontavam o alto mar dias e dias, no labor da pesca e do transporte. Filiou-lhes a etymologia na "felouque", franceza, ou "felucca", ingleza, originarias do arabe, da mesma raiz que "fellah", lavrador, o que sulca, num caso a terra, noutro o mar.

Fomos a uma banca de peixe. Meros e garoupas de mais de duas arrobas, polvos, badejos, robalos, pescadas, camarões gigantes, e mais tres ou quatro duzias de variedades ichtyologicas.

Contei-lhe o milagre de Santo Antonio, falando aos peixes, o desrespeito da corvina que por preguiça deixou-se ficar na lura, e o castigo que o thaumaturgo lhe deu, pondo-lhe pedras na cabeça. Quiz ver essa curiosidade. O peixeiro deu-lhe tres ou quatro das concreções calcareas que as formam.

— "Eu conhecia homens com pedra na cabeça — disse-me elle — mas peixes, não".

"Os nossos peixes são muito amaveis com os

escriptores — disse-lhe eu. Fornecem-lhes imagens a granel. Já lhe mostrei um que pôde bem passar pelo symbolo da Estupidez. Quer ver o da Fatuidade? — Pedi ao negociante um baiacu'. Vê este peixe? — disse-lhe. — Pois bem, se lhe fazem coegas na barriga incha e duplica de volume. Não é a imagem da rã querendo egualar o boi na corpulencia? Mas a realidade tem muito mais imaginação que o genio. A rã só incha e morre na fabula de Lafontaine. Pois bem, o baiacu', coçado no ventre, incha, "entristece" e morre de verdade.

Os nossos peixes têm mais surpresa. Quer vêr um peixe escriptor? Veja esta lula. Anda de tinheiro e penna. E mostrei-lhe a linda tinta azul ferrete e a membrana estylographica da lula.

"O resto fica para o Museu Nacional, — disse-lhe eu. — Precisa vêr um peixe que viaja os oceanos tão confortavelmente como um millionario no seu yacht. E' o peixe piloto, ou o "romeiro", que se installa no lombo do tubarão. Precisa vêr o gigante da agua doce: o jahú, que é um jundiá em ponto grande, e que está para com este peixe fluvial, tambem chamado bagre, na mesma relação que o mammoth para com o elephante, ou que o tigre real para com o gato. Mas isto fica para outro dia. Vamos aos passaros".

E' muito pobre o nosso commercio de aves. Só achámos uma linda arara de lindos tons, verde e carmim, alguns papagaios vermelhos, bicos de la-

cre, um cardeal, sahyras, canarios e sabiás e um japim ou xéxéo.

Este é um passaro curiosissimo. Imita todos os outros. Mas não os eguala. Devia ser o padroeiro dos imitadores. Os literatos: "à la manière de" descendem todos delle.

Temos passaros singularissimos. Esse mesmo japim demonstra uma grande intelligencia na construcção do ninho, que tem a fórma de uma bolsa alongada, com cerca de dois palmos de comprimento. Só o edifica em arvore onde já exista um cortiço de abelhas bravias.

Ao primeiro signal de perigo, ao primeiro estremecimento da arvore, estas saem a campo e, defendendo-se, defendem o ninho do japim.

O uirapurú, menor que um beija-flor, é um talismã incomparavel. Tem um canto potente apesar de tão pequeno. Nunca anda sósinho: os outros passaros, embebidos de admiração, formam-lhe um sequito de principe. O habitante da Amazonia faz loucuras para possuil-o mesmo empalhado.

E' o talismã dos talismãs: um "muyrakitan" de pennas.

E os passaros vaiadores?

O fião-fião, que ginga e salta no ramo como um "capoeira"; o bem-te-vi, o que te vestiu, todo esse grupo de onomatopéas aladas são apenas indices imperfeitissimos da riqueza descommunal

duma fauna que ainda está á espera do seu Kipling.

O homem que entendeu a lingua dos animaes talvez acredite na das aves. Contei-lhe que um campineiro, Hercules Florence, tinha imaginado um registro para as suas vozes a que dava o nome de zoophone. Imaginamos a conveniencia de registrar-as em discos microphonicos para um estudo acurado, visto como então, fazendo-os operar lentamente, a observação dos sons póde levar-nos a surpresas admiraveis. Essa hypothese não é tão aleatoria como parece: a sciencia já consegue registrar o ruido infinitamente menor da circulação das plantas.

Falei-lhe da dansa dos tangarás e dos tucanos, verdadeiros "lanceiros" a que poucos logram assistir. "Não são só os seus elephantes que dansam, Mister Kipling, — disse-lhe eu" — lembrando-me do seu "Tommai" dos Elephantes.

Estava acabada a visita ao Mercado.

B E I R A - M A R

Voltámos ao Calabouço, cuja admiravel adaptação ao estylo colonial é um attestado do gosto brasileiro. Descendo a Avenida das Nações, vimos os pavilhões do Mexico, da França, da Inglaterra e de relance a Santa Casa, que, no seu duplo feitio de hospital e asylo autonomo, é a mais velha das instituições congeneres.

Passámos pelo Casino, que esconde a frente do Passeio Publico. Contei-lhe que fôra outrora uma lagoa mandada aterrar pelo vice-rei Luiz de Vasconcellos, para sobre o terreno conquistado fazer o jardim, que Mestre Valentim encheu de obras primas como o jacaré e as marrecas.

Ali foi o coração da cidade por muito tempo. Defronte d'elle, na casa onde é o Instituto de Musica, morou Antonio de Araujo Azevedo, Conde da Barca, grande estadista e bibliographo, cuja livraria foi a base da Bibliotheca Nacional.

O nome duma das ruas que dão accesso ao velho logradouro, a das Marrecas, era outrora o das Bellas-Noites. Esse nome vale por uma aquarella. Vê-se o Rio colonial, fugindo ao encalme canicular, sentado em bancos e cadeiras e cavaqueando á soleira das portas, enquanto soam os violões, repinicam os lundús, e o altivo vice-rei, de chapéo armado e bastão de cornalina, segue para o terraço que dá sobre o mar, procurando o seu banco de azulejos.

Adiante vemos a ermida de N. Senhora da Gloria, cuja imagem naufragou nas costas de Portugal e foi recambiada para cá, depois de servir de modelo a outra que lá ficou.

A historia desse outeiro, que sob o Imperio attingiu seu maximo esplendor devido á devoção particular de D. Pedro II, ás suas festividades e á vizinhança do solar dos Bahias, é rico em paginas de luta, ambição e sangue.

Indo de coche para uma das suas novenas, a Marqueza de Santos escapou de ser assassinada e o mandante do crime passou na época por ser a baroneza de Sorocaba, sua irmã. Madame de Montespan foi mais feliz. Luiz XIV tambem não teve cerimoniaes com uma das irmãs da favorita. Mas esta não quiz desbancal-a á custa de um tiro.

Nos tempos coloniaes, antes de pertencer ao Ermitão Caminha, que delle fez a sua Theleme, fundando numerosa familia, foi o Morro da Gloria propriedade do dr. Claudio Gurgel do Amaral. Nesse periodo a vida do Rio parece arrancada á historia da Florença medieval, com as suas lutas de familias que se entre-exterminavam. Brigaram o Juiz de Fóra e o Ouvidor. Dahi quasi vinte annos de insultos, aggressões, violencias e mortes. Morrem ás mãos uns dos outros Claudio Gurgel, o filho, seu inimigo aliás, o Ouvidor e o Juiz de Fóra.

Antes de Claudio Gurgel, o morro pertenceu a um sapateiro, que ainda com certeza encontrou vestigios das fortificações com que os francezes defenderam aquelle reducto, que era o dos tamoyos seus alliados.

Vimos depois o maravilhoso Parque do Cattete. Aqui deve ter sido a famosa Olaria dos velhos mappas francezes.

O RIO CARIÓÇA

Parámos defronte da rua Paysandú.

Aqui foi realmente o umbigo da cidade. Essa agua que desemboca em filete atraz da muralha do cáes é o rio que deu nome aos habitantes da "urbs". E' o Carioca. Era a melhor, a mais abundante, e a mais accessivel das aguadas, para os navios que chegavam de longo curso. Pela sua posse lutavam os naturaes que lhe prohibiam o accesso. Ali começou a grande batalha em que Estacio de Sá foi ferido.

Debret e Rugendas, os grandes desenhistas que nos fornecem os melhores documentos sobre o Rio Imperial, não nos deixaram reproduzidos nem os vestigios que ha um seculo deviam existir desse local, ensombrado de palmeiras e grandes arvores, sob as quaes, á margem do arroio, se abriam os leques verde claro das bananeiras e verde escuro das taiobas.

O Carioca tinha dois braços. Um, o maior, era este. O outro desembocava á direita, formando uma ilha. Passava este pelo Largo do Machado, então grande lagôa, que alimentava.

Mas a agua do outro, da "Aguada dos Marinheiros" era a melhor, tanto que para lhe garantir a procedencia cada barril levava a folha duma arvore que só ali existia.

Rumámos para a Praia de Botafogo. Havia um braço do mar ligando o Flamengo a esta.

Este braço de mar explica muita coisa. Era a retirada garantida dos Tamoyos.

Era a impossibilidade do seu ataque pela retaguarda, que parece ter sido o objectivo de Estacio de Sá na sua marcha de flanco, pelo Morro da Viuva, onde foi ferido pela flecha que o atingiu na face.

Antes de entrar em S. Clemente, quiz mais uma vez dar-lhe uma idéa da Guanabara de antanho. Mostrei-lhe a foz do rio Berquó, ou Banana Pôdre, perto do Pavilhão Mourisco. Era um grande arroyo navegavel pelas canôas, que faziam o transporte das madeiras e tijolos com que se edificou o Botafogo primitivo. Os riachos do Rio têm um caracteristico: humildes fios dagua na secca basta uma grande chuva para tornal-os leões enfurecidos.

Augmentam oito ou dez vezes de volume. A proximidade das nascentes e a altura em que se acham, trezentos ou quatrocentos metros acima do nivel do mar, explicam esse impeto e essa torrencialidade. Em Botafogo havia duas grandes lagôas. Uma onde hoje se acham as ruas D. Carlota, Evoneas, Muniz Barreto e Bambina, outra, que deu nome á Freguezia "da Lagôa", nas proximidades da Igreja São João Baptista, á rua Voluntarios da Patria.

O estrangeiro que ha duzentos annos aqui aportasse veria o Rio como um paraizo tropical co-

berto de florestas, cheias de aves e bichos, cortado de rios, coalhado de lagôas.

O Rio é verdadeiramente a cidade anadyomene: nasceu das aguas como Venus.

A C A S A D E R U Y

Fomos á casa de Ruy. Eu a chamara de casa maneta como um dos personagens de Kipling, Shere Khan, o tigre do "Livro das Selvas". Kipling queria tirar a explicação. Viu que a amputação do parque, á esquerda do corpo principal, a deixara sem o braço direito. Rodeou-a toda, sem comprehender porque se fizera a mutilação. Soube da urgencia e decisão com que foi ordenada a "operação orthopedica"; do interesse do presidente da Republica que, acompanhado do ministro do Interior e do prefeito, decidiu começal-a no mesmo dia e teve largos applausos á creação do Museu Ruy Barbosa. "E' preciso não desdenhar os grandes homens, para que os outros o queiram ser. O culto do passado é um apoio do presente, um incentivo para o futuro" — disse-me elle.

Entrámos no velho casarão pela entrada revestida de madeira como a cabine de um capitão de "dreadnought". Recebeu-nos o Antonio, o bibliothecario de Ruy, hoje zelador do thesouro que o governo adquiriu.

Cerca de uma hora, Kipling admirou as preciosidades ali accumuladas durante quarenta annos, detendo-se longamente ante as obras de Ruy e perguntando por miudo o assumpto, a occasião, a atmospheria de cada livro, de cada parecer, de cada discurso. A sua curiosidade pela obra de Ruy na Abolição e no Civilismo é extraordinaria.

Conhecia de referencia as "Cartas de Inglaterra" e o seu autor, mas só se familiarizou com o nome deste, depois da Conferencia de Buenos Aires, que o universalizou.

Tem grande vontade de conhecer o estudo sobre Swift. Tive de traduzir-lhe alguns trechos. Achou que o verdadeiro Swift é, não o de Taine e Paul de Saint Victor, mas o do escriptor brasileiro.

Entre as curiosidades bibliographicas que lhe foram mostradas e manuseou estava a Biblia de James Tissot. Para evocar os personagens da Escripura, Tissot passou quinze annos na Palestina, estudando no typo actual dos seus habitantes, os caracteres mais permanentes para com elles reconstituir os typos ancestraes. Depois dessa linda edição de Tours, trabalho de Mame Fils, compulsou Kipling a grande edição illustrada de Zorilla, presente de Alfredo Pujol, um rarissimo Camões, presente de Julio Mesquita, uma edição de Ovidio, que pertenceu a Maria Luiza, mulher de Napoleão, quando duqueza de Parma, presente de Alfredo de Ambrys a mim e meu a Ruy.

Ruy nunca foi bibliophilo no sentido estricto do termo. Não quiz nunca se entregar a essa paixão tão difficil quão custosa. Achava que já era muito comprar os livros de que precisava.

A despesa com estes era formidavel para um orçamento de receita sempre aleatoria, visto que a politica lhe estancava a cada passo a fonte, que era o mourejar juridico. Não a iria sobrecarregar com a aquisição de edições “princeps” e exemplares unicos. Dahi na sua livraria as maiores raridades, no sentido da bibliophilia estricta, serem presentes de amigos: os acima citados e mais entre muitos os de Laudelino Freire, Francisco de Castro e Aloysio de Carvalho, sobrelevando a todos o de Salvador Mendonça.

Este por disposição, não sei se escripta, se oral, recommendou á familia que mandasse a Ruy o seu catalogo para que escolhesse o livro que mais o encantasse. Ruy escolheu o Dante de Landino. Quando o recebeu, porém, teve uma grande surpresa: não sabia o que valia. Com mil cuidados e atenções, quiz ver se a familia o aceitava de novo, excluida de logo, como pouco delicada, a hypothese do reembolso da somma despendida na aquisição pelo grande escriptor, seu saudoso e fiel amigo. A familia Salvador de Mendonça não admittiu o sacrificio. Em boa hora o fez. Os livros de Salvador nunca estarão melhor nem mais carinhosamente conservados

na Bibliotheca Nacional do que esse no Museu Ruy Barbosa.

Foi este o ultimo livro que Kipling manuseou na antiga "Villa Maria Augusta", hoje em dia Museu Ruy Barbosa.

O SOLAR JOSE' MARIANO

De lá sahimos para ir á casa de José Mariano. Foi uma idéa que me occorreu de subito, á sahida, a proposito do estylo colonial. Quiz mostrar a Kipling o partido que um homem de gosto pode tirar desse estylo, que tão bem se adapta ao nosso clima e que é o da nossa mais pura tradição.

Kipling ficou literalmente maravilhado com o que José Mariano está fazendo e a sua surpresa cresceu de ponto quando soube pelo encarregado da obra que o architecto era elle proprio. Os grandes paineis de azulejos, principalmente o "Auto da Fé", e os "Milagres de Santo Antonio", o cadeirame capitular, o arcaz da sacristia, a pia da igreja de Paraguassú, o pateo central com o tanque dos sapos de bronze, a distribuição dos aposentos, os moveis, as madeiras, tudo isso o encantou.

A ausencia do proprietario, eu não a suppria, apesar das quatro ou cinco longas visitas em que me familiarizei com o lindo solar.

Procurei encurtar essa, para que José Ma-

riano numa outra tivesse elle mesmo a honra de ser o cicerone de Kipling. Depois duma excursão pelo parque, onde Kipling encontrou a pujança da natureza hindú, que lhe acalentou a infancia, polvilhando com delicias as mãos no pó das bananeiras, como quando garoto, iamo-nos de retirada quando se nos aproximou um moço. Era um joven estudante, admirador de Kipling, trazendo no bolso um livro de versos d'elle, uma collectanea comprada no Crashley.

Kipling acolheu-o cordialmente e leu-nos algumas estrophes.

A pressa de mostrar a Kipling o Alto da Gavea, a garôa que começava a peneirar, fizeram-me commetter o acto de egoismo de não pedir a Kipling que dêsse áquelle volume, tão inesperadamente encontrado á sombra duma jaqueira, nas mãos dum amigo desconhecido, o valor do seu autographo. Mas reservo-me para na proxima visita ao formoso solar reparar essa falta de que tenho remorsos como de um acto de insensibilidade.

ALTO DA GAVEA

Rumámos para o Alto da Gavea pelos pedregaes agudos da rua Marquez de São Vicente, cujo começo de calçamento parou na retirada dos meios fios. A "Lincoln 94" de Taquaritinga, de meu irmão, que aqui a deixou

para concertar-se depois da bandeira Washington Luis, parece que adivinhara a honra que lhe estava reservada de poupar a Kipling os solavancos dessa rua, que apesar de ser a mais característica e uma das que mais lindas chacaras possui, foi sempre a Borralheira entre as irmãs do Rio. Os "pneus" balão supprimiram os alti-baixos. Subimos suavemente. Pude mostrar-lhe a casa onde morou Pimenta Bueno, que deu o seu titulo á rua, a casa de Grandjean de Montigny, com a sua varanda colonial e o seu torreão redondo como o do Castello de Chilon, no Lemano. Pobre Grandjean de Montigny! Morreu victima do Carnaval. Dois limões de cheiro molharam-lhe o peito. Teve uma pneumonia e em poucos dias foi-se. Está esquecido como o seu benemerito conterraneo o inolvidavel Glaziou. Quanto lhe devemos a este! O Jardim da Praça da Republica, essa joia, tão mal engastada, a Quinta da Boa Vista, essa pura obra prima, foram desenho seu. Tambem o foi a celebre chacara de Dona Veridiana, a mais linda propriedade que teve o Brasil, infelizmente retalhada e de que só se conservam a casa de residencia, carinhosamente restaurada e melhorada, e dois gigantescos "ficus benjamin", sob cuja copa tantas vezes Eduardo Prado e Orville Derby discorreram sobre a historia do Brasil.

Caminho do espigão da Gavea, mal tive tempo de apontar-lhe a minha casa, vasto barracão co-

lonial, onde Ruy, que lhe chamava o meu "Vaticano", gracejando dos meus projectos de augmento, plantou com suas proprias mãos meia duzia de arvores, para se encorporar um pouco á gleba, onde lhe decorre a infancia dos netos.

Mostrei-lhe, ao lado da minha, a casa de Rondon, o Livingstone do nosso "hinterland", mas um Livingstone forrado de um missionario leigo, a revivescencia de um jesuita de catechese debaixo da farda de um soldado.

Pela optima estrada cheia de sombra que começa em Santa Ignez chegámos ao Alto da Gavea, onde parámos. Não ha no Rio panorama de imprevisto equal. Vae-se ao meio duma floresta virgem cheia de curvas e de repente abre-se uma clareira. E' a plataforma da Gavea.

"Thalassa! Thalassa!" O mar! O mar oceano! O mar livre! A grande superficie anilada e infinita ostenta-se de chofre no horizonte da bocaina. Mas não só o mar. Toda a vertente da Tijuca, a praia da Gavea, os valles cobertos de vegetação, as moles graniticas dos "Dois Irmãos", e ao longe, azulada no horizonte, a montanha que dá nome ao sitio, a pedra da Gavea, em cujo cesto, que tem realmente o recorte duma castanha de cajú, o carinho dos brasileiros descobriu o perfil de D. Pedro II.

Kipling nunca viu coisa equal, dizia elle, a esse panorama.

Queria voltar acompanhado da senhora.

Regressámos á cidade pelo costão de Niemeyer. A praia lembrou-lhe no começo o Cabo da Bôa Esperança, pela configuração e até pela cor da areia. A' proporção que subiamos, porém, a sua impressão era outra. Era a de estar numa "Corniche" perto da qual a da França empallidecia. Acha que, queiram ou não queiram os homens, a força das coisas ali têm de edificar a mais formosa das "Corniches" e que nenhum estrangeiro julgará perdida uma travessia que faça com o só intuito de admirar-a.

N O V I D I G A L

Estavamos defronte da praia do Vidigal. Conheci-a antes de rasgada no granito a actual avenida. Pertencia a Manoel José da Fonseca, sogro de Oswaldo Cruz. Sobre ella, num penhasco, a cavalleiro de um precipicio, como um ninho alpestre erguia-se, escondida por figueiras seculares, a velha casa, onde, reza a tradição, morou Lord Cochrane.

Dahi o velho lobo do mar mudou-se para a Tijuca, onde adquirira a fazenda, que, muito mais tarde, veio a pertencer a José de Alencar.

Pensava eu nessa fazenda, hoje propriedade de Pereira Teixeira, onde passei um dia á sombra da sua regia hospitalidade. Pensava que lá José de Alencar recebera Castro Alves, que lhe levava uma carta de apresentação de Machado de Assis,

e lhe ia ler, não sei se o manuscrito das “Espumas Fluctuantes”, que hoje me pertence, se o da “Cachoeira de Paulo Affonso”, de que só possuo fragmentos. Eis senão quando, á beira do caminho, Kipling divisa uma canoa, que os peixeiros do Vidigal tinham posto em secco para concertar. Desce e metralha-me com uma série de perguntas: “qual a madeira da canoa? com que resina se calafeta? a cavidade é obtida por fogo como fazem os selvagens ou por ferro? Confessei-lhe minha ignorancia. Sabia apenas que as melhores canoas eram feitas de tapinhoan, mas não conhecia essa madeira branca, cujo corte no Rio foi preciso prohibir em 1700 e tantos. Quanto ao escavamento por fogo não o cria mais possivel: demora semanas e semanas.

Um cortiço suspenso numa arvore mudou a conversa. Entrámos pelo mundo das abelhas a dentro. Kipling é apicultor. Tinha em casa, na Inglaterra, varias colmeias, cada qual baptizada com o nome de um paiz, cujos predicados moraes lembrassem os das abelhas: a França, a Belgica, a Hespanha, a Italia, sendo estas as mais violentas, se me não engano.

Contei-lhe o caso das cassunungas, as ferozes vespas paulistas, cujos bandos immensos matam a picadas homens e animaes que encontram no caminho. Nunca tivera eu noticia de victimas, até dias atraz, quando um amigo me relatou que em pequeno, á porta da igreja de Angra dos Reis, vira

tumefacto e disforme o corpo de um preto apanhado por ellas.

Kipling contou-me que na Inglaterra ha uma velha superstição: a de que é preciso contal-os ás abelhas de casa quando ha um nascimento, um casamento, ou um trespasse.

Perguntei-lhe se quando lhe morreu o filho o fizera. “Sim, disse-me elle. E sabe o que acoliteceu? Sumiram-se todas. Nunca nenhuma voltou. E hoje tenho as colmeias desertas.”

“Fala-se ás abelhas, disse elle, de vagar e com carinho. Parece que entendem...”

— Ha mais coisas, Horatio, do que sonha a nossa philosophia commentei.

Kipling perdeu na guerra o unico filho varão. A batalha de Oise tragou-o, aos dezoito annos, entre os desaparecidos. O pae faz hoje parte da Commissão de Enterramento dos mortos da guerra. Neste character tem palmilhado pollegada a pollegada a vasta região onde se feriu a gigantesca batalha que durou mezes e cujo vasto territorio bem merece realmente o nome de Imperio dos Mortos. E nunca achou o mais leve vestigio do filho.

Como bom inglez, Kipling tem o pudor do sofrimento. A primeira vez que me falou na perda do filho unico, um arrepio correu-me o corpo dos pés á cabeça.

Não me contive que não exclamasse;

— Não sei como teve o senhor forças para resistir a esse golpe!

— Que quer, meu amigo? Meu filho morreu como tantos outros. E' a vida. Precisamos tomal-a como ella é.

A physionomia estava impassivel, nem um musculo do rosto se contrahira, mas um leve tremor da voz denunciava que debaixo da frieza apparente havia um coração que inda sangrava.

Nesse passeio tive confirmação de que me não enganava.

Kipling falou-me do seu "Cottage" na Africa Austral, presente de Cecil Rhodes, para onde em dez annos fugiu do inverno inglez por dez vezes. Perguntei-lhe se a unica filha que lhe resta e está casada em Madrid não o acompanhara ao Cabo, e se não tinha filhos. Que não, que estava casada ha apenas dois annos, e que não os tinha felizmente.

— Felizmente por que? inquiri.

Kipling teve um instante de abandono, durante o qual vi, com a instantaneidade dum relampago, quanto a morte do filho lhe entrara fundo no coração.

— "Ter filhos, para que? — perguntou-me. Para espedical-os na guerra?..."

— "What for? to squander them with the war?..." E, receando que eu não tivesse ouvido bem, repetiu em francez: "Pour quoi faire? Pour les gaspiller avec la guerra?..."

E' preciosa essa nota pessoal para comprehender Kipling. O seu imperialismo não me parece o de Bismarck, nem o de von Bernhardt, o theorista da crueldade, nem o da "guerre joyeuse et franche", attribuida ao kaiser. E' o de um homem convencido da inevitabilidade da força, da necessidade da força, da imprescriptibilidade da força, mas tambem da sua injustiça, da sua crueldade, da sua abominabilidade, quando não ao serviço do direito.

Nisto, como em tudo o mais, elle é um microcosmo da Inglaterra, mãe dos Parlamantos e das Nações, em cujos seios fecundos amamentam-se republicas livres como o Canadá e a Australia. Falei-lhe das aspirações de independencia da India. "O ideal inglez é que ella seja tão livre como o Canadá. Mas por enquanto isto inda não pode ser. No dia em que deixarmos entregue á sua sorte os povos que a formam, a primeira coisa que farão é entre-devorarem-se. A independencia delles, que, aliás, já é quasi completa, virá, mas quando estiverem mais maduros para ella."

Compreendi então o que o grande épico moderno entende pelo Imperio Britannico: a federação de todos os povos onde tremula a "Union Jack" sob a égide tutelar da Inglaterra, o unico paiz que até hoje tem dado ao mundo o exemplo de respeito á liberdade individual, mesmo nas maiores crises, como por occasião do suffragio feminino, reforma, de consequencia talvez mais

profundas que as da guerra, realizada no momento mais melindroso da vida do colosso britânico. As nações fracas e corrompidas, ao aceno de perigo sequestram a liberdade e carranqueam ameaças das almenaras do poder. Mas passam, como todas as tyrannias. As nações livres como a Inglaterra respeitam a liberdade, mesmo no momento em que a sua propria existencia periclita. Mas vivem, progridem, e multiplicam-se creando nações novas á sua imagem e semelhança.

Esse é o segredo da Inglaterra. Eu o comprehendendo melhor depois que conheço a Kipling. E peço a Deus que os meus contemporaneos se eduquem na admiração da escola liberal de Além Mancha, que, apesar das lacunas e imperfeições inevitaveis á contingencia humana, é ainda a matriz dos pensadores e estadistas, o fóco luminoso donde dimana, sob a égide da liberdade, o clarão menos imperfeito da justiça dos homens.

Estava acabada a excursão. Mostrei-lhe ainda o areal do Leblon, outrora coberto de pitangueiras e cajueiros, que formava nos ultimos tempos da monarchia um homisio inviolavel para os escravos que a protecção dos abolicionistas arrancava ás garras dos senhores. E pela Avenida Atlantica volvemos ao Gloria.

Mostrei que não foi sem luta que edificamos a cidade. Foi preciso drenar, aterrar e sanear. Cada palmo de terra foi ganho á enxurrada, á agua

doce, lagôa, ou rio ou ao mar "salgado", como diziam os nossos maiores, mangue maré ou resaca. Com isso perdeu o pinturesco, mas ganhou a hygiene.

Cada vez que houve recursos para melhorar o Rio appareceu um brasileiro para fazel-o. Sem falar nos primitivos benemeritos da cidade, entre os quaes avulta Paulo Fernandes Vianna, tão esquecido que nem uma placa lhe memora o nome sequer nessa Tijuca, cuja estrada foi elle que construiu, temos nos ultimos tempos Rodrigues Alves e Oswaldo Cruz, que, auxiliados por Passos e Frontin, fizeram da velha urbs antiquada a soberba cidade de hoje, base para a primeira metropole do mundo, em tempos que já se sentem aproximar. Uma raça que fez o que fizemos no Rio, máo grado a perpetua crise financeira, as revoluções e a inquietação politica, é uma raça digna de conservar a terra que lhe legaram os antepassados.

FECHANDO O CIRCUITO DO RIO

A VOLTA DA TIJUCA

Já escrevi no *O Jornal* o primeiro passeio de Kipling em minha companhia até á esplanada da Gavea e a volta pelo Vidigal, isto é, pela Avenida Niemeyer. O circuito do Rio estaria incompleto. Dias depois fechamol-o. Guardei as notas desse passeio. Mas não pude concatenal-as por falta de tempo. Uma viagem urgente afastou-me por mezes do Rio. Tinha passado a oportunidade. Deixei-as onde estavam.

Afranio Peixoto não sei se as viu em minha casa, ou se lhes ouviu referencias por mim. O certo é que me exigiu a promessa de redigil-as e publical-as.

A prodigiosa penetração do *O Jornal* angariara-me um amigo desconhecido: Raymundo Moraes, o autor da "Planicie Amazonica", que, navegando o rio-rei, desde a pororoca ao Acre, como commandante de uma "gaiola", conseguiu escrever um dos livros mais admiraveis de ultimamente. O Euclides da Cunha paraense lera-me. E mandava-me, acompanhando o seu livro,

que eu já conhecia, duas palavras que me vinham direito ao coração.

Seria um crime resistir á exhortação de dois espiritos de tal quilate: a de Afranio fôra directa; a de Raymundo Moraes implicita. Demais Rudyard Kipling ia escrever uma série de artigos para *O Jornal*. Boa oportunidade para lembrar a sua passagem pelo Rio.

Estas linhas tinham, pois, de ser escriptas. São notas desprezenciosas e simples, alinhavadas ás pressas, sem preocupações literarias.

Almoçamos no Jockey Club, Mrs. Kipling, Rudyard e eu. Bijupira cozido, salada de alface e frutas do paiz. Um almoço de assobio dum quarto de hora. De inedito apenas o sapoty e a cajuada, recebida como o rei dos refrigerantes. Aquella hora matinal, em que um bom inglez não absorve um atomo de alcool, era incompativel com a transfiguração do "whisky" pela agua de côco gelada que eu lhe revelara dias antes, á noite.

Fazia um calor de rachar. O asphalto das ruas tinha baforadas de caldeira. Nenhum dia melhor para buscar o refrigerio da Tijuca.

Kipling disse-me que lhe fosse contando a historia da cidade. Achava que não valia a pena descrever o passeio. Mas como eu teimava em fazel-o,

teria prazer, lendo o meu artigo, em recordar pessoas e coisas evocadas por mim. Não acreditava, porém, que a posteridade se occupasse em saber o que elle viu e fez no Rio. Que formidavel engano! Quanto não dariamos hoje para ter a descripção de um dia de Darwin no Rio!

Kipling é profundamente retrahido. Fundou-se em Londres, emquanto estava aqui, a "Kipling Society". Recebeu sem enthusiasmo a noticia: "Por que não deixaram que eu morresse primeiro?"

Ninguém admira mais do que eu esse grande escriptor, que pelo vocabulario, pelo engenho, pelo poder de observação, pelo arranque, pela complexidade e pela universalidade é, a meu vêr, o maior que a Inglaterra possuiu depois de Shakespeare. Desde 1900 que o acompanho deslumbrado.

Uma larga convivencia com Orville Derby, que lhe votava verdadeiro culto, contribuiu não pouco para que nunca o perdesse de vista. Dias atraz, revendo velhos papeis, inda encontrei uma carta do grande e malaventurado geologo que me enviava o "If", pedindo-me que o tirasse em vernaculo. Mas a admiração, sentimento que tem ás vezes algo de religioso, pede a distancia. Face a face, reiterada e insistente, é de máo gosto. Kipling só se sente bem com os que junto d'elle sabem esquecer momentaneamente o escriptor para só verem o homem. Foi o que fiz. Conservei sempre junto d'elle a minha liberdade de espirito. Reservei-me sempre

para admirar-o por escripto. Nunca o suffoquei com baforadas de incenso.

Descrevendo o Rio, que Kipling viu commigo, meu intuito foi e é escrever menos sobre Kipling do que sobre a cidade. Quero que elle possa a quálquer tempo, lendo o que escreveu um amigo, lembrar-se da linda Guanabara e respirar-lhe um pouco o perfume da vida. Kipling não me perdoaria fazel-o maior que os maravilhosos scenarios do Rio. Se eu o fizesse, estou aqui, estou a vê-lo no seu "cottage" de Burwash, lendo o meu artigo e commentando: "Dam! O meu amigo Pereira lembrou-se de Labiche. Pintou-me como o Mr. "Perrichon" que encommendava ao pintor: "Un petit Mont-Blanc et un grand Monsieur Perrichon!"

Foi nesse estado de espirito que rodámos para a Tijuca. Eu não tinha a pretensão de fazer um curso de historia urbana. Contentava-me em dizer-lhe o que de mais curioso me vinha á memoria.

No Largo da Carioca falei-lhe do papel das boticas antigamente: eram os "clubs" de hoje, o ponto de palestras, com os tabuleiros de gamão a um canto. Ali á porta de uma pharmacia, passaram-se scenas curiosas da independencia. Ali fôra aggreddido David Pamplona nos tempos da Constituinte. Ali o filho do regente do Imperio Lima e Silva matara um jornalista corsario, que aggreddira a honra de uma senhora da familia.

A rua da Uruguayana fôra nos tempos coloniaes

o limite da cidade: corria por ella a muralha da defesa primitiva.

Na rua da Constituição mostrei-lhe a casa onde se reuniam os homens que fizeram a Independencia.

Chegámos ao Campo de Sant'Anna. Entrámos no Parque, um dos mais lindos sitios do Rio, e fizemos uma volta. Mostrei-lhe o sitio da casa de Paulo Fernandes Vianna, o grande prefeito do Rio Joannino, que morreu de traumatismo moral, por ter D. Pedro I, numa das suas maluquices, mandado metter o machado nas arvores do seu parque. Adiante mostrei-lhe o sitio em que o exercito sublevado acampou a 15 de Novembro. Depois o velho Senado, tão bem descripto por Machado de Assis, e que bastaria para immortalizar Bernardo de Vasconcellos e Ruy Barbosa.

Tracei-lhe em duas linhas a figura do grande mineiro entrevado e tabetico, cruciado de dôres fulgurantes. Era mister que o carregassem de casa para o Senado numa cadeira de braços. Mas o milagre da sua energia titanica conseguia dominar a miseria do aniquilamento. Mesmo paralytico, era a primeira figura da corporação e o consolidador da unidade nacional. Citei-lhe a pagina de Armitage, que o retrata pallido, acabado, a dois passos da cova, mas resuscitando nos debates, vivendo pelos olhos, cujas chammas dir-se-ia illuminarem-lhe de uma luz interior todo o organismo fulminado. Descrevi-lhe Ruy em dois tra-

cos: o mestre supremo da lingua, da eloquencia e do direito, o organizador das novas instituições e o amigo dos Alliados, que elle bem conhecia.

Deixando o velho Campo de Sant'Anna, logradouro de lavadeiras até o tempo em que foi ajardinado, no Ministerio João Alfredo, entrámos pela rua Frei Caneca. Mostrei-lhe o lugar da lagôa da Sentinella.

Estavamos nos contrafortes do Morro de Santa Thereza, antigo couto de quilombolas, cujo povoamento começou a augmentar pela sua immundade á febre amarella, demonstrada por Mauá e seus empregados, na maior parte inglezes, que ali fixaram residencia. O *stegomya* não se dá bem nas alturas, ao que parece. A proposito, contei-lhe a lenda que attribue ás teias de aranha papel de talismã. A explicação deve ser que a aranha é grande caçadora de *stegomyas*. O perigoso culicideo transmissor do typho icteroides procura de noite os logares altos, onde se emmaranha nas teias e é devorado. Nas casas onde se não perseguem as aranhas, não ha *stegomyas*. Dahi serem immunes aos males que elles transmittem. Dahi serem chamadas casas de sorte. A observação mais uma vez se antecipava á sciencia. Antes de Oswaldo Cruz, um medico brasileiro, Francisco de Mello Franco, pela observação, presentira o contagio da febre amarella pelo mosquito. Já em 1711, um medico portuguez presentira o papel da côr vermelha no tratamento da variola. Note-se que a

tradição brasileira mandava cobrir o bexigoso com um cobertor de baeta encarnada. A tradição quasi sempre é filha da experiencia.

Amigo da lenda, que é a voz instinctiva dos povos, Kipling nesses dois exemplos podia ver o fundo de verdade em que muitas vezes mergulham os seus conselhos empiricos.

Admirámos as grandes chacaras que bordam as ruas Conde de Bomfim e Haddock Lobo. E começámos a subir, pela maravilhosa estrada tallhada na alfombra das encostas florestadas. Esse caminho foi feito por Paulo Fernandes Vianna. Antes d'elle, uma ingreme picada só permittia a passagem de peões e cavalleiros. Paulo Fernandes alargou-a e tornou-a accessivel a carros. Era um dos passeios predilectos de D. João VI, que para lá se transportava numa liteira levada por doze escravos. Paulo Fernandes não tem uma rua que lhe conserve o nome. Foi no emtanto o maior dos benemeritos que teve o Rio urbano na monarchia.

Defronte da Caixa d'Agua, com suas lindas palmeiras, já era outra a temperatura. Cahira uma viração do Sul. Refrigerados por ella chegámos ao Alto da Tijuca.

ALTO DA TIJUCA

Toda a Tijuca foi uma sesmaria da familia Correia de Sá, desde o tempo de Salvador de Sá. Ali houve fazendas onde se plantou canna de as-

sucar, algodão e café. Mas a recordação mais curiosa que se prende ao Alto da Boa Vista é a dos francezes que lá moraram. De lá até a Cascatinha Taunay elevavam-se as casas de uma verdadeira colonia franceza.

● Chegámos á Cascatinha e descemos do automovel. Submettemo-nos ao classico photographo. O ar refrescado pela vaporização incessante da cachoeira era uma delicia para quem vinha da cidade escaldada. Depois de admirarmos longamente a belleza daquella quêda abrupta e inesperada, disse-lhe o que sabia. Foi Nicolau Taunay, o Poussin da miniatura, cujas obras estãc no Louvre, quem deu o nome ao sitio. A instancias de seu irmão Carlos, aqui se estabeleceu com a familia, construindo uma pequena casa de que ha ainda vestigios. Essa casa foi o centro de attracção da colonia franceza, que aqui veio com a missão Lebreton, ou pela mesma época. Perto de Nicolau Taunay, acima, provavelmente no lugar onde hoje se acha a casa do inspector da Floresta, ficou morando a baroneza de Rohan. No trecho que vae da Cascatinha ao Alto da Boa Vista, estabeleceram-se o principe de Montbeliard, o conde de Scey, Mme. de Roqueseuil, o conde de Gestas, encarregado de negocios interino da França. Gestas, casado com uma linda senhora, foi quem primeiro cultivou a violeta e o morango no Brasil. Parente de Chateaubriand, isso o não impedia de ter algumas exquisitices. Punha nos bol-

sos, por distracção doentia, objectos que encontrava na casa dos amigos, que se conformavam com o trabalho de mandal-os buscar, e desculpavam-lhe a mania a troco de grandes excellentes qualidades. Morreu afogado perto da ilha do Vianna, onde se estabelecera. Um pé de vento subito virou-lhe a canôa numa excursão de pesca. Não houve meio de salvá-o.

O S T A U N A Y

Nicolau Taunay gostava da vida campestre. Morava em França, durante a Revolução, no “Ermitage de Rousseau”, que adquirira. Talvez a isso devesse escapar á guilhotina, pelo crime de ser nobre, ter um nome celebrado numa das “sirventes” de Bertrand de Born e avós entre os Cruzados.

A pequena colonia tinha poucos recursos. Emigrados politicos uns, artistas outros, precisavam trabalhar para prover á subsistencia.

Fizeram-se fazendeiros de café. Rugendas numa das suas lithographias representa alguns escravos procedendo á seccagem, ao lado da Cascatinha. Na casa dos Taunay morava um dos collaboradores do Arco do Triumpho e da Columna Vendôme, Augusto Taunay. Além d'elle, seus quatro irmãos: Hyppolito, poeta e historiador; Felix, barão de Taunay, pintor de merito, autor do primeiro panorama do Rio, preceptor de d. Pedro II, que confessava dever-lhe a sua formação intellectual;

Theodoro, poeta e latinista, consul de França aqui por dezenas de annos, philanthropo inexcedivel e Adriano, aos 16 annos desenhista da expedição de Freycinet na "Urania". Trata-se de uma familia entrelaçada á historia do Brasil, ha mais de cem annos. Um de seus membros, Alfredo, visconde de Taunay, foi uma das figuras mais interessantes do Imperio. Soldado, musicista, cortezão, lindo homem, deixou muitos trabalhos, entre os quaes duas obras primas: "A Retirada da Laguna", em nada inferior ao "Anabase", de Xenophonte, e a "Innocencia", breve historia de amor de uma Virgina roceira.

O traço espirital dessa familia persiste atavicamente nos seus descendentes como a ver-ruga na grey dos Ciceros, e o signal da lança e da chave na clan dos Cansadas e dos Metelos. "Quel monstre..." (Vêde Montaigne). O avô de Nicolau já era pintor como este. O actual representante dos Taunay continua as tradições intellectuaes da familia. Fez-se historiador. E' um dos nossos grandes nomes. Se recebeu de amor em graça pelo simples nascimento, o direito de assignar-se Taunay, consolidou-o pela penna, como outrora os seus antepassados pela espada.

OS ROMANÇES DOS TAUNAY

Ha na familia historias de amor que parecem regressões anachronicas á era dos velhos avoen-

gos, companheiros de Godofredo Rudel e de Beltrão de Born.

O mais bello exemplar humano da familia foi de certo Adriano Taunay. Era pelo menos a opinião dos irmãos e do proprio pai, que tinha alguma autoridade para pronunciar-se, sendo um dos maiores pintores da França. Todos elles, a uma, olhavam Adriano como o genio da familia e comparavam-no a Raphael. Era um Apollo nas proporções e na belleza. Morreu afogado no Guaporé, num lance de audacia, querendo atravessal-o na cheia. Mme. de Gestas parece ter-lhe passado na vida num sulco rapido e difficil de reconstituir, dado que os seus irmãos e parentes se empenharam em destruir-lhe os traços. Talvez que Adriano, ao resolver internar-se nos sertões, como desenhista da expedição Langsdorff, cedesse á necessidade de fugir a uma ligação incompativel com a sua lealdade. Eu de mim acceito a lenda que dá Adriano salvando-se da paixão pela fuga, que muitas vezes tem o seu heroismo. O tempo transfigura e perdôa esses desvios embebidos de humanidade. Ha uma secreta indulgencia para as fraquezas do coração. Se o romance de Adriano for algum dia escripto, Mme. de Gestas não ficará diminuida. E se lhe atirarem a primeira pedra, será difficil que lhe dôa a cem annos de distancia.

O outro romance é o de Theodoro Taunay. Passou pela villa como um exquisito. Só se preocupava em fazer o bem. A alcunha retrata-o, physica

e moralmente. Pois bem, o velho e tímido latinista, que corava diante de qualquer senhora, teve também o seu episódio de amor. Mme. de Gabriac aqui aportou em 1827, muito loira e muito branca, muito instruída e muito artista. Theodoro inflamou-se pela miniatura da França. Quando ella regressou á Europa, em 1829, a bordo do "Lybie", o segredo de Theodoro denunciou-se em versos que se diriam escriptos por Lamartine. Atropelam-se nessas estrophes as saudades do irmão prematuramente fallecido e as emoções discretamente veladas de uma separação duramente curtida.

Veja-se como elle descreve Adriano:

"Dieu, Tu l'avais formé dans ta munificence!
 Entre mille ton doigt l'avait marqué d'avance:
 Son front étincelait de ton sceau favori;
 Du miel de tres faveurs les cieux l'avaient nourri;
 Et le feu du génie embrasait la substance
 Dont tes anges l'avaient pétri! . . .

A imagem do irmão confunde-se com a visão da amiga querida:

"Je sentirais toujours me manquer quelque chøse . . .
 Quand votre voix charmante évoque Cimarose,
 Madame, ou de Mozart les sublimes accents,
 Ou prête à Rossini ses tons vifs et touchants,
 Si du clavier sonore, ou votre main de rose
 Court et vole au gré de vos chants,

Une corde se rompt sous la touche muette;
Votre âme harmonieuse en même temps s'arrête. . .
De mille sons mêlés le bruit séditieux,
De vos lèvres suspend l'accord mélodieux. . .
Chacun écoute encor. . . mais en vain; et regrette
La fin d'un rêve dans les cieux."

Ha nesses versos a resonancia intima do soneto d'Arvers. Mme. de Gabriac, antes de Marie Nodier, ouviu com certeza "le murmure d'amour élevé sous ses pas". Não foi em vão que uma mulher, respondendo a Arvers, perguntou-lhe:

"Qui te l'a dit, ami, qu'elle n'ait su comprendre
Les paroles d'amour que ne se disent pas?"

Se Theodoro guardou o seu segredo, elle de certo não escapou á ministra de França. . .

A Cascatinha Taunay era ponto costumeiro de excursão e merenda nos tempos de d. João VI e de Pedro I. Ali morreu afogado, despencando-se do alto que queria imprudentemente galgar pelas pedras escorregadias e limosas, o conde de Valleiros. Curiosa coincidência: o irmão lhe pereceu tambem afogado na nossa bahia. Ha uma tradição curiosa sobre as aguas da Cascatinha Taunay. Diz-se que preservam do esquecimento, os que a bebem juntos. Estaria assim explicado o desfecho de Adriano Taunay; de pouco lhe valia a vida; não podia esquecer. . . Bebeu a agua da Cascatinha

pelas mãos formosas de Mme. Gestas. Resta saber se ella por sua vez não o esqueceu.

Deixando a Cascatinha fomos em direitura ao "Excelsior", maravilhoso mirante sobre o interior da bahia. Quando o barão de Escragnolle descobriu esse ponto de vista teve um accesso de enthusiasmo que ficou celebre.

Esse foi o grande benemerito da Tijuca. Antes delle, a Serra do Andarahy era coberta de matto carrasquento, calcinado por varias queimadas, que tinham destruido a floresta primitiva e as capoeiras que lhe succederam. Escragnolle foi quem planeou a reconstituição florestal que hoje ali se admira, e que comprehende essencias das mais raras, escolhidas, importadas e tratadas com grande carinho.

A R V O R E S

Preparára eu previamente umas tinturas de botanica para dar a conhecer a Rudyard Kipling a riqueza da nossa flora. Mostrei-lhe como os nossos indios não se apertavam de sêde dispondo do cipó dagua ou da agua de gravatá. Expliquei como a agua do cipó, porejada pela rêde textil das fibras, é purissima. Mostrei-lhe a arvore do pão e logo adeante a arvore do leite, uma especie de massaranduba que dá um liquido que tomado com café suppre o leite. Depois, umas vezes mostrando e outras não, descrevi-lhe a ar-

vore do sangue, a arvore do breu, a arvore do lacre, a arvore da cerveja, que é uma sucupira, a arvore do fumo, que póde supprir o tabaco verdadeiro e a arvore do rapé. Por toda a parte os sumarés ostentavam-se em cima das palmeiras. Contei-lhe que essas parasitas que parece andarem suspensas fornecem o cyrtopodium, o mais maravilhoso especifico que se conhece contra o puz e de que fazemos grande exportação para os Estados Unidos. Mostrei-lhe o cipó-imbê, o philodendron imbê, de Martius, que enthyrsa o tronco das arvores em que se enrosca dum cordame em que se alternam palmas eternamente verdes. Kipling já os vira no Largo do Machado.

Só um especialista poderia mostrar-lhe as nossas riquezas vegetaes. As nossas arvores são difficéis de identificar. Só de ipê temos vinte variedades, uma das quaes é a arvore do rapé de que falámos. De canela temos quatorze, desde a cahela santa á canela sassafras. De peroba dez. De louro oito. De jacarandá sete, desde o cabiuna ao violeta. De páo Brasil quatro. De vinhatico tres, o amarello, o flor de algodão e o testa de boi.

O páo de sangue só serve para lenha; o seu liquido vermelho não tem propriedades tinturiae. Tambem só para lenha serve a tinguacyba, que queima mesmo verde.

Caminho do Bico do Papagaio encontramos uma "sohnregia excelsa" que só dá flores e se-

mentes uma vez e morre. Lembrei-lhe o celebre Hamilton, famoso na historia ingleza por ter feito só um discurso que o immortalizou. E' o "single speech Hamilton" que morreu com o orgulho de não corresponder á expectativa, quando podia fazel-o. Satisfez-se com as promessas da gloria, sem querer possuil-a. Voltou-lhe as costas, como José á mulher de Putiphar.

I N S E C T O S

Descemos no Bico do Papagaio. Alguns mosquitos impertinentes fizeram-nos lamentar não sermos bugres esfregados do oleo de andiroba que os afugenta. Em casa de Ruy, á rua São Clemente, já eu lhe mostrara uma fruta imputrescível, o genipapo, que se póde deixar por muitos dias misturada com o assucar sem que fermente ou se corrompa. Pude então mostrar-lhe uma madeira tambem imputrescível, o cajá, que dá de estaca e que é a inimiga do jaboty nas lendas indias, porque se lhe cahisse em cima uma tóra este ficaria em vão esperando que apodrecesse. Kipling tinha idéa da nossa riqueza em madeiras mas não das suas peculiaridades. Asseverei-lhe que a aroeira e o guarantã eram mais duraveis que o ferro e que o guarabú dura tanto dentro da agua como fóra. Poderia citar muitas outras. Contentei-me em falar-lhe na influencia lunar sobre o córte das madeiras. Páo que se não

corta no mingunte é páo destinado a não durar. E tronco de madeira branca, por mais reles que seja, mesmo de embaúba, que tem miolo carregado de formigas, cortado na phase propicia, dura por todo o sempre. Vi derrubarem muros de taipa cuja carniça era feita de ripas de embaúba, que tinham mais de cem annos e estavam perfectas. Na mesma construcção havia tabuas de peroba frunchadas de bicho e estragadas. Um velho tirador de madeira deu-me a explicação: cóрте fóra da lua.

Perto do banco de madeira em que nos sentámos corriam sem cerimonia formigas. Veio a proposito a observação de Agassiz de que ou o Brasil acaba com a formiga ou a formiga acaba com o Brasil. Não lhe pude responder á pergunta se tinhamos realmente formigas gigantescas no Amazonas. Creio de que trata de uma fabula inventada por algum viajante ou escriptor. O estudo da formiga no Brasil inda está por fazer. Oliveira Filho, o Fabre paulista, ha quasi vinte annos que estuda só uma especie, a saúva. O içá, nome por que é conhecida em São Paulo, faz a panella em sitio onde não chegam inundações. A' beira dum rio onde se achar um dos seus formigueiros póde-se dizer afoitamente que a agua não sóbe. O outro nome do içá é tanajura, que quer dizer formiga que se come; o macho chama-se bitú. O seu abdomen tem 46 por cento de materia gordurosa.

Os jesuitas passam por ter ensinado os indios a comel-as como unico meio de as combater.

INTELLIGENCIA E INSTINCTO

Falámos longamente das formigas. As suas republicas como a das abelhas são muito mais bem constituídas do que as dos homens. Os seus problemas de habitação, hygiene, educação e defesa são muito mais bem resolvidos do que os nossos. Se só se guiam pelo instincto, o seu instincto vale bem mais do que a intelligencia humana. Não ha nada mais maravilhoso do que o modo pelo qual se nutrem. As folhas que levam para o formigueiro não é o que lhes serve de alimento. Não são mais do que o adubo dos herbanarios em que vão cultivar o fungo que as alimenta, a "rosita gangliophora". A formiga não mastiga; só lambe. A distincção entre intelligencia e instincto applicada a essa pequenina creatura esbarra em obstaculos inexplicaveis. Certo entomologo para salvar uma roseira collocou-a numa ilha artificial a mais de dois metros de distancia das margens. As paredes do lago e o fundo da ilha, revestidos de cimento, afastavam a possibilidade de um ataque subterraneo. Qual não foi a sua surpresa, um bello dia, ao ver a roseira pelada? Procurou formigas e não achou. Mas o signal das suas pinças estava na fórmula dos cortes. Muito tempo passou sem explicação do facto, até que certa occa-

sião, num dia de vento, viu que um grande bambú se inclinava sobre a roseira roçando com ella. Teve a explicação. As saúvas serviam-se do bambú como ponte. Se o instincto pôde chegar a descobrir taes relações de causa e effeito e a aproveitar-se no momento devido de um movimento pendular, instantaneo e occasional, força é convir que o instincto dos brutos parece-se muito com a intelligencia dos homens. Seria um nunca acabar reproduzir o que falámos sobre o mutualismo do caranguejo e da actinia, sobre o ilotismo em que jazem certos insectos escravizados por outros, sobre a precisão cirurgica com que a vespa caçadeira de gafanhotos, aranhas e até lagartos, ferrotôa as victimas em determinado logar, injectando-lhes um liquido que até ha pouco se suppunha ser o acido formico e hoje se adoptou ser um fermento proximo ao veneno das cobras.

Kipling tem um fundo de naturalista herdado do pae que estudou miudamente os animaes e bichos da India. Tem especial predilecção pelas abelhas. A obra de Maeterlinck já é atrazada para elle. Prometti mandar-lhe uma, então em preparo, de D. Amaro Van Ermelen, monge benedictino, que é talvez hoje a maior autoridade no assumpto. A abelha na matta virgem pouco se esconde; a mandury faz a colmeia logo que o tronco se bifurca. A jatahy faz a colmeia em terra. E' preciso cavar para descobril-as. Nos logares muito frequentados, porém, ellas dissimu-

lam os cortiços. Um amigo meu de São Paulo importou com grandes cuidados um pé de mangustão, a rainha das frutas, no consenso da pomologia. As abelhas impedem o desenvolvimento dessa planta que as attrae pelo mel que lhe re-çuma tanto da cortex como das folhas. Foi decretada na fazenda a extincção dos cortiços, mediante premios em dinheiro. A providencia deu resultado. Mas o mangustão continuava inexplicavelmente perseguido, até que um dia deram com uma colmeia aninhada numa palmeira proxima em que pela altura ninguem se lembraria de procural-a. Tratava-se de uma especie de "habitat" rasteiro. Méro instincto...

O mundo dos insectos tem maravilhas incalculaveis. O reino do microscopio confina com o mundo da fantasia. Que são as Mil e Uma Noites perto delle?

Quem quizer encontrar symbolos para a humanidade penetre nesse dominio.

Onde haverá melhor retrato do calumniador do que no protozoario de chicote, que accumula os excreta na propria bocca? Onde haverá melhor representação da hypocrisia do que no mimetismo ou chromophilia dos asmidios? Onde haverá melhor representação material da tranquillidade em que vivem os bichos da Bibliotheca Nacional do que na femea do cupim, que põe indefinidamente milhões e milhões de ovos?

Sabindo do Bico do Papagaio seguimos para

“Paulo e Virginia”. Um grande amigo da floresta, Bernardo de Oliveira, mandou vir em mudas do Paraná á sua custa as formosas aroeiras que ali se ostentam. Perto dali fica a fonte Pirajú, assim chamada em memoria do filho unico do barão de EscragnoUe, fallecido nessa localidade paraguaya.

Do outro lado, ao fundo do valle, serpeia um filete dagua entre avencas e samambaias. Lembrei a Kipling o velho Martius como uma prova do poder descriptivo da palavra. Como seria possivel descrever em duas palavras aquelle valle, aquelle fio dagua crystallina, aquellas margens escarpadas, aquella vegetação toponymica de avencas, musgos, samambaias e fetos arborescentes?

Pois isso tudo não se define no nome que Martius deu á gravura dum logar analogo que viu em Ouro Preto? Pois isso tudo não se comprehende na designação de “silva rorida”? Não pode haver “silva rorida” sem valle e sem lacrimal. E onde ha valle e lacrimal tem de haver musgo, avenca, samambaias e fetos. A palavra humana equivale ás vezes ao pincel.

Rodámos de volta. Passámos pelo “Alto do Almirante”, donde ha uma soberba vista. Contei-lhe que o nome vinha de um parente do barão de EscragnoUe, o almirante Beaurepaire, que deixou nome em nossa historia. Não sei se foi elle ou um parente que morreu de um bicho de pé arruinado, que lhe produziu gangrena. Esses incidentes eram

communs com quem não conhecia os nossos remedios caseiros. Bastaria a ponta dum alfinete para retirar-lhe a bola do "culex penetrans". D. João VI arrancando um carrapato creou uma ulcera que lhe durou annos, porque não teve a paciencia de despegar o carrapato com uma simples infusão de fumo.

Descemos pelo caminho da Gavea. Mostrei-lhe uma velha fabrica de papel sobre a qual se abateu um "tornado" que lhe levou o tecto pelos ares, a exemplo do que poucos annos atraz occorreu em Chavantes.

Chegámos ás furnas de Agassiz. O tempo era pouco. Só as vimos por fóra. Contei-lhe que ali se hospedara o bispo do Rio quando da invasão dos francezes de Duguay Trouin, e que desde então se espalhou a lenda de riquezas ali enterradas.

O PROBLEMA HAGENDORP

Ao lado das furnas, pouco adiante, meio escondida da estrada, uma velha casa colonial se eleva num terreno pedregoso. Perto della, espalhados pelo matto, dezenas de pés de café seculares provam a existencia de uma grande plantação primitiva. Visitando essa chacara, no frontespicio de uma velha construcção que servia de engenho de canna e paiol, vi ha annos, oito ou dez, as seguintes letras: E. F. N. I. I.

S. G. H. H. P. Pediram-me os donos ou arrendatarios do sitio, que eram então os srs. Nicoláo e Fausto Matarazzo, que lhes traduzisse essa inscripção. Sabia eu da existencia no Rio do general Hagedorp, soldado de Napoleão I, que lhe deixou cem mil francos no testamento de Santa Helena e cuja residencia Mary Graham descreveu nas alturas do Sylvestre. Não me parecia que Hagedorp se tivesse estendido até tão longe e tão fóra de mão naquelle tempo. Mas não podia abandonar o fio conductor do G. H. Pareceu-me que a inscripção podia assim explicar-se: “Egressus Françae Napoleonis Primi Imperio Subverso General Hagedorp Hic Per-venit”, isto é: “sahindo de França quando cahiu o imperio de Napoleão o general Hagedorp aqui veio arribar.”

Ter-se-ia a propriedade de Hagedorp, que era incontestavelmente na outra fralda do Corcovado, estendido até a Tijuca? Ha razões pró e razões contra. Arago conta que o viu em extrema miseria e dispondo só de um preto de nome Dingo. Mary Graham confirma os seus poucos recursos. Mas os Taunay narram que tinha um cafezal de 30.000 pés. Ora, a fralda atlantica do Corcovado no logar que lhe pertencia, não lhe offerecia logar nem para 5.000. Depois os Taunay da Cascatinha consideravam-no seu vizinho e chamavam-lhe o carvoeiro da Tijuca. Se morasse no Corcovado, vizinho, não poderia ser

e nem carvoeiro da Tijuca. Ao passo que se morasse junto ás furnas distantes 20 minutos da Cascatinha, seria realmente vizinho. Dei-me ao trabalho de correr as proximidades do terreno da casa. Ha vestigios de um cafezal centenario. Aceito, pois, a hypothese de que Hagendorp tivesse chegado até lá com o seu cafezal. Não lhe seria difficil chegar á Tijuca transpondo o Corcovado. Spix entrou pelas Laranjeiras e foi dar na Cascatinha com facilidade. Muito mais perto estão as furnas. E' esse um problema sobre o qual não está dita a ultima palavra, bem que a primeira, isto é, a residencia official de Hagendorp no Corcovado esteja comprovada por documentos irrefragaveis, apresentados por Goulart de Andrade.

Rumámos de vez para a cidade. Dahi a pouco a praia da Tijuca nos acolhia com o seu sorriso de aguas e montanhas. Passámos pela chacara Ferreira Vianna. Seria um prazer entrarmos naquelle formoso recanto, onde murmuram as aguas mais puras e pittorescas do Rio. Naquelle retiro isolava-se o grande parlamentar do Imperio, especie de Chamfort enxertado num beneditino, a cuja ironia, azul como a chamma oxydrica, chiavam e contorciam-se os varões de ferro da rotina e da mediocridade. Naquelle solidão afundava por mezes o grande Capistrano, feliz como um indio ao contacto da natureza virgem e primitiva. Mas ficaria para outra vez.

Era só prevenir Pires Brandão, actual dono do sitio. Teria então a visita um duplo encanto. Conhecendo Pires Brandão, Kipling conheceria tambem Ferreira Vianna, que lhe herdara a formação espiritual e o encanto da palestra.

E pelas avenidas de cintura chegámos ao Gloria Hotel.

ASPECTOS DO RIO

O Rio é bello a todas as horas do dia. Entre a gloria das manhãs e a magnificencia dos crepusculos, elle tem o meio-dia umbroso das florestas, a cujo refrigerio não resiste o encalme canicular. A floresta da Tijuca mesmo nos dias mais fortes do verão é um oasis de primavera. Kipling estava assombrado de termos, a meia hora de distancia duma cidade em pleno bochorno, uma temperatura daquellas.

Tenho a impressão de que poucos estrangeiros comprehenderam o Rio tão bem como Kipling.

A sua infatigavel actividade fel-o aproveitar quanto pode os momentos que lhe deixava livre um regime inflexivel de trabalho que todos os dias o prendia por tres ou quatro horas á mesa de escrever.

Na sua estadia teve ensejo para conhecer bem a cidade e até as suas peculiaridades climatericas. No dia em que me deu a honra de almoçar em minha casa desabou uma pancada de chuva

torrencial. Defronte do Jardim Botânico o automovel tinha agua pelos eixos. Era a reproducção das "aguas do monte", celebres nos tempos coloniaes e que ás vezes exigiam canôas em certas ruas. Havia tres ou quatro dias que não fazia sol. Mistress Kipling não se conformava. Dizia com a sua doçura: "It is the sunny Rio!" Repetia sem saber a notação de Nicolau Taunay ante os aguaceiros da Tijuca: "Dire que nous sommes au pays du soleil!"

Subi com elle á noite ao alto do Corcovado. As praças e jardins, escurecidas de espaço a espaço pelos massiços de arvoredo, as ruas correndo para as collinas ou para as praias, as praias cobrindo o collo da cidade com collares de fogo, o mar batido pela claridade do luar e das estrelas, tudo isso é indescriptivel, tudo isso formava um desses espectaculos diante dos quaes, como diz Emerson, é preferivel emmudecer para escutar o "murmurio dos deuses". Salvo uma ou outra exclamação, a linguagem do grande viajante era quasi sempre o silencio. Mas um silencio facil de traduzir na physionomia demudada e commovida pela admiração.

Não sei o que Rudyard Kipling escreverá sobre o Rio, com cujas bellezas já sonhava antes de as conhecer, acariciando longos annos a esperanza de vel-as de perto: "Roll really to Rio!"

Apenas desembarcado, não quiz que fossemos directamente ao Hotel Gloria, onde reservara

aposentos por telegramma. Não resistiu á seducção de percorrer logo a Avenida Beira-Mar. E não se conteve que não fosse muito mais longe, até o fim da Avenida Atlantica. E apesar de reservado, como um homem que prefere dizer com a penna, mostrou-se maravilhado. Iamos no automovel, além do casal Kipling, o embaixador Regis de Oliveira, Ronald de Carvalho e eu.

Todos lhe ouvimos que a sua impressão, á chegada, e ao primeiro passeio, era de que a realidade excedia a sua expectativa. Pela primeira vez não era original: quasi todos os viajantes inglezes que o haviam precedido diziam o mesmo.

VIAJANTES E ESCRIPTORES INGLEZES

Os viajantes inglezes são todos accordes em confessar que o Rio é o assombro da Natureza. Leiam-se Farquhar, Mathison, William Hadfield, Purdy, Charles Wilter, Brackenridge, W. Parisch, W. Auchin-Closs, Morrel, W. Scully, C. Mansfield. E' sempre a mesma nota. Falemos só dos mais celebres.

John Luccock dizia que é um dos mais maravilhosos panoramas que se possa conceber. (*Notes on Rio de Janeiro from 1808 to 1818*).

Sir Henry Ellis, achava um scenario surpreendente, desafiando qualquer pintura ou descripção. (*Journal of the late Embassy to China, 1818*),

Mary Graham, compara o porto do Rio aos de Napoles e Bombaim, excedendo-os em belleza, porque é a vista mais encantadora que se pôde imaginar. (*Journal of a Voyage in Brasil*, 1821).

Para Forbes, o Rio de Janeiro é um quadro que mais parece fruto da imaginação poetica do que uma realidade do globo terrestre. (*Voyage of Cap. William Owen* 1822). Coisa curiosa! E' noutras palavras o mesmo que disse Thomé de Souza, primeiro governador geral do Brasil, numa carta que escreveu a D. João III, quando aqui aportou em 1553.

O rev. E. Walsh ouvira elogiar a sua formosura mas a realidade excedeu a idéa que havia formado. (*Notices of Brasil*, 1828).

Gardner, director dos Jardins Reaes de Ceylão, diz que na formação desta bahia a Natureza parece que esgotou toda a sua energia. (*Travels in the interior of Brasil*).

Burton, o mais original dos exploradores, o primeiro compilador e traductor fiel das "Mil Noites e Uma Noite", o homem que conseguiu ir a Mecca disfarçado em peregrino mussulmano, faz da bahia ao crepusculo uma descripção inimitavel (*The Highlands of Brasil*).

Darwin que habitou uma pequena casa de Botafogo, no Córte da Guanabara, fim da rua Farani, onde hoje se eleva o palacete Rocha Vaz, dizia ser impossivel idear nada mais delicioso do

que essa estadia, durante a qual se entretinha em contemplar aguas e céos para se vencerem em mutuo esplendor.

O INGLEZ E OS OLHOS

O inglez nasceu com o instincto da paizagem solar. A Inglaterra é um navio perdido num oceano de neblina. A sua primavera e o seu verão são tão rapidos que se pode dizer sem exaggero que Deus lhe negou o sol. Por isso, quando este apparece, as suas alleluias no espaço, as suas miragens instantaneas são dias de festa, são paginas de ouro, que o genio dos seus pintores porfia em reproduzir e eternizar. Dahi o milagre de Turner nas suas prodigiosas epopéas de luz, apenas entrevistas pelo genio de Leonardo.

E' certo que os outros orgams nos são, tão indispensaveis como o da visão. Mas nenhum tem a sua amplitude, a sua desinteressada nobreza, nenhum diviniza tanto, pela amplitude de apprehensão que lhe dá, o estreito confinamento da nossa argilla. Ruskin (e um Ruskin só era possivel na Inglaterra) comprehendeu essa pre-eminencia da vista e creou a Religião da Belleza. Seus iniciados percorrem o mundo á cata dos mais soberbos aspectos da belleza cosmica. Tenho para mim que a Capital desta é o Rio de Janeiro, o maravilhoso Rio que os viajantes inglezes descrevem.

Não é só o ouvido que tem os seus dias de gloria, as suas symphonias de Beethoven. Deus tambem as creou para os olhos e ellas estão aqui á margem da Guanabara, á espera de serem ouvidas pelas pupillas.

Nem todos terão tido a oportunidade de comprehender Turner e a sua grandeza. Nem a todos foi dado respirar a flor do espirito de Ruskin e descobrir nelle a traducção do que sentiam confusamente. Mas o sexto sentido da Arte, que é a intuição da natureza, dá a todos o "terceiro ouvido" de Nietszche, aquelle que escuta as harmonias da criação. E os que se preoccuparem com as coisas divinas que Deus esqueceu á face da terra como uma entrevisão do paraiso terão de confessar que o Rio merece mais do que Cintra a exclamação de Byron: "Glorious Eden!"

Um longo contacto com Rudyard Kipling, sob cujo aspecto de fragosa energia se escondem thesouros de carinho e sensibilidade, e a sua affectuosissima correspondencia commigo, autorizam-me a crer que levou da nossa linda cidade excellentes impressões, quer como intellectual, quer como homem. As que deixou não podiam ser melhores. De quantos conheceu fez amigos. Sua senhora tem qualquer coisa das antigas mães de familias brasileiras: a simplicidade, a doçura, a irradiante sympathia.

Se, como nol-o promette esse casal, tão excepcionalmente illustre quanto bom, volver ás

nossas plagas, será um dia de festa para muita gente. De uma casa sei eu onde, por muito que valha a sua gloria, vale menos do que as suas pessoas, e essa se cobrirá de todas as flores que tiver para recebê-las no seu regresso.



INDICE



O ENSAIO, GÊNERO NOBRE	5
VARIAS	11
A QUEDA DE ZACARIAS	17
PERFIS DO IMPERIO	73
TORRES HOMEM	75
RIO BRANCO	82
MARTINHO CAMPOS	88
LAFAYETTE	95
COTEGIPE	99
FERREIRA VIANNA	104
NABUCO DE ARAUJO	115
JOSE' DE ALENCAR	120
SILVEIRA MARTINS	126
O IDEALISMO DA CONSTITUIÇÃO	135
DO PONTO DE VISTA DE SIRIUS.	137
A PASSAGEM DE SIRIUS	212
RUY NA CONFERENCIA DE HAYA	249
O INCIDENTE DE MARTINS	251
RUDYARD KIPLING E O RIO DE JANEIRO.	269
O HOMEM DA INGLATERRA	271
MANHÃ DE KIPLING.	286
FECHANDO O CIRCUITO DO RIO	315

